

REQUERIMENTO P COM PROCESSO : 06-0011/1997 DE 1997

MATERIA LEGISLATIVA: RPP

06-0011/1997 DE 13/05/97

PROMOVENTE: VEREADOR

JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO

E M E N T A:

Requer uma Comissão de Estudos para anilisar e
deliberar sobre o evento dos Grupos Organizados que
vem atuando na Cidade.

O B S E R V A C O E S:

VOLUME (DOIS)

CNC Solutions
Tipo: Processo Legislativo
6/10/2010 15:45:05

00000000714-55



ARQUIVADO EM

3399

REGINA APARECIDA BARRIOS
Chefe de Seção Técnica IV - DT-94



99 pág.
Câmara Municipal de São Paulo

ATA DA 5ª REUNIÃO DA COMISSÃO DE ESTUDOS (CRIADA CONFORME RPP 0011/1997) SOBRE "GRUPOS ORGANIZADOS" QUE VÊM ATUANDO NA CIDADE DE SÃO PAULO - PRIMEIRA SESSÃO LEGISLATIVA DA DÉCIMA SEGUNDA LEGISLATURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

5/9/97
Aos cinco dias do mês de setembro de mil novecentos e noventa e sete, às 14:00 horas, 8º andar, no Salão Nobre, realizou-se a quinta reunião sobre a Comissão de Estudos criada para analisar e deliberar sobre o evento dos Grupos Organizados que vêm atuando na cidade de São Paulo. Sob a presidência do Vereador José Eduardo Martins Cardoso, e na presença dos Vereadores Roberto Trípoli, Ana Martins, Henrique Pacheco, Osvaldo Enéas, Mohamad Said Mourad, Devanir Ribeiro, José Silva Amorim, Aurélio Nomura, Cosme Lopes, iniciaram-se os trabalhos. Tema debatido: "AÇÃO DO ESTADO FRENTE AOS GRUPOS ORGANIZADOS". Compondo também a Mesa, o Sr. Dr. Eduardo Roberto Domingos da Silva (presidente da Febem do Estado de São Paulo), Profa. Dra. Marcia Regina da Costa (da PUC-SP), Vereador Antonio Goulart. Após suas considerações iniciais, o Vereador José Eduardo Martins Cardoso, abriu o debate entre a Mesa e a platéia do qual participaram: Sra. Márcia Regina da Costa (grupo de Pesquisas-PUC), Roberto Gnomo Negro, Djalma, Weber Lopes, Ice Boy, Lúcia Helena dos Santos Aguiar, Profa. Therezinha (ex-aluna da PUC), Betinho, Jean, Ice Kid After Black, Zinho, Rogério, Lúcia, Solange e outros. Presentes, também, assessoras dos vereadores-membros



Câmara Municipal de São Paulo

desta Comissão, além de vários membros dos Grupos Organizados "Turma do Poder" e "Núcleo Cultural Força Ativa" e outros. As notas taquigráficas com a íntegra de todos os pronunciamentos, que é parte integrante do processo, encontram-se arquivadas no âmbito desta Comissão. E para constar, eu, Arão Martins dos Santos, lavrei a presente ata que, lida e achada conforme vai assinada pelo senhor presidente e demais membros presentes e por mim subscrita.

José Eduardo M. Cardoso:.....
Presidente

Roberto Trípoli:.....

Ana Martins:.....

Henrique Pacheco:.....

Osvaldo Enéas:.....

Mohamed Said Mourad:.....

Devanir Ribeiro:.....

José Silva Amorim:.....

Aurélio Nomura:.....

Cosme Lopes:.....

Arão M. dos Santos:.....
Secretário

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

-TAQUIGRAFIA -

N.º 11 de 19 97
O Funcionário [assinatura]
CONT. ADANTE

RODÍZIO	FOLHA	TAQUÍGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR

OPERADOR	REVISOR	CADERNO	DISK
DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA DT. 10		SEM REVISÃO	

GRUPOS ORGANIZADOS5º) " AÇÃO DO ESTADO FRENTE AOS GRUPOS ORGANIZADOS "

05/09/97

Reunião realizada no Salão Nobre Presidente João Brasil Vita
da Câmara Municipal de São Paulo.

Em 05 de setembro de 1997.

Solicitante: Sr. Vereador José Eduardo Martins Cardozo
(Memo. nº. 014/97)

Secret. Arão Martins



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 310 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário *AS*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE

2

A T E N Ç Ã O:

GRAVAÇÃO INICIADA COM ATRASO

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOSO - ; ; ; ; ;



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 311 do Proc. n.º 11 de 19 97
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A45	1	valéria	grupos organ.	05.09.97		

do grupo de trabalho constituído por esta Câmara Municipal com o objetivo de discutir a ação do Poder Público frente aos grupos organizados.

Nós temos, na verdade, uma programação de painéis - este é o quin-

to ^① painel - que sintetizam os temas já debatidos até o momento, a saber, "Os desafios e as perspectivas dos grupos organizados", "A lei e os grupos organizados", "Lazer, Cul-^② ^③ tura, Esportes e grupos organizados", "A violência escolar, a universidade e os grupos organizados".^④

Na tarde de hoje contamos com nossa quinta mesa de debates e o tema é "A ação do Estado frente os grupos organizados". Convidamos personalidades que prestarão depoimentos de vital importância para os trabalhos desse grupo. Em primeiro lugar, convido à Mesa o Dr. Eduardo Roberto Domingos da Silva, digníssimo presidente da Febem do Estado de São Paulo, a quem agradeço a presença pois tenho certeza de que será de grande valia para este grupo de estudos. (Palmas). Convido também a Prof. Dra. Marcia Regina da Costa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a quem agradeço a presença e a colaboração inestimável para este grupo de trabalho. (Palmas). Convido também à Mesa os vereadores que compõem este grupo e que têm participado de forma integrada com a presidência, meu querido amigo Vereador Mohamad Said Mourad, do Partido Liberal,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º (312) do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A45	2	valéria	grupos organ.	05.09.97		

que tem colaborado imensamente com reflexões importantes. (Palmas). Também presente o Vereador Goulart, do PMDB, que em seguida retornará à sala para compor a Mesa. Para a tarde de hoje teríamos mais dois convidados: o Dr. Benedito Mariano, da Ouvidoria da Polícia do Estado de São Paulo, que confirmou sua presença mas há instantes nos comunicou que tem um problema sério na Ouvidoria e que não poderá comparecer, pedindo desculpas e também, convidado e confirmado o Prof. Régis Fernandes de Oliveira, vice-Prefeito do município de São Paulo e ex-Secretário de Educação, que confirmou estar um pouco atrasado.

Informo aos presentes que o Dr. Eduardo Roberto Domingues da Silva, que muito nos honra ~~com~~ com sua presença nos informou que tem um compromisso e deve se ~~ausentar~~ ausentar às 15:45h e, portanto, os debates com S.Sa. devem ocorrer o mais depressa possível.

A discussão de hoje está sendo gravada para futura exibição na Tevé São Paulo, que é o canal que divulga as atividades da Câmara Municipal na tevê a cabo, no canal 10 da Multicanal e 73 da TV-A. Então, aqueles que quiserem assistir os debates acompanhem pela Tevé São Paulo. Informo também que todas essas palestras estão sendo gravadas para virem a integrar o relatório final deste grupo de trabalho que será apresentado à comunidade de São Paulo.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 313.3 do Proc.
11 de 1994
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A45	3	valéria	grupos organ.	05.09.97		

Vamos dar início aos nossos debates. Passo a palavra ao Exmo.

presidente da Febem, Dr. Eduardo Roberto Domingues da Silva.



O SR. EDUARDO ROBERTO DOMINGUES DA SILVA - Exmo. Sr. Vereador

José Eduardo Martins Cardozo, demais personalidades da Mesa, senhoras e senhores, para mim é uma grande alegria estar aqui e conversarmos a respeito de um problema muito sério que afeta a todos, a situação da criança e do adolescente em nosso Estado.

Resumidamente, gostaria de relatar um pouco das mudanças que estão acontecendo em nossa instituição, Febem, procurar posicionar, ao rés do chão, deixando um pouco de lado o imaginário, para que todos possamos falar de uma instituição que está num profundo processo de mudanças, a Febem. Quero me ater ao tema do debate, que é a vinculação da instituição com grupos organizados.

Um rápido resumo do que é a Febem. Sinto em todos os lugares por onde vou que as pessoas em geral têm uma imagem muito negativa da instituição, mas poucas detêm as mínimas informações para justificar um posicionamento ou mesmo essa impressão. Parece que transportam imagens do passado e cada vez mais carregadas, cada vez mais problemáticas, achando que a instituição, ela própria, é uma espécie de resí-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 217 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A45	4	valéria	grupos organ.	05.09.97		

duo porque cuida também do resíduo social. Eu acho que nada mais equivocado do que

pensar dessa forma porque esse talvez é o método



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 3153 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário 210

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A46	1	beth	grupos org.	5.9.		

menos adequado de participar efetivamente do processo de atendimento da criança e do adolescente em São Paulo. Não é só uma questão de omissão. Tenho a convicção de que aquelas pessoas que deveriam estar participando ativamente desse processo de atendimento simplesmente se habituam a criticar, a mencionar coisas do passado sem sequer aproveitar as oportunidades que existem hoje para mudança desse quadro. Acho que isso vem aumentar ainda a ênfase do problema. Gostaria de fazer uma rápida menção do que é a instituição hoje, qual é o seu âmbito de ação, qual é o espectro de atendimento.

A FEBEM cuida, como todos sabem, de crianças carentes e abandonadas e também de jovens autores de ato infracional. Hoje a ênfase maior no atendimento da FEBEM está no atendimento de jovens autores de ato infracional. Temos intermos hoje, na instituição, 2.900 adolescentes sendo que 96% do sexo masculino, da ordem 120 a 130 são do sexo feminino. Aqui a primeira grande distorção. Esse número é suportado basicamente em apenas dois complexos. São dois pilares individuais que recebem toda essa população. Vocês conhecem a nossa unidade



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 316 do Proc. 11 de 19 97
O Funcionário João

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A46	2	beth	grupos org.	5.9.		

de da Imigrantes. Então, já estou abordando o primeiro grande problema. Por que essa concentração? Qual é a razão disso? É a resposta que é acessível a todos e até agora não vi ninguém discordar disso: é preciso descentralizar, é preciso levar essas crianças para um atendimento mais próximo da sua comunidade. Temos uma experiência de internato. São seis pequenos internatos na periferia de São Paulo. Casas de cinco a cinquenta adolescentes. E temos apenas duas casas no interior: em Campinas e em Ribeirão Preto. Temos em atendimento em liberdade assistida, jovens que podem estar no meio aberto, 5.250. ✗ Isso nos dá um total geral de adolescentes infratores de 8.225. Temos, por outro lado, unidades de abrigo. São cerca de 800 crianças abrigadas. Temos atendimento através de convênios. Da ordem de 1.300 adolescentes. O total geral, atendido pela instituição é 10.250. Isso nos dá a ordem de grandeza, o tamanho da instituição. Esse tamanho, pela simples enumeração das casas e da quantidade de unidades, já se vê que estamos diante de um gigantismo. Hoje dia não há nada mais inconveniente do que o gigantismo, tanto no que diz respeito ao atendimento técnico em si,



317
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 317 do Proc. 11 de 1999
O Funcionário J. J. J.

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A46	3	beth	grupos org.	5.9.		

quanto a própria gestão de cada uma dessas unidades ou de cada um desses complexos. É preciso então, outro movimento, não somente no sentido da descentralização mas também no sentido da diminuição do tamanho dessas unidades. Aliás, esses dois movimentos estão muito claramente estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente. Gostaria de afirmar, mais uma vez que, pessoalmente, é a mais bela lei que já existiu entre nós. Gostaria muito que todos os críticos do estatuto, antes mesmo de preferirem ou quererem a sua mudança que nos ajudem minimamente a implementá-lo. Depois disso, sim, é que se poderia pensar em um aperfeiçoamento, coisa que somente será viável, no meu ponto de vista, depois que conseguirmos atender minimamente tudo o que está lá, estabelecido. Gostaria de mencionar a urgente e imperiosa participação das comunidades, da sociedade como um todo nos trabalhos feitos pelas instituições ou pelas nossas unidades. O que quero dizer com isso? A FEBEM foi criada e mantida durante muitos anos como as chamadas instituições totais. O que significa isso? Instituições marginalizadas dentro da própria sociedade, deixadas só num canto, instituições completas que ofereciam



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 319 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário JED.

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A47	1	Paula	g.organizados	05.09.97		

da comunidade a que ela pretende servir. Uma instituição como a Febem é ao mesmo tempo um equipamento social e um equipamento urbano. Equipamento social porque não se pode imaginar uma sociedade civilizada que não tenha uma instituição especializada para tratar os seus entes mais frágeis, quer sejam doentes, velhos, pessoas debilitadas de qualquer forma ou adolescente infratores. É preciso existir esse ~~tipo~~ tipo de trabalho. [Agora, não é preciso existir um trabalho isolado, um trabalho distante da comunidade, ao contrário, é preciso que as unidades sejam consideradas equipamentos urbanos para que dentro da unidade seja ~~possível~~ possível o trabalho da comunidade como um todo para a área de profissionalização, para a área de ~~escolariza~~ escolarização, saúde, de atendimento integral do jovem.

Quando falamos de sociedade queremos nos referir aos setores que representam ou que desenvolvem essas atividades na comunidade, quer dizer, escolas, comunidades, centros profissionalizantes, centros médicos, de saúde, entidades sociais; enfim, todas essas especialidades que tratam com a adolescência de uma forma geral na comunidade. Esses setores precisam estar presentes na instituição. Essa ^{pr}ósidade é fundamental no duplo sentido, tanto para a Febem como para aqueles que indo à Febem fazer qualquer tipo de atividade



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

320
Folha n.º 320 do Proc. N.º 11 de 1993
O Funcionário R.O.

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A47	2	Paula	g.organizados	05.09		

parece que diminui^{EM} um pouco a intensidade do imaginário ou do figurativo e passam a ver a realidade.

A primeira constatação que todos fazem^Y tenho a experiência de programas que já iniciamos nessa linha chamada "Ação afirmativa com adolescentes" e que já trouxe para a Febem pessoas que jamais tinham pensado em estar lá conversando com os meninos, dando um curso, fazendo uma oficina; enfim, fazendo alguma troca^{Y É} ~~se~~ surpreendem^{SE} de ver a identidade daqueles meninos com o restante dos meninos da nossa sociedade. O que o menino da Febem quer ou precisa é exatamente igual ao outro adolescente. Quer dizer, ele precisa e valoriza o afeto; ele precisa e valoriza o conhecimento; ele precisa e valoriza a instrução que ele tem a respeito do papel dele na comunidade; ele quer ser respeitado; quer ter oportunidades; ele quer abrir uma pequena empresa; ele quer aprender uma outra língua; ele quer viver com os seus colegas num ambiente sadio; ele quer ter uma boa alimentação. Enfim, um jovem igual a todos os outros. Então, essa primeira identificação é um fator preponderante para que o tipo de trabalho mude, para que o tipo de trabalho possa servir como uma atração para que pessoas que profissionalmente nunca estiveram ligadas à nossa instituição possam ter lá um determinado espa-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 321 do Proc.
de 1979
O Funcionário JLO.

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A47	3	Paula	g.organizados	05.06		

ço de trabalho.

E, do lado dos meninos posso garantir a todos que estando lá pela primeira vez, eles são respeitados e acatados pelos meninos como se fossem aquelas pessoas mais queridas na vida desses garotos.

É por isso que o projeto que nos envolve hoje é o de uma instituição unicamente de base pedagógica. A nossa função é a educação, eu diria que numa condição até mais difícil porque, como vocês sabem, o próprio Estatuto não é uma lei que deixa a juventude fazer o que quer, não é uma lei que favorece a impunidade. Isso também não é verdade. A verdade é que o adolescente precisa de atenção sócio-educativa. Não quer dizer que ele não seja responsável pelos seus atos. Essa é a posição que muitas pessoas assumem, acho que boa parte porque não são informadas.

O jovem a partir dos 12 anos é responsável pelos seus atos, principalmente aqueles que estão em conflito com a lei. Ele pode e deve receber uma medida sócio-educativa que pode chegar até a internação. Ele está excluído, ou apenas excluído, das consequências penais e criminais do ato que ele cometeu. É muito diferente pensar que ele não tem responsabilidade. Ao contrário, ele é submeti-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 3223 do Proc.
N.º 11 de 1991
O Funcionário JEX

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A47	4	Paula	g.organizados	05.09	Eduardo	

do a programas que muitas vezes são mais perversos do que os equivalentes no mundo adulto.

Mas, o que precisa mudar? Acho que esse é o ponto fundamental. O que é preciso mudar é entender que mesmo o menino que tenha cometido algum delito, estando em desenvolvimento - acredito firmemente na tese de que todo adolescente está em desenvolvimento - recebendo atenção adequada, não só ele poderá ser reincetido na comunidade de uma maneira completamente adequada como ele pode vir a se tornar um exemplo de seriedade, um exemplo de honestidade e um exemplo de vida comunitária. Mas, é preciso que ele veja isso, é preciso que ele veja o exemplo que ele tenha como um exemplo positivo. Qual de nós não se lembra de seus professores, de suas escolas? Por que a Febem não pode ser uma escola? Por que os profissionais da Febem não podem ser como professores para todos os outros adolescentes? Dando-lhes boas lembranças, bons exemplos. É isso que, efetivamente, estamos empenhados em fazer.

Agora, como fazer? Qual é a estratégia disso?

~~que está sendo feito~~

~~na direção da~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 323 do Proc. 11 de 1994
O Funcionário JESU

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
a48	1	alex	G.Organizados	5 9		

Será que ~~eu~~ estou sonhando? Será que estou fora da realidade? Ao ~~o~~ contrário. Quero declarar que tenho muita humildade em relação a observar esses fatos; mas ~~eu~~ humildade no sentido de humus, de pé no chão, de terra, de poder ver que é efetivamente possível fazer um trabalho nessa linha desde que - e aqui quero entrar, ainda que rapidamente, no tema da palestra - nos aproximemos dos chamados grupos organizados da sociedade.

Aqui, meu caro Vereador, não sei se faço uma interpretação adequada, ou favorável apenas a mim. Quero falar de grupos organizados da sociedade no bom sentido, não de grupos organizados no sentido pejorativo ou da marginalização. Quero dizer que tenho muita esperança nos grupos organizados que possam estabelecer conosco outros vínculos, vínculos de coragem, vínculos de abnegação, e de dedicação ao próximo. Estando dentro de nossas unidades, aproveitando essa porosidade que a instituição, que a Febem pretende ter com a comunidade. Quando digo comunidade, não são somente as instituições, vamos dizer, não são só centros de direito, OAB, pastoral. Gostaria que cada cidadão, até individualmente, pudesse bater às nossas portas e dizer "vim ver o que está acontecendo aqui dentro ~~eu~~ e vim para colaborar, com qualquer atividade que seja". Esse será o ~~o~~ germen a modificação que pretendemos.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 227 do Proc.
N.º 11 de 1991
O Funcionário R.O.

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
a48	2	alex	G.Org.	5 9		

Pretendemos que a instituição tenha raízes deitadas na comunidade. De passagem, menciono o grande problema, hoje, da instituição. Para surpresa de ~~de~~ todos - gostaria que não acreditassem apenas no que estou dizendo, mas fossem ver -, ~~há~~ há meninos que dizem para nós, sem muita cerimônia, que até não gostariam de sair de lá, porque estão aprendendo coisas úteis. Esses são meninos que não tiveram nada. Se não tiveram nada, são credores, precisam de atenção, merecem ter instrutores, ter oficinas, preparação para o mundo do trabalho, que todos os demais adolescentes tiveram ou estão tendo. Na hora em que tiverem tudo isso, jamais ouviremos os relatos de jornais que de vez em quando são noticiados acerca de rebeliões, agitações ou destruições no interior de nossas unidades.

Para tanto, é fundamental que as pessoas se organizem, que queiram enfrentar esse desafio junto conosco. Sou muito otimista em relação a esta questão de grupos da sociedade, não só grupos institucionais e empresariais, mas também pessoas que estão, vamos assim dizer, rompendo essa barreira do imaginário e fazendo essa parceria conosco. O benefício é para todos, e por uma única razão. A diminuição da violência será um fator positivo para toda a sociedade. Se conseguirmos compensar minimamente o que esses meninos nunca tiveram, com



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 3252 do Proc.
JUL 0 11 de 1994
O Funcionário *HO*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
a 48	3	alex	G.Org.	5 9		

uma ação firme no sentido da reabilitação deles para os valores da sociedade, está claro que a violência irá diminuir.

Gostaria, para não fugir totalmente e o Sr. Vereador ficar desapontado comigo, de comentar alguma coisa dos grupos organizados também no sentido pejorativo da expressão. Grupos organizados, no que diz respeito ao crime, à droga, ao tráfico de droga, ainda representam para o atendimento da Febem uma parcela muito pequena, praticamente insignificante de adolescentes envolvidos nesse tipo de atuação. Posso dizer a vocês que, somando dois tipos de delito, roubo com o furto e o furto qualificado, que é um roubo um pouco mais planejado, temos mais de 70% de nossa população. Envolvidos com quadrilhas ou grupos organizados, temos apenas 6% da população atendida. Vejam que, estatisticamente, podemos dizer que, se agirmos adequadamente, com certeza encontraremos uma solução adequada para esse problema.

Para encerrar, gostaria de repetir aquilo que ouvi da Sra. Falconi, esposa do juiz Falconi, da Itália, que ~~o~~ foi um grande lutador contra o crime organizado: "se efetivamente nós, como sociedade, soubermos acolher esses meninos, com certeza ganharemos a batalha da marginalidade, que também disputa a presença e o companheirismo desses meninos", dizia com voz firme e esperançosa. Ela contava, com grande



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 326 do Proc.
JLCo II de 1999
O Funcionário LEO

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
a48	4	alex	G.Organiz.	5 9		

tristeza, que na Itália e alguns outros países que conheceu que os meninos, desde pequenos, são disputados pelo crime organizado, de um lado, e pela sociedade, ou pelo Estado, de outro, sendo que em muitos desses lugares a marginalidade ganhava. Aqui, estamos numa situação favorável. Se agirmos com bastante espírito comunitário, humanitário, respeitando os direitos humanos e civis de toda a comunidade, nossa chance é muito grande.

Gostaria de encerrar dizendo que não imaginem vocês que a tarefa de combater, ou diminuir, a delinquência juvenil possa ser dirigida a um grupo pequeno ou seletivo de pessoas. É realmente uma tarefa para todos nós. Acredito que podemos vencê-la se cumprirmos minimamente a legislação ~~atual~~ existente...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha nº 326 do Proc. nº 11 de 19 97
O Funcionário PELO

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A49	1	Vianna	G.Organizados	5.9.97		

~~_____~~

a disposição que eu vejo em muitos grupos organizados - agora falando no sentido positivo do termo -, e fazendo com que essa ~~essa solidariedade~~ solidariedade chegue aos meninos mais pobres, àqueles que não receberam nada, àqueles que chegaram até a adolescência simplesmente violentados, castigados, marginalizados, tendo diante de si só a repressão pública, a repressão policial. Precisamos compensá-los; acho que esta é a nossa tarefa.

Agradeço pela atenção, Vereador, perdôe-me se me excedi um pouco. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço, Dr. Eduardo, pelo importante depoimento. Gostaria de pedir à Prof. Márcia Regina da Costa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que fizesse uso da palavra, abordando o tema em debate.



A SRA. MÁRCIA REGINA DA COSTA - Antes de mais nada, gostaria de agradecer o gentil convite. Vou falar um pouco do que eu faço e um pouco da visão que tenho do tema.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 328 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário 1020

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A49	2	Vianna	G.Organizados	5.9.97		

Na PUC de São Paulo, estou atualmente coordenando um grupo de pesquisas, junto com meus orientandos, trabalhando exatamente nessa temática, a problemática da juventude, a problemática da cultura, da violência. Isto também está ligado a um trabalho, a algumas pesquisas que eu fiz, principalmente no meu doutoramento, que daqui a pouco vou contar um pouco para vocês.

De qualquer maneira, minha visão sobre essa questão é um pouco de acordo com as pesquisas que eu fiz, principalmente com relação aos debates dos quais participo com os alunos no pós-graduação.

Na nossa visão sobre esses grupos organizados, esses grupos apresentam uma grande diversidade interna. Temos grupos de periferia, grupos organizados de jovens que têm uma postura crítica frente à sociedade, uma série de valores que realmente contestam o "status quo". Outros grupos têm posturas muito mais conservadoras, outros grupos que têm um descrédito absoluto no próprio estado e nos partidos políticos. Alguns desses grupos mantêm diálogo, aproximação com grupos ou associações políticas que não necessariamente estão legalizados em termos políticos. Então, a gente percebe que há uma



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 379 do Proc. UNL 0 11 de 1997
O Funcionário 180

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A49	3	Vianna	G.Organizados	5.9.97		

pronfunda diversidade. Às vezes, um pouco de longe, a gente tende a tratar esses grupos de forma homogêna; **■** mas, na verdade, eles não são. Tem muitas diferenças, várias ambiguidades e posturas bem diferenciadas. O interessante é a gente tentar enfocar o grupo em questão.

Isto eu percebi quando comecei a fazer minha pesquisa de doutoramento na PUC de São Paulo. Eu fiz uma pesquisa com um grupo que foi muito ativo na década de 80 e no início da década de 90, e que agora talvez esteja um **■** pouco em baixo. Foram os denominados carecas do subúrbio, os "skin heads". Por causa disso, também acabei fazendo uma pesquisa paralela com os "punks".

Por que eu fiz isso? Porque os carecas surgiram na periferia de São Paulo no início da década de 80, e o que me chamou atenção para essa pesquisa foi uma notícia que li no jornal falando da existência, na Zona Leste da cidade de São Paulo, de jovens operários não qualificados, semi-qualificados, que tinham os "skinheads" ingleses como fonte de identificação. Eles se colocavam numa postura extremamente violenta perante a sociedade, e uma postura extremamente crítica com relação à sociedade, contra as drogas - uma postu-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA — 330

Folha n.º 330 do Proc. 460 de 1997
O Funcionário 220

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A49	4	Vianna	G.Organizados	5.9.97		

ra interessante, porque eles falavam que se drogar era uma forma de fazer o jogo da sociedade, quanto mais drogado, mais alienado, e se você está mais drogado e mais alienado, você não tem condições de se posicionar contra essa sociedade -, nacionalistas ao extremo e assumindo um conservadorismo muito grande nas suas relações. Havia, na Europa, uma série de acusações contra essas alas de terem alguma simpatia pela extrema direita. Depois, na minha pesquisa, eu percebi que, aqui no Brasil, não todos necessariamente estavam ligados.

Foi exatamente tentando ir atrás desses jovens que eu comecei a fazer um percurso muito interessante. Eu consegui ter acesso a eles através de um grupo no Brás, um grupo de velhos anarquistas que faziam um trabalho muito interessante quando a sede era no Brás. Eles abriam a sede deles todos os sábados, à tarde, traziam gente dos sindicatos, dos partidos políticos ou da universidade, exatamente para discutir temas ligados às fábricas, aos dilemas que a gente vive dentro da sociedade capitalista, uma série de debates. Nesses debates aparecia uma série de jovens, principalmente jovens que moravam ali na Zona Leste, em todos aqueles bairros, e alguns dos denominados carecas participavam desses debates.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha ... 336 ... do Proc.

UNO 11 de 1991

O Funcionário JRP

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A49	5	Vianna	G.Organizados	5.9.97		

Foi através desse centro que eu comecei a conversar com alguns desses jovens, sejam "punks", sejam carecas. Alguns deles me auxiliaram na minha pesquisa, e uma das coisas que mais me chamou atenção, que meus trabalhos e meus alunos de mestrado deixam muito claro, é que uma das características não só dos carecas, dos "punks", mas da maioria desses grupos, é a atividade cultural muito interessante e muito rica, e, diria eu, extremamente surpreendente. Geralmente, dentro da universidade, a gente está um pouco distante e não percebe como esses grupos, nos bairros ou subúrbios mais distantes, têm atividade cultural, produzem fanzines, ~~_____~~

~~_____~~

~~_____~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 3323 do Proc.
n.º 11 de 1991
O Funcionário 100

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CORR. APARTE
05	1	Marcelo	Gru.Organiz.	05.09.97		

os pequenos jornaisinhos, tem banda de música, estão muito interessados em saber o que está acontecendo na sociedade, propuseram ler, propuseram um debate, palestras. Através da minha pesquisa, seja (?) e outros grupos, eu tive acesso a tudo isso, que me impressionou muito. Não é só a dita juventude mais privilegiada que tem acesso a esse tipo de coisa, a juventude da periferia está muito interessada em participar e se manifestar cultural e politicamente.

Então esse trabalho foi muito interessante porque depois eu comecei a perceber que os carecas se dividiam em várias alas, os grupos mais complicados, ~~mas~~ mais violentos de extrema direita, acabaram se consolidando na classe média. Isso acabou se transformando numa tese, numa ~~pes~~ pesquisa que eu apresentei na PUC de São Paulo.

Dessa vivência desse meu trabalho, que eu acho que foi fundamental, porque também eu não sou de São Paulo, nasci no Rio de Janeiro, minha infância passei no subúrbio do do Rio de Janeiro, então é muito interessante essa questão do subúrbio, dessa questão do trem, a questão de estudar numa escola de subúrbio, isso eu passei ~~na~~ na minha infância e foi muito interessante porque quando passei a fazer essa pesquisa, essas colocações, essas ~~record~~ recordações me ajudaram a se aproximar desses jovens. Eu acabei trocando uma série de experiência a respei-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 333 do Proc. n.º 11 de 19 94
O Funcionário LU

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
05	2	Marcelo	Grup.Organiz.	05.09.97		

to disso tudo. O ~~em~~ meu trabalho começou a ficar mais sólido aí, à medida que eu estabeleci esse contato, procurei exatamente mapear, especificamente no caso desse grupo que estudei, as origens, eles surgiram na zona leste, São Mateus, na região de Santo André, os primeiros carecas realmente tinham sido punks, careca do subúrbio do final da década de 80 era o nome de uma gangue ~~R~~ punk que circulava ali no subúrbio. Depois um grande racha, uma grande briga entre esses grupos e uma parte começa a se assumir com essa denominação.

É muito interessante que esses meninos carecas da periferia começaram a ter acesso ~~à~~ a revistas estrangeiras, revistas de música, começaram a fazer seus fanzines, mandar para fora, receber informações de fora. É uma coisa extremamente interessante. Eles procuravam padrões de identificação que, segundo eles, tivessem fora ~~daqueles~~ daqueles esquemas tradicionais ligados à classe operária. Eles falavam que os partidos políticos, os próprios sindicatos tinham uma enorme dificuldade de compreendê-los e de compreender a juventude ~~e~~ de maneira geral, seus anseios, sua visão de mundo. Então eles procuravam outros padrões para se identificar.

Em suma, foi exatamente tentando percorrer a origem desse grupo, as diferenças internas que se cristalizaram na década de



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 334 do Proc.
N.º 11 de 19 94
O Funcionário: 20

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
05	3	Marcelo	Grup. Organiz.	05.09.97		

80, início da década de 90, é que fiz o meu trabalho de tese. Foi a partir daí que comecei a organizar na PUC, com alunos meus, trabalhar junto com eles, trabalhando exatamente nessas questões. Movimentos musicais de periferia, bandas que atuam, o rapp, que está em pauta, a questão do futebol; tenho alunos que estão trabalhando comigo e estão levando a problemática do futebol, suas torcidas, as relações com as torcidas organizadas e determinados jogadores de futebol. Depois que eu fiz essa pesquisa eu também fiz uma pesquisa na zona sul da cidade de São Paulo. Vocês sabem que na cidade de São Paulo a zona sul é uma das zonas, da nossa cidade, em que ocorre os maiores índices de homicídios. Eu fiz um trabalho nessa região, com os professores da PUC, procurando saber quem morre, quem são as pessoas ~~que~~ mortas nessa violência, e é óbvio que quem morre, quem são as reais vítimas da violência fatal são os pobres, quer dizer, a classe média, a elite, é super protegida, se tranca nos seus condomínios, com seus ~~seus~~ guarda-costas, seus prédios e é realmente o pobre que é a vítima, seja da polícia, seja de uma série de outros problemas, seja de justiceiros, pois existe uma série de brigas, e são os pobres que são as vítimas preferidas dessa violência. Essa pesquisa foi a que eu terminei a ~~minha~~ minha tese de doutoramento.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 335 do Proc.
11 de 1994
O Funcionário 110-

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
05	4	Marcelo	Grup. Organiz.	05.09.97		

Então, neste momento, estou articulando na PUC, no Programa de Estudos Pós-graduados da PUC, um grupo de estudos que se chama grupo de estudos do cotidiano e de cultura urbana, exatamente onde eu e meus alunos estamos desenvolvendo um trabalho exatamente nessa área, gangues, juventude, a violência urbana, a problemática do futebol, exatamente tentando recuperar o cotidiano dessas pessoas, recuperar em termos de não só para a Universidade, para a escola, ~~mas~~ mas para a própria sociedade, essas vivências de pessoas que estão no seu cotidiano, que são massacradas pela sociedade, pois muitos desses grupos apresentam, ao mesmo tempo, para a gente lições incríveis de vida, de organização, de luta em busca de que o Estado as ouça, para ~~xxx~~ tentar ~~reverter~~ reverter essa situação.

Voltando um pouco para esse tema, a problemática do Estado e os grupos organizados, há, sem dúvida nenhuma, em termos da sociedade civil, de uma maneira geral, e principalmente desses grupos de jovens que estão na periferia, uma riqueza, uma proliferação de organização incrível e que as gente, muitas vezes, quer esteja no Estado ou na Universidade, não percebe, mas eles estão aí. Estão, sem dúvida nenhuma, apresentando para a gente, pondo claramente novas formas de suscetibilidade, novos padrões de organização. Vários desses grupos estão



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 336 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário RO.

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APORTE
05	5	Marcelo	Grup.Ogganoz	05.09.97		

jogando para a gente, deixando claro que nós, que a sociedade, que o próprio Estado, os próprios partidos políticos têm que rever uma série de metas, uma série de.....



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 337 do Proc.
n.º 11 de 1991
O Funcionário 40

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A41	1	Galva	G.Organiz:	05.09		

~~_____~~, questões
eles estão aí e estão reivindicando um espaço político, mas não é
uma reivindicação política tradicional, um lugar formal na est-
rutura de poder, mas é o espaço político no sentido de uma mudan-
ça nesse cotidiano opressivo, da cidade em que vivemos. Esse
pessoa tem uma força muito grande, uma riqueza de organização cul-
tural surpreendente, realmente, isso eu pude constatar dos traba-
lhos, das pesquisas que ~~fiz~~ fiz e tive a oportunidade de
entrar em contato.

Gostaria de convidar vocês, na PUC de São Paulo,
agora nos dias 17, 18, 19 de setembro, estamos organizando um
seminário "O Primeiro Seminário ~~Metrópole~~ Metrópole, Cultura e Violência,
que é um lançamento do nosso grupo de estudos ~~o~~ cotidiano e cul-
tura urbana. Então vamos fazer uma série de atividades, no dia
17 à tarde e a noite vai ser um dia dedicado ao futebol, pessoas
e alunos ~~e~~ convidados que trabalharam e estão fazendo pesquisa
na área do futebol, questão das torcidas, e da relação do fute-
bol com a sociedade estaremos discutindo essas questões na
sala 239 na PUC, entrada livre, gostaria muito de contar com a
participação de todos vocês. No dia 18, a temática ~~f~~ vai ser exa-
tamente sobre manifestações culturais, juventude política, a pro-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 338 do Proc. 11 de 1991
O Funcionário 1110

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A41	2	dalva	G.Organz.	05.09		

blemática do Rap, da globalização, da articulação Rap globalização onde alguns grupos de rap, também vão estar presentes. E na sexta-feira vamos fazer uma mesa sobre a ~~temática~~ temática da violência policial em São Paulo, enfocando a impunidade. Todos ~~você~~ vocês estão convidados. Gostaria muito de contar com a presença de vocês. Depois estarei aqui à disposição, podemos debater um pouco sobre essa questão.

Obrigada.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço

a Prof. Márica Regina da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, vou passar a ~~palavra~~ palavra o nobre Vereador Mohamad Said Mourad, apenas dando previamente um aviso, esse trabalho está sendo feito em colaboração com o núcleo de trabalhos comunitários da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenado pela Prof.Dra. Estela Graciane, que tem em muito nos auxiliado esse trabalho na perspectiva de enriquecer e contribuir efetivamente com o seu resultado. Gostaria, ainda, de anunciar a presença de representantes do Vereador Jorge Taba, Aldaíza Sposati, e Devanir Ribeiro que aqui integram e participam desse debate que hoje estamos realizando. Com a palavra o nobre Vereador



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 339 do Proc.
N.º 0-47 de 1991
O Funcionário JEP

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A41	3	dalva	G, Organ.	05.09		

Mohamad Said Mourad.



O SR. MOHAMAD SAID MOURAD - Boa tarde, Sr.

Presidente José Eduardo Martins Cardozo, Sr. Presidente da Febem, Prof. Maria Regina Costa, boa tarde a todos que estão presentes, tenho ~~max~~ certeza que todos estão ~~presentes~~ estão aqui interessados porque é uma questão que envolve a todos nós. O assunto de hoje, como é ação do Estado, acredito que podemos colocar dois tópicos importantes, até, para que façamos uma avaliação.

Qual é o resultado nesses últimos 20 anos da Febem, da atitude do Estado, ~~em~~ em relação a essa instituição? Sei que os jovens que estão aqui, a puberdade, a nossa vida, a nossa formação, estamos procurando alguma coisa. Acho que cada um de nós tem dentro de si uma procura, que quer saber o que vai fazer, qual é o contexto, onde ele está, e como é que ele está? Então as perspectivas de hoje, dentro da nossa cidade de São Paulo, que realmente acaba englobando um número muito grande de idéias, formações, através de imigrantes, da nossa sociedade, da nossa cidade, onde encontramos de tudo. Encontramos uma boa parte da população com problemas e uma pequena parte bem abastadas.



340
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 340 do Proc.
JN.º 11 de 1991
O Funcionário 110.

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A41	4	dalva	Grp.Org.	05.09		

Essa população com problemas envolve vários fatores, ação do Estado, da Prefeitura, ação dos órgãos públicos, ~~quantos~~ e principalmente a questão ~~em~~ econômica em que vivemos. E isso faz com que justifique muitas coisas que acontecem na nossa cidade. Mas ~~essencialmente~~ essencialmente, com referência as perspectivas dos jovens, acredito que isso englobaria três ou quatro aspectos. O jovem de hoje está começando sua formação, está começando a ir para a escola, já teve uma vida em ~~uma~~ casa com a família durante alguns anos, e aí vai ter uma vida com outras pessoas nas escolas. E como é essa vida, como é essa participação, como é essa formação? Essa formação, não há dúvida que com ela vem ~~em~~ o aspecto da formação em si, e de todo aquele aspecto das culturas que existem, as quais acabamos assimilando. Como é que participamos? É aí que vejo, Sr. Presidente da Febem, um ponto muito importante. Não sei, já passei por essa ~~fase~~ fase, quais as perspectivas que temos como jovens? O que vamos fazer? O que queremos fazer? E os valores existentes da sociedade, não há dúvida que são valores contestados com razão, porque os jovens acabam entrando em contato com toda uma sociedade formada, com toda uma sociedade que está procurando dirigir esse jovem por



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 341 do Proc.
União O. 11 de 1997
O Funcionário HO

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A41	5	dalva	G.Org.	05.09		

determinado caminho, nem sempre esse é o ~~o~~ caminho que o jovem quer, que muitas vezes acaba se marginalizando...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 342 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário JAS

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. PARTE
A42	1	Angela	GRUPOS ORGAN.	05.09.97		

Na maioria das vezes a gente sente que esses jovens se agrupam, têm os seus grupos, as suas turmas, seja na escola, seja na rua de casa, seja nos amigos que têm no bairro, e começam a ter uma série de afinidades com outros jovens, com outras pessoas também.

Por isso, eles acabam formando, cada um, o seu grupo de afinidade, indo por um caminho, com um interesse, alguns por lazer, outros por uma parte social e outros para uma parte de esportes. E o esporte eu considero o elemento mais importante para que se defina ou se encontre nas perspectivas o jovem de hoje.

Então, vamos estender, e a pergunta seria realmente para a FEBEM, a variação desses 20 anos da ação do Estado, com referência aos resultados e à avaliação desse trabalho. E à Professora Márcia, também, queria aproveitar e fazer uma pergunta: dentro desse estudo, dentro desse trabalho feito, que foi justamente o de trazer a essência às idéias, às perspectivas e às preocupações desses grupos, o que mais me chamou a atenção ~~xxxxxx~~ é que temos grupos de várias idades: grupos que começam com 10 anos de

idade, com 13 anos, com 15 anos, e dividiriamos, mais ou menos,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 343 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A42	2	Angela	GRUPOS ORGAN.	05.09.97		

pela faixa etária da puberdade ou pós-puberdade, até os 20 anos, e qual a perspectiva que têm e no que se interessam.

E aos jovens que estão aqui, e aos grupos e turmas que estão aqui, tenho certeza de que a participação de vocês é muito importante, não em serem trazidos por algumas pessoas, mas, sim, porque vieram aqui no interesse, numa procura ou numa perspectiva de uma discussão com os participantes da Comissão de Estudos. Que a gente possa encontrar alguns caminhos e esses caminhos, não há dúvida alguma, são vocês que vão trilhar e não uma imposição da sociedade atual, não uma imposição da globalização.

Temos, aqui, números assustadores. Os sete países maiores, que dirigem o mundo, já descartaram mais de 40% da população do mundo, por julgarem desnecessária. É o que está sobrando, é o excesso. No entendimento deles, para o crescimento, para a produção, para o consumo, o percentual é esse. E isso é uma coisa que afeta todos nós, como brasileiros, como jovens, numa perspectiva.

O mundo de hoje não pode viver sem harmonia. Se não existir harmonia não vamos conseguir ter uma vida melhor, uma perspectiva melhor em todos os sentidos. E a harmonia é justamente



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 344 do Proc.
N.º 11 de 19 97
O Funcionário ARAS

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A42	3	Angela	GRUPOS ORGAN.	05.09.97		

cada um procurar a sua perspectiva, o seu caminho, mas que haja uma harmonia entre todos nós.

Era isso o que eu queria colocar para todos os que estão aqui nos assistindo. Parabéns.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço, Vereador Mourad.

Antes de passar a palavra aos debatedores, para que respondam as indagações do Vereador Mourad, lembro que o Presidente da FEBEM já nos tinha dito que tem um compromisso. Então, vou passar a palavra a ele e pedir à assessoria da Comissão que pegue o nome das pessoas que querem fazer perguntas para o Presidente da FEBEM, que será ^o ~~o~~ primeiro a ~~sair~~ sair.

Lembro que temos mais um debatedor, ainda, que é o Prof. Regis Fernando Oliveira, que confirmou a sua presença, e que deve estar aqui por volta das 16 horas, segundo ele nos informou. Portanto, o ideal seria que fizéssemos um conjunto de perguntas ao Presidente da FEBEM, pois a Prof. Márcia não tem o problema de horário que o Presidente da FEBEM tem, e depois abríamos, ~~a~~ depois do Prof. Regis Fernando de Oliveira, às indagações.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 342 do Proc. UN.º 11 de 1997
O Funcionário ARAS

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A42	4	Angela	GRUPOS ORGAN.	05.09.97	CARDOZO	

Então, eu pediria à Eliana, da Comissão, que anotasse as perguntas a serem feitas, enquanto o Presidente da FEBEM responde a primeira pergunta. Favor pegar os nomes das pessoas.

O SR. EDUARDO R. D. DA SILVA (Presidente da FEBEM)

Agradeço à colocação do Vereador Mourad e acho muito intrigante a gente pensar no que foram os últimos 20 anos da FEBEM.

Eu diria que muitas coisas mudaram nestes 20 anos e mudaram para melhor. O País, hoje, vive um estado de direito. Então, não se pensa mais no nível de ~~pr~~ repressão em nenhum dos campos da vida brasileira.

No nossa caso, o da FEBEM, em particular, nos últimos 20 anos, infelizmente havia ainda a prevalência de uma mentalidade, de uma filosofia de contenção. Basicamente, a contenção significava tirar do convívio social aqueles adolescentes que se mostravam ou em conflito com a lei ou que efetivamente tivessem cometido algum ato infracional ou algum delito.

O equívoco maior foi concentrar todos eles em grandes complexos e imaginar que, mesmo estando isolados da sociedade, e hipoteticamente "bem atendidos", no sentido de ter uma escola,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 347 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário ARAS

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A43	1	L. Carlos	GRUPOS ORGAN.	05.09.97	Dr. Eduardo	

... Quer dizer, preparar esse garoto, esse menino, para ele exercer o papel que lhe cabe na comunidade. E, para isso, é importante não tirá-lo muito tempo da comunidade, porque o que se vai fazer é ver o desempenho dele na comunidade. E é preciso também prepará-lo para um mundo moderno, um mundo da competição.

Não é suficiente só fazer uma profissionalização, por exemplo: dar uma qualificação de ~~de~~ marceneiro, ou de ferramenteiro, ou de funileiro, ou de vidraceiro. É preciso preparar esse garoto para que ele conheça todo um mundo do trabalho, quais são as habilidades mínimas do mundo do trabalho, no mundo de serviços, que está cada vez mais competitivo. Quer dizer: ele precisa conhecer como se portar diante de uma sociedade competitiva. Ele precisa saber se relacionar com os seus colegas. Ele precisa de noções de gestão do seu próprio negócio. Precisa de noções de informática, mesma que sejam noções, mas ele precisa estar inteirado disso, porque, ^{se} ele não estiver inteirado disso, e se a nossa instituição, a Febem, não puder manter, com grupos e entidades sociais, uma ligação forte que, na saída desse menino, venha a acolhê-lo, ele não tem chance.

Então, não é que o menino da Febem não tem mais remédio ou que ele reincide muito. É que não sobra alternativa para ele, ou não sobrava, pelo menos. Ele sai da Febem e fica na calçada, esperando que alguém venha oferecer-lhe um emprego... Alguém acha viável isso? Ainda mais num mundo como o de hoje...

Agora, ele, na Febem, hoje, se faz, ou se procura fazer, não posso dizer que isso ainda é disseminado, mas devolver a esse



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 348 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário ARA

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A43	2	L. Carlos	GRUPOS ORGAN.	05.09.97	Dr. Eduardo	

jovem o brilho. Todo jovem tem brilhantes os seus olhos, tem força, tem capacidade de superar as dificuldades. Então, precisamos preparar esse caminho para ele, de uma certa forma. E a preparação é dar a ele um atendimento pedagógico de amplo espectro.

É por isso que insisto que a Febem de hoje é muito mais uma escola do que qualquer outra coisa. Agora, isso também não é suficiente. É preciso que haja a figura do acolhimento. E a figura do acolhimento só virá através de segmentos organizados da sociedade, que possam fazer essa figura, essa ponte ou esse arco-íris, ligando o que é dentro com o que está sendo feito fora.

Estou otimista, Sr. Vereador, porque acho que, daqui para a frente, há cada vez mais conscientização de que a nossa juventude ela é fonte inesgotável de virtudes. Não podemos imaginar que os nossos jovens são generalizadamente pessoas que não têm mais possibilidade de convívio social. Isso é um tremendo engano. Acho que quanto mais apostarmos nisso, e mais trabalharmos na direção correta, mais sucesso e mais rápido vamos ter.

Obrigado.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOSO — Agradeço ao Dr. Eduardo e gostaria de anunciar a presença novamente dos representantes: do Vereador Jorge Taba, o Sr. Tadao; a Dra. Renata, representando a Vereadora Aldaíza Sposati; a Sra. Rosirene, Assessora da Vereadora Ana Martins. Também se faz aqui presente o Vereador Henrique Pacheco, do PT, que é um dos integrantes desse grupo de trabalho.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 577 do Proc. n.º 11 de 19 97
O Funcionário ARAD

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A43	3	L. Carlos	GRUPOS ORGAN.	05.09.97	J. Eduardo	

Tenho dois inscritos para fazer perguntas ao Presidente da Febem. Tenho uma ~~outra~~ outra lista de pessoas que vão fazer intervenção. Então, agora, vamos ver quem quer fazer perguntas ao Presidente da Febem, porque ~~o~~ S. Exa. vai ter que se ausentar.

Então, a primeira ~~outra~~ pessoa que eu chamaria para fazer pergunta ao Presidente da Febem é o Roberto Vitório, da Junac - Juventude Preta Afro Consciente.

Pode usar esse microfone. É importante usar o microfone porque todos esses debates estão sendo gravados.

O SR. ROBERTO GNOMONEGRO (?) - Boa tarde para todos. Queria fazer uma pergunta: Por que o Estado cria tanta bomba-relógio? Por que é mais fácil um preto, um pobre, uma prostituta entrar no Carandiru e na Febem? Por que esse Estado vai criando, vai criando...? Até que ponto chega, cara, que o menor entra dentro de uma Febem e, se ele entra ali porque estava com fome, roubou um prato de comida para ajudar a família, ele sai dali metendo assalto? Já que nosso povo trabalhou 400 anos, 400 anos de opressão, e a gente agora já está indo para cinco séculos de opressão, e meu povo está na Febem, a juventude está na Febem...

Acabei de ver no Fantástico, semanas atrás, esses jovens estão sendo espancados lá dentro, estão sendo torturados lá dentro. Onde está a democracia no País? Queria que o senhor pudesse me responder. Porque cada menor que está lá dentro é uma bomba-relógio: a qualquer momento ele pode explodir.



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A43	4	L. Carlos	GRUPOS ORGAN.	05.09.97	Roberto	

Se o senhor tem um avô e ele é rico, e ele morre, a herança fica para a família. O homem preto, na América, trabalhou 400 anos. Não foi convidado, foi seqüestrado aqui para a América. Estávamos em paz na África. Quando o escravista branco chegou, aterrorizou, escravizou, e trouxe para a América. Por quê? Qual o motivo? Qual a razão da existência? Não consigo compreender, meu Deus! Não consigo compreender! Por que nós somos tanto oprimidos? Que mal a gente fez tanto, para os meus irmãos serem tanto oprimidos? Que a USP tem 50 mil alunos e menos de dois por cento são negros.

Na Febem, é mais fácil um menor da periferia, um preto, um favelado, um periférico entrar dentro da Febem do que conseguir entrar dentro de uma faculdade. Isso é perseguição? (Aplausos).

JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO

O SR. - Agradeço a

pergunta do Roberto Vitório, e chamo para a segunda pergunta para o Presidente da Febem responder, já na sua fala de encerramento, o Djalma, da Força Ativa.

O SR. DJALMA - Boa tarde, pes

soal. A pergunta que tenho a fazer é a seguinte: o Presidente da Febem deu uma explanada assim; até parecia que estava "pisando na água", quando ele falava da Febem. Mas, na verdade, o retrato da Febem é outro, totalmente oposto, porque as pessoas que vão para a Febem, não recebem um trabalho de reeducação, não tem essa medida sócio-educativa. A Febem hoje mais se assemelha à "Casa dos Horrores" do que ^auma casa para reinserir os adolescentes



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 351 do Proc.
UNL 0 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGrafo	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A-44	1	Camilo	Grupos org.	X 5/9/97	Djalma	

que cometaram delitos, na sociedade.

Nobre Vereador, qual é a realidade que há, no seu gabinete, e qual é a realidade que há, na FEBEM? Digo que lá, em semi-Liberdade, as adolescentes ficam largadas. Na ala feminina, não há recursos e não há trabalhos educativos. Assim, que medidas sócio-educativas são essas que a FEBEM oferece para as crianças e adolescentes do Município, da capital ou do Estado de São Paulo?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem a palavra o Sr. Weber^t, para fazer mais uma pergunta. Em seguida, o presidente da FEBEM o responderá.

LOPES -

O SR. WEBERT/Boa tarde, todos companheiros camaradas, irmãos e irmãs. Faço uma pergunta ao Sr. Presidente da FEBEM, Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor. Ao analisar principalmente colegas meus que já foram à FEBEM, vi que, depois, eles não trouxeram nada de bom do que havia lá. Um dos meus colegas passou por momentos de terror, sendo torturado por guardas. Em vista disso, gostaria de saber se a FEBEM é o bem estar do menor ou é o mal estar do pior. Afinal, o pessoal que sai de lá, sai mais rebelde, não sai com uma mente mais elevada, mas sai com uma mente mais revoltada, porque apanhou lá dentro e foi torturado por funcionários. (Palmas).

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem a palavra o Ice boy que falará, ra-



280
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 352 do Proc. n.º 11 de 19 97
O Funcionário AF

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A-44	2	Camilo	Grupos org.	5/9/97	José Eduardo	

pidamente, antes que o Presidente da FEBEM responda o Sr. Weber^t.



O ICE BOY - Sou da Força Ativa. Além do espancamento, digo que a FEBEM não faz um trabalho junto com as famílias dos internos. Isso deveria ser feito, pois ^é muitos internos vêm de famílias desestruturadas e destruídas. Por isso que muitos jovens estão lá. As pessoas que sabem que está havendo espancamento em jovens, na FEBEM, ^{de eles serem} devem pedir indenização ao Estado, porque além  de jovens, são cidadãos. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - O presidente da Febem me disse que está tentando desmarcar alguns compromissos, para que fique mais tempo conosco aqui. Se isso ocorrer, será excelente.

Para fazer intervenções ao Sr. Presidente estão o Sr. Weber^t Lopes, a Sra. Lúcia Helena, o Ice Boy, o Betinho, o Jam e o Ice Kid.

O SR. _____ - Agradeço as ^{Lopes} perguntas formuladas pelos Srs. Roberto, Djalma, Weber^t e o Ice Boy. Vou tentar sintetizar as questões, pois elas me parecem muito homogêneas.

Reafirmo dizendo que a FEBEM vai ser aquilo que a gente quer que ela seja. Digo uma coisa que me chama muito a atenção. Para melhorar as coisas, temos que participar. Se não fizermos isso, sempre vamos acabar dando mais valor ao que nos contam,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 353 do Proc. UNB 0 // de 19 97
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A-44	3	Camilo	Grupos org.	5/9/97		

ao que nos falam do que a gente efetivamente vê e sente.

Pelo menos nessa administração, não é tolerado o espancamento dos meninos.

que houver
Sempre qualquer evidência desse fato, os funcionários sofrem severíssimas sindicâncias e muitos deles já foram desligados por esse motivo.

Quanto à questão dos mais pobres, dos meninos que não têm perspectiva, coloca-se um ponto. Nós da comunidade, da sociedade, precisamos pensar e olhar para os idade desses meninos que estão em conflito com a lei de uma forma não só adequada à meninos, da formação e da capacidade de percepção deles quanto a seus deveres e valores da sociedade, mas também, principalmente, jamais devemos agir com vingança ou por espírito de punição.

É muito importante que todos vocês saibam que a legislação atual permite uma gama realmente ampla de medidas que possam ser aplicadas aos jovens, sem ser a internação.

Eu mesmo estou convencido de que a maneira mais eficaz de atender a um jovem que, por ventura, esteja em conflito com a lei é o meio aberto, ou seja, é ver e dar a ele condições para que ele continue na sua comunidade. Só assim vamos saber se o nosso trabalho será efetivo ou não.

Há um outro lado, o qual todos nós precisamos compreender. Quem determina a internação dos jovens não é a FEBEM, mas é sempre o Poder Judiciário.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 354 do Proc.
Vol. 0 11 de 19 92
O Funcionário JPA

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGrafo	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A-50	1	Denise	Grupos Org.	5.9		

E quem provoca ou representa o Poder Judiciário é sempre o Ministério Público, um promotor público.

O que, hoje em dia, percebemos é que temos os recursos e condições legais de fazer um atendimento mais eficaz. E o atendimento ao jovem mais eficaz é realmente no meio aberto. Todos sabemos o quanto é penoso para um jovem no auge de sua vitalidade, com hormônios agitando-se de um lado para outro, ficar num recinto fechado. Todos temos familiares e parentes, muitos de nós filhos na idade da adolescência, se o tempo para nós passa tão depressa, e medimos em horas, para o adolescente que fica confinado, o tempo parece que são eras, quer dizer, tempos infindáveis.

É por isso que o Estatuto, nesse ponto, é sábio. A internação tem de ser breve e excepcional. Se for assim, não irá acontecer nada disso que vocês estão falando.

Agora, o que não podemos é achar que a solução de tudo está na FEBEM. O menino que por qualquer razão está drogado e comete atos ilegais por causa de "Drug addition", o lugar dele não é a FEBEM, mas sim ter um atendimento especializado de saúde.

E esses serviços todos precisam existir. Como vamos conseguir a existência desses serviços? Desde que organizemos a sociedade



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 355 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário ARAÚJO

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A-50	2	Denise	Grupos Org.	5.9		

para isso. Um menino pobre com um menino de cor negra não é absolutamente diferente de nenhum outro. Precisa de todos esses serviços como qualquer um.

Nós, não só como Estado, mas como sociedade, temos de garantir isso. Um ponto que foi abordado e que apreciei muito ouvir foi a fala do "Ice boy", dizendo a respeito das famílias. A FEBEM propriamente é uma instituição muito limitada. Não tenho condições e nem envolvimento para cuidar do adolescente, da família e da comunidade em que esse adolescente vive. Precisamos de arcos de alianças muito mais poderosos. Não é só a FEBEM que é responsável por isso, nem poderia. Precisamos das escolas, da saúde, das áreas de cultura e lazer, enfim, de todos os serviços públicos atuando juntos. E isso é o que se chama incompletude institucional.

Não queremos mais uma instituição fechada que possa pretensamente oferecer todos esses serviços. Queremos que o menino seja atendido no posto de saúde, que frequente a escola do bairro e que também tenha a assistência da nossa instituição, da FEBEM.

As famílias precisam de apoio integral. E é inútil pensar que só a FEBEM pode se encarregar desse trabalho. Gostaria que as paróquias, as instituições de empresas, as federações, todas essas



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 356 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A-50	3	Denise	Grupos Org.	5.9		

entidades mantivessem esse serviço de apoio. Não porque isso irá aliviar a carga do Estado, porque essas entidades têm mais proximidade com as famílias.

Não nego que o Estado tenha um papel, mas não quero que todos pensem que se deixar tudo na mão do Estado, estará tudo resolvido. Não é assim.

Para resumir, ^{para} conseguir mudar a realidade que vocês mencionam e que, infelizmente, acho que foi muito mal retratada no programa da Globo, acho que o Roberto mencionou, gostaria de contar essa pequena história para vocês verem que ao invés de ajudar muitas instituições podem atrapalhar muito. Quando o nosso esforço é para chamar parceiras, colocar pessoas dentro da instituição, essa emissora de televisão fica na nossa unidade, a mais problemática, mais superlotada de todas, cinco horas. Fazendo cenas, microfone aberto, holofotes, indo e vindo, provocando os meninos para que digam coisas. E o que disseram os meninos não foi fruto do que está dentro deles. Mostraram uma agressividade que para quem conhece e lida com adolescentes é evidente que isso é para chamar a atenção para si. Não é a realidade.

Nenhum menino sairá de lá e diz na porta, que já



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 357 do Proc.
JL.º 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A-50	4	Denise	Grupos Arg.	5.9		

vai cometer outro crime. Um menino chamando outro de ladrão ou de praticante de delito. Essa agressividade não existe, porque se existisse depois de cinco horas de movimentação lá dentro, aquela casa já teria estourado.

Então, hoje, o nosso ambiente, apesar da superlotação e das dificuldades enormes, está muito mais descontraído. Isso porque os meninos têm colaborado, têm sido generosos nessa expectativa de que ainda serão acolhidos. E é muito importante que se saiba que apesar de todas essas imagens negativas de meninos encapuzados, elas poderiam ter o mesmo efeito, e tive de me corresponder com a Globo para explicar isso, se essas imagens fossem feitas na melhor escola de São Paulo ou talvez na boate ou casa noturna mais badalada da cidade, depois de cinco horas de movimento, é muito provável que as cenas escolhidas fossem tão chocantes como aquelas que veicularam dos meninos da FEBEM.

Quer dizer, você coloca uma jovem linda, toda encapuzada, com aquela coisa só aparecendo os olhos e franzindo a testa, o que pode dar? Agora, o desafio que lanço é o seguinte: os nossos meninos não têm essa fisionomia, não têm. Sabe porquê? Porque não sou eu que digo. Vieram especialistas americanos para um congresso em São Paulo sobre "Drug Addiction" e muitos deles quiseram visitar a FEBEM.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 359 do Proc.
N.º 11 de 19 97
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
Al	1	Anelise	GRUPOS ORG.	17.09.97		

mais consoladora que eu tive em todo esse período que estou lá. Eles me disseram o seguinte: "Aqui a dificuldade é enorme. Vocês têm uma base física muito precária." Quer dizer, as nossas unidades estão realmente muito desaparelhadas. "Mas o que se vê na expressão desses meninos é uma descontração muito importante." Eles reconheceram que em outros países, mesmo os mais adiantados, com muito mais recursos, a raiva, a expressão pesada era a tônica, enquanto que aqui era diferente.

Vai aqui uma pequena menção: por causa da política do atual governo, de contratação apenas por concurso, muitas jovens, meninas praticamente, de 20 ou 22 anos, entraram para o corpo funcional da Febem. Então, hoje vemos uma grande quantidade de moças trabalhando nas nossas unidades e isso é o maior antídoto contra a repressão, contra a violência ou contra o espancamento. Ou será que não é fácil perceber isso? Será que os outros de fora precisam olhar isso para dizer para a gente? Mas vejam, eu não estou satisfeito com a situação como está hoje. Não quero unidades superlotadas e centralizadas. Quero pequenas unidades espalhadas por todo o território do nosso Estado. Unidades que tenham possibilidade de conviver com a comunidade, pessoas que não tenham medo desses meninos, porque eles são iguais a qualquer outro. Isso conseguiremos se o relógio não girar no anti-horário. O que é girar no anti-ho-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

360
Folha n.º 360 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A1	2	Anelise	GRUPOS ORG.	17.09.97		

rário para a FEBEM? É justamente vermos cenas que distorcem a realidade do trabalho que está sendo feito.

Hoje a repressão não é a nossa meta. Nossa meta é a educação. E todos aqueles que quiserem apostar nisso que venham trabalhar conosco, e daqui a alguns anos, talvez um par de anos, a situação seja outra. Eu gostaria de deixar essa mensagem de otimismo.

Obrigado, Sr. Vereador.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Eu é que agradeço. O Presidente se dispõe a permanecer? Então, vamos abrir a palavra. Professora, a Senhora quer falar alguma coisa sobre isso?



A SRA. MÁRCIA REGINA DA COSTA - Respondendo rapidamente ao que o Vereador Mohamad Said Mourad havia falado, especialmente com relação a essa questão do desemprego. Uma das questões essenciais que estamos vivendo hoje no mundo é exatamente essa questão do desemprego. Não é apenas em âmbito de Brasil, mas é uma questão fundamental em nível mundial. O Vereador Mourad falava dos sete países mais desenvolvidos do mundo; a Espanha, por exemplo, tem um índice de desemprego que atinge 22 ou 23% de sua força de trabalho. Fora aquelas pessoas que trabalham meio



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
Al	3	Anelise	GRUPOS ORG.	17.09.97		

período.

Esse problema do desemprego atinge principalmente a juventude e as pessoas mais velhas. Isso está sendo debatido em nível mundial, de como qualificar, buscar caminhos para esses jovens, mas há uma questão de base, que todos os especialistas estão debatendo: a sociedade em que vivemos expulsa realmente mão-de-obra. As pessoas se tornam interessantes quando se tornam consumidoras. Se o mercado está ampliando, muito bem, independentemente de ele estar, também em grande velocidade, expulsando pessoas.

Essa é uma questão muito séria, que obviamente se coloca de uma maneira diferente em cada país. Por exemplo, nos Estados Unidos, o desemprego aparentemente é baixo, 5%. Mas nas grandes cidades, em determinadas regiões, principalmente as mais pobres, onde a discriminação racial é mais violenta, atinge 40% dos jovens. Esse é um dado muito alto.

Então, penso que a busca da qualificação seja fundamental, não tenho nada contra. Estamos num país em que a exigência do 2º Grau se torna fundamental para as pessoas se empregarem, mas há uma questão de fundo, que é a forma como a nossa sociedade se articula, onde a problemática do social sempre aparece onde o lucro ocupa projeção social. É



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGrafo	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
Al	4	Anelise	GRUPOS ORG.	17.09.97		

nisso que devemos pensar.

O Vereador também perguntou (), quando eu pesquisei, qual era a visão que os grupos tinham com relação ao Estado. Bem, acho que não mudou muito. Essa visão é de profunda descrença, de profunda crítica. É uma crítica não só do cotidiano que é vivido, mas fruto de uma reflexão importante. É exatamente por uma () pressão em cima do Estado, dos partidos políticos, para que transformem sua política, que a saída se torna viável. Porque, se desqualificarmos tudo isso, o resultado pode ser mais trágico ainda. Existem vários momentos () históricos onde essa questão ficou clara. Então a saída é lutar. Se não é para agora que seja para o futuro. Aliás, essa esperança no futuro, de um projeto, é fundamental. Se temos um projeto, podemos começar a pensar em dismantelar as tramas do cotidiano.

Era o que eu tinha a dizer.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço, () Professo-
ra. Seguiremos, então, a lista de inscrições.

Tem a palavra o Sr. Veber Lopes.

O SR. VEBER LOPES - Saudações a todos os irmãos do rap.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Nº 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
Al	5	Anelise	GRUPOS ORG.	17.09.97		

Eu gostaria de fazer uma observação ao Presidente da FEBEM. Ele falou que os manos são geralmente generosos lá dentro, que não há tortura. Só que eu já fui FEBEM, e o ensinamento que eu tive lá não foi um bom ensinamento. Eu não aprendi a ser um cidadão, não aprendi a ser gente lá dentro...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 364 do Proc. 000.000.000
de 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A4	1	Paula	g.organizados	5.09		

~~_____~~, mas ladrão, assaltante e drogado.

Porém, meu ponto de vista, minha cabeça nunca me levou para esse lado.

Sempre fui um cara muito realista e passei a curtir hip hop, o que me

tirou aquelas idéias da mente, mesmo nunca tendo pensado em fazer.

Eu já fui escravizado e torturado lá dentro por nada, tomava injeções direto.

Muitos dos que foram Febem, "cadeeiros", porque hoje ela é a mesma coisa que um Carandiru. O que a rede Globo relatou não é mentira, mas a pura verdade.

Era isso o que eu tinha a dizer. Muito obrigado.

O SR. _____ - Em que época você esteve lá? Você lembra o ano?

O SR. _____ - Em 1976, 77, 78, por aí. Naquela época era mais disciplinada. Hoje está pior. Tenho diversos camaradas na favela onde moro que foram Febens. Alguns estão em regime semi-aberto e nos falam. O que sabemos lá de dentro é o que os nossos irmãos nos falam. Inclusive, vão trazer umas letras de lá para que eu possa relatar o que está se passando. Obrigado.(Palmas)



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 365 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário JES

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A4	2	Paula	g.organizados	05.09		

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem a palavra
a Sra. Lúcia Helena dos Santos Aguiar, SNLT - Força Ativa.



A SRA. LÚCIA HELENA DOS SANTOS AGUIAR - Quero fazer um comentário a respeito do Estado frente aos grupos organizados. Vivemos supostamente num Estado democrático, o que significa um governo do povo. Disso tiro que as pessoas mais interessadas aqui são aquelas que deveriam estar falando por mais tempo. Por quê? São para essas pessoas que as políticas públicas devem ser voltadas. Políticas públicas essas que não foram apresentadas, até agora só ouvi falação, mas não vi propostas a respeito dos grupos organizados, a respeito da comunidade. Acho que viemos aqui para isso.

Inclusivem, acho que deveria haver uma abertura maior para que os grupos organizados viessem aqui e tivessem seu espaço. O Dr. Eduardo falou por mais de 20 minutos aqui, marcados pelo relógio da companheira. O senhor deveria sair 14h45min porque o senhor tinha um compromisso. As pessoas da Mesa falam por um tempo indeterminado enquanto as pessoas mais interessadas falam por um ou dois minutos quando muito. Isso é uma forma de política pública que deveria* estar sendo voltada para os grupos organizados para isso refletisse



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A4	3	Paula	g.organizados	05.09.96	Lúcia	

nas comunidades. Isso não está acontecendo. Quer dizer, tudo o que se passa é que a pessoa não tem condições de falar e o fato de se integrar não passa de uma utopia.

Era isso o que eu gostaria de falar. Muito obrigada.

(Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço à

Lúcia Helena, mas a dinâmica do seminário é que temos alguns convidados que só vêm uma vez e o plenário pode comparecer, fazer comparações, indagações durante todo o período, razão pela qual não temos condições de abrir a palavra para que todos falem por 10, 20 minutos. Temos que ter um critério. O critério é que o convidado fala 10, 20 minutos e a platéia 1 ou 2 minutos, mas em todos os debates, que são oito. Então, as pessoas podem se manifestar e até o momento conseguimos ter uma lista de aproximadamente 15, 20 pessoas falando em cada um dos seminários de 1 a 3 minutos. Portanto, acho que é uma situação de equilíbrio entre o plenário e a Mesa. É uma forma de organização porque não teremos outras. Para podermos dar 20 minutos para cada inscrito teríamos que ter um debate que levasse um dia inteiro, o que não temos condições e nem espaço físico na Câmara Municipal.



RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A4	3	Paula	g.organizados	05.09		

A SRA. LÚCIA HELENA DOS SANTOS AGUIAR - O senhor esclareceu a questão e deixou óbvia a questão do tempo. Mas, a questão é que não deve haver diferença exatamente pelo fato de vivermos numa suposta democracia entre as pessoas da Mesa e entre a plenária. São pessoas iguais umas a outras e todas deveriam ter o mesmo tempo de respostas. É por isso que deveria ser chamado de debate e não uma palestra ou um seminário como está parecendo. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Respeito a sua opinião, apenas pondero que isso fisicamente é impossível. Não temos como abrir 20 minutos para cada intervenção de plenário. Insisto, temos 15 inscritos, teremos aproximadamente 20 minutos para cada um e precisaremos de um dia inteiro. O que temos feito é sempre franqueado aos grupos um representante para que fale mais tempo. Isso tem ocorrido em todas as sessões e o grupo tem escolhido o seu representante. Não tem como abrir...

* * *

- Aparte fora do microfone.

* * *

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - O objeto não é



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 368 do Proc.
JN.º 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A4	4	Paula	g.organ.	05.06	Pres.	

fazer um trabalho de reflexão que não dê em nada. A idéia desse grupo é ouvir vocês, a comunidade, os palestristas para que façamos um relatório final com propostas de políticas. Se tivéssemos uma proposta acabada sem ouvir vocês seria um erro. Então, queremos tirar da experiência de vocês, da experiência dos debatedores, da experiência dos conferencistas e dos Vereadores que integram a Câmara uma proposta para a cidade de São Paulo. Esse é o nosso objetivo. Não quero dizer que quando terminarmos esse grupo teremos a receita para resolver todos os problemas da miséria na cidade de São Paulo e do jovem excluído, não é verdade, a raiz é mais profunda. Nós vivemos numa sociedade que está fundamentalmente dividida entre ricos e pobres, ricos que exploram pobres. E, sem sombra de dúvida não será a Câmara Municipal que vai resolver esse problema. Nós vivemos numa sociedade selvagem que exige um processo de transformação porque não dizer muito forte, muito contundente, até revolucionário para que cheguemos a isso a meu ver. Porém, qual é o nosso objetivo? Tirarmos de tudo isso uma proposta política que nós não temos acabada, que se tivéssemos estaríamos errados, sem ouvir vocês, debatedores, sem trocarmos idéias. Não teríamos como ter uma coisa consistente.

* * *

- Aparte fora do microfone,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 369 do Proc.
11 de 19 90
O Funcionário GRAS

ROD/ZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A5	1	Paula	g.organ.	05.09		

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tenho várias propostas. Agora, tenho várias propostas como a utilização de escolas no final-de-semana para lar, mas temos que aprofundar. Aquele que se diz dono da verdade sem ouvir as pessoas é ~~uma~~ alguém profundamente antidemocrático. Porque com certeza eu não vivi a situação de vocês para ter uma solução que dissesse eu não preciso ouvi-los para ter uma proposta. Propostas são elaboradas ouvindo as pessoas, discutindo com as pessoas. Se eu tivesse propostas acabadas e definitivas para tudo, com certeza talvez eu fosse um cara completamente ignorante. Quem tem proposta acabada sem ouvir os outros, especialmente quem está envolvido no problema, efetivamente não tem condições de ser um bom legislador. Esta é a minha forma de compreender. Foi por isso que criamos um* grupo ~~m~~ de estudos. Se eu quisesse ter a situação clara e fácil de resolver, me sentaria com a Profª. Maria Estela Garsanian, da PUC, que fez uma dissertação de Mestrado a respeito e perguntaria: "Maria Estela, vamos fazer juntos uns 4 ou 5 projetos de lei". Ela falaria: "ótimo". E nós faríamos. Mas essa não é a minha concepção e nem a dela. Nós queremos debater com vocês, com especialistas. Não importa se concordemos ou não. É ouvindo a comunidade que podemos chegar a um resultado. Tenho várias propostas. Algumas delas vocês já me provaram



370
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 370 do Proc. 11 de 13 97
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A5	2	Pàula	g.organ.	05.9	Cardozo	

que estavam erradas em alguns debates. Por quê? Porque a experiência de vocês é insubstituível. Vocês vivem o problema e eu não vivo. Eu preciso captar, debater com vocês para aprender com vocês. Aprendendo com vocês é que posso fazer um trabalho conseqüente.

* * *

- Aparte fora do microfone.

* * *

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Vivemos. O problema é que vivemos de diversas formas. A vicência humana não é substituída por nada neste mundo. Garanto para vocês que vivo o problema da miséria de uma forma determinada e vocês vivem outras. Nós precisamos sentar, conversar, dialogar para ver o que podemos fazer em conjunto. Foi por isso que fizemos um grupo de estudos.

O SR. _____ - Vendo e vivendo o problema, com certeza...esta semana mesmo estava aéreo, com dor-de-cabeça, passei no metrô da República e havia um garotinho deitado com um pedaço de mini-pizza na mão. Com certeza aquele garoto estava morto. Ele estava tão duro com aquele pedacinho de pão na mão que ele nem respirava. A observação que eu tive foi aquela. Se vocês, realmente, vissem esses



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 371 do Proc.
JULHO 11 de 1997
O Funcionário Ana

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A5	3	paula	g.organ.	05.09		

problemas. Não estou acusando, mas a pizza deveria estar envenenada. Se o cara está passando fome há muito tempo, se você der alguma coisa para ele comer mesmo que não tenha veneno ele morre. Queremos ajudar, mas se formos mexer naquela criança podemos ser acusados de assassinos. "Você deu isso para ele e ele morreu". Eu já vi isso ocorrer. Você cuspe na "cara" da pessoa, entra no metrô e já foi.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Gente, vamos seguir a ordem das inscrições? Caso contrário, vamos anarquizar o processo.

Tem a palavra a Sra. Therezinha.



A SRA. THEREZINHA - Eu fui uma das primeiras turmas que fez na PUC. A Profª. Márcia lembra de mim? Nós fizemos o primeiro estudo dos grupos organizados. A Turma do Poder junto com professores, diretores, pais de alunos de lá acompanharam. Naquela época quando terminamos o curso de extensão, conclocávamos que faltavam políticas públicas básicas porque se estava naquela situação é porque faltava. A Profª. Estela propôs várias atividades, grafiteagem, uma série de coisas que depois fomos vendo que o que falta mesmo são essas políticas públicas básicas, universais e permanentes que não estão funcio-



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A5	4	Paula	g.organ.	05.09.97	Therezinha	

nando, uma escola de boa qualidade, uma casa de cultura que foram fechadas, uma série de coisas.

Estou vendo essa discussão de que veio aqui e está saindo sem propostas de políticas públicas. Então, o que seria isso? Agora, no orçamento ver, propor o que vocês querem, o que é que a população quer e precisa. Vocês estão vendo essa discussão de que não tem verba para a educação por não ter sido entregue. A Lei de Diretrizes e Base dá a chance de programas alternativos. Então, são políticas básicas.

Gostaríamos que depois que vocês terminassem isso, que os conselheiros do plenário nas suas regiões, que também são proponentes de políticas públicas, deveriam ser consultados; O conselho de direito deveria perguntar o que é que eles precisam em termos de educação, de saúde, de lazer, de esporte, de moradia e etc.

Também quero falar que na segunda-feira, às 18h30min, estaremos na frente da Prefeitura, a parte civil do conselho que são oito da sociedade civil e oito da área governamental, porque no ano passado conseguimos aprovar aqui 47 milhões de reais para vocês terem programas alternativos e bons. Um deles é inédito porque era para adolescentes. Esta Cidade não tinha nada sobre profissionalização e esse grupo que, ou melhor, foram dois grupos experimentais, um em São



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 373 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário ARF

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A6	1	Paula	g. organ.	05.09.97	Therezinha	

Mateus e o outro no autódromo, são grupos de educação cooperativa. Então, na segunda-feira, às 8h30min, e gostaria que vocês ajudassem, vamos cobrar esse plano de aplicação que o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente aprovou desde março e não saiu um tostão ainda. Inclusive, a escola cooperativa de São Mateus, com 120 adolescentes, que ficaram na rua sem uma bolsa, sem nada.

Então, têm propostas, sim. O que precisamos fazer é cumprir. Os senhores também podem ajudar. "O que vocês querem? Falar com o conselho tutelar?" Podemos trazer propostas nas audiências públicas ~~fora~~ daqui sobre o orçamento. Podemos levar emendas para os Vereadores, mostrando o que vocês querem para educação e etc.

Estou à disposição no Forum Municipal da Criança e do Adolescente e no conselho municipal todas as segundas-feiras para conversarmos sobre isso.(Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem a palavra o

Sr. Ice Boy.



O SR. ICE BOY - Sou da Cidade Tiradentes. Temos obser-

vado como começa a violência na Cidade Tiradentes. Existe um alto



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 377 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário *Ant*

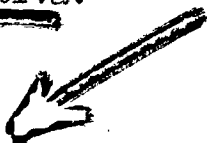
RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A6	2	Paula	g. organ.	05.09.97	Ice Boy	

nível de alcoolismo^e nas escolas não se trabalha a auto-estima da mulher. As mulheres, as meninas em Cidade Tiradentes são muito massacradas. Seria um papel da escola trabalhar a auto-estima. Estive observando que poucas escolas tratam da questão de drogas e alcoolismo. O alcoolismo vem desarticulando muitas famílias não só em Cidade Tiradentes, mas em vários bairros da periferia.

Existem leis que proibem a venda de bebidas e cigarros para jovens, para menores de 18 anos. Agora, o Estado tem que trabalhar com mais rigor quanto às pessoas que vendem álcool e cigarros para as crianças. Muitas crianças compram álcool e cigarro para consumo próprio.

As escolas devem trabalhar mais com a auto-estima das mulheres, das crianças e de ser um ser humano. É o que eu queria colocar. Muito obrigado.(Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem a palavra
o Betinho, do núcleo Força Ativa.



O SR. BETINHO - Boa tarde irmãos e companheiros,
quero fazer uma pergunta ao companheiro ali que colocou que brancos



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 375 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário ARN

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A6	3	Paula	g. organ.	05.09	Betinho	

e pretos são iguais. Pelo q o que eu entendi não existem diferenças entre brancos e pretos. Agora, e entre pobres e ricos? Os playboys fazem o que querem, queimam mendigos e não vão para a Febem. Acho que esses caras não vão para a Febem. Então, gostaria que o senhor me respondesse se ricos e pobres são iguais ou diferentes. É uma coisa para se pensar. Vejo que os burgueses fazem o que querem com os pobres. Ela colocou a questão dos "skinhead", pelo que sei eles têm conhecimento e são burgueses.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - O Reginaldo faz uma pergunta para mim; ele diz que eu usei a palavra "anarquizar", em que sentido utilizei. Bem, a palavra anarquia tem vários sentidos. Dois que comumente utilizamos, um é na política como uma corrente política, uma corrente que implica haver sociedade sem estado, sem regras estatais, uma corrente política histórica que teve vários pensadores Bakunin, entre outros. Em português, anarquia, às vezes, assume outra conotação que não é essa conotação de corrente política, mas que significa falta de regras numa dada situação. São sentidos análogos. É por isso que dizemos que as coisas que estão sem regras estão anarquizadas. Foi nesse segundo sentido que utilizei; não no sentido de corrente política, mas



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 376 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A6	4	Paula	grupos org.	05.09	Cardozo	

no sentido de faltas de regras que são necessárias para que possamos ter alguma situação de consenso. Não vai aqui nenhum sentido, embora não seja anarquista, de rejeição às idéias políticas. Foi nesse sentido que utilizei a palavra.

Tem a palavra o Jean, do núcleo cultural .

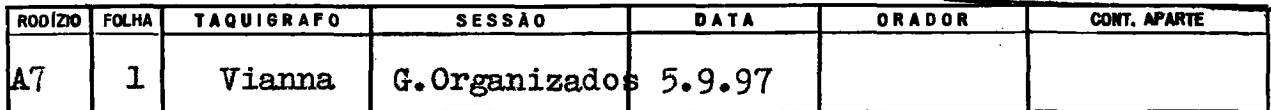
JEAN

O SR. _____ - Se generaliza a palavra

anarquia no sentido de bagunça. Para nós, anarquistas, a anarquia é a máxima expressão da ordem, é a verdadeira democracia onde existe a participação das pessoas nos pontos de vista político-sociológicos.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - A palavra ideolo-

gia também tem vários sentidos.



A Febem, não só por ouvir falar, mas até por ~~as~~ pesquisas que a gente precisou fazer, não passa de uma prisão juvenil, digamos assim. Agora, o estado geralmente usa determinados nomes, ou rótulos assim, ou até mesmo determinadas leis de forma pa-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 378 do Proc.
JN.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A7	2	Vianna	G.Organizados	5.9.97		

ternalista ■ para o povo trabalhador. Só que essas, no fundo, ■ ou não passam da conquista do próprio povo, pelo sangue do mesmo, ou então usam de certas organizações assim, ou rótulos, para ~~para~~ tampar uma coisa bem profunda. Até cai na questão da centralização. As pessoas que estão no poder, conhecem um pouco, têm uma visão curta das coisas e procuram tomar certas atitudes que tampam o buraco com peneira, vamos dizer assim; e não vão à raiz do problema. Por isso a gente não concorda com a forma de organização social que a gente vive e propõe a democracia direta.

. Só para complementar, ■ a questão da ação do estado frente aos grupos organizados, eu sempre vi como repressiva. Hoje a gente nem vê tanto isso porque a maioria das esquerdas se institucionalizou, ~~institucionalizou~~ optou pela linha partidária. Dessa maneira fica mais fácil de manter os grupos mais radicais, entre aspas, dentro do cerco estatal. Não vai expôr sua rebeldia, acaba a ação direta, acaba optando pela burocracia. Acho que era mais isso mesmo.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Valeu. Eu

só faço uma ponderação. A palavra "anarquia" tem esses sentidos, mas



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 379 do Proc. 1100 // do 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A7	3	Vianna	G. Organizados	5.9.97		

não é um privilégio, não é um problema dela. A palavra "liberal" também tem. Quando você fala que alguém é liberal, você pode estar sentindo o significado político da expressão, de corrente teórico-política do liberalismo, como Adam Smith e outros, como também pode ser alguém liberal de costumes, de posturas livres. Portanto, a palavra "liberal" em português também tem esses dois sentidos. A palavra "anarquia" também tem uma conotação política ideológica, e um outro significado que, a meu ver, não desmerece o anarquismo como corrente política, porque é uma corrente séria, com grandes pensadores, dos quais ~~me~~ discordo, mas que afirmo ser uma corrente séria e que muita gente séria participa dela. Isso não quer dizer, porém, que a mesma palavra não possa ter sentidos diferentes num mesmo universo linguístico, como a palavra "liberal".

O SR. _____ - Por isso que eu falei, a generalização do sentido que ela tem junto à massa. Nem todo mundo tem acesso à uma educação.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Sem dúvida, mas é um problema, infelizmente, da linguística, do idioma portu-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 380 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A7	4	Vianna	G.Organizados	5.9.97		

guês, que comporta vários sentidos. Aliás, havia um filósofo que dizia que a melhor forma de filosofar é em alemão, porque, no idioma alemão, normalmente você tem um sentido para cada palavra. Em português, infelizmente, não é assim.

Vamos prosseguir. "Ice Kid", é você? "Ice Kid After Black". Ah, eu pulei o Jean. Desculpe, Ice. É o Jean primeiro.

O SR. JEAN - Boa tarde ao pessoal que compõe a mesa, ao pessoal daqui. Eu queria fazer uma pergunta: por que não tem sanitaristas na periferia? As escolas não trabalham com esse programa. São poucas as escolas que trabalham nesse sentido, na periferia. As crianças na escola não estão aprendendo sobre sexualidade, sobre como se prevenir de vírus. Não há sanitaristas falando para elas sobre isso. Qual é a cronologia do estado, do município em relação a isso? Com isso tudo, aumenta o crescimento populacional. Na teoria de Malthus, ele dizia que deve deixar morrer quem tem que morrer, mas essa teoria só serve para quem é da periferia. Quem é da elite, essa teoria não vai servir.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 381 do Proc.
JUN 0 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A7	45	Vianna	G.Organizados	5.9.97		

A pergunta que eu tenho a fazer tem a ver um pouco com o governo federal, mas não tem nenhum representante aqui. Mas, se alguém puder responder, por que eles queriam diminuir a maioria para 16 anos? Eu tenho essa resposta, até sintto, mas eu queria que vocês respondessem.

Obrigado.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Obrigado, Jean. Agora, sim, o Ice Kid After Black, da JUNAC.


O SR. ICE KID AFTER BLACK - After Black é depois, após e sempre. Eu queria deixar formulado aqui: por que o sistema impede que nossas músicas cheguem aos ouvidos de todos? Vocês teriam medo de de repente estar encarando um grande inimigo? Porque a nossa música fala de pura realidade pura, da mais pura e sofrida. realidade vivida. Tanto que, ontem à noite, foram os escravistas e mataram um irmão lá na favela, e o irmão pediu pelo amor de Deus para não morrer. Ele não usava drogas, não fazia parte do ~~tráfico~~ tráfico; era um cidadão muito respeitado que morava lá na favela,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 382 do Proc.
J.º 0 11 de 1997
O Funcionário *SA*

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A7	6	Vianna	G.Organizados	5.9.97		

que Jah esteja com ele.

Então, [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 383 do Proc. 1111111111
de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
H-19	1	Camilo	Grupos org.	5/9/97	Ice kid.	

de repente, precisamos de um espaço bem grande, como a Metrô FM, uma rádio grande.

Assim, o rap nacional chegava no ouvido de todas as pessoas.

Hoje a repressão é tanta que o movimento hip hop, praticamente, é difícil de ser ouvido falar. É difícil ver os movimentos de rap, na rua, nas rádios e na televisão. Assim, faço a minha pergunta. Vocês não abrem espaço para esta música por que têm medo de debater com a gente vários assuntos por meio do rap?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço a sua pergunta. Depois, os debatedores estarão respondendo as perguntas, globalmente.

Zinho.

Tem a palavra agora o Sr.

Antes, digo que o professor Régis acabou de avisar que está preso, em Jundiaí, e não vai chegar a tempo. O professor vai conversar conosco para ver a possibilidade de uma outra data. Assim, vamos tentar trazê-lo, em um outro dia.

O SR. ZINHO - Boa tarde a todos.

Roger, o que você perguntou a mim, vai diretamente a você.

Nobre Vereador, está havendo uma confusão aqui, na banca de estudos. Foi por esse motivo que não tinha pedido o uso da palavra.

O mano me disse que estava aqui e não estava entendendo nada. Todos se levantam, fazem as propostas, falam aqui, falam ali, e não há resultado. Uns falam da



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 384 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
H-19	2	Camilo	Grupos organ.	5/9/97	Zinho	

FEBEM, outros falam da escola, de cultura. No dia 15, um outro dia, haverá o mesmo assunto.

Em vista disso, esclareço, em nome da turma do poder, do MTC, por meio da Câmara Municipal, por meio deste Vereador que temos ligação.

Não estou falando de política para ninguém. O Vereador é amigo. Nós nos conhecemos na PUC. Sua Excelência conheceu nossos problemas, ao explicarmos como funciona os grupos organizados. A Força Ativa também foi comunicada e chegou junto.

Estamos todos atrás de alternativas. Estamos escutando a realidade de cada lado, da Zona Leste, Zona Norte, Zona Sul e Zona Oeste. Temos, então, que botar o trabalho à frente.

Os resultados vão aparecer quando começarmos a trabalhar e nos entender, nos unindo por todos os lados. É revoltante o nosso lado. É difícil chegar, no microfone, falar, depois escutar, escutar e ir embora e ver que, depois, as coisas não vão acontecer.

Em nome do poder da Força Ativa, peço que esclareçam a nós mais esse projeto. Vejam o que podem passar para os grupos organizados, como união, estudo, cultura e educação, em primeiro lugar. Nossa ligação eu aprendi com o Força Ativa. Quero que nos expliquem a questão do MDC também. Por que estamos aqui, porque trago os manos aqui? Digo que tudo está para o alternativo. Afinal, viemos aqui para somar e não para dividir. Estamos cansados de dar e tomar socos e de ser humilhado,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 385 do Proc.
Un.º 0 11 de 1997
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
H-19	3	Camilo	Grupos organ.	5/9/97	Zinho	

Só queremos nosso espaço, mais compreensão e, acima de tudo, educação.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Valeu, Zinho.

Apenas reiterando o que o Zinho falou, nosso objetivo é exatamente ouvir todos os debates das pessoas com suas experiências. Depois, faremos um relatório, o qual dará margem a duas coisas que poderão ser feitas. Vamos apresentar projetos de lei, para ter ^{mes} uma política pública em relação à questão do jovem excluído e vamos mandar para outras esferas, como o governo federal e governo estadual, alternativas que ^{serão} discutidas aqui.

Há ainda três inscritos para falarem, a saber, o gnomô negro, o Djalma e o Rogério. Antes, falará o Presidente da FEBEM, pois seu limite de horário já está chegando.

O SR. - Pedi realmente a palavra, agora, pois terei que me ausentar. Não queria sair daqui sem deixar um rápido comentário e algumas observações muito interessantes que ouvi aqui.

Primeiramente, digo ao Ice ^{Kid} que concordo totalmente com ele. A música, o Rap, a manifestação de cultura, é uma linguagem que pouco estamos aproveitando. Com os ^{em} contatos com os meninos da FEBEM, sinto que eles têm uma forma típica de se expressar, talvez pelo gesto, pelo olhar, coisa que nós adultos não conseguimos alcançar. Contu-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 386 do Proc.
Un.º 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
H-19	4	Camilo	Grupos morg.	5/9/97		

do, temos nos esforçado para incentivar o máximo esse tipo de intercâmbio.

O Jam menciona uma polêmica. Deve-se rebaixar a idade da maioridade penal, dos atuais 18 anos para 16 anos? Deixo consignado minha posição, dizendo que sou, francamente, favorável à manutenção da idade de 18 anos para a responsabilização criminal. Digo que o jovem é credor de muitas coisas perante à sociedade. Assim, ele não pode ser punido e castigado, antes de ter recebido todo esse elenco de atenções. Então, ao rebaixarem a idade de maioridade para 16 anos, acho que só vai aumentar o fosso entre aqueles que precisam de atenção e entre aqueles que reclamam da questão da violência.

por
Agradeço a gentileza do Betinho ter me incluído entre os seus companheiros. Digo que também não pode existir a diferença entre ricos e pobres, no âmbito do direito, no âmbito humano, perante à divindade em quem eu acredito. Brancos e pretos, ricos e pobres, são todos literalmente iguais.

Digo que aceito a crítica da Sra. Lúcia. Realmente, depois que entrei, na FEBEM, fiquei um pouco mais prolixo, falo um pouco mais do que o necessário.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Ordem n.º 307 do Proc.
M.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
H20	1	Angela	GRUPOS ORGAN	05.9.97		

Vinte minutos talvez tenha sido um tempo exagerado.

Mas gostaria de dizer que infelizmente eu tenho, também, funções administrativas e muita gente viajou centenas de quilômetros para podermos decidir coisas lá na instituição. Então, eu me sinto muito incomodado de ver gente esperar e gostaria de dizer que tenho me esforçado para chegar nos compromissos na hora certa. De fato, se pudermos conversar mais, quem vai acabar lucrando sou eu.

Então, gostaria de propor que as próximas reuniões fossem realizadas no período noturno, porque a noite é uma criança e aí poderemos varar a madrugada conversando. É isso que é gostoso para todos.

Gostaria de dizer ao Zinho que entendi um pouco da preocupação dele de que devemos aproveitar ao máximo as reuniões para poder convergir as posições, que é isso que realmente faz o avançar não só do nosso trabalho como até do resultado dessas conversas. Precisamos procurar os pontos de convergência e é aí que se acentua o meu interesse maior.

Agradeço muitíssimo a atenção de todos, ao Vereador

~~José Eduardo Martins Cardozo~~ pela gentileza do convite e pela opor



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 388 do Proc. 11 de 1947
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
H20	2	Angela	GRUPOS ORGAN.	5.9.97		

tunidade de conviver com vocês. Sou o maior interessado em receber não só o extrato das discussões, como as propostas que serão feitas.

E gostaria de fazer um apelo final mais enfático: que vocês não hesitem em procurar qualquer unidade nossa da FEBEM para mostrar esse espírito de disponibilidade de querer conhecer, de querer ver, de querer ajudar. Não vamos pensar, e aqui uma última palavra ao Ice Kit (?), que mencionou um pouco da FEBEM da década de 70.

Hoje, a FEBEM tem de ser completamente diferente. Agora, ela vai ser diferente na medida em que todos nós pudermos trabalhar nessa direção.

Agradeço muitíssimo a atenção. Vereador, foi uma grande honra. Professora, também gostei muito de ouvi-la. ~~Estaremos juntos~~
~~Estaremos~~ Estaremos juntos na hora que vocês quiserem.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço ao Dr.

Eduardo. (Palmas.)

Temos, ainda, mais quatro inscritos.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

10 Rec.
11 de 19 97
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
H20	3	Angela	GRUPOS ORGAN.	05.09.97		


O SR. GNOMO NEGRO

- Todo mundo está cons-

ciente que o problema está aí.

Eu queria falar em nome da Turma do Poder, em nome do ~~XXX~~ Junaqex(?), em nome da Força Ativa, em nome do irmão ali. To-
dos nós estamos conscientes de que aí fora tem repressão, tem opres-
são, só que a gente quer uma solução. Chega de teoria. A gente
quer apoio, a gente quer força, porque o Hip Hop (?) ajuda a gente
a sair, ajuda a gente a estar vendo um tráfico de droga ali e se
você tem espaço para rap, se você tem espaço para grife vai desviar
do tráfico. A gente precisa de apoio.

A gente quer uma solução, porque o problema está aí.
A gente quer que os ~~XXX~~ Vereadores se conscientizem, que dêem um
apoio para a gente, dêem um apoio ao Movimento Hip Hop, porque o
problema é grande e só vai se resolver através da união, porque
o Estado continua criando crianças de rua, continua criando gente
que vai para as detenções, continua criando favelas, continua criando
do campos de concentração.

Enfim, a gente sabe, o que a gente quer é uma solução.
Falo em nome de todo mundo. Vou erguer o punho, aqui, em nome de
todos os meus irmãos. O que vocês podem fazer pela gente? A gen-



310
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 590 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE
H20	4	Angela	GRUPOS ORGAN.	05.09.97		

te quer espaço, espaço na periferia, a gente quer compreensão da parte de vocês, porque a gente sabe que o problema está aí e a gente quer uma solução, cara, antes que a Babilônia caia.

E outra, a gente quer, também, diminuir o carma do homem branco, porque o problema social vem da consequência da escravidão, porque se ~~h~~ não tivesse escravidão não teria, hoje, criança na rua, não teria hoje FEBEM, não teria hoje Carandiru, se ~~se~~ ele tivesse aprendido a respeitar o seu semelhante, porque ninguém é pior ou melhor do que ninguém, temos diferenças.

Um favelado, um preto é diferente do homem branco: os traços, a cultura é diferente e é essa diferença que o homem tem de aprender a respeitar. A gente quer apoio, a gente quer uma solução. O que vocês podem fazer pela gente?, pelos negros da periferia, pelos que se dedicam ao Hip Hop. A gente quer uma solução.

O que vocês podem fazer pela gente? A gente está precisando, na comunidade, de caixa amplificadora, a gente está precisando de segurança porque a Polícia está entrando na favela de madrugada e estupra as nossas irmãs, zoa todo mundo. Isso não vai assustar a gente, porque a gente está acostumado a conviver, mas



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 391 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
H20	5	Angela	GRUPOS ORGAN.	05.09.97		

isso assusta vocês, quando vocês vêem aquelas cenas de Diadema.

A gente está acostumado a conviver com isso todo dia. Todo dia a gente sente a repressão policial. Então, a gente queria apoio.

A gente está querendo cuidar de uma praça lá na Leste, querendo capinar a praça, querendo pintar a praça para fazer show de rua, para afastar os irmãos do tráfico de drogas, porque se você quiser se destruir na periferia você vai encontrar traficante para oferecer cocaína e pedra para vender, para você comprar um tênis bom, uma roupa boa.

A gente está a fim de uma solução. O que vocês podem fazer pela gente? A gente tem uma banda. Ali atrás tem um grupo de rap. O irmão ali, o mais gordinho lá atrás, também tem uma comunidade. Este aqui é o "Black Ex-Roger", cantor de rap. O cara é artista, só que a gente não encontra oportunidade. Tem mais grupo de rap aqui.

Se quiserem pagar a gente para gravar, se ~~quiser~~ quiserem financiar uma gravadora a gente aceita. Eu vou até cantar um pedacinho de uma letra para vocês ouvirem e verem que através da consciência dá para desbaratar muita gente do tráfico de droga.

Ouve aí. Ouve este som aqui. Faça o favor, Edson. Vem



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 392 do Proc.
Un.º 0 11 de 19 97
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
H20	6	Angela	GRUPOS ORGAN.	05.09.97		

cá. Então, ouve aí.

x - x - x

- Começa a entoar um "happ".

x - x - x

O SR. GNOMO NEGRO - A gente não quer ser igual ao sistema opressor. A gente quer oportunidade para o pessoal que está aí. Eu não vou cantar o happ inteiro porque tem muita gente para falar. Mas eu vou levar esse.

x - x - x

- Continua entoando o "happ".

x - x - x



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

UN.º 11 de 1992
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N1	1	L. Carlos	GRUPOS ORGAN.	05.09.97	Gnomonegro	(?)

- É entoada uma canção no estilo "rapp".

O SR. GNOMONEGRO (?) - (Após cantar o "rapp") - Solução, por favor! A "Turma do Poder", Junarc (?) e "Força Ativa" querem solução. Queremos uma solução!

Aí, me arruma R\$100,00 para eu tomar um café! (Risos)
É brincadeira!

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO (PT) - Valeu. Agradeço a intervenção.

Só mais três inscritos, rapidinho. Djalma. (Pausa).
Cadê o Djalma? (Pausa). O Djalma está dando entrevista!

Rogério.

O SR. ROGÉRIO - Depois do "rapp" que o irmão levou aí...

Bem, eu, particularmente, não estou entendendo muito bem o que a gente está fazendo aqui. Aqui, a maioria das pessoas faz um trabalho de conscientização na comunidade, tem um grupo organizado. A princípio, vim aqui porque acreditava que as pessoas aqui poderiam dar um apoio para esse trabalho que o pessoal faz. Só que a gente ouviu muito "blá-blá-blá", ouviu muita coisa, mas, assim, de prático mesmo, o que pode ser feito para dar um apoio a todos os grupos organizados? Todos os representantes de grupos organizados vieram para saber esse tipo de coisa, não é?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Qual é a idéia?



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 394 do Proc. 1110 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N1	2	L. Carlos	GRUPOS ORGAN.	05.09.97	J. Eduardo	

Temos oito sessões. Estamos na quinta. Quando terminar as sessões, os Vereadores que participam desse grupo vão se reunir e discutir ^{em} cima do que vocês falaram, para termos propostas. Vai haver briga entre nós, por que alguns acham uma coisa, outros acham outra, etc.

Eu, por exemplo, estou tirando várias propostas do que vocês estão falando. Uma das questões que ficou muito clara para mim é que temos que disciplinar o uso das escolas nos finais de semana, para atividades...

O SR. ROGÉRIO - Seria ótimo. Seria excelente!

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Certo? De que forma? Fazendo o "rapp" no final de semana, fazendo outras atividades no final de semana, porque é um espaço que fica vazio.

Agora, vou propôr para os outros Vereadores coisas desse tipo. Se passar, vai virar um projeto de lei. Um projeto de lei que pode ser obrigatório, na Cidade de São Paulo, a escola abrir, aos finais de semana, para vocês.

O SR. ROGÉRIO - Qual a possibilidade de ser aprovado esse tipo de coisa?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Não sei. Vai depender da luta da gente! Sabe por quê? Uma questão que ele fez aqui, agora há pouco, era a seguinte, ele perguntou: "O que que vocês podem



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 375 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N1	3	L. Carlos	GRUPOS ORGAN.	05.09.97	J. Eduardo	

fazer pela gente, e vocês políticos?"

Eu posso dizer: "Sozinho, nada! Absolutamente nada!"

O último super-homem que este País teve foi o Fernando Collor... Deu no que deu...! A gente só vai conseguir alguma coisa, se vocês se mobilizarem junto com as propostas. Então, por exemplo, se a gente fizer uma proposta dessas, de utilizar a escola nos finais de semana, eu sou um Vereador do PT aqui dentro; são 55 Vereadores; se o Prefeito Celso Pitta não quiser, a maioria não vai aprovar! A menos que vocês estejam comigo aqui, falando com cada Vereador, para pressionar a eles.

Quer dizer: esse grupo tem dois objetivos, que quero deixar muito claros: o primeiro, é estudar o problema. Eu não tinha essa idéia, antes de ouvir vocês. Comecei a ter pela colocação que foi feita aqui, na parte da educação. Tenho outras aqui que estou pensando também. Se isso for correto, e eu vou discutir com vocês as propostas, é uma briga que não é minha, não! É nossa! Vou me esforçar aqui dentro para aprovar, mas, se vocês não apoiarem essas propostas, moçada, não sai nada!

Lei sozinho não garante nada! Político sozinho não resolve nada! Político, quando muito, tem um espaço que vocês têm que utilizar, cobrar e pressionar, senão não sai nada! Então, no fundo, se vocês perguntarem para mim: "Você vai resolver o nosso problema?" Vou dizer: "Não! Sozinho, não!"

O SR. ROGÉRIO — Então, com licença,

quer dizer que você está se colocando à disposição de dar um apoio para esses grupos e lutar em conjunto com esses grupos?



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 396 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N1	4	L. Carlos	GRUPOS ORGAN.	05.09.97	J. Eduardo	

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - É isso!

Exatamente isso! Não só eu, mas tem outros Vereadores aqui que eu sinto isso também.

O SR. ROGÉRIO - Tem outros também que estão apoiando esse tipo de coisa?

O SE. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem, tem! Agora o que eu quero ver? Quero ver o que eu consigo fazer nesse campo dessas propostas. Tem Vereadores deste grupo de todos os partidos: tem três do PT, que é o meu partido; tem do PL, o Vereador Mohamad Said Mourad, que estava aqui; tem do PMDB, que estava aqui; tem um monte de gente. Nem todo mundo vai pensar igual. Então, aí começa a ser uma disputa que a gente vai levar se a gente estiver unido, tá?

E eu te garante: sozinho, eu, José Eduardo, não vou conseguir nada! E se a gente não se organizar, isso aqui pode ficar num "blá-blá-blá", sim! Pode sim! Ué! Porque o poder, gente, o poder! ele exige que as pessoas atuem em relação a ele. Nós não temos o poder. Eu participo do poder, mas não tenho o poder. Não tenho o poder para fazer na Cidade aquilo que eu gostaria de fazer. Quero falar muito francamente: não tenho! Sou Vereador, entre 55. Fui eleito, mas não tenho o poder que gostaria de ter! Vocês também não têm esse poder! Eu participo do poder. Vocês não. Mas vocês precisam participar disso, porque, se estivermos juntos, a população organizada reivindicando...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 397 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N3	1	valéria	grupos organ.	05.09.97		

exige que as pessoas atuem em relação a ele. Nós não temos o poder, eu participo do poder, mas não tenho o poder, não tenho poder para fazer na Cidade aquilo que eu gostaria de fazer. Quero falar muito francamente: não tenho poder, sou Vereador, entre 55, fui eleito, mas não tenho o poder que eu gostaria de ter. Vocês também não têm poder. Eu participo do poder, vocês não, mas vocês precisam participar porque se estivermos juntos, a população organizada reivindicando, pressionando, conseguiremos as coisas. Como é que os trabalhadores conseguiram os direitos que têm? A proposta que faço a vocês é muito clara: quero fazer algumas propostas que tenho a partir do que vocês disseram e vamos construir juntos, em um grupo em que eu não seja a pessoa que vai resolver porque eu não vou resolver nada sozinho porque não tenho poder - se tivesse, eu resolveria, mas não posso. Preciso de vocês para estarmos juntos organizadamente para fazermos as propostas que acharmos adequadas. É correto o assunto das escolas? Vamos tomar obrigatório o apoio do Município ao rap? De que forma? Dando subsídios, verbas? Vamos fazer, me disponho a fazer um projeto, mas não vou conseguir aprovar sozinho, garanto a vocês. Então, a proposta é primeiro ouvir vocês - estou aprendendo prá burro ouvindo vocês. Aquele indivíduo que acha que tem proposta acabada e que sabe de tudo é um idiota. Estou aprendendo muito nesses debates. Ouvi coisas que nunca imaginei em minha vida e vocês talvez



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 398 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N3	2	valéria	grupos organ.	05.09.97	zéduardo	

venham a ouvir coisas que nunca tenham imaginado em suas vidas. Precisamos nos inteirar porque se sair alguma coisa disso tudo a minha proposta é trabalhar em favor dos grupos organizados se eu achar correto. Pouco me importa o resultado a não ser que tenhamos algo em comum para levarmos adiante. É essa proposta que faço a vocês ao final de tudo. É isso. (Palmas).



A SRA. LUCIA - Vim apresentar uma proposta em relação a tudo que está sendo dito até agora porque perguntei ao senhor ~~xx~~ quais seriam as propostas mas não houve detalhes quanto a proposta. Uma dessas propostas que tenho é em relação aos grupos organizados se concentrarem em prédios públicos para levar mais conscientização e politização para as massas, porque é nos prédios públicos que as pessoas têm uma abertura maior. Gostaria de propor que um componente de cada grupo organizado que está aqui participasse dessa plenária, dessa reunião de vereadores porque você está falando que todas as propostas apresentadas vão ser encaminhadas aos outros vereadores sim, mas como podemos ter certeza disso se um representante de cada grupo não estiver. Precisamos dessa certeza. Apresento essa proposta também em nome da Elaine, Aline e de todos os grupos organizados presentes.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Olha, gostei muito da sua



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 399 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N3	3	valeria	grupos organiz.	05.09.97	zé eduardo	

proposta e acho o seguinte: não sou o dono do grupo, sou o presidente. Esse grupo tem um relator, vamos designá-lo, e será o vereador que fará o relatório. A minha idéia é sentar com ele, fazer o relatório e apresentar para vocês debaterem o relatório. Agora, o que vai sair do relatório não depende de mim, depende do voto de todos os vereadores. (aparte fora do microfone). Total, é claro, estamos garantindo isso, não sou obrigado a isso pelo Regimento Interno, mas vou fazer isso porque é o correto. A idéia é fazer um relatório de comum acordo com vocês. Primeiro temos de acabar tudo porque são oito mesas. Aí teremos um prazo para fazer o relatório. Vamos chamar o relator, vamos conversar, vou fazer essa proposta e dizer aos outros vereadores. Eu sozinho não posso fazer isso, se os outros vereadores não concordarem, sou voto vencido porque aqui a maioria de vereadores é que decide. Não sou o dono do grupo, mas, seja como for, acho que nenhum vereador vai fazer restrição a isso. Então, o que vamos fazer? Vamos discutir o relatório com vocês, com o representante de cada grupo, vamos fechar isso, vamos fazer o relatório de comum acordo e penso que não haverá problemas, e, se houver, vamos discutir, mas estou sentindo que não vai haver problemas porque venho sentindo uma disposição muito grande dos vereadores em elaborar isso. Vamos imprimir o relatório e vamos fazer o projeto de lei que acharmos correto, discutindo com vocês. (aparte fora do microfone). Veja, o que



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 400 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N3	4	valéria	grupos organiz	05.09.97	zé eduardo	

nós achamos correto. Nós vereadores achamos correto, vocês acham correto, quem será contra? Não estou entendendo.

A SRA. LUCIA - O fato de você estar dizendo o que vocês acham correto ou não...

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Nós, nós.

A SRA. LUCIA - Nós, enquanto grupos organizados, todos.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Nós, vocês e eu, nós, ou seja, o que nós, vereadores, achamos correto, em conjunto com vocês, grupos organizados. Exatamente. Estou falando, mas não estou garantindo porque eu não sou o dono do grupo. De repente, se a maioria dos vereadores acham uma coisa completamente diferente do que nós achamos - sou minoria - aí veremos porque disputa política se faz assim, por isso ~~que~~ nós precisamos discutir juntos, nós precisamos estar organizados para justamente tentarmos viabilizar as propostas que nós queremos. Porque nem todos os vereadores pensam igual - e não estou dizendo que eu penso certo e os outros pensam errado. Eu acho que eu penso certo se não não pensaria assim, mas cada um tem uma posição política diferente, tem gente de esquerda, gente de direita, de centro e nós vamos tentar costurar uma alternativa para a cidade de São Paulo. Agora, para isso eu preciso da colaboração



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 701 do 1997
O Funcionário [assinatura]

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N5	1	valéria	grupos organia	05.09.97		

de vocês, vocês precisam da minha colaboração e precisamos nos integrar e fazer um relatório que seja bom para os grupos organizados da cidade de São Paulo. E se fizermos isso já será um avanço. Também não estou garantindo que essa lei seja aprovada não, porque ^{há} outros vereadores, o Prefeito poderá vetar, é uma briga política. Agora, gente, só mudamos a sociedade se entrarmos em uma briga organizada. Eu sozinho não mudo nada, só sou um voto vencido aqui, mas...

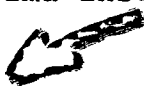


CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 402 do Proc. JNLo 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N2	1	beth	grupos org.	5.9.		

a sociedade tem de entrar em uma briga organizada. Eu, sozinho, não mudo nada. Sou bloco vencido, nada mais. Mas há um espaço que estou colocando à disposição de vocês. Por isso criamos o grupo, para usar o poder, para mudar o próprio poder. Ou seja, o poder, quando está à serviço da maioria da população, pode ser utilizado para mudar o próprio poder de minoria que oprime, que massacra, que escraviza, que marginaliza. É a proposta que estamos fazendo para vocês. Pegar essa fatiazinha de poder que temos para trabalharmos ~~XXXXXXXXXX~~ em conjunto. É isso. Tem a palavra ~~última~~ inscrita, Solange. Tem o Djalma, também.


A SRA SOLANGE

- Minha proposta é que seja estudada

a possibilidade de os grupos organizados terem um espaço garantido na mídia, no Estado, ação no Estado. Normalmente o que acontece no País e bem geral no mundo, quando as coisas não são boas elas são amplamente divulgadas. Então, se uma gangue ou um grupo fizer uma briga no final de um jogo todas as emissoras vão passar aquelas notícias diversas vezes no dia. Existem vários grupos ~~XXXXX~~ organizados fazendo um trabalho bom nas comunidades com crianças, com adolescentes e até com



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 403 do Proc.
UN.º 11 de 19 97
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N2	2	beth	grupos org.	5.9.		

adultos e ninguém fica sabendo! É uma proposta que se verifica a possibilidade - assim como uma época, não sei se existe a lei - os meios de comunicação tinham uma porcentagem de música nacional e música internacional, para estarem divulgando na sua programação pois eles divulgavam muito mais música internacional que nacional. Então, vemos a possibilidade de os meios de comunicação terem uma parcela da programação para estarem divulgando o que os grupos organizados fazem de bom. O que faz de ruim não precisa pedir, eles já divulgam para valer.

O SR JOSÈ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Excelente proposta,

só quero falar que a legislação que trata do espaço da comunicação em publicidade é federal. Quando muito poderemos mandar uma proposta para o Congresso Federal. Não temos condições de aprovar essa lei na Câmara pois aqui aprovamos leis para o município. É uma proposta muito interessante. Há uma legislação federal que garante que o legislativo tenha um espaço na televisão, como vocês estão vendo aqui. Nosso evento será transmitido. Isso não depende da Câmara, teremos de mandar



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 404 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N2	3	beth	grupos org.	5.9.		

a proposta para o Congresso Federal. Faremos isso. Está anotado e trabalharemos em cima disso.

Tem a palavra o Djalma, o último orador. ~~XXXXX~~ (Pausa). Temos um outro evento nessa sala e estão quase nos expulsando. Rapidinho.

O SR DJALMA

- Desejo falar sobre

a questão do Estado frente aos grupos organizados. O Estado tem como função organizar a sociedade política e administrativamente e juridicamente. O que acontece é que o Estado arrecada os impostos e usa o poder da forma que bem entende onde são excluídas a maior parcela da população. O Estado organizado tem dever com os cidadãos. Esses deveres o Estado não está cumprindo. ~~XXXXXX~~ Acredito que os grupos organizados deveriam se ater mais nas leis para estarem cobrando esses direitos que estão sendo delegados tanto na Lei Orgânica Municipal, na Constituição Estadual e na Constituição Federal. Poderemos centralizar forças para podermos estar cobrando políticas sociais básicas e não ficar



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 405 do Proc. JN.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N2	4	beth	grupos org.	5.9.		

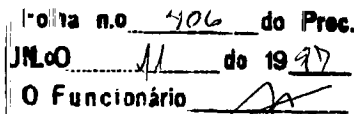
com discussões subjetivas como está se dando muito nos debates.

O SR JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOSO - Obrigado, Djalma.

Tem a palavra o companheiro.

O SR WEBER - Chamaram o meu nome

e eu não estava. Já que se fala em Estado, quando se fala em Estado engloba a questão das políticas públicas. Estava analisando a questão das políticas públicas, englobando o Estado, lógico, aí nisso vou englobar a ~~XXXXXXXXXXXX~~ questão do projeto que estamos fazendo que é "Vamos ler um livro" que é uma das necessidades que temos e que é o fato de não termos uma biblioteca do Estado em nosso bairro. O motivo desse projeto seria esse, pela falta da biblioteca. Queria saber sua opinião e gostaria de saber se ~~XXX~~ vai haver uma prática disso tudo pois estamos fazendo uma série de cobranças. A nossa perspectiva é que as coisas se realizem. Gostaria de saber se é possível estar lutando por uma ~~XXXXX~~ biblioteca do Estado também. O projeto que estamos fazendo



é um problema do Estado. Biblioteca da Prefeitura pode ser implantada, estava pensando em outra coisa que precisaríamos debater com calma na hora do relatório, Por que não estabelecemos o programa "Vamos ler um livro?" para a Cidade de São Paulo inteira? Pegaríamos um conjunto de livros que seriam fornecidos pela Secretaria da Cultura e poderíamos fazer publicidade incentivando as pessoas ,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 407 do Pres.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-4	1	Idelci	Gr.Organizados	5.9.97	JEMCardozo	

Uma campanha para fazer um livro, incentivando as pessoas a lerem: vamos ler o primeiro livro. Achei muito interessante, mas não tenho claro como deve ser essa campanha. Vou discutir com vocês. Acho que podemos fazer um projeto de lei, para uma campanha que se realize em alguns meses por ano, sei lá. Temos que discutir. Não tenho claro como é que seria, mas seria uma campanha para a cidade inteira. Poderíamos discutir isso e apresentar como proposta da gente. Ao invés de a campanha atingir um bairro só, a campanha "Vamos ler um livro" será para a cidade inteira.

O SR. _____ - Falei em Cidade Tiradentes, mas quero lembrar que há vários bairros...

O SR. JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO - Vários bairros da periferia. Então, por que a gente não institui o programa "Vamos ler um livro" para a cidade inteira? Temos que encontrar uma maneira de os jovens participarem disso. Qual a maneira de incentivar? Não sei. Talvez dando um prêmio, sei lá. Tenho que sentar com vocês para discutir isso. Acho que é uma proposta muito interessante. Foi uma das que anotei ao longo dos debates.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 408 do Proc.
N.º 11 de 1947
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CORR. APARTE
N-4	2	Idelci	Gr.Organizados	5.9.97		

O SR. _____ - Foi falado também do projeto de uma biblioteca municipal. Já teve um projeto assim. Era uma biblioteca volante, que ia de mês em mês lá.

O SR. JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO - Foi no governo da prefeita Luíza Erundina. Era um ônibus que ia aos bairros.

O SR. _____ - Então. Aí não era viável.

O SR. JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO - Acho que era viável. Vamos pensar nisso. Podemos fazer outro projeto, ou voltar a isso. Mas podemos fazer alguma coisa mais forte, uma campanha "Vamos ler um livro", incentivando o pessoal a ler um livro.

O SR. _____ - Desde que seja para nós da classe menos elitizada...

O SR. JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO - É claro. Rico pode comprar livro. A campanha é para a periferia.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 409 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-4	3	Idelci	Gr.Organizados	5.9.97		

O SR. _____ - Legal! Valeu!

- Manifestação fora do microfone.

O SR. JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO - É por aí. Tem a palavra a Profª Marta, para a palavra final.


A SRA. MARTA - Este debate teve grandes momentos. Mas um momento fundamental foi quando foi colocada a necessidade da atuação política da pressão, para que se transforme em projetos viáveis.. Sabem de uma coisa? A burguesia consegue as coisas, não só porque tem dinheiro, ficando simplesmente na sua casa no Morumbi, usufruindo do seu dinheiro; mas , fundamentalmente, porque desdobra isso em ação política. Faz com maestria o "lloby" político. Então, é por isso que as coisas acontecem. Na verdade, a juventude, a população pobre, deve pressionar, fazer também o seu "lloby", para que as coisas se desdobrem em soluções concretas. Era isso que eu queria falar.

O SR. JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO - Professora, agradeço a sua presença e sua contribuição. Na próxima reunião, a 6ª Mesa, o tema se-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

410
Folha n.º 410 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-4	4	Idelci	Gr.Organizados	5.9.97	JEMCardozo	

rá "Saúde e os Grupos Organizados". Quem vai participar? Dr. Ricardo Galhardo, a Deputada Federal Marta Suplicy e a psicóloga Maria Rebeca Campos, do Depais da Universidade de São Paulo. Vai ser no dia 15 de setembro de 1997. Vamos, então, encerrando o nosso debate. Não esqueçam da 6ª Mesa, no mesmo horário, neste salão. Muito obrigado. Até a próxima.



74, p. 235
Câmara Municipal de São Paulo

ATA DA 68ª REUNIÃO DA COMISSÃO DE ESTUDOS (CRIADA CONFORME RPP 001171/977) SOBRE "GRUPOS ORGANIZADOS" QUE VÊM ATUANDO NA CIDADE DE SÃO PAULO - PRIMEIRA SESSÃO LEGISLATIVA DA DÉCIMA SEGUNDA LEGISLATURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

15/09
Aos quinze dias do mês de setembro de mil novecentos e noventa e sete, às 14:00 horas, 82 andar, no Salão Nobre, realizou-se a sexta reunião sobre a Comissão de Estudos criada para analisar e deliberar sobre o evento dos Grupos Organizados que vêm atuando na cidade de São Paulo. Sob a presidência do Vereador José Eduardo Martins Cardoso, e na presença dos Vereadores Roberto Trípoli, Ana Martins, Henrique Pacheco, Osvaldo Enéas, Mohamed Said Mourad, Devanir Ribeiro, José Silva Amorim, Aurélio Nomura, Cosme Lopes, iniciaram-se os trabalhos. Tema debatido: "SAÚDE E OS GRUPOS ORGANIZADOS". Compondo também a Mesa, a senhora Doutora Elisabete Gonçalves (representante da Deputada Marta Suplicy), Doutora Maria Rebecca Campos (do Grupo de Pesquisa e Orientação Sexual-Psicologia-USP-HEPAIDS), Djalma (do Núcleo Cultural Força Ativa), que após as várias considerações iniciais, foi aberto o debate, pelo presidente, entre a Mesa e a plateia, do qual participaram: Weber Lopes, Jean, Milton Júnior (assessor da Vereadora Ana Martins), Zinho, Marilu Pereira, Ice Boy, Carla Cassado, Lúcia Helena Santos e outros. Presentes, também, assessores dos vereadores-membros desta Comissão e de outros vereadores, além de vários membros dos Grupos Organizados "Turma do Poder" e



Câmara Municipal de São Paulo

"Núcleo Cultural Força Ativa" e outros. As notas taquigráficas com a íntegra de todos os pronunciamentos, que é parte integrante do processo, encontram-se arquivadas no âmbito desta Comissão. E para constar, eu, Arão Martins dos Santos, laurei a presente ata que, lida e achada conforme vai assinada pelo senhor presidente e demais membros presentes e por mim subscrita.

José Eduardo M. Cardoso:.....
Presidente

Roberto Trípoli:.....

Ana Martins:.....

Henrique Pacheco:.....

Oswaldo Enéas:.....

Mohamad Said Mourad:.....

Devanir Ribeiro:.....

José Silva Amorim:.....

Aurélio Nomura:.....

Cosme Lopes:.....

Arão M. dos Santos:.....
Secretário



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA
DT. 10

SEM REVISÃO

GRUPOS ORGANIZADOS

6º) TEMA: "Saúde e os Grupos Organizados"

15/09/97

Reunião realizada no Salão Nobre Presidente João Brasil Vita da
Câmara Municipal de São Paulo em 15 de setembro de 1997.

Solicitante: Sr. Vereador José Eduardo Martins Cardozo

(Memo. 008 e 014/97)

Secret. Arão Martins



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N42	1	Idelci	Grupos Org.	15.9.97		

O SR. JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem início a 6ª Mesa do grupo de estudos relativo aos Grupos Organizados. Esse grupo de estudos foi constituído pela Câmara Municipal de São Paulo, com o objetivo de analisar a questão dos Grupos Organizados da cidade de São Paulo, buscando alternativas de políticas públicas em relação aos jovens excluídos desta Cidade. Está presente, aqui ao meu lado, o nobre Vereador Henrique Pacheco, da bancada do PT, que também integra esta comissão. Os demais vereadores, que também integram, ao longo dos trabalhos deverão comparecer. Gostaria de chamar à Mesa os nossos debatedores de hoje. Em primeiro lugar, a Dra. Elisabete Gonçalves, que representa a Deputada Federal Marta Suplicy, neste debate. Chamo também a Dra. Maria Rebeca Campos, que é psicóloga do Nepais da Universidade de São Paulo. Gostaria de afirmar que estamos aguardando a presença do Dr. Ricardo Calhar, que é membro do Conselho Municipal de Entorpecentes, o Comen. Observo que todas as nossas sessões são gravadas, com o objetivo de que possamos, na somatória de tudo que foi objeto da discussão nessas sessões, fazer um relatório final, apresentando as propostas deste grupo de trabalho. O relator da comissão, Vereador Henrique Pacheco, já está coletando este material, para apresentar à cidade de São Paulo as conclusões deste grupo de estudos. Pondero, ainda, que a TV São Paulo, que



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

folha n.º 11 de 13 97
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N42	2	Idelci	Grupos Org.	15.9.97	JEMCardozo	

transmite os eventos da Câmara Municipal de São Paulo também gravará esta Mesa de hoje à tarde. Portanto, teremos a transmissão pelo canal da TV a cabo, das sessões e dos debates que aqui se realizarão. Sem maiores delongas, tem a palavra a Dra. Elisabete Gonçalves, que representa a Deputada Federal Marta Suplicy, do Partido dos Trabalhadores.

A DRA. ELISABETE GONÇALVES - Boa tarde. Sou Elisabete Gonçalves, faço parte do grupo de pesquisa e orientação sexual. Vou pedir um esclarecimento sobre o tempo.

O SR. JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO - Os expositores têm utilizado 20 minutos. Fica a seu critério, utilizar todo esse tempo, sem problemas.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO - Vamos então fazer uma inversão, na disposição. Vamos começar com a exposição da Dra. Maria Rebeca Campos, psicóloga do Nepais da Universidade de São Paulo.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 415 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N42	3	Idelcim	Grupos Org.	15.9.97		

A SRA. MARIA REBECA CAMPOS - Fiquei pensando sobre o que poderia falar de mais interessante. Vou tentar resumir algumas idéias, porque sei que é um debate, vão ser feitas perguntas. Aí poderei responder o que vocês quiserem. Inicialmente vou contar um pouco do que eu faço para vocês saberem quem eu sou; e um pouco do que eu penso, para os interessados fazerem perguntas. Trabalho no Nepai, que é o Núcleo de Estudos e Prevenção da AIDS, da USP e, particularmente, trabalho com adolescentes. Uma das coisas que fui vendo, ao longo do tempo e dessa experiência com AIDS, é que não adiantava nada dar palestras sobre AIDS. Chegar num lugar e ficar falando como se pega ou previne, não adiantava nada. Hoje em dia, todo mundo sabe como é que se pega AIDS. Se perguntar aqui, qualquer um vai responder é por sexo, sangue e drogas. Todo mundo sabe como é que se previne: usando camisinha, não usando agulha de outra pessoa, usando agulhas descartáveis na coleta e transfusão de sangue e testando o sangue. Muito bem. Isso todo mundo já sabe. O que a gente foi vendo, ao longo do nosso trabalho, era que, apesar dos riscos, o pessoal não usava camisinha. Todo mundo sabe que tem que usar, mas ninguém usa, porque acha "um saco" usar camisinha. Fomos percebendo que devíamos fazer alguma coisa que discutisse o fato de "ser um saco" usar camisinha, para as pessoas mudarem de opinião e começarem a usar.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 416 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N42	4	Idelci	Grupos Org.	15.9.97	Rebeca	

Aí a gente montou uma coisa chamada intervenção. São encontros com adolescentes, em quatro noites ou quatro dias, perfazendo 12 horas ao final, em que se discutia uma série de coisas sobre sexualidade. Fomos vendo que o que impedia as pessoas de usarem camisinha, não era o fato de não saber que AIDS não pega com camisinha, mas uma série de outras coisas sobre a sexualidade. A gente foi percebendo que ~~é~~ muito mais fácil transar do que falar sobre transar. Para começar é muito mais fácil realizar o ato do que sentar com a pessoa, conversar com ela, pedir para usar camisinha. Há uma série de ~~k~~ coisas envolvidas. Às vezes a parceira pode achar que você a está traindo, é meio "ganhãozão", tem toda a vida toda e, agora que vai ficar com ela, tem que usar camisinha. Ou ela pode pensar que você acha que ela é "galinha" e por isso você quer usar camisinha para se proteger. Com as meninas, então, é mais complicado, ainda. Falar sobre o assunto já é um tabu. Ao transar, você sempre fica pensando: "o que será que ela está achando de mim?" As meninas acham, porque as meninas, apesar de tudo, ainda são criadas para serem virgens. ~~_____~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 4/7 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N43	1	Idelci	Grupos Org.	15.9.97	M ^{te} Rebeca	

E quando se excede, fica imaginando: "O que esse cara está achando de mim?" E, ainda ter que pedir para o cara usar camisinha, ter que conversar sobre o assunto? Não é fácil. Na teoria, parece, mas na hora "H" é muito difícil. Então, essas intervenções que a gente fazia, com um grupo de 20 adolescentes, era justamente para conversar sobre todos esses assuntos: superar preconceitos, quebrar tabus, discutir o que significa usar camisinha, prevenir a AIDS, para que as pessoas, saindo dali, pudessem usar. Só que esse trabalho, que era feito no Centro, nas escolas, com o pessoal do período noturno, acabou indo para o lugar onde eles moravam. Eles gostavam tanto do trabalho, que a gente acabava indo fazer no local onde eles moravam: nos cortiços, favelas etc. Daí nós pesquisadores, trabalhando mais, fomos descobrindo outras coisas mais complicadas do que a questão da sexualidade, que, por si só, já é supercomplicada. Fomos descobrindo outras coisas. Primeiro, que o pessoal com que a gente trabalhava podia morrer de muitas coisas, dentre as quais a AIDS representava a menor coisa. Estou falando isso porque acho que tem muito a ver com o público aqui presente, com a realidade daqui. Era um pessoal que, com uma pneumonia forte, não encontrava hospital ou posto de saúde para se tratar. Tinha que ficar horas em fila, para conseguir um atendimento que nem sempre era bom; para ser-lhes passado um



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 418 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N43	2	Idelci	Grupos Org.	15.9.97	M ^a Rebeca	

remédio, que nem sempre era conseguido de graça e nem sempre eles tinham "grana" para comprar. Essa pessoa, a qualquer momento podia perder o lugar em que morava, podia ir para a rua. Essa preocupação era muito maior do que a AIDS. Era um pessoal que podia morrer, voltando do trabalho, preso pela polícia; podia morrer, saindo da escola, pego por ladrões. Era um pessoal que poderia morrer a qualquer momento ou de qualquer coisa, porque falta-lhes tudo: saúde, moradia, segurança. Falar de AIDS, de usar camisinha, soava como papo furado. "A AIDS é o que menos pode me matar", dizia um. "A única coisa de prazeroso que posso fazer na vida é transar, que é de graça; você vem dizer para usar camisinha? Chupar bala com papel?", argumentavam outros e vejo que têm razão. "Esquece, cara; não vou usar, mesmo". Diante disso falei para eles: "Tudo isso é verdade; mas não dá para pegar AIDS. Alguma coisa tem que ser feita. O que a gente pode fazer?" Aí foi muito legal o curso que esse trabalho tomou. A gente começou a falar de sexualidade, não só como um fator nosso, que tem milhões de questões para tratar, mas como um ato social e político. Daí ficou bem mais interessante, porque a sexualidade é um âmbito da nossa vida, para o qual não precisamos reivindicar nada para a sociedade. Para ter melhor Saúde, é preciso brigar para ter e sabemos que não é fácil conseguir. Sabemos de todas as complicações



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 711 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N43	3	Idelci	Grupos Org.	15.9.97	M ^{te} Rebeca	

do sistema, que rouba dinheiro da Saúde, todas as confusões que existem. Se se quer melhor Educação, temos que brigar para ter. Há milhões de instâncias da sociedade com que tem-se que tratar. Tem-se que organizar, ter líderes. Com a habitação, a segurança, a mesma coisa. Sexualidade, não; basta você e a parceira. Não tem que arrumar, organizar, depender dos outros; é você e a parceira. E você pode fazer, vencendo uma série de questões pessoais, que todo mundo tem; conhecendo algumas coisas, tudo bem. Por exemplo: muita gente acha que sabe usar camisinha, mas não sabe. Se não souber, a camisinha estoura, fura, arrebenta, a transa não é legal. Partindo do pressuposto que é fácil falar sobre sexualidade, com você, se você já aprendeu a usar camisinha, sobra você e a parceira, ou parceiro. Aí, é um ato seu, de prevenir e viver. Aos poucos fomos vendo e ensinando que quem tem que se incomodar se a gente vai sobreviver ou não, é a gente mesmo. Grupos organizados que lutam pelos seus direitos, só atrapalham altas instâncias da sociedade. Se esse pessoal morrer, é para o próprio povo que esse pessoal faz falta. Então, usar camisinha e sobreviver, ficar vivo para brigar pelo resto, para dizer que está aqui, que pode proteger-se, significa dizer que não vai morrer de AIDS, porque ao menos nisso podemos nos proteger. E as autoridades vão ter que me dar, sim, Educação, Saúde, moradia etc.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

420
Folha n.º 420 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N43	4	Idelci	Grupos Org.	15.9.97	Mª Rebeca	

Vou sobreviver e vocês vão ter que me proteger, porque faço parte dessa sociedade, também. Usar camisinha e viver, acaba tornando-se um ato de cidadania, um ato político, Ficar vivo representa continuar a brigar pelos seus direitos. Se eu morro, facilito para o resto da sociedade. Sou briguenta, tenho alento para brigar, graças a Deus. Se estou brigando por uma série de coisas, tenho que sobreviver. A sexualidade ainda é o campo em que posso sobreviver por mim mesma, sem depender de ninguém. É por isso que ela é importante. É por isso que tenho que me prevenir contra a AIDS, para sobreviver e poder brigar pelo resto que é direito meu. Quando o trabalho com os adolescentes no Centro de São Paulo tomou este rumo, eles perceberam o quanto era importante o ato sexual, até para sobreviver. Quando fui convidada para vir aqui falar,

~~_____~~)



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 421 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-44	1	Denise	Grupos Org.	15.9	MARIA REBECA	

...uma das coisas que pensei foi isso: será que essa galera que está lá sabe disso? Será que já pararam para pensar alguma vez que usar a camisinha pode fazer com que permaneçam para brigar ~~com~~ por aquilo que querem? Às vezes, não temos isso somente. E foi por isso que pensei em falar. ~~com~~

Não posso discutir com vocês questões pessoais de cada um sobre sexualidade para que fique fácil vocês adquirirem esse hábito de se proteger da AIDS, mas posso dar algumas dicas de como se usar a camisinha, porque acho que às vezes as pessoas não sabem e morrem de vergonha de perguntar. Outra coisa que já percebi nesses debates é que as pessoas perguntam sobre tudo, mas levantar a mão e dizer que não sabe usar muito bem a camisinha, ninguém pergunta, porque depois a galera cai matando. Eles dizem: "Você não sabia, não faz". Sendo que o cara que está caindo matando também não sabe, ele não teve coragem de perguntar.

Então, antes que ninguém pergunte, eu conto. É o seguinte: Tem coisas que precisa reparar na camisinha, como em qualquer outro produto que se vai comprar ou pegar num posto de saúde. Primeira coisa é olhar se a camisinha tem prazo de validade, é de dois a três anos. Se estiver fora desse prazo, não adianta usar, porque a chance de romper é grande e não adianta ter todo esse ato de conscientização de



350
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 422 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-44	2	Denise	Grupos Org.	15.9.	Maria Rebeca	

usar para sobreviver e brigar pelos direitos se ela romper. Então, camisinha tem prazo de validade.

Segundo, ela não pode ficar em lugar que tenha atrito, nem que es quente. Então, usar dentro da carteira é a maior roubada, porque pode furar. Você cai nessa armadilha, porque põe dentro da carteira. Camisinha deve ficar guardada dentro de algum lugar em sua casa e no dia que achar que irá usar, põe na carteira. Ela fica pouco tempo na carteira. Se você pensar que vai deixar na carteira para o dia que pintar um mina, não dá certo, porque ~~ela~~ rompe mesmo.

No dia que você for usar, pega a camisinha e veja se tem ar dentro dela, do pacotinho. Isso tudo é antes, porque na hora não se pensa em nada disso. É preciso ver se dentro do pacotinho tem ar, se tiver, pode usar, mas se não, ela já rompeu, já furoi o pacote de fora e a ~~camisinha~~ pode ter rompido a camisinha dentro é grande também. Então, não use.

Na hora, você não pode romper o pacote com o dente, nem com tesourinha. Tem gente que gosta de dar uma de gostosão e arranca com dente. Pode-se furar o látex junto e não tem como perceber, porque são furos muito pequenos. É só abrir com os dedos, é fácil e rápido.

A camisinha tem direito e avesso. Pedi para a Eliane arran-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 423 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-44	3	Denise	Grupos Org,	15.9	Maria Rebeca	

jar para mostrar. Alguém pode me emprestar? (Pausa). Obrigada.

Para ver se tem ar, deve-se apertar. Se não tiver não dá para usar. Traz aqui que já te digo. (Pausa). Dentro da carteira não pode se tiver ^{mais} do que um dia, não pode usar mais. Você pode usar até hoje à noite.

Trabalho com AIDS há sete anos, sei abrir camisinha, mas esta está difícil. Essa outra abriu. Se vocês pegarem uma difícil, troque quem. Olhem aqui, estão vendo o círculo dela? Toda camisinha vem assim redondinha, com esse círculo. Se essa parte de cima estiver passando por baixo e saindo, está no lado direito. Se está ~~ap~~ passando por ^{fora} ~~dentro~~ do círculo, está errado. Por quê? Quando começar a descer, o círculo estará grudado no pênis e no meio do caminho não desce mais, vai começar a pegar uns pelônhos e dói ~~par~~ muito. E a camisinha não vai descer mais e você vai ficar olhando para a menina e dizendo: "Espera um minuto, já vai". Você tenta descer mais não vai. Então, terá de tirar e começar de novo, será a maior brochada da paróquia. Não faça assim, é o contrário. Tem o círculo aqui, ela passa ~~por~~ baixo e sai, Esse é o lado direito, o círculo estará por fora da camisinha e vai até o final.

Para colocar, todo mundo sabe, tem de apertar em cima para tirar o ar, porque senão na hora que você goza, tem ar dentro e estoura



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 227 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-44	4	Denise	Grupos Org.	15.9	Maria Rebeca	

a ponta da camisinha, porque o teu gozo ficará aqui, pressionando a ar
que estoura a camisinha. Agora, tem uma galera que gosta de pegar essa
ponta e enrolar. Não façam isso porque pode dar uma rompida de leve
e estragar. Então, dá só uma apertadinha assim e desce.

É legal deixar um pouco desse círculo na base ~~do~~ do pê-
nis, porque ajuda a segurar a camisinha lá dentro. E a última coisa,
tem gente que gosta de ~~de~~ gozar e ficar lá dentro um pouquinho namo-
rando, dando beijinhos na mina. Se for ficar, pode, é a preferência
de cada um.

~~_____~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 425 do Proc. 11 da 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N45	1	Marcia	Grupos organ.	15.9.97		

Só que não deixa amolecer o pênis lá dentro, porque daí a camisinha cai, que a camisinha é muito maior do que o pênis mole. Então, na hora de ver que está começando a amolecer, tira de dentro da menina, e daí não cai. Acho que era isso que eu tinha para falar, depois se vocês quiserem perguntar mais coisas, tem um monte de coisas que eu posso falar, de coisas que apareceram nesses meus encontros com esses jovens, sobre cidadania, sobre isso que eu falei; sobre o ato sexual ser um ato político, e ~~mas~~ sobre outras coisas até pessoais, de não gostar de conversar, de questões de ser o garanhão ou ser a galinha, ter desconfiança ou não. Tem uma porção de coisas que eu poderia falar mas acho que não é questão de me estender. Então, se quiserem perguntar depois, estou às ordens. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço à Dra. Maria Rebeca Campos, do NEPAIC, da Universidade de São Paulo. E peço agora à Dra. Elizabeth Gonçalves, que representa neste debate a Deputada Marta Suplicy, do PT, que faça uso da palavra.

A SRA. ELIZABETH GONÇALVES - Bom, para quem chegou



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 726 do rec.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N45	2	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

agora, sou do Grupo de Trabalho, Pesquisa e Orientação Sexual, que é uma ONG, uma Organização Não-Governamental fundada em 1987; estamos fazendo dez anos. Eu estava querendo ouvir um pouco a Rebeca, porque não sabia o que exatamente a gente iria conversar, o que seria melhor, nós duas conversarmos com vocês.

Eu queria pegar um aspecto do trabalho, que é o seguinte: quando o GTPOS fundou, quando a gente resolveu fazer uma ONG, o que a gente pensava naquela época era: como a gente poderia abrir um espaço dentro da escola, para que todos os alunos pudessem conversar livremente, abertamente sobre sexualidade; sexo, relacionamento afetivo, Aids, prevenção de doenças, todas as dúvidas, curiosidades, preconceitos que envolvem essa coisa do transar, de namorar, de ficar; todas essas questões são muito importantes para todos nós. Desde pequeninhos a gente faz muitas perguntas em relação à sexualidade: de onde eu vim, para onde eu vou, o que é que pode, o que não pode. Então a gente queria que os professores das escolas, que já vinham conversando com vocês, pudessem ter uma formação, pudessem ter um espaço para eles estarem conversando sobre sexualidade e fazendo grupos com adolescentes, com jovens, com crianças desde pequeninhas até colegial,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Ordem do Dia 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-45	3	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

até a universidade, que no final acaba discutindo também. Onde eles pudessem trocar idéias, os alunos pudessem trocar idéias com os professores, pudessem fazer pesquisa, discutir valores, preconceitos, enfim, fazer uma reflexão sobre quais são as dificuldades que a gente enfrenta para se relacionar com as pessoas de quem a gente gosta, para ficar, namorar, sem correr o risco de ter uma doença como Aids ou uma doença sexualmente transmissível, ou a gravidez.

O que eu queria propor para vocês hoje aqui é o seguinte: na verdade, esses espaços de a gente ter grupos como vocês organizados, pensando na sexualidade, ainda são pequenos. A gente ainda tem pouco espaço, que eu vejo, para estarmos juntos discutindo sobre o que vocês estão vivendo. O que aparece na mídia hoje em dia, na televisão, que a gente ouve, são informações, como a Rebeca falou, que tem que usar camisinha, por exemplo. Mas o que vale para nós é: como a gente está fazendo para usar, se está dando para usar, se não está dando, se a camisinha estoura ou não, tem uma série de dúvidas que tem aí, que a gente acaba ficando com elas sozinha. E é como a Rebeca colocou: na hora H as coisas não estão acontecendo como a gente gostaria. A idéia que eu traria para



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 428 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-45	4	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

vocês é a seguinte: tem um projeto no GTPOS, que hoje a gente está fazendo, e que o NEFAC também, de certa forma, trabalha muito com isso, que são: a gente organiza grupos na comunidade, dentro da sua escola, no seu bairro, e a gente começar a solicitar, tanto das escolas, como do Governo, como do GTPOS que é uma ONG só voltada para isso, que é vocês poderem ter uma orientação, uma discussão e acesso aos serviços.

É assim; o que nós vamos fazer hoje é: vocês, dentro das escolas, a gente precisaria saber se na escola onde vocês estão, no bairro onde estão, será que tem orientação sexual? Se não tiver, a gente poderia solicitar lá que tivesse um espaço para vocês conversarem sobre sexualidade. A partir daí, vocês juntos poderiam conhecer no bairro o serviço de saúde que existe lá, e se há atendimento para adolescentes ou não, porque é um direito de vocês discutir sexualidade dentro da escola, e ter, no atendimento à saúde, um atendimento ao adolescente. Lá a gente poderia ver: será que tem grupos lá para atender vocês? Será que se precisar de um preservativo, uma camisinha, tem camisinha no posto de saúde à vontade? Ou vocês vão ter que comprar? E se não tiver, a gente vai ter que se organizar para que, através do Ministério da



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 429 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APANTE
N-45	5	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

Saúde, através dos centros de referência da SPAIDS(?), essas camisinhas, esses preservativos cheguem nos postos de saúde onde vocês estão. Começando a discutir, num grupo de amigos que vocês têm ou no grupo de vocês mesmos, dentro da escola, com as pessoas do bairro, vocês podem conhecer os serviços, levar a proposta para os grupos lá da escola. E o que nós vamos oferecer hoje aqui é: o GTPOS, na verdade, o que a gente tem a oferecer é; projetos onde vocês podem conversar muito com a gente, como este: "Trance esta rede", que é um projeto que o GTPOS desenvolve só com adolescentes e jovens de 13 a 22 anos, onde os adolescentes vão, tanto de escolas particulares quanto públicas; vocês chegam, se inscrevem para conversar. Aí a gente faz uma oficina de "Sexo Protegido", mais ou menos no estilo do que a Rebeca falou; ela já participou também. Tem cinco ou seis encontros onde a gente faz uma geral de todas as dúvidas, dificuldades, o que mais vocês gostariam de conversar. A partir daí, vocês podem continuar trabalhando com esses grupos, e aí você pode formar um multiplicador. Você aprendeu um monte de coisas, como é que você vai passar para a frente? Nesse momento, no "Trance essa Rede", esses meninos fizeram uma cartilha; teve meninos que fizeram uma peça de teatro; outros fizeram uma música.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-45	6	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

Tem grupos, lá na comunidade de Heliópolis, que estão atualmente
trabalhando muito com o pessoal da favela de lá. E aí você vai
construindo



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Reunião n.º 12 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-36	1	Vera	Grupos org.	15.9.97*		

a sua linguagem. O que importa para nós é: vocês já sabem muita coisa. Vamos saber mais. Então, nós vamos trocar, para que não haja dúvidas. Porém, uma das questões mais sérias, mais difíceis é na hora do preconceito. É se menina pode trazer camisinha e ele agüentar a barra de muitos meninos acharem que ela é galinha porque ela trouxe a camisinha. Será que esse valor está ajudando a gente a se proteger ou ele acaba atrapalhando muito? Porque a menina pode ajudar o menino na hora de colocar o preservativo. Na hora de estarem namorando, ela trazer a camisinha é sempre bom. É muito importante ela ter uma participação.

Então, ^{hoje}preconceitos como: menina que dá é galinha, menina que traz camisinha fica mal vista. A questão da virgindade, como é para vocês hoje? A questão da homossexualidade, homem com homem pode ou não? Dá para agüentar, dá para se relacionar bem com eles, dá para tolerar essa diferença, dá para aceitar as pessoas do jeito que elas são, ou isso é muito difícil? Como fica o relacionamento entre as pessoas?

Isso é que vale para nossa discussão aqui. Como vocês estão se relacionando lá no bairro com os meninos, com os pais, na escola, no posto de saúde? Quando vocês chegam no posto de saúde, por exemplo, o grupo de atendimento médico trata bem ou não? A gente sabe que, na maior parte das vezes, não.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 752 do 1.º vol.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-36	2	Vera	Grupos org.	15.9.97		

Então, mais do que isso seria vocês estarem se reunindo, discutindo, fazendo propostas, por exemplo, um projeto como Trance essa rede pode ser a proposta e que a gente pudesse se organizar para poder estar ocupando mais espaço, porque tem pouco adolescente na televisão. Vocês já viram algum adolescente na televisão falar sobre o que vocês vivem, o que vocês estão enfrentando? É comum isso? Às vezes, a gente vê na MTV uma campanha que é interessante, mas ainda é pouco comum, ainda tem pouco espaço para vocês conversarem, discutirem, falarem o que estão pensando, tanto lá, quanto na escola, quanto na família, quanto com os amigos.

Então, vamos fortalecer uma proposta, não sei qual vocês têm, de se organizar em torno dos problemas que vocês estão enfrentando. Existe hoje a questão da violência que é forte, como a questão da violência na sexualidade, o estupro, o abuso sexual, o assédio sexual, a questão da violência do menino sobre a menina, a questão da violência do adulto sobre a criança. Há uma série de problemas que se a gente organizar um grupo junto com vocês, a gente pode estar pensando propostas de como resolver essas questões.

Vocês próprios, adolescentes e jovens, que comandassem a história. Você pode montar um grupo de trabalho e, a partir do que



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 722 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-36	3	Vera	Grupos org.	15.9.97		

vocês já fazem, começar a chamar outros jovens para passar para a frente as informações. Na verdade, a gente trabalha sobre a proposta de vamos construir algo novo com uma linguagem ~~nova~~ que não seja a linguagem só dos adultos, falando sobre vocês, mas vocês mesmos falando.

Há grupos de música, de teatro que já funcionam no bairro. Esses grupos têm possibilidade de abrir participação para grupos como o seu. Não sei quem está aqui hoje. Seria mais interessante conhecer quem está aqui, o que vocês já fazem, o que vocês gostariam de fazer com relação à sexualidade, a questão da prevenção da Aids, para a gente poder sair daqui com alguns caminhos ou algumas perspectivas de estar junto e fazer alguma coisa.

O trabalho da Marta basicamente tem sido esse. A gente dá formação para educadores, sejam professores, sejam adolescentes, sejam mulheres, homens, pessoal da comunidade, pessoal da saúde. Está muito aberto a gente trabalhar em parceria, a gente poder ampliar esse espaço de discussão.

O SR. _____ - Obrigado, Elizabeth. Nós

vamos, então, abrir os debates. Quem quiser se manifestar, é só dar o nome aqui. Quero anunciar a presença do Sr. Tashaushi Tadao Ushida, que



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 457 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-36	4	Vera	Grupos org.	15.9.97		

representa o Vereador Jorge Taba, é do Milton Nunes Júnior, que representa a Vereadora Ana Martins.

Começo fazendo uma pergunta para as duas debatedoras: o objetivo desse grupo de estudo é tentar formular propostas legislativas e de atos administrativos ou de políticas para o município de São Paulo ou até para outras esferas, que estaremos fazendo sugestões. Especificamente, dentro do tema do campo de atuação de vocês: o que vocês acham que o município poderia fazer em relação a essas questões? Que tipo de política poderia ser traçado pela Prefeitura de São Paulo em relação a essa questão da sexualidade do jovem da prevenção da Aids? Que sugestões vocês teriam em relação a isso?

A SRA. ELIZABETH - Vou começar pela parte da sexualidade que é importantíssima na área da prevenção. O que parece simples, mas é fundamental é que se tenha espaço da discussão da sexualidade dentro da escola. Então, a gente deve reforçar todo esse movimento do espaço de orientação sexual dentro da escola, desde pequenininho. Porque, dentro desses projetos, você vai estar junto, fazendo uma relação e poder relacionar, integrar a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, da Aids, da gravidez e a questão também do uso indevido de drogas.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 425 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-36	5	Vera	Grupos org.	15.9.97		

Então, é fundamental fortalecer essa proposta de se implantar, dentro da educação e dentro da área da saúde, através dos postos de saúde, espaços de discussão efetivos junto a jovens de orientação sexual e também a gente fortalecer a formação profissional dos profissionais que hoje estão atendendo adêcticos e estão atendendo jovens e que muitas vezes, se sentem muito inseguros [REDACTED]



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 11 de 19 97
O Funcionário

ROD/ZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N37	1	dalwa	G.Organizados	15.09		

~~Então como não tem no currículo, como a nossa educação, ela tem~~ por não ter tido, por exemplo, a questão da sexualidade dentro do próprio currículo.

Então como não tem no currículo, como a nossa educação, ela tem uma série de preconceitos muitos de nós mais velhos, como eu, tiveram pouquíssimas conversas com os pais, não tivemos esse treino, esse exercício, esse relacionamento com os pais, muitos profissionais que estão na Saúde, alguns até não se colocam melhor e não falam, inclusive, mais abertamente com os adolescentes, porque eles não sabem como lidar com a situação, eles não tiveram espaço e discussão nenhuma, e alguns têm muitos preconceitos, estão lá, e acabam impondo valor e não tem nenhuma forma da gente deter um controle maior, um acolhimento inclusive, dessa situação, do que acontece dentro da área de saúde com o adolescente. É muito comum você ver adolescentes indo aos postos de saúde em busca de uma ajuda e saindo humilhado não querendo voltar nunca mais. Isso é comum na área da saúde, você chega lá, a primeira coisa que o ginecologista diz para a menina é: pôxa, você nem deveria estar trasando agora, como é que você vem aqui. E daí para mais. Abortos na ~~adolescência~~ adolescência, muito ~~sofrido~~ sofrido, é extremamente precária a situação, que existe, não é legalizado, temos que lutar



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha 11 de 19 97
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N37	2	dalva	G.Organizados	15.09		

muito por essas questões. Então é assim; se ~~eu~~ você tem trabalhos mais organizados, implantação de orientação sexual, a questão da prevenção, vou até ceder a palavra para a Rebeca, depois complemento porque acho que ~~ela~~ ela vai estar junto comigo nisso. Então é assim, a essas questões todas têm que serem colocadas como política pública, porque você tem ~~uma~~ orientação, que é informações, as discussões, você não tem que parar por aí, tem que ter o atendimento médico, tem que ter acesso aos remédios, tem que ter condições de ter esses ~~preservativos~~ preservativos, ~~em~~ nas suas mãos. Concedo a palavra Rebeca.

A SRA. REBECA - Concordo com tudo que ela

disse. Queria apenas salientar a questão das profissionais de saúde, acho que teria que ter também um ~~projeto~~ projeto que trabalhasse com professores. Porque o que vemos hoje em dia, o Nebaides trabalhou como GTEUS(?) só em escolas, e nós também, e o que vimos é que fazíamos um trabalho legal nas escolas, havia um vínculo legal com os adolescentes, ~~e~~ a galera aprendia, multiplicava as informações, e nós ~~saíamos~~ saíamos da escola. ~~A~~ A nossa permanência na escola durava seis meses, e daí nós retivamos porque havia outras escolas para chegar. Não conseguimos dar conta de todas as



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 758 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
A37	3	dalva	G.Organizados	05.09		

escolas. Ao contrário disso, se a gente conseguisse treinar os professores, para eles terem as condições de discutir a própria sexualidade de entender a questão da Aids, entender as questões de orientação sexual para eles poderem fazer isso dentro das escolas, --- eles --- acrescentando na sua idéia de haver um projeto de orientação sexual dentro das escolas, que os professores pudessem estar preparados para tocar esses projetos. Porque são eles que estão no dia-a-dia com os alunos, ~~anã~~ somos nós. Nós entramos nas escolas, fazemos o trabalho e vamos embora. Quem fica são os professores. Aí mexemos em ~~uma~~ e várias questões: primeiro, que não tem ~~o~~ verba, para trabalharmos com esses professores, o projeto escrito até já tem. Segundo, muitas vezes os próprios professores não se interessam, que ganham tão mal, que ~~o~~ não querem ficar ~~o~~ resto do tempo, ~~para~~ para ficar discutindo sexualidade, já ouvi de alguns professores: ora ! Se você ganhasse o que ganho, preferia ir embora quando vencesse o seu horário. Não ficava aqui trabalhando a questão da sexualidade. Então acho que essa questão da orientação sexual, vinculado a questão da educação e da saúde, acho que tem que ~~xxxxxx~~ encontrar um espaço aí, tanto para a saúde, como para a Educação para implementar es-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 437 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N37	4	dalva	G.Organizados	15.09		

se projeto....

A SRA. _____ - Temos um trabalho na comunidade Heliópolis, que tem grupos organizados em torno da questão da prevenção, hoje tem o grupo de algumas pessoas dentro do Hospital Ipiranga, que se interessaram estavam com disponibilidade para trabalhar a sexualidade, então ~~montou-se~~ montou-se um grupo ~~no~~ no hospital Ipiranga, um grupo na Unidade básica do Hospital de Heliópolis, ~~ain~~ tiveram escolas da região que entraram no projeto, então teve a escola Campos Sales, e outras escolas estão começando entrar. Tiveram dois grupos grandes que queria convidar vocês para essa idéia, dois grupos começaram porque é um grupo de jovens, da comunidade, que estavam lá em torno da questão do movimento de moradia, de saúde, coisas mais amplas, onde eles se organizaram e vieram para trabalhar a questão da sexualidade e se tornarem multiplicares. Então, juntou-se dois grupos de jovens, ~~por~~ professores da escola, para tentar levar a proposta para escola, pessoal da saúde, ~~para~~ tentar levar a proposta para a saúde, mulheres que vinham apenas para buscar o tíquete do leite, se organizaram e hoje estão crescendo, para elas também serem multiplicadoras na prevenção. Homens che-



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N37	5	dalva	G.Organizados	15.09		

garam com muita dificuldade, queiseram discuir --- estou esquecendo algum grupo --- Esses grupos da comunidade, são financiados por um projeto. O projeto fica sendo comunitário. Existem empresas que muitas vezes elas têm toda xuma questão a discutir entre eles, de favorecer questões de trabalho, com social, obras sociais, efim, trabalhos vinculados a jovens caren es, jovens na ugestão da sexualidade, há vários. ~~Deveríamos~~ Deveríamos divulgar melhor esses projetos que podem ser feitos via comunidade para trabalhar xjunto a financiamentos de empresas, financiamentos de políticas públicas do governo, do Ministério da Saúde, podemos tentar apoio de fundações que trabalham com Terceiro Mundd, como a Fundação Makato(?) que apoia a GTPUS, acho que o papel e o fato de estar com vocês aqui, é fundamental nesse sentido, de abrirmos espaços para divulgar o que estamos fazendo. Outro dia eu vi na "Rede Globo" que eles foram na Favela de Heliópolis, emgeral o espaço é muito p pequeno, para vocês falarem com qualquer televisão, o espaço é super curto, mal conseguimos falar, se ~~atropelam~~ atropelam na hora que falam, não conseguimos dizer o problema que está acontecendo, o quanto dá para fazer, então seria uma ajuda nesse sentido, de ampliar....



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 441 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-38	1	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

~~_____~~
~~_____~~, mostrar o que já acontece, quantas Ongs estão trabalhando, que não têm financiamento, quantas propostas já existem que podem ser feitas junto ao governo, que podem ser feitas complementando, fortalecendo as propostas que o governo já tem, e que a gente possa começar desde já, para fortalecer mesmo essa prática, porque sem essa política pública e sem esse apoio é muito difícil você caminhar. Há um momento em que você tem que sair, a gente não consegue ir até o fim.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Perfeito. Então vamos começar com as inscrições, nós temos cinco inscritos. O primeiro é o Weber Lopes, da Força Ativa.

O SR. WEBER LOPES - Boa-tarde a todos os que estão presentes nessa comissão de grupos de estudos aqui. Gostaria de dar um toque primeiramente de que nós ainda estamos com um projeto "Vamos ler um livro", aceito doações de livros. Inclusive, de Prevenção de Aids também. E eu gostaria de apresentar uma proposta. Foi falado sobre a questão da educação sexual. E eu queria falar



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-38	2	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

sobre a questão da saúde, principalmente da questão de DST, porque é uma coisa muito importante, principalmente para nós que moramos em áreas menos elitizadas, a questão da educação principalmente sexual. Hoje nós temos exemplos de bastante garotas que têm gravidez precoce, por falta de uma educação sexual. Então, gostaria, já que estou frente a vereadores, de passar uma proposta onde vocês poderiam desenvolver um programa não só nas escolas, mas também lutar para tentar mudar uma estrutura nos postos de saúde. O que nós, jovens, agora temos de acesso até agora, em questões de prevenção, é só os postos de saúde. E os postos de saúde não colaboram com isso. Então acho que a gente deveria, como primeiro passo, exigir uma melhoria nos postos de saúde. E agora, como tem grupos organizados, como o Força Ativa, a Turma do Poder, entre outros, acho que vocês também poderiam desenvolver um programa até mesmo para estar trabalhando com verba, sobre educação sexual.

A SRA. - Como são os dois nomes?

"Força Ativa" e "Turma do Poder". Vocês são de determinada região ou atuam em diversos lugares?



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 445 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-38	3	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

O SR. WEBER LOPES - Eles são da zona norte, e nós somos da zona leste, Cidade Tiradentes. A gente atua na Cidade Tiradentes, principalmente; na Cohab II também vamos começar a articular alguns trabalhos no mês que vem, porque nosso objetivo é expandir cada vez mais.

A SRA. - E em que sentido vocês acham que as ONGS como NEPAC, GTPOS poderiam ajudar vocês? Em que sentido as Organizações não-governamentais, como nós, esse grupo que trabalha com sexualidade, ou NEPACS, que é com a Rebeca, como vocês acham que a gente poderia ajudá-los, o que vocês pensam sobre isso?

O SR. WEBER LOPES - Primeiramente com materiais, que é bastante difícil a gente arrumar. A gente só consegue esses materiais, principalmente camisinha, alguns folhetos também, através de uma associação que temos contato, que é o OGUIBAN e a Fala Preta, que ele conseguiu agora. E o que a gente gostaria é de um acesso a materiais mesmo, bastante materiais. O primeiro passo é esse. E também pessoas que tenham bastante conhecimento sobre isso,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 444 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODIZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-38	4	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

para passarem para nós uma forma melhor de trabalharmos com os outros.

A SRA: _____ - É isso que eu ia perguntar: se vocês teriam interesse de participar de algum treinamento.

O SR. WEBER LOPES - É isso mesmo, essa é a proposta. Pessoas como você, e a gente gostaria de também aprender uma forma melhor de nos comunicarmos com as pessoas que estarão recebendo essas informações. Esses dois são os primeiros passos para trabalharmos na educação sexual.

A SRA. _____ - Vocês têm algum tipo de financiamento? por exemplo? Verbas para isso vocês não têm? E se organizam como? Todo mundo trabalha, e como vocês fizeram essa organização?

O SR. WEBER LOPES - Essa organização é composta por grupos de "rap", também pessoas militantes. Nosso trabalho é bastante voluntário mesmo. A gente trabalha com panfletos, traba-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 445 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-38	5	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

lhamos também com a comunidade, ajuda à comunidade. Inclusive, estamos articulando o projeto "Vamos ler um livro", e que é através da comunidade, por doação, divulgação, e também contatos. E nosso trabalho é esse, não somos vinculados a ONGs.

A SRA. _____ - Vocês querem se fortalecer para fazer um trabalho lá na comunidade?

O SR. WEBER LOPES - É, e os primeiros passos seriam esses: acesso a materiais e pessoas com bastante experiência para passarem para nós.

A SRA. _____ - Isso é possível.

O SR. WEBER LOPES - Queria fazer uma pergunta, por que fiquei com uma dúvida. Quando você falou sobre as pesquisas, eu gostaria de saber: depois que foi feita toda a pesquisa, o que foi feito? Vocês tomaram alguma medida?



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 446 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-38	6	Marcia	Grupos organ.	15.9.97		

A SRA. - Mais ou menos o resultado da pesquisa; o que aconteceu a partir desse resultado. É isso que você quer saber? O resultado é surpreendente. Não falei sobre eles porque... A gente acabou percebendo que o pessoal que passava por essa intervenção; foram várias coisas que a gente queria com esse processo de intervenção. O primeiro era criar multiplicadores, que a gente conseguiu. Esses projetos continuam sendo tocados dentro das escolas onde a gente trabalhou, quatro escolas do centro de São Paulo. E é por isso que eu perguntei se vocês não se interessam por um treinamento, pois o treinamento é basicamente a intervenção. (A gente faz com quem a gente está treinando, com os multiplicadores, o que a gente faz dentro da intervenção...)



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 447 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N39	1	Monteiro	Grp. Org.	15.09.97		

A gente faz com que a gente está afinando, com os multiplicadores, o que a gente fazia dentro das intervenções. Agora, o que a gente foi percebendo depois disso foi que... o que acontecia depois dessas intervenções era que todo mundo começava a se prevenir, tinha condições de usar caminha quando o parceiro ou a parceira eram casuais. Com o parceiro fixo, com a namorada, com o namorado, o pessoal continuava não usando.

Então, a gente foi fazer uma outra pesquisa para descobrir o porquê disso, para ver como é que a gente podia trabalhar isso porque o pessoal continuava pegando AIDS. Hoje em dia quem mais pega AIDS são ~~xx~~ as pessoas de 15 a 35 anos com parceiros fixos e mulheres casadas. Esse papo de quem mais pega AIDS é prostituta, ~~xxx~~ homossexual e drogado, hoje em dia, o grupo de drogados é mais complicado, mas o pessoal homossexual e prostituta são ~~x~~ os que menos pegam AIDS, são os que mais estão organizados hoje em dia, a maioria dos trabalhos com AIDS são deles e é um pessoal que se previne porque começou neles mesmos. Começou assim, começou a se falar com eles.

Quem tem parceiro e parceira fixos não se sente em risco,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 448 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N39	2	Monteiro	Grp.Org.	15.09.97		

acha que não pega porque "só tenho ela, ela só me tem, então não tem problema nenhum", sendo que às vezes você pega de parceiros fixos não é nem porque ~~ix~~ ele lhe traiu, ou ela lhe traiu. Tem uma pesquisa italiana em que eles pegaram um casal que tinha transado numa noite sem camisinha e foram voltando no tempo, fazendo a conta de quantos parceiros estavam envolvidos naquela transa. E nem era pessoas que tinha uma vida sexual muito promíscua, era gente que tinha tido, num ano, três parceiros, o que não é considerado muito.

Eles voltaram sete anos no tempo, deu duas mil e lá vai cacetada, não sei quantas, duas mil e poucas pessoas envolvidas naquela única relação, trocando líquido. Se um ali tivesse AIDS, todos poderiam pegar. Então, a gente foi ver por que que o pessoal que tem relacionamento fixo não usa camisinha. Daí, faço uma pergunta para vocês que vocês não precisam responder, mas pensem: quando eu falo em AIDS, qual é a primeira coisa que vem na cabeça de vocês? Aposto que a maioria pensou: preconceito, homossexualismo, morte, abandono. O que surge quando a gente fala em AIDS são coisas muito ruins, são coisas muito terríveis. Por quê? Porque a



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 449 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N39	3	Monteiro	Grp. Org.	15.09.97		

mídia passou isso, não é porque a gente quer. A cara da AIDS que passaram para a gente é uma cara tenebrosa e quando você se envolve com alguém, que você tem uma namorada, alguém que você está envolvido, você não consegue associar a pessoa, ou qualquer parceiro com quem a pessoa já tenha se relacionado, com algo tenebroso. Quando você gosta de alguém, acho importante dizer isso porque isso ultrapassa a classe ~~sexual~~ social, em qualquer classe social é assim, você gosta de alguém e fica bobão. É do ser humano isso, a pessoa fica linda, maravilhosa, não tem defeito, você quer ver a pessoa, quer encontrar a pessoa etc.

Então é impossível nessa hora..., impossível não, mas é muito difícil nessa hora você pensar em usar ~~camisinha~~ camisinha porque, naquele momento, só existe prazer. E é mesmo, fazer sexo é muito legal, é a melhor coisa que tem na vida, se você for pensar em morte nessa hora, complicatudo mesmo.

E foi isso que a gente descobriu, que pensar em morte na hora que você está pensando em tesão não dá certo, não combina. Tesão e morte não dão certo, não combinam na cabeça das pessoas.

Hoje em dia, em que pé nós estamos? A gente continua tra-



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N39	4	Monteiro	Grp.Org.	15.09.97		

balhando a sexualidade com os jovens, continuamos dando treinamen-
to e continuamos até discutindo a questão da paixão na questão da
AIDS. Só que como mudar isso é para novas pesquisas, para novos
trabalhos, até para sugestões que surjam com os próprios adoles-
centes porque nem a gente sabe porque a gente é humano também,
quando a gente se apaixona também não usa.

Então, é assim: ninguém sabe o que a gente vai fazer com
essa questão aí. Hoje em dia, estamos nesse pé.

A SRA. - Eu queira reforçar o que a Rebeca
está falando para a gente entender. Tem uma campanha na MTV que
diz assim: "Quem não pára para pensar, não pára para usar." Quer
dizer, na hora H, quando você está com m maior tensão lá é muito
difícil você pensar tudo isso que a gente está ~~pensando~~ conver-
sando. Então, para vocês, seria assim, de vocês terem um espaço
de você convidar os jovens que querem conversar sobre isso. Aí,
vocês montam um ~~gru~~ grupo e aí é possível a gente ir para estar
trabalhando junto com vocês, para estar ampliando as informações,
para estar fortalecendo esse grupo. percebe? E aí, se você tem es-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 451 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N39	5	Monteiro	GRp.Org.	15.09.97		

se espaço para pensar, se as meninas vão poder chegar, por exemplo, nesse grupo e falar do que elas estão enfrentando, do que elas estão vivendo, os meninos vão conseguir falar, por exemplo, vocês, quando é que estoura a cimisinha, por que estoura, como que faz, o que que não faz, vai dar um tempo para você poder refletir e se ajudar para na hora H a gente não ficar tão sem saber o que fazer.

E uma das coisas que a Rebeca falou, que é o mais importante é que quanto mais você vai gostando da pessoa mais você vai confiando e a gente larga a camisinha de lado. E aí fica muito complicado porque como tem muita coisa que às vezes a gente não consegue falar, nem contar... por exemplo, você está namorando, gosta da menina pra caramba, de repente você vai numa festa, num baile, sei lá, e sai com outra, muitas vezes não vai contar isso para a namorada, a gente acaba não contando. Então, outras coisas vão acontecendo que se a gente não tiver essa liberdade de poder falar, de ver que dá para conversar com a namorada, que dá para usar camisinha fora do relacionamento, dentro do relacionamento, que é importante falar sobre tudo o que você está vivendo para você poder se proteger, se a gente não tem isso, fica muito frágil porque



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N39	6	Monteiro	Grp.Org.	15.09.97		

aí você faz um acordo com ela mas, de repente, se ela transa com outra pessoa e não tem liberdade, não tem coragem de falar com você, se ela transar sem camisinha, os dois vão correr riscos.

Então, a gente vê assim: é um espaço para a gente falar tudo o que a gente imagina, acredita, vive. Não tem certo ou errado nessa hora.

A SRA. REBECA - Tudo o que você sempre quis falar sobre sexo mas não teve coragem.

A SRA. - Na hora lá que a gente faz as massinhas, não é, Rebeca, a gente fala de tudo. Por exemplo, você tem que falar todas as formas de se relacionar, sexo oral, sexo anal, sexo vaginal, como é que é...

A SRA. REBECA - Falar sem medo, porque às vezes a pessoa não tem nem coragem de falar.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 453 do Proc. 11 de 1991
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N39	7	Monteiro	Grp.Org.	15.09.97		

A SRA. - Será que o sexo oral tem risco,
por exemplo, será que você tem que pôr camisinha?

A SRA. REBECA - Pega pelo beijo? É uma coisa que a maioria
das pessoas não sabe, pega pelo beijo? Ou não pega, que é outra
questão.

~~_____ - _____~~

~~_____~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 454 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N40	1	Anelise	GRUPOS ORG.	15.09.97		

A SRA. _____ - Vocês já viram, alguma vez, como é que a rede da contaminação funciona? Vocês gostariam de ter uma idéia? É uma brincadeira, que poderíamos fazer, porque ele falou que dá o espaço. A Rebeca falou que apareceram na pesquisa 2 mil pessoas. Mas poderíamos ver quantas pessoas apareceriam aqui, hoje. Vocês querem brincar com a história? Querem ver como é que funciona?

Eu só gostaria de contar uma coisa, que a Beth me lembrou. Quando eu comecei a falar aqui, no comecinho, GTTOs(?) entrou na Prefeitura de São Paulo na época da Luiza Erundina e lá fizemos formação de professores. Pois ainda existem algumas escolas que continuam trabalhando com orientação sexual, mas como a política não facilitou, acabamos perdendo um pouco o trabalho.

A SRA. _____ - A idéia da brincadeira é a seguinte. Nós vamos fazer aqui. Precisamos de duas pessoas que venham até a frente para imaginarmos um casal. Pode ser mulher-mulher, mulher-homem, tanto faz. São duas pessoas que estivessem namorando, ou, pelo menos, desejando namorar, ou que tivesse ficado ou querendo ficar. Vamos imaginar duas personagens. Quem gostaria?

Está vindo um voluntário. Ele falou que precisa ter mu-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 455 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N40	2	Anelise	GRUPOS ORG.	15.09.97		

lher, gente. Bem, você vai ser um jovem de idade entre 14 e 18 anos e você vai se encontrar com mais uma pessoa . Por favor, quem gostaria de vir aqui para participar? Pronto, ela vem. Vamos imaginar que eles dois aqui... esqueçam quem eles são. Vamos imaginar um nome para você. Eduardo.

O Edu tem 17 e a Carla tem 22 anos. Vamos imaginar que vocês se encontraram em uma festa, se atraíram, ficou aquela coisa... E eu vou perguntar um pouquinho de sua vida antes de conhecer a Carla. Você vai imaginar, tá?

Edu, você já teve namoradas antes da Carla?

A Carla é sua primeira namorada? O Edu nunca tinha namorado. Mas você já tinha transado, Edu?

O Edu, nosso grande personagem só transou uma vez com uma prostituta da cidade, segundo ele disse.

Vamos ver a Carla. Carla, você já tinha namorado antes de conhecer o Edu? Sim. E já tinha transado? Com três pessoas.

Pessoal, venham três aqui atrás da Carla. As três pessoas com quem ela transou, só para montar um grupo, tá? É só ficar aqui quietinho.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 456 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N40	3	Anelise	GRUPOS ORG.	15.09.97		

A SRA. - Não machuca não, gente.

É só ficar em pé.

A SRA. - Muito bem, é só ficar

aqui. Um, dois, três. Edu, há uma pessoa para representar a prostituta que você falou. Quem se habilita? A Pimenta vai.

Vocês três vão imaginar um nome para vocês. Vocês já namoraram outra pessoa fora a Carla? Não? Você só namorou com a Carla antes do Edu. E você? Já namorou com outra pessoa além da Carla? Uma? Pessoal, vem um para cá. Certo. Você já namorou com alguém, já transou com alguém? Com cinco? Preciso de cinco voluntários. Bem, parece que a Carla tem um time legal.

Vamos ver aqui. Como é o seu nome? Eliane. Não, vamos pensar em outro para não confundir com o personagem. Maria. Maria, você transou com o Edu. Você já tinha transado com outras pessoas além do Edu? O auditório inteiro, será? Mais de quinze? Pessoal, tem mais pessoas do que está aqui que a Maria transou. Por favor, quem puder, vem para cá. A Maria diz que transou com quinze, então, dá o auditório inteiro aqui...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 457 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
Nº 4	1	beth	grupo orgn.	15.9.97		

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Bom, a idéia é a seguinte. Vamos imaginar que ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ tivéssemos feito essa brincadeira lá ~~x~~ no bairro e eu ainda não eantrevistei uns quatro aqui. Se eu continuasse entrevistando uns ~~XXXXXX~~ iríamos encher o auditório de gente. Se eu for entrevistar cada um aqui e ela disser que transou com quantas pessoas fora a Maria - você transou com a Maria, não é? - quem é você? João. João, você transou com a Maria? Já transou outras pessoas? Quantas, João?

A SRA _____ - Umas 30.

A SRA _____ - Vocês já imaginaram?

Ela ~~XXX~~ transou com 30 pessoas. Iria ter que chamar mais trinta pessoas para ficar aqui. Então, se a gente tiver muita gente dá para montar uma rede. Como é que a AIDS poderia pegar a gente nessa história? ~~X~~ como é que ela pega? Qual seria a forma. Você que estava namorando a Carla, sozinho com a Carla no quarto, estava tão bom, mas, Edu, está ~~x~~ cheio de gente que já ~~XXX~~ transou aqui. Como é que vocês fariam? Como é que é essa história?

O SR _____ - Sei lá. (risos) Todo mundo! Posso ~~x~~ até estar. Mas usei ~~XXXXXXXXXXXX~~ camisinha!



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 458 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
Nº 41	2	beth	grupo orgn.	15.9.		

A SRA _____ - Ah! Bom, a idéia é se você usou camisinha. Você iria usar camisinha com a Carla também?

O SR _____ - ~~XXXXXXXXXXXX~~ Usei naquela noite.

A SRA _____ - ~~XX~~ Bom, se o Edu usou camisinha, nada mais importa, se é que alguém aqui estivesse com o HIV. Se ele usou camisinha ele pega? Não. Aí ele falou: se estourasse a camisinha? O que poderia acontecer? Todo o mundo que transou a partir daquela ~~XXXX~~ pessoa que estava com o HIV poderia ter se contaminado. Acontece que ~~XXXX~~ algumas dessas pessoas que estão dizendo que transaram com muitas pessoas, será que a Maria que é a "puta" da cidade se previne? Maria, você se previne?

A SRA _____ - Às vezes, nem sempre.

A SRA _____ - Você já fez o teste do HIV?

A SRA _____ - Se a Maria não fez e transou com um monte de gente e não fez o teste ainda será que a gente corre o risco de transar sem camisinha? Corre? A Maria é a prostituta da cidade e



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 459 do Proc.
N.º 11 de 1999
O Funcionário *[assinatura]*

ROLÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N.º 41	3	beth	grupo org.	15.9.		

diz que não usa ~~x~~ camisinha sempre. Tem de usar, no caso da Maria? Sem dúvida. Uma informação que a Rebeca tinha falado: nem sempre as pessoas como a Maria, prostitutas, são as pessoas com as quais a gente acaba correndo maior risco pois as prostitutas estão se orgooanizando, estão fazendo um trabalho, usam preservativas. Tem um movimento com elas. Tem muitas que não usam. Tem muitas que usam. Aqui dá para perceber. Vocês viram como é que a rede vai? E ela vai embora. Isso é uma mostrazinha de como o NEPAS, o GTPOS poderia ajudar, ~~x~~ ajudar a ~~xx~~ trabalharmos com a sexualidade sem estar falando, brincando, fazendo discussão. podemos fazer ~~xx~~ vários outros trabalhos que dão para entrarmos na ~~XXXXX~~ discussão de outro ~~xxx~~ jeito, não apenas discutindo.

O SR _____ - Prosseguindo convidaria o Beti-

nho, da Força Ativa, para usar a palavra.

O SR BETINHO _____ - Boa tarde, companheiros, gosta-

ria de colocar uma coisa sobre a questão dos doentes, do pessoal que



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

460
Folha n.º 460 do Proc.
No 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APANTE
Nº 14	4	beth	grupo org.	15.9.		

tem o vírus da AIDS. É que sempre passa na TV que tem pessoas om AIDS, ricos, a gente sabe que tem gente que tem dinheiro e tem a AIDS mas têm dinheiro para comprar medicamento. Gostaria de falar sobre os doentes da periferia. ~~XXXX~~ Eles não tem condições de comprar remédios e vivem ao léu. já basta serem pobres. Já nasceram pobres. Já foi tomado o que era deles, já basta o pessoal ter tomado a dignidade e eles pegam essa doença e perdem até a vida pois não tem ~~xx~~ condições de comprarem os medicamentos. Gostaria de fazer uma pergunta sobre o ~~x~~ trabalho de vocês, sobre essa questão: o que vocês podem estar fazendo pelos aidéticos da periferia e não pelos que têm dinheiro.

A SRA _____ - Betinho, têm ONGs que trabalham especificamente com pessoas que têm o virus. Eles estão se organizando com a questão do medicamento, do tratamento para a discussão. A ~~x~~ gente tem como dar referência para vocês. Tem o GIV, Grupo de Incentivo à Vida, tem o Araújo lá que seria uma pessoa muito útil para vocês. Na medida em que vocês conseguem algum grupo de alguma organização não -



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 461 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
Nº 4	5	beth	grupos org.	15.9.		

governamental que já trabalha vocês podem entender alguns caminhos para buscar o medicamento, para discutir as questões que vocês têm lá, para fortalecer o grupo do qual você falou. A gente sozinho se sente muito frágil. A gente vai perdendo o força mas quando se une em um movimento maior, você tem o seu grupo e liga para o pessoal do GIV, o Giv tem outros grupos que conhecem -você não tem o telefone? - de repente a gente pode deixar ~~ak~~ algumas referência para que a gente possa marcar outro encontro a partir daqui, não podemos fazer tudo, onde vocês possam estar ligando com grupos que trabalham nesse sentido da reivindicação, a ajudar vocês a se orgaonizarem junto desse pessoal que vai dar apoio, o José Eduardo e o Henrique pacheco para ver quais as possibilidades que vocês têm de poder fazer o movimento crescer no seu bairro. O GIV é legal na medida em que tem uma experiência mais longa, mais aprofundada, de luta, então, vocês vão

(além)



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
1n46	1	alex	Grupos Org.	15 9		

aprender coisas com eles. Eles podem dar muito material para você. Eles podem dizer direitinho onde tem o acesso, o que está e o que não está faltando. E vocês se integrarem nessa luta.

O Pacheco está pedindo para esclarecer a vocês que as ONGs são assim: são associações não-governamentais, que se criaram a partir de necessidades, de problemas que se estavam enfrentando. São financiadas e fazem um trabalho junto à população e junto ao Governo. Há algumas ONGs que só trabalham para ajudar a ampliar a discussão de Aids junto a pessoas que possuem HIV.

O CRD temos de dizer - Centro de Referência de DST-
Aids? É ali perto da Frei Caneca. Eles têm bastante material, têm grupos de discussão e ~~tem~~ medicamento. Isso para estar discutindo com vocês. Podemos deixar os dois telefones aqui.

O SR. _____ - Uma última pergunta. Peguei na hora em que ela estava falando que foi um trabalho nas escolas. Gostaria de saber se é nas escolas da periferia ou das áreas mais elitizadas.

A SRA. _____ - Não são na periferia, mas não são elitizadas, também. Eu trabalhei com as escolas públicas do centro de São Paulo. É um pessoal que não é elitizado, não. É classe baixa, tan-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 463 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
n46	2	alex	Grupos Org.	15 9		

to que quando fomos trabalhar com um pessoal no local onde eles moravam, era favelas e cortiços localizados na região central. Não era um pessoal elitizado, não.

Nunca trabalhei com elite. Nem sei como a elite pensa todas essas questões.

O SR. — Na verdade, desde o início dos tempos, a elite sempre teve mais informação que o homem pobre. Apesar do homem não nascer pobre: tomaram o que era dele.

A SRA. — Tomaram o que era dele, mesmo.

Nesse caso, até vou contar que não trabalhamos com a elite pelo seguinte. O Nepaids, esse trabalho que fiz, foi financiado pela Sociedade Mac Arthur, que é uma fundação americana que financia projetos no Terceiro Mundo. Essa fundação pagava para trabalharmos com classe pobre. Então, só trabalhamos com pobre. Com elite, nunca trabalhamos, porque eles nunca se interessaram pelo nosso trabalho.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO — Queria anunciar a presença da Dra. Marilu Pereira, da Subcomissão de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, da OAB-SP. Também é coordenadora do Grupo de Trabalho de Consumo de Drogas, da OAB-SP.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 464 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
n46	3	alex	Grupos Org.	15 9		

Tem a palav__ra o Jean, da Força Ativa.

O SR. JEAN - Boa a tarde a todos e ao pessoal da Mesa.

Quando falamos em trabalho de DST, é importante. Mas não entendi uma coisa. A senhora falou que quando as pessoas iam lá tinham de se inscrever. Acho que aí os interessados são poucos. A senhora concorda?

A SRA. - Vocês estão interessados, aqui. Seu grupo e mais algumas pessoas de seu bairro teriam interesse em montar um grupo assim, para conversar?

O SR. JEAN - Interesse, pelo menos da Força Ativa e do Poder, acho que sim; e algumas outras pessoas também, que talvez queiram participar. Mas acho que só isso não chama a população. Deveríamos ir lá. A orientação sexual é importante. Não vejo sanitarista na periferia. Só se vê ~~xx~~ sanitarista quando há um surto de dengue, de sarampo; aí eles vão correndo. Gostaria de saber como a Câmara de Vereadores poderia trabalhar essa questão; até mesmo como as ONGs poderiam estar nos orientando.

ASRA. - Você diz no problema da saúde no mais geral. Queria dizer, não ficar só na questão da Aids, mas ampliar.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 465 do Proc. 11 de 1991
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
n46	4	alex	Grupos Org.	15 9		

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Está surgindo uma idéia;

estou ouvindo a Dra. Rebeca. É no sentido de se fazer algum tipo de trabalho conjunto de orientação. Quando ao espaço físico, podemos arrumar. Aqui mesmo, na Almirante Tamandaré, tenho um espaço, que é um escritório pessoal, que cederia, caso vocês quisessem fazer ali um treinamento.

A SRA. - Surgiu a idéia, aquela hora em que perguntei se vocês gostariam de fazer um treinamento - e a Beth estava conversando comigo -, e poderíamos treinar vocês. Eu estava conversando com a Eliane, que é assessora, se teria algum lugar, e verba para material - precisaria ver se vocês a conseguisse -, para treinarmos vocês e assim vocês fazerem esse trabalho de multiplicação na comunidade de vocês.

É uma questão de vocês se organizarem e verem quantos estariam a fim de fazer esse treinamento. Passariam para a Eliane, que faria a ponte entre nós. Vocês até poderão ter duas visões; apesar de ser muito parecido, tem coisas que ainda são diferentes: a visão do Nepaids e do Gtpos. Vocês serão privilegiados. Montamos uma equipe multidisciplinar.



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
n46	5	Grupos Org.	alex	15 9		

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Maravilha.

Vamos combinar o seguinte. No final de nossa sessão, que está quase acabando, a Eliane fica como ponto de contato. Quem tiver interesse em fazer esse treinamento, dá o nome, endereço, etc. para ela, porque aí vamos manter contato com as duas debatedoras para marcar isso. E o local, para que possa haver esse treinamento, já está cedido. De acordo? (Pausa) Ótimo. Vamos em frente.

Milton Júnior, por favor, que representa a Vereadora Ana Martins.

O SR. MILTON JÚNIOR - Boa tarde a todos.

Acho que este nosso debate está muito rico nessa questão relativa às DST, mais especificamente com relação à Aids. Conversando com a Eliane há pouco, falei que infelizmente não veio a pessoal que representaria com relação à droga. Acho que para nós, que moramos na periferia, a droga é a grande febre. Acho que fomos prejudicados, hoje, nesse sentido. ~~_____~~

~~_____~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 467 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N47	1	Angela	Grupos Organ.	15.09.97		

Por esse lado foi rico, porque foi aproveitado pelas duas.

Então, acho que tanto na questão da AIDS, e aí vamos falar de procurar o ~~o~~ Posto de Saúde, ~~mas~~ igual elas estão falando, mas hoje ~~o~~ temos o PAS que está trazendo o caos à cidade de São Paulo. Esta é a verdadeira realidade que vivemos. Hoje, não temos saúde pública no município de São Paulo.

Então, procurar o quê? Elas estão falando das ONGs. As Organizações Não Governamentais acabam colaborando nesse sentido, para que busquemos alguma alternativa com relação à Saúde, porque na periferia nós morremos de fome, mais de fome do que de AIDS. Muitos de nós pensa: "Eu nunca vou pegar AIDS, mas vou morrer de fome." Então, poderíamos fazer uma reflexão mais nesse sentido.

Obrigado. (Palmas.)

A SRA. - O próximo a se pronunciar é o Zinho, da Turma do Poder.

O SR. ZINHO - Boa tarde aí, Banca Forte, Turma do Poder, Força Ativa; boa tarde à Mesa, o que eu



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 468 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N47	2	Angela	Grupos Organ.	15.09.97	Zinho	

venho falar hoje é o seguinte: desde os primeiros dias de vida eu frequentava hospital, porque tenho problemas de saúde, tenho reumatismo e tomo Benzetacil de ~~20~~ 21 em 21 dias, tenho sopro no coração, quer dizer, tenho consulta marcada ao meio dia, chego no hospital às seis horas e sou atendido às seis da tarde.

O aumento de doentes de AIDS se sabe onde? Aonde você vai se curar, que é o hospital. Eu tomo Benzetacil e tenho duas preocupações: tomar ou não tomar, porque ao tomar eu posso pegar uma doença. Quando a gente vai pegar camisinha no posto ouve sempre que acabou. No entanto, quando o cara f da Força Ativa fala que são poucos os que se preocupam com a AIDS, só que aquele que se preocupa e vai até o posto de saúde não acha camisinha.

O que eu tenho a dizer, então, é que basicamente o número de doentes está crescendo cada vez mais em hospitais públicos, porque eles estão sendo um esculacho. A juventude é rebelde, mesmo, e o meio de sugerir a prevenção ~~ax~~ aos jovens acho que é através do lazer, de um teatro, de uma peça musical, por exemplo, tentando ~~ex~~ conscientizar através do que ele curte, como a música, a dança.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 469 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N47	3	Angela	Grupos Organ.	15.09.97	Zinho	

Se a preocupação é com a juventude, é preciso elaborar um projeto rico cultural, musical, porque acho que só assim vai chegar nos ouvidos dos jovens, pois a juventude quer saber de zoar, de brincar. Quer dizer, nós, do Força Ativa, tivemos esse privilégio de nos preocupar. Então, achávamos que deveríamos elaborar um projeto juntamente com membros de grupos organizados da juventude, para que possamos implantar esse tipo de idéia que, creio, vai diminuir a incidência, e também dar uma atenção maior aos hospitais. Eu, segunda-feira, por exemplo, estou no hospital.

Era só isso que eu queria falar. (Palmas.)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Valeu, Zinho.

Eu chamaria, agora, a Profª Marilu Pereira, que é da Sub-Comissão de Defesa do Direito da Criança e do Adolescente, da Ordem dos Advogados do Brasil.

A SRA. MARILU PEREIRA - Boa tarde, Sr. Vereador; boa tarde, Mesa; boa tarde, jovens, em primeiro lugar, parabéns por esta iniciativa. Isto, sim, é apostar na vida. Parabéns, também, aos adolescentes que aqui estão e a todos os jovens que os acompa-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

470
Folha n.º 470 do Proc. 11 de 19 97
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N47	4	Angela	Grupos Org.	15.09.97	Marilu	

nham. É isso aí. Zona Sul e Zona Norte apostando na vida.

Eu estava ali atrás. Quando cheguei já havia começado. O grande questionamento que senti, neste momento, foi o da falta de informação nas escolas, o descaso com a saúde pública, a falta de material didático para poder divulgar entre os amigos, a falta de preservativo, de camisinhas.

Outro dia eu falava com um grupo da zona Sul e os jovens me explicavam sobre "a santa borrachuda", porque é aquela que protege.

Por outro lado, isso me preocupa, a partir do momento em que um país que tem mais de 60% de jovens, poucos são os homens de vida pública, como V.Exa., o Vereador Henrique Pacheco, a Vereadora Ana Martins, uma grande batalhadora na área da Saúde, que se preocupam com esses 60% de jovens. Mas são vocês se articulando, se juntando, como estão fazendo, que vão continuar obrigando a que outros venham a somar em benefício da qualidade de vida.

Existe um projeto, do ano de 1993 ou 1994, chamado "Educação como Base para uma Reflexão Sociológica". Esse projeto,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 471 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N47	5	Angela	Grupos Organ.	15.09.97	Marilu	

pode ser retomado a qualquer momento se vocês se interessarem, o nobre Vereador e as doutoras que aqui acompanham, porque naquele momento ele era voltado para a Saúde, para a prevenção, somando esforços com a área de Saúde, justamente nas escolas.

Hoje, na OAB, através da Sub-Comissão de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, estamos indo a campo nas cinco regiões de São Paulo. Em janeiro, enviamos ofício, protocolado no Gabinete de V.Exa., justamente para fazermos parcerias em ~~xxx~~ benefício da saúde de vocês.

Parabéns por quererem ...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 472 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-48	1	Camilo	Grupos organ.	15/9/97	Marilu	

[redacted] capacitação, por quererem aprender para multiplicar. Parabéns a quem está disposto a fazer essa capacitação, para que nossos amigos multipliquem onde eles estudam, vivem, trabalham, vão aos bailes e nos pagades.

Vamos viver a vida, porque ela é bela. Vamos apostar em nós. O sexo tem que ser feito com responsabilidade. Isso já foi dito aqui. Vamos começar a dar exemplos. nosso trabalho

[redacted] Estamos acostumados a somar com a FOS, Federação de Obras Sociais.

Se vocês estão interessados a multiplicarem trabalho, também podemos multiplicá-lo, [redacted] fazendo ^a parceria que vocês propuseram fazer com os jovens da Zona Norte e Zona Sul, além de outras entidades e associações que também somam conosco não só na subcomissão, mas também em outros trabalhos que fazemos.

Mais uma vez, parabenizo quem organizou esse encontro e quem está provando que compromisso de vida de trabalho é importante. Parabéns para cada um de vocês, que luta pela qualidade de vida daqueles que vocês amam.

Obrigada. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Obrigado pelas palavras, Dra. Marilu.

Tem a palavra agora o Ice Boy, do Núcleo Cultural Força Ativa.

O ICE BOY - Boa tarde e parabéns aos senhores, por estarem discutindo junto com a juventude periférica.

Estava escutando a fala dos senhores, especialmente a fala da Sra. Marilu,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 473 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGrafo	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-48	2	Camilo	Grupos organ.	15/9/97	Ice boy	

que é psicóloga.

Quem vive, na periferia, vive num contexto de sexualidade. As mulheres perderam a auto-estima em serem mulheres. O machismo que impera já foi colocado pela mídia. Nas novelas, vemos muitas cenas de machismo e violência sexual. Aliás, muitas mulheres que foram vítimas dessa violência pegaram AIDS. Esse, então, é um assunto que deve ser trabalhado muito. Em vista do exposto, a mulher precisa retomar a sua auto-estima.

Obrigado.

A SRA. MARILU - O que foi dito pelo Ice Boy é perfeito. (Palmas)

Digo isso porque, nas intervenções que fazemos, esta é a coisa que mais aparece e que mais trabalhamos. Há realmente a baixa auto-estima da mulher. É difícil lidar com isso. Muitas vezes, as pessoas são machistas não por mal ou porque são sacanas. ^{Isso} ocorre porque o homem nunca parou para pensar sobre isso. Ele assinou uma série de valores que foram passados a ele.

Uma das coisas que mais se debate, nessas intervenções, nesses treinamentos, é a questão do machismo e a questão da auto-estima feminina. Isso acaba complicando ainda mais a questão da prevenção da AIDS.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - O penúltimo inscrito é o Sr. Goes, do Núcleo Cultural Força Ativa.

Tem a palavra o Sr. Goes.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 474 do Proc
11 da 19 97
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-48	3	Camilo	Grupos organ.	15/9/97		

O SR. GOES - Boa tarde. Infelizmente, as autoridades não estão aí para explicar o problema da saúde pública. Quero saber se vocês têm algum projeto que trabalhe com a família, com respeito à saúde e ao ensino.

A AIDS é um assunto que todos sabem, porque está na boca do povo. O mais importante é pegar a essência do problema, trabalhando com a família a educação sexual das mulheres, Quero também saber se há algum projeto que trata da gravidez precoce, coisa que é bem constante, na periferia. Vemos homens distribuindo camisinhas para todos os lados. Vemos também que é crescente o número de adolescentes grávidas.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. _____ - O Unipaives,

especificamente no início, não tinha um projeto com a família, só tinha um projeto com os adolescentes. Depois, nas escolas, fomos obrigados a trabalhar com a família. A partir do momento que entramos, nas escolas, para falar sobre sexo e para distribuir camisinhas, houve uma revolução. Houve mães que nos queriam pegar a pau. Isso ocorreu com uma mãe, pois distribuíram camisinha para sua filha. Depois desse momento em que

dessa
quase apanhei a mãe, percebi que havia algo errado. Vi que tinha que trabalhar com as mães. Esse trabalho começou com as mães e, depois, alguns pais também participaram.

projeto

Temos um de intervenção muito parecido com o dos adolescentes e com a família. Por que ele é muito parecido com outro? Porque, quanto à questão da sexuali-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 475 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-48	4	Camilo	Grupos organ.	15/9/97		

ele
dade, não dá para que o outro entenda a sua sexualidade, se mesmo não entende.
Então, só conseguimos fazer os pais relaxarem em relação a esse assunto, quando eles se
sentem à vontade com a sua própria sexualidade. A partir daí, fazemos um trabalho para
que eles conversem com seus filhos, dialoguem e abram espaço para falar sobre esse
assunto, inclusive ^{sobre} a prevenção de gravidez e de AIDS, dentro de casa. Trabalhar, pri-
meiramente, com os pais é mais complicado.

Esse projeto da sexualidade já foi implementado em algumas escolas. Esse assun-
to é um tanto complicado, não pela falta de verbas, mas porque é mais complicado tra-
balhar com os pais, pois eles são mais velhos é fica mais difícil tratar de alguns
assuntos. Aliás, a questão da sexualidade fica mais difícil ser trabalhada com marido
e mulher do que ser trabalhada com namorados. Pelas dificuldades que se têm em usar a
camisinha com o namorado, é mais difícil usá-la com o marido.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 476 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE
N49	1	L. Carlos	Grupos Org.	15.09.97		

...Então, quando se trabalha com os pais, dá uma complicação. Complica bastante porque há outras questões a se trabalhar. Mas o que fomos notando ao longo de nosso trabalho com eles é que tem que ser trabalhado isso, sim, por mais que seja difícil, porque, enquanto a pessoa não está tranqüila com a própria sexualidade, ela não entende a sexualidade do outro, e aí é muito complicado. Então, o trabalho com a família é nesse sentido, da mesma forma que se trabalha com os adolescentes.

A sugestão também que eu teria é assim: o grupo, o G.T.P.O.S. (?), quando estava fazendo esse grupo "Trance Essa Rede", ele está sendo financiado pelo Ministério da Saúde. São só jovens, de escola pública e de escola particular. Os adolescentes propuseram de vocês, por exemplo, estarem se organizando e propondo conversas com o pai, através do espaço da escola, ou da igreja, onde vocês possam colocar as questões para os pais, um grupo de pais, e estarem trocando idéias, conversando quais são, na verdade, as grandes preocupações dos pais hoje, e como é que vocês também estão vendo. Porque o que o pai tem que entender é que vocês não estão alienados, entendeu?, não estão desligados do problema. Vocês estão tentando lutar para continuar com a sexualidade, enfim, continuar transando, namorando, ficando, sem se contaminar, não é isso?

Então, na medida que vocês colocam a questão que vocês também estão buscando formas de se proteger, que vocês estão querendo ampliar esse trabalho, para os pais, diretamente, acho que é um canal que se pode abrir. Assim, dá para abrir através de vocês mesmos, do grupo de jovens, conversando com pais na escola, na família. Dá para abrir



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 477 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N49	2	L. Carlos	Grupos Org.	15.0.97		

através sabe do que também? De grupos de mulheres. Não sei se vocês têm lá, no seu bairro, grupos de mulheres, sabe essas mulheres que, às vezes, vão para o tíquete do leite, ou que vão buscar alguma ajuda. Vocês podem tentar organizar, com essas mulheres, quem sabe através de alguém legal, no posto de saúde, ou vir no ~~GTPOS~~ ^(?) para estarmos conversando um pouquinho com vocês como é que podemos montar grupos de mulheres no bairro, para estar conversando sobre o relacionamento delas com o marido, com o filho, entendeu?, com a vida delas, que é um pouquinho o que a Rebeca falou: as mulheres casadas têm muitas dificuldades de, às vezes, trazer a camisinha para se relacionar com o marido, não é?

Então, se elas estão entre elas, sozinhas, conversando, às vezes elas podem desabafar, dizer o que estão pensando, podemos informar. E esse projeto tem, na seu GTPOS da comunidade Heliópolis, que tem grupos de mulheres, de homens. Seria muito interessante se vocês pudessem conhecer, para a gente poder se aproximar, vocês também, indo até lá, para conhecer o trabalho, como que ele é, para vocês terem idéia de como é que podemos fazer para ajudá-las lá onde vocês estão.

Acho que, neste sentido, tanto o Nepart (?) quanto o GTPOS (?), estamos muito abertos, vamos deixar aqui endereço, telefone, para vocês poderem entrar em contato e até marcarmos um dia para irmos lá, por exemplo, em Heliópolis, se vocês quiserem ir à favela, para conversarem com os adolescentes de lá.

Tem gente lá que está no "rapp", tem gente que está num grupo de samba, tem quem está se organizando em grupos de prevenção da Aids, para ter idéias e a gente poder, quem sabe?, integrar



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 478 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N49	3	L. Carlos	Grupos Organ.	15.09.97		

com vocês um movimento, entendeu? Isso é só uma questão de conversarmos.

Acho que foi muito legal você ter falado na família. A família se sente muito sozinha, também, não é?, porque eles têm essa dificuldade toda e, às vezes, não sabem onde conversar, com quem contar.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - O próximo: Djalma, do Núcleo Cultural Força Ativa.

O SR. DJALMA - Boa tarde. Queria estr falando também da obrigação do Estado quanto à saúde, porque, na verdade, as ONGs não colocaram nada lá na Lei Orgânica comprometen-do-se com a saúde, mas sim o Município. E a Prefeitura não vem cumprin-do com o seu papel de articular políticas públicas e atendimento à po-pulação, nos postos de saúde.

Geralmente, quando se manda ^{uma} adolescente pra um pos-to de saúde para consultar um Ginecologista, a pessoa chega no posto de saúde e o ginecologista diz que tem que chamar os pais, para atender a adolescente. Então, fica complicado.

Gostaria de falar também sobre a questão de verba. O orçamento da Cidade de São Paulo é de R\$7 bilhões. Como não tem verba? Verba tem, mas acho que falta os grupos organizados e a sociedade come-çarem a vir cobrar aqui, no plenário, a execução do orçamento, tanto pa-ra a saúde como para as outras áreas que fazem parte das políticas so-ciais básicas para a população. E nós também estamos exercendo essa ci-dadania e pegando até o costume de estar vindo toda vez aqui na câmara, pra estar cobrando dos Vereadores, principalmente os governamentais,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 427 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N49	4	L. Carlos	Grupos Org.	15.09.97	Djalma	

os que são da situação, para que executem as políticas públicas.

Também gostaria de estar falando com o pessoal que, no final do mês de setembro, começa a votação do orçamento da Cidade para o ano que vem. Gostaria de convidar o pessoal a estar participando.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Obrigado, João. (Palmas)

Agora, a próxima inscrita é a Carla Cassado (?), do Núcleo de Trabalhos Comunitários, da Pontifícia Universidade Católica, de São Paulo.

A SRA CARLA CASSADO - Boa tarde, eu só queria fazer uma colocação, em cima da fala da Bárbara, que achei um ponto interessante quando você coloca que a Aids é relacionada com coisa ruim e, dentro dessas coisas ruins, você colocou a ~~homossexualidade~~ homossexualidade. E aí eu falei: "Infelizmente, as pessoas fazem essa associação, e gostaria, além disso, de reforçar aqui a proposta", como que é. Ela não é só com "Força ativa", com a "Turma no Poder", mas como é que se vai levar uma proposta para a Cidade de São Paulo. Acho que esse trabalho de família, como colocaram, é interessante, mas também com os Professores, nas escolas, tem que se fazer um trabalho relacionado a isso. Por quê? Porque o aluno está lá e, às vezes, tem umas dúvidas em relação, e os Professores não estão preparados para responder, e não podem achar que isso não se conversa em casa ou na escola, que se tem que estudar tal matéria, e não se abre nenhum espaço. Acho que vocês já colocaram um pouco disso,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

480
Folha n.º 480 do Proc. 11 de 1992
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N50	1	valéria	grupos organ.	15.09.97		

mas reforçar essa coisa de se fazer formação dos professores em relação a isso. Obrigada.

A SRA. _____ - Essa questão que você falou sobre a sexualidade, acho muito bom ser trazida também porque é uma das coisas com que mais se trabalha nas oficinas também, nessas intervenções, quebrar o estereótipo de que a homossexualidade é ruim, quebrar os preconceitos, porque às vezes a gente fala tanto de que não devemos ter preconceitos com raça, classe social e tudo o mais e temos preconceito quanto à sexualidade quando, na realidade cada um deve assumir o que quer. Então, uma das coisas que conversamos muito é sobre a quebra desses preconceitos, contra a mulher, que ainda sofre muito preconceito com o machismo, autoestima, contra o homossexual e outros que aparecem.

A SRA. _____ - E é importante, porque como você colocou aquela questão dos direitos, pessoas que se relacionam do mesmo sexo, como chamamos, tem a questão da união civil, que a Marta fala muito e não vem sendo compreendida. Em função de todo o preconceito você acaba não entendendo as relações, acaba havendo muita discriminação, muita violência. Então, essa questão que você trouxe é um dos grandes entraves, sei o que significa. Então, é importante pessoas como você se aproximarem para conversar, discutir no bairro como podemos nos organizar em torno dos direitos da cida-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 481 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N50	2	valéria	grupos organ.	15.09.97		

nia das pessoas, das relações, das questões das diferenças. Isso faz parte do trabalho de prevenção, frente de prevenção, mesmo porque não podemos esquecer que foram grupos de gays que mais contribuíram na luta contra a AIDS, grupos que vançaram, que se dedicaram espontaneamente, que chamaram a sociedade para ver o que estava acontecendo. Hoje estamos todos juntos mas devemos muito a esses grupos de gays que trouxeram toda a frente. Inclusive, se deve a eles toda essa consciência social que eu estava comentando na minha fala no início do debate porque eles começaram a se ver como grupo minoritário que sofria muito preconceito da sociedade e que estava morrendo. Ninguém estava muito interessado em cuidar dessa questão da AIDS porque quem morria eram os gays e os gays não faziam tanta diferença assim. A primeira briga deles foi para sobreviver e começaram a usar camisinha como um ato político mesmo, um ato político de dizer: de AIDS eu não vou morrer, vocês vão ter de dar conta disso, sou gay, faço parte da sociedade e vocês devem fazer algo. Quando começamos a trabalhar com a galera do centro pobre de São Paulo vimos que era a mesma coisa, que o ato político de se usar camisinha devia ser o mesmo. Sou pobre, sou negro e não vou morrer de AIDS - vocês façam o favor de fazer alguma coisa por mim porque de AIDS eu não morro. E foi assim que o povo começou a usar camisinha e é isso que acho que é uma das transformações fortes de AIDS. Porque muitas pes-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 482 do Proc. 11.0 do 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N50	3	valéria	grupos organ.	15.09.97		

soas falam: você fala de AIDS, de AIDS, de AIDS e há outros quinhentos problemas por aí.

Eu digo: é verdade, mas da AIDS eu posso me prevenir com camisinha, eu consigo mesmo e eu sobrevivo para falar para a sociedade - estou aqui, eu sobrevivi e você não pode me marginalizar, você tem de fazer alguma coisa por mim. (Palmas).

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - A última inscrita é Lucia

Helena Santos do Grupo Cultural Força Ativa.

A SRA. LUCIA HELENA SANTOS - Quero falar a respeito da higiene

porque fala-se muito em AIDS, em doenças sexualmente transmissíveis, que é o ponto principal de prevenção. Se uma pessoa sabe como deve ser limpo seu órgão sexual já é um ponto de prevenção, um ponto a menos para pegar uma doença sexualmente transmissível ou fazer parte de grupos de risco. Falamos de AIDS mas não tocamos nos grupos de risco, e hoje em dia já não há quem não faça parte de grupos de risco. A partir do momento em que você tem uma vida sexual, você está arriscado a ter AIDS, fazer parte do grupo de mulheres com gravidez indesejada e outro tipo de coisas. Você falou da questão dos gays que começaram a usar camisinha como um protesto político: eu sou gay, vou usar camisinha, estou aqui e vocês vão fazer o favor de me aturar. O Estado não tem de fazer favor nenhum, não coloca ninguém no mundo, mas cobra impostos, oprime as pessoas, tem a obrigação de



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha 11 de 19 97
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N50	4	valéria	grupos organ	15.09.97		

fazer tudo isso, de promover essa plenária aberta aos grupos organizados, distribuir ca-
~~misinhas~~ misinhas e um programa de prevenção quanto à higiene. Porque a mesma pessoa que
mora na periferia e convive com os esgotos porque não há sanitaristas, é a ~~mesma~~ pessoa
que vai ter o problema em casa e não vai saber se prevenir com higiene. (Palmas).

A SRA. _____ - Inclusive, uma das coisas que eles
mais brigaram era por isso, porque tinham esse direito e têm mesmo.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Bem, não temos mais inscri-
tos. Passo a palavra às duas debatedoras para suas palavras finais e a seguir faremos o
encerramento. D. Rebeca.

A SRA. REBECA _____



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 484 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODIZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. A PARTIR
N-51	1	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

Eu queria dizer que foi muito proveitoso, muito bom estar aqui falando sobre isso. Eu acho sempre bom poder falar sobre isso porque penso meu trabalho de Aids como um trabalho de conscientização e muito mais até do que conscientização só de sexualidade. Eu acho que você falar de Aids passa por uma série de questões até políticas, como as que eu coloquei aqui. Então, poder estar aqui falando sobre isso com vocês, pensando sobre isso, é sem dúvida muito bom. E acho interessante que tenha surgido o interesse de vocês por treinamento, e outras questões, e me coloco à disposição. Gostaria de fazer esse trabalho com vocês. (Palmas)

A SRA. - A gente chega e não conhece muito bem as pessoas, e vai conhecendo e reconhecendo o valor dessa reunião. Estou vendo que estamos aqui com um grupo organizado forte. Vocês estão representando pessoas. Então me coloco totalmente à disposição, como o NEPAICS, para nos juntar com vocês no que for possível, para fortalecer essa luta de vocês pela saúde no sentido mais amplo. Acho que a Lúcia estava falando uma coisa muito importante, que a bem dizer fechou o nosso encontro. Nós estamos aqui lutando muito pela vida e qualidade de vida das pessoas.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 485 de Proc. 11.0 M de 19 97
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE
N-51	2	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

Então a gente passa pela saúde, pela educação; a questão da higiene que você colocou está integrada no sentido amplo de a gente melhorar o projeto de vida de vocês enquanto jovens. Isto é, tem uma série de questões onde está havendo uma discriminação, uma exclusão séria. Na educação, com certeza, através das escolas, através do trabalho, quer dizer, a discriminação na área do trabalho, muito grande com relação a adolescentes e jovens. Então, a gente poderia estar ampliando essa discussão, como a Rebeca falou, pegando a questão da Aids mas como uma questão muito mais ampla, como qualidade de vida, questão de organizar esses grupos que vocês têm, da gente se fortalecer com outros grupos que estão aí, de divulgar o que está acontecendo. Entendeu, Lúcia? De juntar e fortalecer mais. Você tem um grupo lá, pode ser que tem um grupo próximo de você, ou mesmo na favela de Heliópolis ou Monte Azul, que as pessoas também estão se organizando e não estão com muita força ainda porque ainda tem poucos jovens falando como vocês falaram aqui hoje. Através da música, vocês estão fazendo um trabalho político muito mais sério do que muita coisa que a gente ouve na televisão, e esse trabalho está se dando nos bairros, pelo que estou entendendo. A questão do rap, de tudo que vocês estão fa-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 486 do Proc.
de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-51	3	Marcia	Grupos org.	15.9.97		

zendo. Então seria interessante a gente se aproximar para unir essa força que vocês têm. E também levar os grupos de rap que você falou e levar para os grupos de discussão, para ajudar os outros a se organizar. Foi muito importante estar aqui. Eu até me senti nem sei o quanto a gente pode estar junto, mas gostaria que estivéssemos cada vez mais próximos desse grupo. Muito obrigada. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço às debatedoras, e posso dizer que o debate de hoje com certeza será de grande valia para fazermos o relatório final. O relator, eu sou o Presidente da Comissão, e o Vereador Henrique Pacheco é o relator; nós vamos elaborar o relatório discutindo com os grupos, inclusive, como tínhamos combinado, e posso dizer que desse relatório creio que vão sair propostas muito importantes e interessantes. Mas desde já, independentemente do relatório, sai uma proposta concreta então, que é essa que vocês fizeram, de organizar o treinamento. Então aquelas pessoas que tiverem interesse para esse ~~trei~~ treinamento procurem a Eliane agora ao final desta sessão, deixem nome e endereço que nós vamos marcar esse treinamento para vocês. Então nós saímos com alguma coisa já, fora Estado, alguma coisa



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 487 do Proc. 11 do 1997
O Funcionário JA

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
N-51	4	Marficia	Grupos org.	15.9.97		

de concreto. E acabei de ser informado de que o pessoal da Turma do Poder vai cantar um rap para nós. Então, por favor, o rap. Está encerrada nossa sessão com o rap que eles irão cantar para nós.

(EXECUÇÃO DO RAP)

- o - 0 - o -



Câmara Municipal de São Paulo

ATA DA 7ª REUNIÃO DA COMISSÃO DE ESTUDOS (CRIADA CONFORME RPP 0011/1997) SOBRE "GRUPOS ORGANIZADOS" QUE VÊM ATUANDO NA CIDADE DE SÃO PAULO - PRIMEIRA SESSÃO LEGISLATIVA DA DÉCIMA SEGUNDA LEGISLATURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

2/09
Aos vinte e dois dias do mês de setembro de mil novecentos e noventa e sete, às 14:00 horas, 22 andar, no Auditório Oscar Pedroso Horta (Anexo G), realizou-se a sétima reunião sobre a Comissão de Estudos criada para analisar e deliberar sobre o evento dos Grupos Organizados que vêm atuando na cidade de São Paulo. Sob a presidência do Vereador José Eduardo Martins Cardoso, e na presença dos Vereadores Roberto Trípoli, Ana Martins, Henrique Pacheco, Osvaldo Enéas, Mohamad Said Mourad, Devanir Ribeiro, José Silva Amorim, Aurélio Nomura, Cosme Lopes, iniciaram-se os trabalhos. Tema debatido: "COMUNICAÇÃO E OS GRUPOS ORGANIZADOS". Compondo também a Mesa, Lucia Helena dos Santos Aguiar (do Grupo Força Ativa), Zinho (da Turma do Poder), Gnomo Negro (da Juventude Negra Afro-Consciência). Após as várias considerações iniciais, foi aberto o debate entre a Mesa e a platéia, do qual participaram, basicamente, componentes do diversos Grupos Organizados presentes. Presentes, também, assessores dos vereadores-membros desta Comissão e de outros vereadores. As notas



Câmara Municipal de São Paulo

taquigráficas com a integra de todos os pronunciamentos, que é parte integrante do processo, encontram-se arquivadas no âmbito desta Comissão. E para constar, eu, Arão Martins dos Santos, laurei a presente ata que, lida e achada conforme vai assinada pelo senhor presidente e demais membros presentes e por mim subscrita.

José Eduardo M. Cardoso:.....
Presidente

Roberto Trípoli:.....

Ana Martins:.....

Henrique Pacheco:.....

Osvaldo Enéas:.....

Mohamad Said Mourad:.....

Devanir Ribeiro:.....

José Silva Amorim:.....

Aurélio Nomura:.....

Cosme Lopes:.....

Arão M. dos Santos:.....
Secretário



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 489 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA
DT. 10

SEM REVISÃO

" GRUPOS ORGANIZADOS "

7º TEMA: "COMUNICAÇÃO E OS GRU -
POS ORGANIZADOS"

22/09/97

Reunião realizada no Auditório Dr. Oscar Pedroso Horta da Câmara
Municipal de São Paulo em 22 de setembro de 1997.

Solicitante: Sr. Vereador José Eduardo Martins Cardozo

(Memo. nº. 14 - 15 e 24/97)

Secret. Arão Martins



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
01	1	beth	grupos organ.	22.9.		

O SR JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Vamos retomar o

nosso grupo de trabalho. Tivemos várias mesas, sendo que a última foi a sexta. Temos hoje uma rodada diferenciada. ~~Tínhamos pro~~gramado essa rodada mais para o final mas em vista de não temos conseguido manter o planejamento na data proposta, tivemos de fazer alterações e optamos por fazer a rodada de hoje. ~~Trata-se de~~ um debate entre os próprios grupos organizados que estamos acompanhando. É impossível fechar um relatório, fixarmos quaisquer opiniões finais, propostas, sem antes coletar subsídios e informações diretamente com vocês.

Hoje o debate será ~~feito diretamente com os~~ grupos organizados. Lembro que o debate de hoje, como os demais, é gravado. Será, depois, escritos, todos os depoimentos, falas, em cadeia que servirá para fazermos o nosso relatório. Desejo reiterar o compromisso já assumido por mim, de que o relatório dessa comissão de estudos será feito com vocês, com os representantes dos grupos or-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 491 do Proc. 11 de 1992
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
01	2	beth	grupos org.	22.9.		

ganizados. Eu não quero que nenhum proposta de relatório saia sem o crivo e a discussão de vocês. É evidente, não sou o dono da comissão.

Sou o Presidente. Tenho de submeter o relatório aos demais vereadores

que integram esse grupo de estudos. Acredito que não teremos qualquer

tipo de problema com relação a isso. Portanto, desejo registrar os

demais vereadores que fazem parte desse grupo de estudos. Além de mim

José Eduardo Martins Cardozo, há o Devanir Ribeiro, do PT, Ana Martins,

do PC do B, Vereador Aurélio Nomura, do PSDB, Vereador MM Mouramed

Moudad, do PL, Cosme Lopes, do PPB, Henrique Pacheco, do PT, José

Amorim, do PTB, Roberto Trípoli do PSDB e Vereador Osvaldo Enéias do

PRONA; designamos como relator do trabalho o Vereador Henrique Pache-

co, do PT. A idéia é fazer um ~~XXXXXXXXXX~~ relatório, discutido com

vocês, e que ele seja, realmente aprovado por todos os vereadores. A

partir do relatório vamos tentar viabilizar as propostas. Vamos fazer

os projetos de lei, vamos apresenstar todas as iniciativas que são

da competência da Casa em relação ao relatórior. O que não for compe-

tência da Câmara Municipal, for, por exemplo, da competência do Prefei-



400
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 492 do Proc. UNL 0 11 de 19 97
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
01	3	beth	grupos org.	22.9.		

to, iremos mandar o relatório a S.Exa., pedindo que faça. Vamos mandar para outros órgão públicos pedindo para que as coisas sejam feitas com base nesse relatório.

Hoje vamos começar com o debate. Terei de tomar contato com o debate depois, lendo, pois hoje estamos em um dia, até para mim, muito especial, pois faz 20 anos que a Universidade Católica, onde sou professor, foi invadida pelas forças policiais na época da ditadura, no dia 22 de ~~XXXXXX~~ setembro de 1977, quando estava no primeiro ano da faculdade, o Coronel Erasmo Dias, na época, Secretário de Segurança Pública, em uma manifestação de estudantes na porta do TUCA, o Teatro da Universidade Católica de São Paulo, em manifestação que tinha por objetivo retomar a construção das entidades estudantis, da UNE, determinou que a passeata fosse dissolvida. As tropas policiais cercaram a Universidade de São Paulo, a passeata foi dissolvida e os estudantes, fugindo da polícia entraram na Universidade. As tropas invadiram a Pontifícia da Universidade de São Paulo, quebrando salas de aula, batendo em professores que estão lecionando, destruindo.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 493 do Proc. 11 de 19 97
O Funcionário 27

ROD(ZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
01	4	beath	grupos org.	22.9.		

O fato faz 20 anos, hoje, e haverá uma série de atos na Universidade, lembrando o ato. Um dos quais é um júri simulado, feito por um professor, um promotor, um juiz simulado. Uns atacando a invasão e outros dizendo que a invasão foi dentro da lei. Fui chamado para ser ~~XXXX~~ testemunha do júri. Infelizmente terei de me ausentar, é um ato político, de protesto, contra a ~~SSSSSS~~ invasão e, por essa razão, não poderei estar assistindo o debate, estarei lendo o debate. É coisa que farei, ainda essa semana, assim que a fita for transcrita. Pedirei a Eliane Pimenta, minha assessora, para coordenar o trabalho de vocês.

Chamarei ~~os~~ os componentes do debate de hoje: Lucia
Helena dos Santos Aguiar, do Grupo Força Ativa; Vinho, da Turma do Po-
der; Gnomo Negro da JUNAC - Juventude Negra Agro-consciência.

Apenas para concluir pedirei um favor. Aos membros da Mesa: falem no microfone. Quem falar fora não grava. Eu não poderei ler, nem os demais vereadores e nem quem for fazer o relatório depois. Qual é a dinâmica? Vai ser aberta a palavra, como sempre fazemos e depois, serão abertas inscrições para o plenário. O plenário irá se inscrever



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 494 do Proc.
n.º 11 de 19 97
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
01	5	beth	grupos org.	22.9.		

e deverá falar daquele microfone. Quem falar fora do microfone não grava. Então, passo a presidência para a Eliane que me substituirá à altura e peço que sejam os mais críticos, a gudos e precisos possíveis. A sessão de hoje é muito importante. A palavra de vocês é muito importante em relação aos problemas e não ~~apenas~~ apenas aos problemas mas às propostas. Me recordo que a própria Lucia fazia um debate em que falava: o que de concreto vai sair daqui? Já tem alguma coisa alinhavada mas é importante que ouçamos vocês, que vocês falem, propostas. Como é que vocês acham que o Poder Público pode estar atuando em relação ao jovem excluído, ao jovem ~~amarginalizado~~ marginalizado da periferia da cidade. Obrigado.

A SRA ELIANE PIMENTA - Vamos começar com a Lucia, para

*que faça as suas colocações. ~~Q~~ Quero lembrar que a Cris, lá atrás, estará secretariando, fazendo as inscrições para quem quiser fazer as perguntas. Já estão abertas.

AXSRAXXX



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 491 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
02	1	beth	grupos organ.	22.9.		

A SRA LUCIA - Como tudo o que vai ser dito aqui

será passado aos vereadores e são coisas que serão ditas em cima do que já passou acredito que a posição dos grupos organizados seria de estar passando propostas e estar cobrando uma ação mais democrática do ~~governo~~ governo, se é que isso existe na nossa ~~realidade~~ realidade.

Discutimos, no Grupo Cultural Força Ativa que uma forma de estarmos fazendo valer o que se diz como democracia hoje, seria o acesso à política na elaboração de leis por parte de cada membro dos grupos organizados. Se não tivermos representantes, um dois, seja, mas se não tivermos os grupos organizados na hora em que as leis estiverem sendo elaboradas poderemos ser enganados duas vezes. Primeiro porque as propostas sendo apresentadas por pessoas que sofrem o problema social na pele vão estar sendo pegadas pelos vereadores como se as idéias fossem deles. Como grupo organizado acredito que as pessoas que ~~estão~~ aqui estão, têm consciência disso e não estão aqui a toa.

Gostaríamos da participação dos grupos organizados na



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 496 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
02	2	beth	grupos organ.	22.8		

hora em que estiverem sendo feitas as anotações, o relatório. Outra coisa é a respeito do Conselho Tutelar. Diz respeito não somente a grupos organizados mas a toda a população. Qual seria o papel do grupo organizado hoje? O que é um grupo organizado? É um grupo de pessoas que têm a intenção de estar fazendo valer as leis que são impostas pela Constituição. Estar fazendo valer para quem? Para a massa, para a periferia, que são as pessoas mais interessada nisso tudo e que não tem os direitos reconhecidos. Uma forma de estar trabalhando a questão da democracia perante os grupos organizados e perante a sociedade é não só tendo ~~XXXXXXXX~~ acesso nas plenárias mas também tocando na questão do emprego. O estado cobra impostos, impõe coisas, fora o imposto que já conhecemos, o imposto monetário mas o imposto de não jogar o lixo na rua e ser cobrado não somente pelo policial mas pelo cidadão que passa pelo teu lado. Isso é uma coisa que tem de ser trabalhada nos grupos organizados mas tem de ser trabalhada fora também. Tem de ser ~~XXXXXXXXXXXX~~ estendido à comunidade. Um meio de estar trabalhando isso seria que em cada grupo organizado existiria a presença de um conselheiro



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 491 do Proc.
UnLo 11 de 19 97
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
02	3	beth	grupos org.	22.8..		

ro tutelar no Município. E se estaria assegurando emprego para cada componente de um grupo organizado. Temos a teoria, a ~~XXXX~~ teoria e não temos a prática. Não adianta termos teoria e não termos coisas concretas, não somente por parte do governo oferecendo à comunidade mas por parte da comunidade mesmo estar se colocando à frente do governo mostrando que ele tem uma posição perante certas coisas. Outra questão que foi discutida é o fato de na periferia não haver sanitaristas. Não temos sanitarista, não temos saneamento básico e no debate do dia 15 de setembro o tema era saúde dos grupos organizados. Falou-se muito DSC em AIDs, isso e aquilo mas não se falou na questão ~~xx~~ principal, dos sanitasistas, das pessoas que têm condições para isso estarem entrando, penetrando na comunidade periférica e estarem ~~XXXXX~~ levando o conhecimento que elas têm, que as pessoas mais têm nisso.

surge

~~XX~~ é na periferia que ~~XXXXXX~~ toda a AIDS, a DSC, a gravidez indesejada e por aí fora. As ONGs que vieram falar de AIDS e coisas parecidas são ONGs que acredito que trabalhem não para a periferia. Não trabalham. Se trabalhassem não iriam estar falando com a distância com



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 498 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário ARAD

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
02	4	beth	grupos org.	22.9.		

que falavam.

~~_____~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 499 do Proc. 11 da 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-3	1	Idelci	Grupos Org.	22.9.97		

E a gente precisa disso. A gente precisa de sanitaristas dentro dos grupos organizados. Fora isso, a gente precisa reconhecer que grupos organizados, não são só esses que a gente vê por aí, grupos pré-determinados pelas idéias que as pessoas têm. Mas grupos organizados são os das pessoas que têm uma idéia e lutam por aquilo, por uma concepção política. E mesmo que não lutem, sabemos que têm uma posição política dentro da sociedade. Um caso desses é os mendigos, ditos excluídos, como as pessoas gostam de falar. Se eles são excluídos é porque ~~na~~ a própria massa exclui. Acho que deveríamos ter grupos organizados, com a participação do governo ou não, pensando num meio de se unir, para estimular a criação de outros grupos organizados. Além disso a gente discutiu a questão da autonomia para as rádios comunitárias, a bolsa-auxílio, as cooperativas, cursos profissionalizantes oferecidos pelo Estado, como um todo. Era só isso. (Palmas)

A SRA. — Antes de passar a palavra ao

Zinho, quero convidar⁷ representante de algum outro grupo, que queira participar da Mesa. Esta Mesa foi composta por membros de alguns grupos que acompanharam o trabalho até então e que têm frequência a todas as nossas Mesas, praticamente. Caso haja algum grupo que queira parti-



500

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 500 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-3	2	Idelci	Grupos Org.	22.9.97		

cipar desta Mesa, além do plenário como um todo, que não está representado, por favor queira manifestar-se agora. (Pausa) Tudo bem. Então, tem a palavra o Zinho, da Turma do Poder.


O Sr. ZINHO - Sou o Zinho, da Turma do Poder,

da zona Norte. Faço parte das paradas de rua, com 250 jovens espalhados pela Grande São Paulo. A gente vem trabalhando de uma forma diferente. Entre as atividades, temos uma união, em que ~~fi~~ um fica atendendo as dificuldades do outro e tal. Nessas favelas tivemos diversos procedimentos. Um deles, da turma dos direitos humanos, vem acompanhando esses debates. A Força Ativa foi pioneira nesses debates, assim como o Conselho de Rap está ligado, em luta, não; a favor da Educação, do ensino básico. O que foi discutido entre nós, no Jardim Vista Alegre, a gente está aqui debatendo, debatendo. Vejo que entre nós está o da ~~Intretur-max~~, mas, uns chamando de gangue, de movimento de ~~rap~~ hip-hop, (ininteligível) afastado, então. Creio que a força do poder, a força ativa, de todos os raps, etc, todos que estão com a ideologia, estão a favor da Periferia, creio que deve haver uma união entre nós. Sei lá, levantar uma bandeira, por um ideal, atingir todas as áreas, Norte, Sul, Leste, Oeste; fora da



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 501 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE
0-3	3	Idelci	Grupos Org.	22.9.97	Zinho	

qui, se encontrar, se reunir, levantar e encaminhar propostas. A Força Ativa tem um estilo. O Poder tem outro. Mas todos estão ligados pelo mesmo ideal, que é a dignidade, é viver em harmonia, em união. Vários debates foram feitos. O Poder luta pela Educação, a Saúde e tal. Veja o seguinte: não estou aqui para falar que a periferia precisa disto e daquilo. A gente vem aqui lutar, entendeu? A gente está disposto a qualquer manifestação, a qualquer força. Quando ando na rua a Polícia me esculacha. Vejo a causa do esculacho. Além de tudo, as próprias pessoas vão virando as costas. (ininteligível) A gente vai se formando, se educando e tal. Acho que é o seguinte: desde pequenininho, na periferia, a Força Ativa, (ininteligível), todo mundo de mãos dadas. Acho que é por aí, o primeiro passo, a atitude a ser tomada. Vejo aqui membros de vários movimentos: MM, Turma do Poder, Força Ativa, acho que isso já é o básico da união, de uma aliança. Nós sentamos. A união faz a força, para encaminhar esse projeto. Acho que é isso que o povo espera, mais prática. (Palmas)

A SRA. — Tem a palavra o Gnomio Negro, do

Juventude Negra Afro-consciente.



430

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 502 do Proc.
n.º 11 de 19 97
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-3	4	Idelci	Grupos Org.	22.9.97		
0-4						

O SR. GNOMO NEGRO - Boa tarde. Meu nome é Gnomô. Tenho sa-
tisfação de estar aqui e trocar idéias com vocês. Dá para perceber que
as coisas estão caminhando, estou vendo os irmãos unidos, tomando uma
atitude. Falta atitude no meio do movimento. Ficar só reclamando não
adianta. A gente tem que tomar atitude. Todo mundo está vendo os proble-
mas que o nosso povo passa. A gente vive numa paz de cemitério. Vive
numa paz sob o terrorismo do estado fardado (ininteligível). Então acho
que o Jumaq, o Força Ativa, a Turma do Poder, têm que tomar uma atitu-
de, porque tem uma pá de irmão que não toma. O que eu queria falar, ma-
no, é que todo mundo está ciente dos problemas que estamos passando na
periferia. Quem comanda o País, está provado historicamente, não sabe
que quem domina o País são os descendentes dos europeus, são os brancos.
Os pretos estão na periferia, vendendo droga, estão se drogando. A gen-
te espera que os irmãos tenham essa consciência. Tem muito preto que
não faz nada pelo movimento. Alguns brancos estão entendendo e já estão
fazendo muito mais que os próprios pretos. A gente espera que, após es-
ta troca de idéias, não fiquemos só no debate, mas que vá para a peri-
feria, para as favelas, para os campos de concentração. A gente vive
nesse terrorismo desgraçado, de um Estado que fica torturando o nosso
povo. Não tem Saúde, quando chove, destrói tudo. Não adianta vir aqui



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 503 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-4	1	Idelci	Grupos Org.	22.9.97	Gnomo	

dar uma idéia, do que a gente quer para a Saúde. A periferia precisa de Saúde, escolas, moradia. Os pretos precisam disso. Os brancos pobres também precisam disso. A gente está ciente desses problemas, mas não estou vendo nada acontecer. Vamos ver se depois desta reunião, as autoridades tomam uma atitude em benefício da periferia, porque a gente está precisando. Acho que é o seguinte: da água nasceu o bugre (?) e do bugre (?) nasceu esse Estado fardado, opressor, que oprime o meu povo na periferia. E a gente do Jumaq, pega revolução, viu cara? Se o governo não tomar uma atitude, a gente vai para a faculdade, aprender a fazer bombas. O Estado criou bombas-relógio, que não tem como desativar, porque ninguém gosta de passar fome, de tomar borrachada; meus irmãos pretos não gostam de ser chamados de macaco, de crioulo, de pardo, de moreno, nem de mulato. Nós não somos nem melhores nem piores do que vocês. Nós somos iguais. Está certo que temos nossas diferenças de traços. Um homem branco é diferente de um oriental. Uma mulher loira é diferente de uma pretinha. Precisamos aprender a respeitar essas diferenças. Depois de 497 anos de opressão, a gente continua, ainda, levando borrachada, tapa na cara, tomando tiro desses capitães de mato, ~~fardados~~ esses demônios fardados. A USP tem 150 mil alunos; menos de 2% são pretos. A gente não vê nenhum favelado nas faculdades, mas no Carandiru, vê. Vê na Febem, também. Então



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 504 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-4	2	Idelci	Grupos Org.	22.9.97	Gnomo	

acho que é o seguinte: numa revolução armada corre muito sangue. Eu não ia me conformar de ver meu irmão sendo morto, torturado, na minha frente. Só que é aquela: ser torturado é bem pior que morrer. A gente é torturado dia a dia na periferia. É torturado pelo salário mínimo. Quando falta água, nas comunidades fica mais de oito dias sem água. É menina de sete ou oito anos, PÊTÊ na cinta, que está lá para não pagar comédia, que não paga mesmo; está lá traficando. Culpa de quem? Das autoridades. Culpa nossa não é. Meu povo não tem culpa de estar nas favelas. Os nordestinos não têm culpa de ter que sair da sua terra, onde estava morrendo de fome e de sede. Chegando aqui, se mata, constrói prédio, ponte, viaduto, para careca nazista ficar erguendo o dedo e ficar falando que nordestino é magro, feio e burro, que vai expulsar os pretos da América. É o seguinte, mano: paguem o que nos devem! Paguem em faculdades. Os vereadores, se estiverem ouvindo essas idéias, o prefeito, não deixem entrar por um ouvido e sair pelo outro, não. Porque no dia da (ininteligível) você pode ser morto de quebrada na periferia. Entendeu, cara? O pai de família, desempregado, desesperado, sai para fazer um assalto, 157, vai para onde? Vai para a cadeia. Hoje é mais fácil um descendente de africano ir para o Carandiru do que ir para uma faculdade; é mais fácil ir para um necrotério. Isso tudo não estou tirando do nada, não. São



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 605 do Proc. 110
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-4	3	Idelci	Grupos Org.	22.9.97	Gnomo	

fatos. Na favela em que eu moro, que é pequena, as crianças estão traficando, se matando, trocando tiro com a polícia até morrer, não têm direito a coisa nenhuma. Depois de 400 anos de opressão na América, a gente continua sem direito nenhum. Todo mundo sabe. Ninguém que está aí é quadrado, entendeu? Para começar, o Germano é quadrado. Todo mundo sabe que a periferia precisa de água, de luz, de segurança, Mas uma segurança de verdade, não uma segurança demoníaca, que solta fogo pela boca, como o capeta. Uma segurança que anda armada, que recebe um salário para o qual a gente também contribui. Essa conversa de que capitão de matto ganha pouco, é papo furado, porque na favela em que moro, toda sexta-feira e sábado os militares vão lá fazer assento. Toda semana eles catam 500 reais. Fincam a bunda o dia inteiro na viatura, gastando gasolina, suando a bunda o dia inteiro. Todo mundo está ciente disso aí. A gente precisa de segurança, de polícia, de verdade, com quem a gente pode trocar idéias. Não uma polícia safada, estupradora, fardada, demoníaca; parece mais um demônio fardado do que um ser humano. Eles são ser humano como a gente. Mas nossos irmãos que estão na periferia, Itaquera, São Mateus, Cidade Tiradentes, zona Norte, Leste, Oeste, Sul, sentem na pele. Quem não mora em favela, por mais problemas que tenha, não sente na pele a opressão, a tortura do Estado, a presença de uma viatura, de



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 506 do Proc. 11.0
de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-4	4	Idelci	Grupos Org.	22.9.97	Gnomo	

um soldado que é pago com dinheiro do povo. A gente contribui e também os pretos, descendentes de africanos. Nós contribuimos para a América, não um mês nem 10 meses, não. São 497 anos. Isso porque estou com 20 anos, sou vivo, escuto as histórias que me contam. Mas na História do Brasil, não dá para acreditar muito, não. Não dá para acreditar. A periferia precisa de água, de luz, de segurança, alimentação, cultura. É isso que a gente quer. Precisa de apoio, de maquinário, (ininteligível) Vamos anotar aí: se neste sábado a gente já recebe, a gente precisa de maquinário, na periferia. Tem umas favelas cabrunhosas, em que os ratos invadem as casas dos moradores. Quem puder doar umas máquinas, do tipo trator, quem puder tirar uma coleta com uns caras, uns tratores... Luz nas praças, informação nas escolas. Na escola que eu estudava, durante uma chuva brava, ~~pegavam~~

~~uma chuva brava, pegavam~~

~~uma chuva brava, pegavam~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 507 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-5	1	Dehise	Grupos Org.	22.9		

...achamos uma ratazana enorme na sala de aula, o piso está desabando. Parece que o Estado continua sendo uma pedra no sapato do país que nasceu descalço. Não dá para entender isso. Queremos soluções. Já estamos injuriados com essas idéias. Estou vendo que esses movimentos estão acontecendo várias vezes, mas queremos providências. Nós contribuimos com esse país, não foi um mês nem dois meses. Ou o Governo toma uma atitude ou serei um dos primeiros a pegar uma R-15 nesse país velho.

Se fôssemos considerados brasileiros, não seríamos punidos, e os "manos" não estariam sendo um monte de quebrados. Ou vocês tomam uma atitude, (ininteligível), Força Ativa, Turma do Poder e vários movimentos que irão aparecer, porque cada um de nós tem muita coisa boa para passar um para o outro.

Eu tenho amigos brancos para "caramba", mas tem lugares onde os brancos saem melhores neste país do que qualquer outro que tenha a pele bem mais azul. Quanto mais escura a pele, mais oprimido pelo Estado. Chamam até de macaco, mulato, te chamam de mula na cara dura. Cadê o nosso semelhante? Nós não vemos os nossos semelhantes. Nesses apartamentos, quantos favelados têm aí? Quantos "manos" da Força Ativa são donos desses apartamentos do Junac (?). Quando "manos" da periferia moram nesses apartamentos? Nenhum. Por quê? É por que somos



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 508 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-5	2	Denise	Grupos Org.	22.9.97		

vagabundos ou não trabalhamos? Lógico que não. Estão tirando a favela, a periferia. O Governo está tirando a gente há mais de 400 anos. Contamos com o apoio dos brancos que estão ajudando. Sou um cara sincero, não estou aqui para agradar ninguém. Os brancos que estão dando apoio não vão para no paredão, porque se no dia de amanhã estourar uma revolução, uma rebelião, eu não tenho medo de morrer. Já sobrevivi em várias brigas "cabulosas". Não é à toa que tenho essa tatuagem na testa, que tem uma história muito "cabulosa".

Eu quero que os brancos vivam bem e os pretos também. Aliás os brancos já vivem, mas têm alguns brancos pobres que não. (Palmas) Obrigado pelas palmas. Tem muito branco que está na rua passando fome. Na minha favela mesmo tem muito branco pobre pra "caramba", que passa fome. Mas quando ele encontra com o preto, já diz: "Ah, seu macaco". Isso é falta de informação, o cara é racista no subconsciente. Talvez até eu e vocês sejamos racistas, mas não sabemos, porque crescemos numa sociedade racista, opressora, demoníaca. Pelo o que consta na história, quando Jesus Cristo veio na Terra, o Mohamed e todos os outros profetas se revoltaram. É preciso tomar uma atitude, rapaziada. Se hoje não sair nada e se vermos que não deu resultado, vamos tomar uma atitude, vamos fazer um protesto aqui embaixo. Vamos colocar umas bandeiras



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 509 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-5	3	Denise	grupos org.	22.9.97 *		

da anarquia, vamos erguer os punhos nesse continente, porque a guerrilha impera na América Latina e na América do Sul. Nós fomos semeados na América, somos uma semente que vai se espalhar. Devolve o que é nosso, Estado. Nosso povo precisa de saúde, de alimentação. (Palmas). Chega de blá-blá-blá, Quantas crianças não morrem de quebrada?

Estava vendo uma matéria que dizia que no Carandiru tem mais branco preso do que preto. Mas no necrotério são os pretos que estão lá. A polícia mata de quebrada mais os pretos do que os brancos. Falo isso porque sou favelado e sentimos isso na pele.

Queria falar também que só através da informação é que conseguimos fazer uma revolução. Eu, particularmente, e do Jumac, iríamos fazer uma revolução armada, mas para isso é preciso ter uma estrutura, porque senão o Estado massacra tudo de uma vez.

Primeiro, porque enquanto o nosso povo se diverte, os caras cuidam dos armamentos e do dinheiro. Vou bater palmas pela Maibec que foi jurada dos membros da Força Ativa, (ininteligível). Foi uma idéia massa que através da leitura muitos "manos" vão tomar uma atitude. É como nossos irmãos falam, não é dando o ponto para ninguém e não dou o ponto para ninguém. Mas conheço os caras, são sangue bom. É gente humilde. É como os nossos



510
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 510 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-5	4	Denise	grupos org.	22.9.97		

irmãos falam, a informação é uma grande arma, mas poderosa do que qualquer ~~grupo~~ pete carregada, que é o (ininteligível) racionais. Tem o (ininteligível) também que a gente respeita pra "caramba". Crescemos com essa ideologia, ouvindo racionais, DMNN, ouvindo os irmãos da periferia.

Quero deixar bem claro é que temos de tomar uma atitude. Todo mundo sabe, principalmente, quem vive na periferia, os problemas que enfrentamos lá. Todo mundo está consciente, queremos ver a coisa progredir, não retorceder. Não adianta mais vir aqui, com todo o respeito, vamos lançar em 2.004, a nossa presidente da República. O Brasil tem de ter um Presidente preto ou uma presidente, nossa irmã. (Palmas). O nosso país podia ter um presidente também, se o Brasil não fosse um país racista, por que nunca teve um presidente preto? Por quê? Quem pode me responder?

Fomos traficados da África, nós estávamos "pampa" lá. Aqui, a gente vê o pessoal falando: " Tô dois dias sem comer nada, desempregado. Nós estávamos ensaiando e as viaturas invadiram a favela, teve tiroteio. Estou injuriado. Esses caras não deixam o nosso povo em paz. Vivem tásourando nossos ensaios com bala." Será que algum jovem suicida terá de invadir um lugar, com bombas no corpo, perder a vida, para



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 511 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE
0-5	5	Denise	grupos org.	22.9		

chamar a atenção das câmeras? Será que um de nós terá de pegar um revólver e dar uma de doido na Paulista, meter o revólver na cabeça, pegar alguém de refém? Mas antes de fazer isso, antes de dar um tiro na cabeça, falar um monte de verdades? Porque a verdade tem de ser levantada e a mentira tem de ser liquidada. Estamos ouvindo mentiras há mais de 400 anos neste país.

Volto a falar, se o Governo nos considerasse como brasileiros, não seríamos tratados desse jeito. Queremos solução para saúde, comida, empregos, estudos. Por que a faculdade está cheia de brancos e o preto e os favelados não podem ter também? Não tenho nada contra os brancos, meu inimigo é o Estado racista. Por que os brancos têm acesso mais fácil na faculdade? O que está acontecendo?

~~De 2 de 1997~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

440
Folha n.º 512 do Proc. 11 de 1992
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-6	1	Denise	grupos org.	22.9 .97		

Eu falo demais, desculpem. Vou passar para os outros irmãos falarem. Eu gosto de me expressar, dizer aquilo que sinto. Manda essa rajada de informação. (Palmas).

A SRA. — É o seguinte, Gnomos: você falou coisas que.....

— Fala fora do microfone.

A SRA. — Você falou de coisas ~~que~~ que concordo, não tiro a sua razão, fazem parte da realidade, mas você também tem de enxergar o outro lado. Grupos organizados é aquela coisa que acabei de falar: são grupos formados por pessoas conscientes, detalhe, com consciência da concepção política, senão não estariam aqui com certeza e tenham o poder de mudar essa realidade. Por quê? Porque estão o meio da massa, são maioria.

Então, o Governo querendo ou não, ajudando ou não, temos o poder do nosso lado, porque podemos passar uma conscientização que o GOverno não quer e que pode, mas que não é interessante para ele.

Precisamos estar vindo aqui ~~para~~ ver o nosso papel enquan-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 513 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-6	2	Denise	grupos org.	22.9		

to pessoas da população e não como pessoas de grupos organizados. Temos de vir cobrar políticas públicas. Não são feitas? Somos cidadãos pagamos impostos, não jogamos papel na rua.

Então, se essas coisas que são cobradas, não estão sendo feitas, temos o poder de fazer sim. Eles querendo ou não. Uma coisa que não gostaria de falar, mas precisa ser dita, até pelas coisas que você falou e que é algo que você sabe e todas as pessoas também, é que o meio onde se está fazendo a dita revolução, como muitos falam por aí, está unindo cabeças e cabeças de pessoas conscientes para mudar a situação. Não adianta ter uma [redacted] na mão e não ter idéias na cabeça, porque você não vai ter uma estratégia de luta, nem saber como lutar.

Acho que acima de tudo, deveríamos estar trabalhando internamente para a comunidade, para mostrar que temos atitude e depois estarmos cobrando políticas públicas. Nós é que temos de dar o exemplo e não eles. Deveriam dar o exemplo, sim, afinal de contas, como não vivemos numa democracia, na verdade vivemos num sistema patriarcal, é sempre o pai que dá o exemplo. Já que o dito pai, o Estado, não faz esse papel, vamos tomar as armas, no sentido figurativo, não sei se você está me entendendo, e fazer o papel que é deles, para nós mesmos.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 514 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-6	3	Denise	grupos org.	22.9..		

Porque nós precisamos uns dos outros, mas o Estado não precisa de nós. Enquanto ele puder estar barrando a entrada de pretos na faculdade, ou promovendo políticas da baixa estima de negros, nordestinos, brancos pobres dentro das escolas, ele vai estar fazendo isso, sim, camufladamente, mas vai.

Deveríamos estar cobrando políticas de educação nesse sentido, de cobrarmos a política da alta estima do negro, do nordestino dentro das escolas para que saiba o porquê de estarem nas escolas, para que saibam o objetivo da faculdade. Você sabe que existem muitas pessoas por aí que vão nas escolas para fazer amizade. Não tem na cabeça que pode sair dali e conquistar um mundo novo. Ele não tem na cabeça que dentro dele pode existir um médico, um psicólogo, um físico. Isso precisa ser desenvolvido dentro dos jovens.

Você falou na questão da segurança. Na periferia não temos segurança, mas não tem mesmo, porque não é interessante para a burguesia ou para o Estado que se tenha segurança. Eles querem mesmo que todos se matem ali dentro.

Qual seria o papel da comunidade frente a tudo isso? Ela mesma está organizando a segurança. É o que falei sobre o conselho tutelar, dentro de cada grupo organizado, ter uma pessoa que faça parte



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 515 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-6	4	Denise	grupos org.	22.9		

do conselho tutelar. Então, em cada grupo organizado, poderiam ter pessoas que façam a segurança da comunidade, porque nada mais óbvio do que uma pessoa que está sentindo na pele o problema do preconceito, a opressão do Estado, ela mesma fazer a sua segurança. (Palmas)

A SRA. _____ - Gostaria de lembrar as pessoas que o Aarão, assessor da comissão, está fazendo as inscrições para as pessoas que quizerem falar. Daqui a pouco vamos estar abrindo as inscrições.

O Street, do JUnac, irá falar.

O SR. STREET _____ - É o seguinte: ela estava falando de nós mesmos fazermos a nossa segurança. Assim como estavam comentando também, de cada um dos grupos organizados terem um conselheiro tutelar. Tudo bem, até acharia interessante essa proposta, mas por que não fariam essa proposta assim: por que dentro de cada conselho tutelar da cidade ou do Estado de São Paulo, não poderia ter um representante de um grupo organizado? É só essa questão que quero levantar. (Palmas)

A SRA. _____ - Antes de mais nada,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 516 do Proc. 14.0
de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-6	5	Denise	grupos org,	22.9.		

gostaria de passar uma informação que talvez muitas pessoas não saibam.

Temos um conselheiro , do Força Ativa, ~~_____~~

~~_____~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 517 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-7	1	Marcia	Grupos org.	22.9.97		

mas os conselheiros são eleitos pela comunidade, então vocês podem muito bem plantar um candidato de vocês e ele ser eleito pela comunidade e participar do Conselho Tutelar. O problema é que hoje realmente a população não tem informação suficiente de como funciona isso, e a Prefeitura principalmente, o Estado não têm interesse de que a população tenha informações, que eleja seus conselheiros, da própria comunidade, e que briguem por seu espaço.

O SR. GNOMO - É claro, quanto mais burra for a população, mais fácil para dominar. Para que interessaria a eles ter um povo, não vamos dizer totalmente culto, mas pelo menos com o nível de informação dos países exteriores, sendo que para eles é mais fácil ter uma porção de gente analfabeta para poderem dominar a seu bel-prazer. Concorda comigo? É só pensar nisso.

A SRA. LÚCIA - Outra coisa: acho que também estamos aqui para pensar certas questões referentes à nossa realidade política. Se o Pitta pode fazer campanha na televisão para falar do Cingapura, por que não podemos desenvolver campanha para falar de coisas que são do interesse da comunidade, falar



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 518 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODIZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
07	2	Marcia	Grupos org.	22.9.97		

conselho tutelar?

A SRA. _____ - Quanto à sua questão, eu não sou do Executivo, não sou da Prefeitura, mas posso responder razoavelmente alguma coisa. O problema não é que a gente não pode, mas quem é o prefeito é ele. E infelizmente ele foi eleito por esse povo, quer queiramos ou não. Se a gente contestar, podemos até contestar, talvez aqui não haja ninguém que tenha votado nele, mas ele foi eleito e foi eleito justamente para administrar o dinheiro desta cidade, os impostos que pagamos. Pode ser que ele esteja fazendo muito mal isso, como a gente julga. Mas infelizmente ele é o encarregado disso, ele foi eleito para isso.

Cabe à população, a nós que estamos aqui hoje, questionar justamente como ele está administrando nosso dinheiro, e se ele está fazendo em benefício próprio, numa campanha eleitoral talvez própria ou de um partido, ou seja lá do que for, a população tem que ser hoje mais crítica, lutar mais.

Prestei muita atenção no que todos falaram aqui. Vocês falaram em luta pela democracia, em acesso na elaboração das leis, em emprego que é dever do Estado, em união dos grupos



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 519 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
07	3	Marcia	Grupos org.	22.9.97		

organizados, em educação, em violência, o Gnomo falou que a violência na periferia realmente é o desespero da sociedade, e é mesmo.

O SR. GNOMO - De gente, que sofre com ela, porque quem não sofre não sabe.

A SRA. + O que estou querendo dizer é que a periferia precisa realmente de água, de luz, de educação, de cultura. A periferia precisa de mais apoio. Acho que, pelo que vocês mesmos chegaram como conclusão, só através da união e da luta de todo mundo aqui, seja lá de que ponto da cidade a gente for, que conseguiremos conquistar mais espaço e mostrar que o jovem, seja negro, seja da periferia, seja lá quem for, por mais discriminado que ele seja nós iremos conquistar esse espaço.

A SRA. LÚCIA - Só uma questão: você falou que a periferia precisa de apoio. Eu não discordo, só que de apoio em apoio ela vai sempre estar andando de muletas. Eu digo mais: a periferia não precisa só de apoio, ela precisa de poder. Poder político e poder cultural



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

520
Folha n.º 520 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE
07	4	Marcia	Grupos org.	22.9.97		

O SR. GNOMO - Precisamos de poder político e poder cultural, e um pouco de poder econômico também. Só que para o pessoal de cima, como falei, quanto mais o pessoal de periferia estiver se estrepando, melhor será porque é mais fácil para eles dominarem.

A SRA. LÚCIA - Só que nós somos a maioria. Eles não têm que dar poder nenhum, a gente tem que conquistar. Ou você está numa luta à toa? Acredito que não.

O SR. GNOMO - Também acredito que não, mas de repente vem aquela idéia: ou dá para a gente o que é nosso ou a gente toma de assalto. Estamos tentando durante muito tempo resolver na base da diplomacia, sentar, trocar idéias, e o que a gente ouve? "A gente vai ver o que dá para fazer." Eles fizeram alguma coisa? Não fizeram porcaria nenhuma. Então o negócio é a gente se unir, fazer um movimento bem mais forte, só para eles se ligarem que na periferia não tem trouxa, que está todo o mundo empapuçado de ficar ouvindo promessa, promessa e promessa, e sinceramente, a ^{ação} que é bom, nada. Estamos todos cheios de ficar



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 521 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
07	5	Marcia	Grupos org.	22.9.97		

ouvindo só palavras. Está na hora do governo, da Prefeitura, do País, dos governantes botarem um pouquinho de ação. Me corrijam caso eu esteja errado.

A SRA. _____ - Eu vou encerrar e passar a palavra para o pessoal.

Eu só queria fechar com o que a Lúcia falou, que a periferia precisa de poder, não de apoio, porque senão vai se tornar cada vez mais uma muleta e uma dependência. O que eu dizer de apoio é quanto ao dever do Estado, quis dizer que precisamos pressionar mais para que o Estado cumpra o seu dever. É aquela coisa: dever do Estado e obrigação de cada cidadão. Acho que estamos cumprindo a nossa obrigação, estamos todos os dias, lutando, batalhando, tentando melhorar e pressionar de alguma forma. Agora, o Estado não está cumprindo com seu dever. Por isso, precisamos mais do que nunca estar unidos e tentando cavar mais esse espaço. O grande problema que vejo hoje é esse: a população precisa saber utilizar mais os seus espaços, porque eu demorei muito para aprender. Quando comecei esse trabalho, coordenando, pelo gabinete do Vereador, eu pensei bem, refleti em como começar esse trabalho e



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

430 Folha n.º 52 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
07	6	Marcia	Brupos org.	22.9.97		

0-8 1

fazer com que vocês viessem para a Câmara Municipal, porque a Câmara Municipal não tem nada de atrativo, com certeza. A gente pensa nela como um local onde só tem políticos que pensam no próprio umbigo, que não querem saber de nada a não ser dos votos na hora da eleição. Sei disso porque eu já estive do outro lado e julgava da mesma forma. Agora, a gente também tem que aprender a ocupar os nossos espaços. A Câmara Municipal não é de vereador, é da população. Temos que saber que esta casa é do povo mesmo, isso não é demagogia. A gente tem que pressionar, tem que assistir, tem que cobrar desses vereadores. Se você votou em todos os cinquenta e cinco, você não votou, mas em alguém você votou. Quer dizer, eles devem satisfação a qualquer cidadão desta cidade, e devem cumprir com o seu dever, que eles também são Estado.

O SR. GENOMO - Posso dar uma última palavra? Com todo respeito. Nossa irmã acabou de falar que esta casa pertence à gente, palavras dela. É o seguinte: a casa pertence à gente, e a casa está dominada por quem? Vereador, deputado, não sei mais quem. O negócio é a gente vir pra cá, mandar a periferia pra cá tudo, e formar um salão de rap, um salão de consciência afro,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 523 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
08	2	Marcia	Grupos org.	22.9.97		

conscientizar a população, fazer da Câmara Municipal uma sede dos povos não-brancos da América, do nordestino, o preto, entendeu? E daqui sair, porque tem que tomar alguma atitude. Se a cada é nossa, o que os caras estão fazendo aqui? E nós tá pagando barraco de madeira? Eu não entendi isso aí.

A SRA. _____ - Eles foram eleitos para
isso.

O SR. GNOMO - Eleito? Eles foram eleitos é para
me exterminar na periferia à porrada. Esse país aí...

A SRA. _____ - Só pode ter uma solução
com voto. Essa é a democracia.

A SRA. LÚCIA _____ - Só uma coisa: você falou
que a periferia precisa de apoio e esse apoio seria o dever do Es-
tado perante a população. Bom, mas o que foi discutido também pe-
los representantes do Núcleo, que seria interessante todos ficarem
sabendo que a partir do finalzinho de setembro vai ser votado, -



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 524 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
08	3	Marcia	Grupos org.	22.9.97		

você até poderia falar melhor disso, afinal de contas você está aqui - votada o Orçamento para o ano de 1998, o valor do orçamento.

A SRA. - Eu posso explicar um pouco para vocês, então. A partir do dia 30 de setembro, o Executivo, que é a Prefeitura, passa para todos os vereadores desta Casa, uma proposta orçamentária para 1998. Daí começa a discussão, passa-se um mês discutindo e vai para votação. São apresentadas emendas, propostas alternativas à do Executivo. Talvez seja o principal momento, acredito eu, que a população deveria acompanhar mais de perto os vereadores eleitos nesta Casa, porque é aí que se distribui o dinheiro para cada secretaria - de Educação, de Cultura, da Saúde, para obras. É aí que a gente vai saber para onde, qual é a prioridade desse governo, é aí que podemos pressionar para que cada vereador vote na prioridade real. Se a gente está precisando de obras, que seja na periferia. Se a gente está precisando de educação, que seja realmente, porque, temos, por exemplo, uma lei segundo a qual 30% do orçamento deve ser destinado à Educação. Isso vem da Constituição Federal e da Lei Orgânica do Município, e isso não foi cumprido, infelizmente passou mais um ano, o ano de



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 525 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. PARTE
08	4	Marcia	Grupos org.	22.9.97		

1996 acabou sendo aprovado por falta de pressão popular, foi feito um projeto de lei parcelando mais ou menos 4,5% que não foi cumprido para a Educação. Como se a Educação neste município tivesse realmente satisfeita, que não tivesse nenhuma criança fora da escola, que nenhuma escola estivesse precisando de mais nada, e por isso ele se dá ao luxo de não cumprir com a lei. É triste dizer isso, mas hoje a Prefeitura, o Executivo, tem maioria nesta Casa. E esta Casa só vai realmente cumprir com a lei a partir do momento em que a população pressionar. É uma coisa com que lidamos no dia-a-dia. Desde uma anistia, que eles tentaram passar na semana passada, sobre os impostos, que nós entramos com mandado de segurança na Justiça e conseguimos segurar, mas por pouco tempo; mais dia, menos dia, eles vão conseguir voltar. Ou seja, eles estão dando anistia de 50 a 30% de multa e juros para grandes devedores que são empresas, que têm dinheiro. E por que a população não vê isso? Às vezes a gente, não estou culpando porque às vezes é difícil a população ter informação disso, e a gente está aqui para a cada dia ter uma pequena vitória, para tentar conquistar qualquer grãozinho de areia para benefício de uma população que é minoritária, a gente pensa, mas é difícil.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 526 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE
08	5	Marcia	Grupos org.	22.9.97		

A SRA. MÍCIA - Acho que aí entra o papel dos grupos organizados, de estarem enfrentando essas barreiras, ultrapassando e conquistando os espaços, e passar para a comunidade periférica que é a grande interessada. Você falou da votação, do valor do orçamento, mas você não falou o dia, como a população pode... O dia não, o horário. Como que a população pode fazer para vir aqui na Câmara, onde seria.

A SRA. - Eu vou passar. Toda terça, quarta e quinta-feira o plenário, os vereadores se reúnem no plenário para discussão e votação de projetos. A partir do dia 30 de setembro será enviada a proposta orçamentária que os vereadores vão discutir, e apresentar propostas alternativas. (não assinado)



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 527 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
09	1	dagmar	grupos org	22 09 97		

Não significa que no dia 30 de setembro eles vão receber isso. Vai ter pelo menos um mês de discussão, é uma etapa muito longa. Mas a população já pode estar acompanhando, verificando o que está acontecendo, cobrando de cada Vereador qual é a proposta do Executivo. Toda terça, quarta e quinta temos reunião no plenário, dos Vereadores, a partir das 15h00. E estamos abertos, qualquer gabinete, para informar a vocês, todos os que estão representados aqui.

Agora queria abrir a discussão para o plenário. Queria primeiro anunciar os representantes dos Vereadores. A Cilma de Carvalho Correa, do gabinete da Vereadora Ana Maria Quadros, do PSDB; e o Milton Nunes Júnior, do gabinete da Vereadora Ana Martins, do PC do B. Temos aqui onze inscritos e queria pedir para o pessoal não se prolongar muito nos comentários ou nas perguntas. Queria chamar agora o LF do DMN.

O SR. _____ - Acho que tudo que ouvi aqui são coisas que a gente já está careca de ouvir, sobre o lance da periferia, etc, embora tenha muita gente que não viva lá e desconheça. É bem como as pessoas da Mesa colocaram: é uma bo-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 528 do Proc.
J.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. PARTE
09	2	dagmar	grupos org	22 09 97		

la de neve lá. É uma indústria de marginais, analfabetos. Só que fico contente quando vejo como aqui um pessoal preocupado com a situação da periferia, em levar uma proposta positiva. É o momento de pensarmos agora nesse processo natural do mundo, que é a globalização, e que não se discute muito, principalmente na periferia. Se a gente não meter a mão na máquina, ficar de fora desse processo, vai ficar pior ainda. Hoje, a gente está reclamando que as cadeias estão superlotadas, e não tem condições de alguém passar dez anos numa cadeia e sair com a cabeça boa, porque onde cabem 100 ficam 300 pessoas. Fico imaginando como o cara dorme, se cada um dorme dez minutos, se dorme abraçado na grade, etc. Isso tudo é um processo para acabar com a gente mesmo, para destruir o nosso povo, a periferia, e não inserir nesse processo, dentro das faculdades, etc. Só que ficar só falando não resolve muito. Temos não só que esperar os caras fazerem, porque estão pouco se lixando para a gente, mas começar a se organizar. E como a Eliane colocou, esse espaço realmente é nosso, somos nós que pagamos tudo isso aqui, de uma forma ou de outra. Então a gente tem que chegar aqui com as propostas para discutir. E hoje temos que avançar es-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 529 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
09	3	dagmar	grupos org	22 09 97		

sa coisa da globalização, núcleos pré-vestibulares, na periferia, brigar para que realmente as pessoas entendam o papel da escola. A primeira escola que a gente tem, pelo menos que eu acredito, e tenho uma filha de oito anos, um moleque de dois anos e meio, é dentro de casa. E como vimos de uma geração em que nossos pais sofreram muito e puderam passar pouca coisa para a gente, eles queriam mais que a gente se esquivasse dos tiros, da droga, mas não explicaram para a gente por que existe a arma, a droga, de onde vem, e tal, temos essa geração que está perdida, que acaba sendo um refúgio. Então nosso papel hoje é estar instruindo a molecada, bricando pela molecada que está vindo aí. Acho que a participação minha dentro de um grupo de "rap", de "rip-rop" é reunir o pessoal, estar discutindo, explicando como funciona a música, a educação, porque demorou muito tempo para eu aprender o sentido disso tudo. E se a gente não pegar essa coisa como o básico, vai continuar se destruindo. Se a gente pegar em arma hoje, sem preparo, vai estar contribuindo com eles. O Rio de Janeiro está cheio de arma, e ela é proibida, como todo mundo sabe, droga é proibida, mas a pessoa lá morre por pouco, porque falou uma coisa



530
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 530 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
09	4	dagmar	grupos org	22 09 97		

e o cara não entendeu, ele colocou uma pontuação errada, o cara foi nessa, já era. Então o processo vai ser a mesma coisa, já está chegando, já tem uma parte de R-15 aqui, de droga, um monte de coisas para destruir a gente. Se a gente não fizer um papel mais inteligente que os caras, a gente vai se destruir de fato. Colocar uma arma na minha mão é a certeza de que vou assinar um B. O. aqui na esquina. Eles vão catar a arma e para eles é o que basta. Eles ficam procurando um motivo para enquadrar a gente. Se a gente dá o motivo, é mais fácil, a gente vai parar numa cadeia e sai de lá pior ainda. Nós somos seres humanos, e não temos aquilo que os "playboys" têm, que é tratamento psicológico de três em três meses, para ver se o cara está legal, o coraçãozinho está batendo bem, a gente não tem isso. Então a tendência é a gente ficar cada vez mais irado. A proposta que eu deixo aqui é para estar levando núcleos de informática, que a molecada tem que saber mexer no computador. Tem um amigo meu que é professor de química, dá aula em um núcleo da consciência negra, na USP, e dá aula em outros colégios particulares, para sobreviver, e quando ele pede um trabalho nesses colégios parti



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 531 do Proc.
Un.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
090	1	dagmar	grupos org	22 09 97		

culares, o cara leva o trabalho em três línguas, ainda pergunta se ele quer mais uma. Estou contando isso para o pessoal aqui ter noção de como vai ficar difícil para arrumar um trampo, se hoje já está difícil, se não tiver acesso ao computador. Estamos na era dele. A música que hoje predomina é feita pelo computador. A MPB, até a ~~NPM~~ MPM dos anos 90, que é a música da era do computador. Então temos que nos preocupar com os núcleos de informática, de pré-vestibulares, e começar a trazer propostas aqui, fazer um elo na sua área, que é a sua família, discutir os problemas da região, e trazer aqui as propostas. Ficar só atacando os caras não adianta. Falar da polícia que bate é a maior mentira, porque quem manda bater são os caras lá, remanescentes da ditadura. Quando você vai entrar na polícia, o cara que é calmo, tem um temperamento passivo, ele não serve. Eu já fiz curso para segurança, há muito tempo, e como eu gosto de conversar, questionar as coisas, graças a Deus adquiri censo crítico, não podia entrar, tanto é que não consegui emprego, eu e mais uns dois ou três saímos indicados para nada. Por quê? A gente tem censo crítico, questiona tudo. E tem os caras que são



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

460
Folha n.º 532 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
010	2	dagmar	grupos org	22 09 97		

nervosos mesmo, que já têm a ira, moram na periferia, como a maioria dos soldados, então ele já quer extravasar aquilo de alguma forma, e na polícia é o cara que serve, que vai dar soco na gente, que vai fazer o policiamento lá. Não é o mesmo cara que faz o policiamento nos jardins, porque ele tem que ter educação, tomar cuidado porque o cara vai ser boca-dura com ele, às vezes é o filho do patrão dele. É outro cara. É da periferia que saem os soldados, então a gente tem que brigar para tirar esses caras que estão sentados lá, esses coronéis, que são eles que preparam essa polícia para pôr na rua. Aí tira a culpa dos caras e coloca no soldado, que ganha "merreca", quinhentos contos. E tem família igual a gente aqui, que são irados igual a nós, o "brother" ficou nervoso quando falou do lance da periferia, o que acontece na região, ele está com a razão. Muitos perguntam para mim por que na capa do disco estamos sempre com a cara fechada. Mas se você olhar na fisionomia de cada um aqui, todo mundo tem a cara séria, a gente não tem motivo para ficar dando risada, a gente ri entre nós, na nossa intimidade, brinca, joga bola, mas quando a gente pensa dois segundos, usa 20% do raciocínio, vê um monte de coisas erradas. Quando eu



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 533 do Proc.
11 de 19 97
O Funcionário JK

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
010	3	dagmar	grupos org	22 09 97		

vejo um cara caído no chão, eu sinto. Quando eu vejo um cara com o cachimbinho na mão, eu sinto aquilo, e sei que o sistema impõe aqui lo para ele.

Então a gente tem que se preocupar com isso, esse processo de globalização vai matar muita gente, e a gente precisa estar inse rido dentro dele. Por isso, a idéia é criar os núcleos e trazer pro postas de escola, coisas positivas, para a periferia. Coisas negati vas já temos um monte. Se você acordar dez horas da manhã, não acha leite para tomar, mas acha bebida, droga. Tem que trazer as propos tas de levar coisas positivas para lá, coisas negativas não precisa.

Era só isso.



A SRA. FRANCISCA RODRIGUES (Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC) - Eu procurei anotar algumas das intervenções dos companhei ros da Mesa e a primeira consideração é a seguinte: informação é po der. Então vamos democratizar esse poder. Como? O primeiro espaço que temos de participar dessa democratização do poder é na região, onde existem foros regionais



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 534 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-11	1	Vera	grupos org.	22.9.97		

de defesa dos direitos da criança e do adolescente, fórum regional de educação. Esses fóruns seriam um primeiro espaço para discutir essas questões de direitos.

A companheira falou que o Pitta pode ir na televisão para falar do Cingapura, para falar do leve-leite, para falar do PAS. Além de ser do RTC, eu sou membro do conselho municipal dos direitos da criança e do adolescente. Nós temos uma verba de 47 milhões que, até hoje, dia 21 de setembro, não foi gasta um níquel e está prevista uma divulgação na mídia, através de "outdoor", através de campanha televisiva, através de panfletos, através de estatuto, para divulgar o que é o conselho tutelar, para divulgar as ações do conselho municipal. E o que acontece? Está emperrado porque o secretário de Finanças e o Sr. Prefeito ainda não assinaram.

Existe um programa para adolescentes chamado educação cooperativa, que atende a adolescentes de 14 a 17 anos e 11 meses. Esse programa que tem previsão para 4 mil adolescentes, até agora, também não foi colocado em prática.

Então, é importante saber dessas informações, porque parece que não está acontecendo nada na Cidade. Isso é para saber onde as coisas esbarram. Falaram: nós temos que estar dentro da lei. A lei está aí,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 535 do Processo
de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APART.
0-11	2	Vera	grupos arg.	22.9.97		

o estatuto da criança está aí e só falta ser cumprido.

Para se participar do conselho tutelar, como a companheira falou, é na comunidade. Então, cinco membros da comunidade acima de 21 anos. Então, com menos de 21 anos não pode concorrer à vaga de conselheiro tutelar.

O que é esse conselho tutelar? É um órgão eleito pela comunidade para zelar pelos direitos da criança e do adolescente. Então, é necessário que nós chamemos novos conselheiros da nossa região, do nosso bairro para dar palestra. O Djalma, de Itaquera, está aqui presente.

Esse estatuto que foi aprovado em 1990, até agora, não foi posto em prática. Se fosse cumprido, com certeza, 60% do que foi discutido aqui, já era para não estar discutindo mais.

Outra proposta: não tolerância da criança e do adolescente fora da escola. Dizer "não" à evasão escolar, "não" à expulsão de alunos. Temos que exigir que a escola aceite, em qualquer época do ano, a inclusão da criança e do adolescente. É não tolerância mesmo. A proposta ao Legislativo é esta: não tolerância de nenhuma criança fora da escola. Não queremos saber. Nós temos os conselhos tutelares que é para garantir isso, nós temos que encher o Ministério Público de ações, coisa que ainda não ocorre.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 536 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-11	3	Vera	grupos org.	22.9.97		

Então, sabemos que existem tantas crianças fora da escola através de pesquisa, da "Folha de S. Paulo", do IBGE, mas da nossa região mesmo, nós não temos esses dados. Nós temos pessoas nossas - eu sou da periferia, o Djalma é da periferia - e nós não estamos levando essas informações para os órgãos de direito.

Então, conhecer o órgão na comunidade que deveria estar fazendo essa ponte.

Achei muito importante a fala do companheiro do Trance e quero considerar uma questão: existe um conselho^{do negro} no município de São Paulo que poucas pessoas conhecem. Esse conselho funciona no Parque D. Pedro, s/ nº, no palácio do prefeito. Enquanto o Pitta não era prefeito, ele funcionava na Casa das Retortas, onde o conselho municipal funciona. Quando o Pitta ganhou a eleição, ele deu uma sala para os negros dentro do gabinete.

Então, companheiros, gostaria que vocês visitassem esse conselho do negro e perguntassem para eles o que eles fazem, o que já fizeram, o que vão fazer na semana do Zumbi. Tudo isso é cultura.

É muito mais que a raça é a questão da dignidade. Se é branco ou se é negro, não importa. O que vale é a dignidade. Desculpe o nosso prefeito, mas o que ele tem feito pela criança e pelo adolescente deste



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 537 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

ROD(ZO)	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-11	4	Vera	grupos org.	22.9.97		

município? De fato hoje nós temos um prefeito negro. O que nosso prefeito negro tem feito para nós como minorias.

O SR. _____ - Só uma perguntinha: que culpa ele tem se ele é manipulado pelo branco?

A SRA. _____ - Se for assim, nós vamos achar que o branco é sempre dominador. Vamos pensar além da questão da raça. Concordo que o poder no Brasil é branco, é macho e é rico. São três categorias de poder dominante. A platéia tem consciência disso. Mas vamos pensar além, porque defender luta armada é complicado, companheiros.

Vamos, primeiro, lutar pela escola do ensino básico para depois disputar a universidade. Quantos aqui concluíram o 1º grau? Por quê? Porque não toleram a escola que está aí. Mas nós temos que suportar a escola que está aí para poder reformar, para poder melhorar, para poder transformar essa escola. Então, nós temos que nos incluir nela, para poder questionar, para a gente poder transformar.

É essa minha contribuição. Obrigada.

A SRA. _____ - Quero lembrar que a gente está



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 538 do Proc.
N.º 11 de 19 97
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-12	5	Vera	grupos org.	22.9.97		

um pouco atrasado e peço para a gente acelerar. Já são 4h10min e a gente ficou de entregar a sala às 4 e meia com uns 15 min de tolerância.

A SRA. - Foi pedido para eu falar mais especificamente da educação. Quando a gente estava falando da votação do orçamento, você falou que 30% do valor vão ser voltados para a educação.

A SRA. - É assegurado por lei.

A SRA. - Só que, nas escolas da periferia, especificamente na escola da Cidade Tiradentes, está ocorrendo um problema há mais de 13 anos. A escola está com uma erosão e os moradores vêm reivindicando há um certo tempo, mas não são atendidos.

Eu sou totalmente a favor da autogestão aos grupos organizados, que eles tenham poder, que eles façam as coisas por eles. Só que eu começo a lembrar aquilo que você falou, que a periferia precisa de apoio e apoio no sentido do Estado estar cumprindo o dever dele.

Então, mesmo com todo o poder que um grupo organizado pode ter, ninguém vai chegar lá com três quilos de cimento para cobrir o buraco porque não é assim que se resolve. Então, a gente deveria também estar



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 539 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-12	6	Vera	grupos org.	22.9.97		

discutindo isso, a questão de escolas que são abandonadas pelo Estado.

Essa escola se chama "Fernando Mauro", em Cidade Tiradentes.

A SRA. - A gente vai encaminhar para apurar esse fato. Uma das nossas funções é essa: apurar os fatos e pressionar através de todos os instrumentos que a gente tem, não só popular, mas também da própria burocracia.

Independentemente do trabalho que está se encerrando nesta semana, a gente está aberto para denúncias e propostas.

O SR. - A companheira falou que a gente podia tirar desse nosso encontro uma proposta boa para nós da periferia. Muitos falam que o maior problema da periferia é a droga. Quero fazer a pergunta para a turma do poder, para nós da Junac e para vocês da Força Ativa: por que nós não fazemos um núcleo de estudo para fazer um trabalho antidrogas nas nossas áreas?



O SR. BETINHO (Força Ativa) - Primeiramente, boa-tarde.

O companheiro falou que o Pitta é dominado por um branco. Na minha concepção, seja branco ou preto, se ele chegou ao poder, ele tem bastante



370
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 540 do Proc. n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-12	7	Vera	grupos org.	22.9.97		

informação para chegar a esse poder. Ele não foi dominado. Como sempre, a burguesia tem bastante informação. Se ela fosse manipulada, ela não faria o que ela faz hoje com o pobre.

Sobre a questão da luta armada, eu concordo. A gente só vai ter uma revolução depois que a gente estiver bastante conscientizado. Antes da revolução armada, vem a revolução cultural.

Mas como a gente pode lutar pela paz, se não há justiça social? Na periferia, só pode haver paz depois que houver justiça social. Enquanto o povo estiver passando fome e o rico colocando droga e arma aqui, não vai haver paz.

Deve haver paz entre nós, porque com a burguesia não deve haver troca de idéias. Tem que ser uma luta cara a cara, dente por dente porque com ela não tem acordo.



O SR. JUSTINO SERAFIM (Projeto Criança) - Senhores e senhoras, boa-tarde.

Meu nome é Justino e presidente de uma associação



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 541 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
013	1	L. Carlos	Grupos Organ.	22.09.97		

... que se chama "projeto Criança". O que é o Projeto Criança? Primeiro de tudo, é ensinar a plantar, cultivar e não destruir. O quê? A parte de jardinagem? Não. A parte da hortaliga, a parte do alimento. É um tipo de trabalho que venho fazendo há nove anos. Primeiro de tudo: eu, como jardineiro, que trabalho por conta, criei um projeto que, primeiramente, foi uma homenagem ao verde. Era em cima da hortaliga; primeiro de tudo, em cima da jardinagem. Por que a jardinagem? Porque eu comecei a trabalhar em cima daquilo ali; eu aprendi. Aí, em homenagem ao verde, criei um projeto que se chamava "Folha Verde".

Passados uns três anos, achei que não era resultado nenhum. De repente, criei o quê? Um bloco, "Bloco da Ecologia"; nós, os brasileiros, vamos cultivar a natureza. No tempo da gestão da Erundina, saí com 30 pessoas da Zona Leste, Didade Patriarca, e vim aqui para o Ibirapuera. Tudo bem, recebi o quê? Elogios, muito elogios, muito bate-palmas, com 30 pessoas. Só que, passado um tempo, também achei que não era vantagem, porque não tinha futuro.

De repente, pensei: "Vou criar o quê? O Projeto Criança." O que é o Projeto Criança? É o que já expliquei: é ensinar a plantar, cultivar e não destruir. De início, comecei a trabalhar onde? Numa praça, onde moro até hoje. Fiz uma hortazinha e tudo o que eu produzia doava para quem? Para entidades que seriam a Guarda-Mirim, a Creche.

Depois de dois anos que funcionava ali, meus próprios vizinhos pediram para a Prefeitura acabar com aquela horta. A Prefeitura foi lá e acabou. Acabou? Paciência! O que eu fiz? Isso



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

410
Folha n.º 212 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
013	2	L. Carlos	Grupos Organ.	22.09.97		

foi no mês de abril de 95. No mês de maio saí com uma placa, Projeto Criança, fui daqui para Brasília, sozinho! Só que, quando cheguei lá em Brasília, no mês de maio, vocês sabem que o gás canalizado foi no mês de maio, o Congresso estava em recesso, o Correio estava em greve, na porta do Congresso. Falaram para mim: "Moço, não pode ficar aqui, pode ficar lá em cima!" Fiquei durante três horas. Depois, coloquei a placa nas costas e, de volta, peguei o ônibus embora!

Mas só que tinha uma coisa que me dizia: "Não acaba o projeto! Não acaba o projeto!" Vim embora; quando cheguei na Patriarca, a primeira coisa que fiz foi ir ao Contador, com quem conversei. Ele me disse que, para não acabar com o projeto, eu deveria criar uma associação, com uma Diretoria. Arrumei essa Diretoria, num tempo, que foi em 95. Quanto? R\$500,00! Eu, do meu serviço de Jardineiro, fui lá, arrumei um pessoal, criei uma Associação.

Hoje, temos essa Associação que atua onde? Dentro das escolas, tanto faz ser escola estadual, municipal, na própria Faculdade de Castelo Branco, que é em Itaquera, não sei se vocês conhecem. Nós trabalhamos lá, que é a nossa Associação.

Tem algum fim lucrativo? Não, nenhum! A Associação não recebe nada, de ninguém. É registrada dentro do Gabinete da Prefeitura mesmo, que é na CMDK (?), que ela acabou de citar. Foi registrada em 96, fez um ano agora. Ela é registrada dentro da Secretaria de Atletismo. Inclusive, ela até conhece o nosso trabalho, que eu trouxe uma placa, que é um mostruário de como é o trabalho. Foi ou não foi?

Então, acho que o tipo de trabalho, veja bem, não citando a vocês a respeito do que foi discutido aí, mas citando a parte



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 543 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE
013	2	L. Carlos	Grupos Organ.	22.09.97		

do meu trabalho, e o trabalho em geral que tem que se fazer hoje. O trabalho em geral hoje é procurar trabalhar, ajudar os pobres em geral. É todo mundo junto: é pobre, é rico, é todo mundo tendo que trabalhar em conjunto, para ajudar um ao outro.

É isso o meu pensamento. Eu nasci no sertão da Bahia, sem ter nada na vida. Não tenho nem o primeiro ano sequer, nunca estudei na minha vida. Trabalhei de Faxineiro, de Servente de Pedreiro. Hoje estou bonitinho, Por quê? Porque trabalho para representar minha Associação. Mas que eu ganhe alguma coisa de alguém, a não ser o meu trabalho, não. Não ganho nada de ninguém.

Para você ter uma idéia, dia 12 de outubro estaremos fazendo um torneio de futebol, com 12 times de futebol, de jovens lá da redondeza. Trabalhei durante um mês de jardinagem para empregar esse valor aqui, que são R\$786,00, que já está tu pago, por mim. Tenho a Diretoria, sim, mas essa Diretoria não funciona, porque vocês têm que colocar a mão na massa. E todo mundo, é aquele que é o responsável. Não é chegar e dizer: "Vamos trabalhar." E chegar na hora um sozinho trabalhar e os outros não! Acho que é todo mundo junto.

Foi até o que ela me citou, o telefone dela, do Assessor da Zona Leste, talvez, se puder até ajudar em alguma coisa, eu agradeço, para poder acabar de empregar o que necessita, em cima desse trabalho, que é das crianças.

Ajuda do Governo do Estado até agora nunca tive. Da Prefeitura, até o momento, também nunca tive. Mas estou tocando o meu trabalho, com o que eu ganho, apesar de ter, sim, uma família grande:



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 549 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
013	4	L. Carlos	Grupos Organ.	22.09.97		

tenho quatro filhos, Todos eles trabalham, a minha esposa trabalha.
Então, no meu modo de ver, eles trabalham para manter a casa, e eu trabalho para manter a Associação. Sempre é daquele jeito.

Para vocês terem uma idéia: ontem, vocês

Benedito da Costa e D. Antônio

cinada, lá no dia 22 de setembro de 1997

cas



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 545 do Proc. 4.0
de 19 97
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
014	1	dalva	G.Organizados	22.09		

... vocês sabem muito bem que a festa de Cosme e Damião é realizada no dia 27, nós fazemos uma semana antes, no bairro onde moro. Ontem oferecemos doces para mais de 1.200 crianças, entre bolo, refrigerante. Tudo isso é feito através de ajuda da comunidade. Agora digo para vocês em geral, tanto faz entidades como sozinho. Se os moradores em geral não se unir, todos em grupos não vai conseguir nada. Todos tem que trabalhar, com o rico, com o pobre, em geral. Esse é o orgulho que tenho. Muito obrigado.


O SR. PATRIK - Sou do crucificado pelos siste-

mas, somos sa zona sul, é a primeira vez que estou participando do debate, não gostei uma coisa, estamos debatendo aqui dentro e o pessoal lá fora trocando maior idéia, não ~~vão~~ dando a mínima para o debate.

Quero falar sobre o Cingapura. Foi feito na frente da x favela, e não na favela. Interlagos, ~~seu~~ Ceasa, Morumbi, foi feito para esconcer a favela. No Capão Redondo ~~seu~~ São Luiz, Embu Guaçu, não fizeram. Então Cingapura é só ~~seu~~ fachada. Falam que aqui é nosso, e quem tem que dar as opiniões, somos nós. AGora tráz aqui na frente ~~mais~~ de duas a três mil



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 546 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE
014	2	dalva	G.Organizados	22.09.		

pessoas, para ver se não vamos ~~mas~~ sair na borrachada, mostrando que muitas vezes não temos palavra. Palavra, temos, não temos ajuda e apoio das ~~autoridades~~ autoridades, saímos na borrachada. A revolução ajuda, mas se trazer aqui embaixo cinco mil pessoas dez, vinte mil, vai dar uma confusão e não vamos conseguir nada, aliás podemos até conseguir, mas muita gente vai sair ~~machucada~~ machucada, levar tiro da polícia e outras coisas mais. Foi o que meu irmãozinho falou, que revolução tem que ser primeiro a revolução de ideais, depois a revolução armada. Apoio, na revolução armada, mas antes disso uma revolução conciente. Há muitos manos que falam que droga é isso, que droga é um dos maiores causadores da violência, só que é o seguinte, eu vejo mano que canta Rap na Cles(?), o mano com um "baseado" enorme. Vou falar para vocês: o primeiro Preto, expett Fank, fala da droga, droga, droga, estava na Cles droga, crack, cocaina, bebida. O nosso irmão ~~se~~ difamando o nosso Rap. Eu gosto do Rap "~~se~~ prá caramba", o rap está aqui. Mas quando vejo um irmão contrariando o que ando pregando, acontece isso. É crucificado pelo sistema, porque. Somos crucificados constantemente na periferia. Para vir para cá, passei por baixo, sai às 4h da manhã ~~procurando~~ procurando / "trampo". Somos crucificados



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Forma R.O. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
014	3	dalva	G.Organizados	22.09		

pelo sistema. Aqui é uma teoria sem prática, trocando altas idéias para chegar lá e não fazer nada.

Segundo, a escola. Livros didáticos. Quem foi que abolium a escravidão? Pincesa Isabel? Mentira. E foram os negros. Quem libertou o Quilombo? Os Bandeirantes de onde vieram? ~~acabaram~~ acabaram com o Quilombo. Matou o Zumbi. Os Bandeirantes são os ~~heróis~~ heróis da história e Zumbi é o vilão. A escola mente. As aulas de psicologia na minha escola não vai ter no ano que vem. Porque os ~~meu~~ sistema quer que nos tornemos ingnoratas. Não quer quem nós pensamos. Temos 7% do nosso raciocínio, porque os meios de comunicação faz uma lavagem cerebral em nós, revistas, livros, ~~meu~~ escolas entre outras. Se nós temos uma capacidade de 100% ondeé que está os outros 93%? Ai entra o senso crítico, quem tem senso crítico com 16%, 15%. E os outros 85% onde está? É uma teoria sem prática. Se nós ficarmos aqui falando. Continua ajudando irmão. Mas onde? Não estou vendo nada. Sabe o que eles querem fazer? Colocar catraca e com isso, ~~meu~~ mais brasileiros desempregados. Onde está a solução? Os correios estão em greve, mais irmãos desempregados. A polícia ficou de greve precisando do nosso apoio. Ajudamos. Mas agora todos estão sendo espancadas,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

— T A Q U I G R A F I A —

Folha n.º 548 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
014	4	da	G.Organizados	22.09		

Quando houve aquele movimento de rap aqui embaixo, a polícia prendeu um irmão. Por causa de "bobeira". A polícia não pode ver um preto sossegado, preto parado na esquina é o quê é suspeito, correndo é ladrão. E por aí afora. Se continuarmos nessa teoria sem ~~prática~~ prática, só falando, falando, não vai adiantar. Vamos fazer uma revolução. se é para sair nas ruas, vamos sair. Estou aqui, revolução, irmão. Estamos aqui para quê? Ficar parado trocando idéias. Debatendo, debatendo e nada. Estou sabendo que esse debate acontece ~~há~~ há ~~muito~~ muito tempo, desde agosto. Estamos em setembro e nada. Vamos ajuntar uma rapaziada, zona sul, zona leste, oeste e norte e vamos fazer uma revolução. Revolução de ideais. Se não funcionar fazemos a revolução armada, declarando guerra ao sistema. Por quem morte ao sistema? Declaro guerra cosumismo alienado. Mídia, polícia corrupta. ~~Conheço~~ Conheço policiais que dão ponto para mim, agora eu não sei se dão para vocês. ~~Eu quero saber se vocês também não vão fazer uma revolução.~~
~~Sino com reação, não vou fazer uma revolução. Política. Declaro~~
~~do que é a revolução, não vou fazer uma revolução. Vou fazer uma revolução~~
~~na minha vida. Eu quero saber se vocês também não vão fazer uma revolução.~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

folha n.º 549 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
015	1	Marcelo	Gr.Organiza.	22.09.97		

e da mesma forma que sei que vocês ~~da~~ conhecem policiais gente fina com você, comigo já não sei. Político declarando guerra a político, mas político corrupto. Eu vejo alguns políticos. Lá em Embu-Guaçu o Prefeito está fazendo, se não fizer é revolução no ato, aqui é com a gente, eles fazem porque isso é nosso. Nós temos que chegar aqui e falar para o Prefeito Pitta fazer, então vamos lá, vamos chegar, ajuntar nossa galera, acertar dia e horário e trazer nosso movimento, duas mil, ~~na~~ cinco mil, dez mil, cincoente mil para São Paulo. Para ~~fala~~ falar a verdade, vamos para o Brasil e o mundo. Isso não é só aqui. Nos Estados Unidos acontece isso, na África do Sul, Mandela, o aparteid, no Japão, na União Soviética, sempre acontece isso, o ~~preto~~ preto não pode ir lá, o ~~preto~~ ^{preto} não pode disso,... Deixe falar uma coisa rapidinho: preto no dicionário, alguém procurou saber o que é? É encardido, sujo. Por que sujo? Vamos tirar isso do dicionário. Sabe por que eu não falo irmãos negros, falo irmãos negros? Porque é para falar ~~me~~ irmão negro, quando estou falando estou falando em raça, em raça negra, raça branca. Eu tenho um rapp que diz assim: "Vamos abrir a mente, existem brancos conscientes", existem, não são todos. Existem vários irmãos brancos aqui, mais claros do que eu, mais claro que meu irmão aqui, mais claro que ele, tem ela aqui. Existem brancos conscientes, ~~mas~~ não são todos. Se numa população de milhões de



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

550
Folha n.º 550 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
015	2	Marcelo	Gr.Organiza.	22.09.97		

peçoas têm três ou quatro brancos conscientes não dá. Se em cinco milhões de peçoas, tivermos quatro milhões de peçoas, acho que dá para fazer esse outro milhão se tornar consciente, mostrando para a rapaziada revolução, volte ao sistema, declarando guerra, ~~cruxificando~~ cruxificado. Falou rapaziada.

O SR. _____ - Valeu, irmão.

O SR. _____ - Apoiado, irmão.

A SRA. _____ - É isso aí, rebeldia com consciência. O Rack ~~rapa~~ do cruxificado pelo sistema também.

O SR. RACK (?) - Boa-tardex pessoal. Eu gostaria de complementar essa idéia que o Mano falou, sobre os grupos porque eu vejo uma pá de grupo que sobe no palco, fala um montão, fala que a droga acaba com a periferia e quando vou nos bailes vejo os manos fumando, puxando uma e bebendo até umas horas. ✕ Isso é viver sem prática e dá uma ... (Ininteligível)... do caramba.

Outro problema que acredito que exista é esse lance do consumismo. A gente deveria começar a boicotar certas coisas, ✕ para procurar solução, porque a gente reclama que não tem espaço na mídia, mas continua comprando coisa que não mostra a nossa cara. Isso é um erro do caramba. Aí a gente fala que não tem espaço, não tem isso e não tem



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 551 do Proc.
11 da 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. PARTE
015	3	Marcelo	Gr.Organiza.	22.09.97		

aquilo, mas tem uma pá de gente que não teve com quem estudar e se formar e o início da revolução é a informação.

A revolução que a gente gostaria de pregar é que precisamos nos informar, estudar, ler muito também e começar a boicotar algumas coisas que passam na televisão, porque a cada dia que passa ficam ferrando com a gente, a Rede Globo passando uma alienação do caramba, SBT também. Então a revolução seria além da informação começar a boicotar a televisão, Rede Globo principalmente, SBT que está contribuindo muito para a alienação do ~~nosso~~ nosso povo, com vários exemplos, como o Gugu Liberato, que a gente perde tempo assistindo Domingo Legal, vendo aquela frescura, aquela competição, que foi censurada, ~~que a Xuxa~~ da Carla Peres, de menina de seis anos rebolando ali, adiantando a sua sexualidade, que é um erro do caramba, a Xuxa que fazia aquele café da manhã enorme, que a gente que morava na favela e via e pensava, pequenininho, "puxa, nunca vou poder ter aquilo" e faia um mal do caramba. A maioria das meninas viam aquelas paquitas lourinhas, lourinhas e por serem negras e gostarem muito sa Xuxa falavam: "Nunca vou poder ser paqueta, então o negócio é ~~ir~~ embranquecer". A televisão tirou muito da nossa identidade e um dos modos das pessoas mudarem é a mudar a identidade do povo. ~~Não dá mais~~

A revolução já passou da hora de acontecer. Não precipi-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

700 Folha n.º 352 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
015	4	Marcelo	Gr.Organizad.	22.09.97		

tar a revolução armada, pregamos também a revolução, mas não podemos precipitá-la antes da revolução de ideal, porque se fizermos primeiramente a revolução armada vão começar a ~~julgar~~ jogar o povo contra o próprio povo, dizendo: "Aquele bando de arruaceiros estão armados", vão lá dão tiro e o povo fica pensando que eles pregam uma pá de coisa, e pregam a paz e foram lá dar tiro.

Temos que considerar também a questão do comodismo, porque as vezes você ~~fixa~~ acha um absurdo as coisas que ~~se~~ acontecem e só fala quando está na roda dos amigos, mas se chegar uma pessoa, digamos, um prefeito ou um vereador na sua frente, ~~alguma~~ não tem coragem de dizer que não concorda com isso e aquilo. Muita gente só sabe reclamar e não sabe lutar. Lutar é uma coisa que todos precisam fazer e nós já nos ferramos há muito tempo, por isso já passou da era da luta.

A SRA. - Tem a palavra Ice-boy, do ~~grupo musical~~ núcleo cultural Força Ativa.

O SR. ICE BOY - Eu gostaria de dizer que a rapaziada do Poder está dando uma entrevista, vai tirar uma foto e logo mais comparecem na mesa.

Boa-tarde a todos. Vocês vêem que a maioria das pessoas falam: " No Brasil revolução eu acho que não vai dar certo pelo fato de



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 553 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
015	5	Marcelo	Gr.Organiz.	22.09.97		

que as pessoas que ~~podem~~ pedem a revolução serem desorganizadas!" (Palmas).
Eu reclamo muito de outras etnias, só que a gente não consegue copiar os japoneses pelo fato de terem postura. A primeira parte é ter postura e respeitar as idéias dos outros irmãos e não ficar em conversas paralelas.

Quero declarar que [redacted]

[redacted]



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 554 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-16	1	Monteiro	Grps Org.	22.09.97		

A gente tem que se unir, temos que nos unir e cobrar um do outro a postura, a organização, certo? Temos que cobrar um do outro o que você lê, que é aprender um com o outro.

O Osires esteve aqui e falou uma coisa interessante, que os grupos organizados têm que se unir, tem que um visitar a área do outro, um conhecer os problemas do outro. Mas é o seguinte: se a gente não mostra um exemplo para discutir nossos próprios problemas, um querer sair para fora e esquecer da vida, ir tomar café, outros ficam com conversas paralelas, outro fica paquerando, não dá certo. Como a gente vai conseguir alguma coisa se fizer isso, se não tiver postura?

Vou entrar agora e vou discutir muitos problemas aqui, as pessoas vieram reclamar muito mas não colocaram propostas, colocaram poucas propostas. Um senhor falou da... super legal, tem gente que se preocupa muito em jogar bola, mas se preocupa menos em pegar pelo menos um campo de futebol e colocar uma horta. De repente, aquelas pessoas que querem jogar bola quando chegam em casa não têm nem o que comer para jogar bola no dia de amanhã.

Acho que a Prefeitura deve incentivar mais hortas, que a comunidade faça hortas. Não vai acabar com a fome, mas vai diminuir



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 555 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-16	2	Monteiro	Grps.Org.	22.09.97		

nuir o grau por cento da fome.

Outro detalhe: a comunidade deve participar de plenárias, expondo as suas idéias, participar dos problemas da escola. Muitos ~~falam~~: "Ah, o problema da escola...", como a moça que nem está aqui, pediu tanta organização que nem está aqui. Um dos problemas da escola é que a escola forma cidadãos mas não explica o que é cidadania e os grupos organizados devem cobrar dos seus professores, dos seus diretores o que é cidadania. Se as pessoas querem falar de cidadania, que saibam falar sobre a cidadania. Muita gente sabe reclamar, reclamar, mas não sabe usar a lei a favor dele. Sabe que existe a lei, mas não sabe se é a favor dele.

É isso aí. Obrigado. (Palmas)

A SRA. - A Débora, do Grupo Cultural Força Ativa.

A SRA. DÉBORA - Primeiramente, boa tarde a todos. Gostaria de chamar a atenção novamente dos companheiros que estão lá fora porque é assim: quando nós falamos a maioria do povo do sistema dá as costas. É por isso que nós não somos atendidos. Quando



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 556 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-16	3	Monteiro	Grps.Org.	22.09.97		

a gente fala para os nossos próprios irmãos seria legal que todos ouvissem e tomassem ciência do que está sendo dito. Não são todos que estão dando entrevista lá fora e seria legal que estivessem aqui dentro ouvindo. (Palmas)

Agora, gostaria de retomar alguns assuntos que já foram ditos. Muitos estão falando pelo fato de o Pitta ser preto, na Prefeitura. Só que é assim: quando o Pitta ganhou, tudo bem, pela maior parte da população que vota ser de pretos, um dos motivos de ele ter ganho. Só que é o seguinte: antes de nós votarmos a gente não tem que contar a etnia, tem que contar a capacidade de fazer. Ele é preto, ele é um preto elitizado e tem o mesmo pensamento que muitos brancos têm. A maioria no poder é de brancos e eles têm o mesmo ~~racismo~~ raciocínio.

Uma que eu não conto o voto como um direito, conto voto como um dever porque se o voto fosse um direito as pessoas que têm que votar, votariam, que são as pessoas que têm ciência do que estão fazendo. Agora, eles colocam o voto como uma obrigação, são pessoas que mal sabem o que estão fazendo e vão dar o seu voto por uma lata de leite, por uma dentadura. Isso é o cúmulo do



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 557 do Proc. UNL 0 11 de 19 97
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-16	4	Monteiro	GRps.Org.	22.09.97		

absurdo, voto não é um direito, é um dever e as pessoas que são obrigadas mal sabem o que estão fazendo.

Gostaria de mandar um recado, infelizmente a pessoa não está aqui, já saiu, mas ela disse que os jovens têm acesso à universidade a partir do momento que têm acesso à escola, que ela concorda com a obrigação dos jovens na escola. Concorro plenamente, a partir do momento em que a escola tiver capacidade para receber esse aluno, porque tipo você entra na escola, o ensino é repetitivo, você aprende ciências, química, física e nunca tem noção para que serve. A matemática é uma porcaria, agente aprende uma pá de contas e mal sabe para que que serve. Fora a merenda. Tem aluno que fica seis horas preso dentro de uma sala de aula e mal tem o que comer. Mal tem o que comer dentro da casa e que dirá na escola, como uma professora já falou.

Então, raciocina: obrigar o aluno a ficar preso numa sala é fácil. É aí que surge a revolta, é aí que a gente picha, é aí que a gente quebra.

O nosso papel é conscientizar as pessoas que para conseguir melhorar a situação não é quebrando, existem outros modos de chamar a atenção e um modo de chamar a atenção é você ir realmente



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 558 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário JF

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-16	5	Monteiro	Grps.Org.	22.09.97		

ao "X" da questão, que é pedir para o sistema, pedir para esses caras, entendeu, que dizem fazer alguma coisa por nós e infelizmente só deixam a desejar. Eu dou isso pelo fato de as escolas devem ter alguma organização, eu faço parte de um grêmio na minha escola e os conselho que eu dou a todos nós aqui... porque, com certeza, como iremos fazer o que estamos falando e conversar isso na escola é organizar um grêmio, expor os problemas que foram ditos.

Mais uma coisa: foi dito que existe uma pá de organizações que podem nos ajudar. Só que é assim: existir existe, mas o povo está ciente disso? Não, não está. Tem um a pá de organizações aí que dizem ajudar mas que não têm nem a ciência de sair divulgando que o povo sabe usar. Que nem essa organização de negros lá na Prefeitura. Quem sabia disso? Como vou utilizar um negócio que não sei o que é, não sei onde que tem, não sei quando funciona? Acho que tudo tem que vir através da informação, antes de falarem que não devemos reclamar porque tem alguma coisa que faz por vocês. Mas espalhem, então, que eu vou lá reclamar.

_____.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 559 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
017	1	Anelise	GRUPOS ORG.	22.09.97		

vão de São Paulo para o município de São Paulo.

Outra coisa. Bato palmas para o que o irmão falou, de que a periferia é sempre esquecida. Organizar esquemas de vir ^{ex}por o problema, firmeza. Tem uma parte livre aí? Tudo teoria, cadê a prática, mano? Fazer projeto, até eu faço, qualquer um faz, mas e aí, e para colocar em prática?

Saneamento básico em Tiradentes não existe, mano. Essa denúncia que foi feita da Escola do Fernando Maguro, já tem projeto aqui há séculos aqui nesta coisa. E aí, mano? Será que a gente vai ter que sempre ficar trazendo um papel? Eles fazem um papel também. E aí? Nunca passa de teoria.

O que temos que fazer é nos organizar. Quanto mais fizermos plenárias como esta, para participar, chamar pessoas novas, prestar atenção. Você não tem que vir marcar presença, você tem que saber o que está fazendo. Se estão falando, você tem que ouvir, certo? Não é para tirar sarro. Você tem que ouvir, porque, se a pessoa está falando, é porque ela sabe alguma coisa.

Tem uma pá de gente aqui na frente que falou, falou, deu as costas e está lá fora agora. E o restante, mano? Os que estão aqui dentro é porque estão interessados.



560
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 560 do Proc. M de 1997
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
017	2	Annelise	GRUPOS ORG.	22.09.97		

Era só isso que eu queria falar.

(Palmas)

A SRA. - Tem a palavra o Góis.

O SR. GÓIS - Boa tarde a todos. Foi falado muito em leis e cobrança do Estado, em participação política, mas a proposta que eu tinha... Cadê os grupos? Isso é uma prova de que a mídia destrói os movimentos. A proposta é a seguinte: de que todos os grupos organizados trabalhassem em prol de um bem político, trabalhassem em eleições, para colocar pessoas do povo no poder político.

Teve gente que falou sobre periferia, sobre poder do povo, só que muitas dessas pessoas, nas eleições, votam em representantes da burguesia. Então, acho que os grupos devem estudar e trabalhar com essa finalidade, a de colocar representantes da periferia no poder.

Uma outra coisa que eu gostaria de falar é sobre revolução. Muita gente está falando de revolução, mas revolução é feita através de estudo, certo? Não adianta só falar de revolução, revolução, sem explicitar o que você quer com a revolução, como vai fazer. Revolução se faz ~~com~~ através de cultura, a revolução armada, porque tudo



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 561 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
017	3	Anelise	GRUPOS ORG.	22.09.97		

parte de um bem comum. Foi dito aí que usar arma não vai adiantar nada, que sair dando tiro é assinar B.O. Pessoal, quando for falar de revolução é bom ler mais um pouco, porque revolução não é catar arma e sair por aí dando tiro. É lutar por um bem comum, que é a liberdade de todo o povo.

É só.

(Palmas)

A SRA. - Tem a palavra Djalma, do
Núcleo Cultural Força Ativa.

O SR. DJALMA - Boa tarde a todos. A gente mora nos bairros mais afastados, e às vezes a gente esquece que, num bairro, numa comunidade, tem que haver recursos. Não escutamos as pessoas colocarem como proposta os recursos que faltam à comunidade, que seriam os recursos essenciais à vida, que seria o direito à saúde, à educação, programa de moradia, programa de orientação, que não tem nas URBs, que é Secretaria da Família e Bem-Estar Social, através das suas subdivisões, que seriam supervisões. Teria que existir um programa de orientação e apoio à criança, ao adolescente e à família.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA — 490

Folha n.º 562 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
017	4	Anelise	GRUPOS ORG.	22.09.97		

A proposta que temos é a de que o Executivo municipal cumpra com as suas finalidades a que ele se propôs perante a Lei Orgânica Municipal e que as pessoas comecem a se organizar enquanto classes. Não enquanto grupos, enquanto pessoas isoladas, mas enquanto classe social, porque, se não nos organizarmos enquanto classe, seremos sempre divididos, e não somaremos esforços para lutar contra um opressor comum, que seria o Estado. E que as pessoas desenvolvam mais seu senso crítico e exerçam a cidadania, que é o que está faltando.

Existem leis, e os órgãos não cumprem. Mas se a população não reclamar, ninguém ficará sabendo que não está sendo executado tal programa que se propôs a ser feito. Então, as pessoas devem resgatar a cidadania, e tem que haver um programa também de conscientização para que a população exerça a cidadania. Para as pessoas saberem, pelo menos, cobrar o seu direito líquido e certo. Porque a pessoa que tem um direito líquido e certo que é violado ela pode se dirigir à Vara da Família, à Vara Criminal, à Vara da Infância e da Juventude, e entrar com um mandado de segurança, porque as pessoas estão ali para isso. Mas se o cidadão não tem conhecimento das leis, e não tem o senso crítico de cobrar que o Estado cumpra com sua finalidade, fica difícil exigirmos alguma coisa do poder público.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 563 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
017	5	Anelise	GRUPOS ORG.	22.09.97		

Então, temos que resgatar a cidadania, cobrar os recursos básicos, as políticas sociais básicas, nos bairros, não só aqui nos centros, estarmos organizados - organizar a juventude, organizar o pessoal mais adulto, o pessoal da terceira idade. Temos que somar esforços para conseguir alguma coisa. Porque é muito fácil falar de introdução à tecnologia, quando não sabemos nem o que é o computador. Não temos oportunidade de fazer cursos. Não temos nada. A gente só tem oportunidade de entrar numa vida pervertida, só que as pessoas que têm consciência e acham que dá para mudar alguma coisa lutam para serem inseridos. A gente luta

_____...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 564 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
018	1	alex	Grupos Org.	22 9		

para ter liberdade, que é a primeira coisa que temos de ter. Temos informação, para termos acesso aos serviços públicos. E ter oportunidade e condições de concorrer com qualquer outro cidadão, de qualquer outra classe social. (Palmas).

A SRA. - Eder, do Núcleo Cultural Força Ativa.

O SR. EDER - Só quero falar uma coisa sobre essa questão dos grupos organizados. Muitas pessoas chegam aqui, metem o pau, falam que está só na teoria, etc. Vou explicar o que está acontecendo aqui.

Aqui é uma comissão com grupos organizados para discutir determinadas coisas, que são o que se resume na seguinte coisa: políticas públicas.

É fácil você chegar aqui, meter o pau, falar que estamos na teoria. Estamos sentados numa cadeira, mas daqui sairá um documento que se tornará lei. As pessoas não sabem disso. Como o irmão citou, que isso já está há muito tempo, desde agosto. Isso é um trabalho que estamos desenvolvendo faz muito tempo. Para resolver alguma coisa, temos de discutir. Temos de encaminhar propostas. Da discussão que sairão soluções, etc.

As pessoas apresentaram muitas propostas, mas se esqueceram da Mesa. A Mesa está aí também para responder algumas dúvidas nossas.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 565 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFAPTE
018	2	alex	Grupos Org.	22 9		

Foi citada a questão de se ter acesso a cursos profissionalizantes, etc. Pessoas que criticaram essa questão não ouviram a proposta do Núcleo Cultural Força Ativa. Temos uma proposta, para estar encaminhando o centro de profissionalização nas áreas menos elitizadas. Ninguém ouviu isso.

Uma pergunta ao irmão, aqui. Você falou sobre a questão da união entre grupos organizados, mesmo membros que fazem ~~uma~~ cultura hip-hop. Gostaria de saber o que é necessário, qual é a coisa fundamental para se fazer a união entre grupos organizados, quanto cultura hip-hop. Uma base da união é a questão da postura. Não adianta o cara falar em união, mas não ter uma postura.

Eu iria fazer algumas conclusões, mas como as pessoas acabaram indo embora, não dá. (Palmas)

O SR. _____ - Quando falo de união é o seguinte: você sabe que moramos na periferia, onde existe outro ensinamento. É o ensinamento da vida, é o ensinamento da favela. É o respeito, é a malandragem, é a bandidagem. Lá no Jardim Vista Alegre, esse espaço de turma, de grupos organizados, foi muito fortalecido nesses movimentos de torcida organizada. Até aí, tudo bem. Foi o primeiro passo. Ao assistir aos jogos, sentiu-se mais violento, mais forte.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 566 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
018	3	alex	Grupos Org.	22 9		

Esse caso, aqui, pode ser diferente para vocês. Vocês podem pensar "o cara está nessa, ainda". Isso foi a natureza do que nasceu na Zona Norte, como também nasceu na Zona Leste.

Vejo você falando. Está vestindo uma camiseta do Corinthians, está usando um boné do Corinthians. Você não se está identificando com nenhuma torcida organizada: você não está de Gaviões, você não está de Pavilhão, você não está de Camisa 12. Mas pela fardamento que você está vestindo e for sair, é motivo de uma briga, de uma ignorância. Esse tipo de idéia que está aqui, eles não estão participando. Eles fazem um movimento. A Turma do Poder gritava: "fraternidade não, violência sim". Só que isso foi o início. Quando falo de união, do que falo? Que existe uma coisa: ensinamento. É a dignidade, é o respeito, é a união. Quando os caras saem dando soco, quebrando, é uma revolta. Isso não fui eu que pus, não foi ele que pôs, não foram vocês que puseram, não foi a Turma do Poder. Só que o Poder tem um privilégio, que é ouvir vocês falarem, ver vocês lerem. No primeiro encontro que vocês tiveram com o Poder, eu não participei. No segundo, participei. Houve aqueles entendimentos e o que fiz? Levantei e fui embora. Fui atacado. Senti-me preocupado. Esses caras ficam nessa de ~~tatatá-tatatá~~ tatatá-tatatá. Para você ver, a Turma do Poder são 350: Zona Sul, Zona Norte, Casa Verde. O Poder é básico, rap, é curtição, é lazer. Só que esquece do ~~rap~~ do alicerce,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 567 do Proc. 11 de 1927
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
018	4	alex	Grupos Org.	22 9		

da estrutura. Hoje eu tenho 15, eu tenho 13. Hoje eu curto, e amanhã?
Vou sentir necessidade, vou sentir fome. Meu pai que cria dá um toque:

.....



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 568 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
019	1	Paula	g.organizados	22.09.97		

vai estudar, meu irmão; vai trabalhar". E aí? O que eu vou fazer? Vou me ~~me~~ descabelar, Quer dizer, o poder está aqui. Esse é o privilégio de idéias. Quando falo de união é informação. O poder tem a sua prática, tem seu lado bom e tem o seu lado ruim. É legal, vocês estão lendo, estão estudando; vocês estão querendo fazer uma política para o meu povo . Nós somos uma maioria. Admiro a Turma do Poder pela determinação, pela coragem e força. Mas, está errada a ~~a~~ forma como vocês vêm agindo. Nunca me liguei em livros. Hoje faço música. Posso pegar uma música e sem escrever, nada , depois de 15 minutos canto novamente. Tenho essa facilidade de decorar. Acho que isso é uma troca de favores.

Nós estamos conversando, mas têm aqueles que estão vendendo drogas, Ninguém é louco. Todo munda sabe o que é certo e o que é errado. Todos sabem que se roubar vai para a cadeia; todos sabem que a polícia bate; todos sabem que se não estudarem serão considerados analfabetos, burros, ignorantes. Quer dizer, você já deu um passo sobre isso. Isso deveria se tornar uma balança , um equilíbrio e aí sim poderíamos levantar a nossa bandeira e ter um movimento.

Existe a Turma do Poder e a Força Ativa. Então po-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 569 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
019	2	Paula	g.organizados	22.09.97		

demos ter uma bandeira: Turma do Poder e Força Ativa. Está aqui a nossa bandeira. Eles têm esse ensinamento, essa lei, essa religião e curtem esse som. É essa a integridade que falta. É como o movimento hip hop. Estou cansado de ver "mano" subir e fazer cara de mau. Eu pedi isso na periferia. Respeito o cara não porque ele é maldoso, mas porque ele é homem, é digno. Essa expressão de cara de mau não me diz nada. Da mesma forma que um cara vem ~~me~~ conversar comigo com humildade, ~~ele~~ ele vai receber essa humildade. Eu luto por essa união, esse equilíbrio.

Espero que Turma do Poder e Força Ativa têm que criar uma associação. Acho que é isso que quer dizer união.
(Palmas).

A SRA. — Quero chamar o nosso último inscrito, Nilton Nunes Júnior, do gabinete da Vereadora Ana Martins.

O SR. NILTON NUNES JÚNIOR — Não faço parte de nenhum grupo como o de vocês, mas já fiz de alguns. Existem algumas coisas nas quais vocês podem estar juntos. Tem um movimento de luta



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
019	3	Paula	g.organizados	22.09.97	Nilton	

pela universidade pública na zona Leste. Eles se reúnem uma vez por mês na sede do Sindicato dos Professores Municipais, em Artur Alvim. Acho ~~que~~ que ao invés de vocês estarem preocupados com a USP que tem uma pequena porcentagem de pessoas da periferia, de negros, de pobres ou de nortentinos como eu. Temos que arranjar alternativas para a nossa região. Por exemplo, na zona Leste existe espaço para criar uma universidade.

Na zona ~~Norte~~ talvez não haja mais espaço porque não tem mais ~~onde~~ onde se construir lá por questões geográficas. [Outra coisa ~~que~~ que me preocupa é que vocês sempre vêm falar de grandes shows no Ibirapuera ou no Parque do Carmo. Acho que isso deveria ser distribuído pela cidade inteira para que diversas praças da cidade possam ter shows com frequência nos finais-de-semana. Seria interessante se os grupos organizados se manifestassem.

Outra coisa que me preocupa, não sei se vocês têm observado, mas passando pelas praças vemos que não são mais praças do povo, são praças de alguns porque enchem de grades e portões de entrada e saída. Isso não dá um acesso livre ao povo. Infelizmente, por conta desse poder que é exercido hoje no Município pelo Governo Pitta, a praça virou moradia para o povo mesmo. O que os caras fazem?



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 571 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
019	4	Paula	g.organizados	22.09.97	Nilton	

Eles colocam grades e nem na praça o povo pode dormir. No fim as pessoas dormem dentro de canos. Isso é uma coisa que os grupos também poderia_m estar pensando em acabar com isso. Muito obrigado. (Palmas)

A SRA. - A Lúcia gostaria de fazer alguma consideração final?

A SRA. LÚCIA - Gostaria de fazer uma consideração das críticas que foram feitas ao debate. As pessoas que estão constituindo a Mesa, não as pessoas que estão constituindo a Mesa, mas as pessoas que vieram aqui não vieram passear, não vieram em vão. Acredito que ninguém veio aqui fazer amizade, arrumar namorada ou coisas desse tipo.

Então, coisas que estão sendo ditas aqui devem ser encaradas como propostas e até mesmo como críticas frente a tudo o que está acontecendo. Foi dito aqui que não foram apresentadas propostas. Eu digo que isso é mentira porque no início eu apresentei propostas e ~~volto~~ volto a falar novamente que mesmo com propostas sendo apresentadas não é interessante para o governo estar realizando coisas benéficas para a periferia. Mas, o nosso papel é vir aqui e



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

500
Folha n.º 572 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
019	5	Paula	g.organizados	22.09.97	Lúcia	

cobrar políticas públicas, como foi dito.

Se o Estado não faz nada podemos fazer porque temos
esse poder de politização, de conscientização, (

em sendo



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 573 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
020	1	Vianna	G. Organizados	22.9.97		

de união das massas, que acabam sendo separadas por ideologias pequenas, quando, na realidade, todas as ideologias, todos os caminhos levam a um ponto só.

Como proposta, eu volto a colocar a questão da educação, o desenvolvimento da autoestima racial, da auto estima enquanto ser humano nas escolas, uma política de desenvolvimento racial nas escolas, a segurança feita pela própria comunidade, a presença de um conselheiro tutelar em cada grupo organizado, a questão da moradia também, da transformação, da urbanização das favelas que acontece com o Cingapura, a formação de centros técnicos dentro dos grupos organizados para que isso possa se estender para a periferia, entre outros. Espero que as pessoas possam refletir acerca disso, pensando que não são críticas sem propostas. (Palmas)

O SR. — Como última palavra,

que eu já estou saindo fora, eu vou expor cinco propostas do Jumaque. Primeira proposta: a gente está querendo montar uma biblioteca dentro da favela. A gente tem espaço, mas não tem estante e não



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 574 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário *JA*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
020	2	Vianna	G.Organizados	22.9.97		

tem livro. Se alguém da Câmara quiser ajudar a gente, a gente aceita.

Segunda proposta: tem uma praça que está abandonada, matagal para tudo quanto é lado, arrebentada. A gente quer cuidar dessa praça, só que tem que ter meios para cuidar da praça, tipo ~~tem~~ alguém para dar uma força com um trator, porque é um barranco que não dá para quebrar na enxada. É uma praça que não tem luz, escura, abandonada, então a gente quer cuidar da praça.

Terceira proposta: a gente está querendo implantar aulas de capoeira e educação dentro da favela. Só que a gente também não tem condições, tipo financeiramente, de bancar as coisas, entendeu, cara?

Quarta proposta.. .

O SR. _____ - Bom, já está terminando, ~~eu~~ eu tenho uma coisa que creio que é interessante para todos os grupos. O pessoal estava comentando a respeito de como os grupos todos, o Junaque, a Turma do Poder, o Força Ativa, pode-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 575 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
020	3	Vianna	G.Organizados	22. 9.97		

riam estar trabalhando em conjunto para alguns projetos. Lógico que, ideologicamente, alguns grupos se diferenciam de outros, mas o básico que a gente quer é a mesma coisa: justiça social.

O que poderia ser feito para que os grupos possam agir em conjunto? Acredito que, se a gente fizesse um estatuto intergrupos, colocando as coisas com que todos os grupos concordam no papel, fazer reuniões com representantes de cada grupo para desenvolver projetos em conjunto, acho que isso seria o ideal.

O menino da camisa do Corinthians falou para o menino da gangue do poder a respeito disso, mas acho que não ficou bem específico como poderia ser feito. A gente podia reunir representantes de cada grupo, discutir questões em que todos concordam e desenvolver projetos em conjunto.. Fica aqui a proposta.

O SR. _____ - Deixa eu dar a quarta proposta do Junaque. Ao lado da 66, uma delegacia que tem ali na Zona Leste, tem alguns prédios da Cohab que estão abandonados, queimados. A gente também queria cuidar desses prédios, tipo para



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Processo n.º 516 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
020	4	Vianna	G. Organizados	22.9.97		

montar ali um esquema de conscientizar os jovens da periferia, fazer um trabalho para afastar os irmãos das drogas. Mas não tem dinheiro para comprar tinta, não tem ferramenta para capinar o matalagal, cortar os barrancos que têm lá perto, não tem dinheiro para comprar fio, não tem dinheiro ~~para~~ para comprar bocal para pôr as lâmpadas, não tem dinheiro para comprar portão. Se entrar sem algo assinado, a polícia vai lá e expulsa a gente. Então, vocês da Câmara, a Eliane que é nossa irmã, é uma "mina" sangue bom, o que você pode falar para a gente, o que é que dá para fazer? A gente quer tomar esse espaço, cuidar do espaço para fazer tipo uma casa de encaminhamento ~~da~~ da criança e do adolescente, de preferência crianças da própria favela.

A SRA. ELIANE - Bom, a gente pode encaminhar essas propostas, conhecer o local quevo cê falou. Quanto à campanha do livro, o próprio pessoal do ~~força~~ força ativa já está encaminhando um pedido para a gente, e a gente vai tentar rodar no meio de professores que são conhecidos nossos, todos os vereadores. A gente vai tentar recolher todo esse material e ajudar.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 578 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-21	1	Camilo	Grupos organ.	22/9/97		

a região com poder e qualidade.

Temos que chegar um pouco mais cedo, para conversarmos. No dia 26, haverá uma última reunião.

A SRA. _____ - Tem a palavra a

professora Edilaine, que irá passar um recado para vocês.

A SRA. EDILAINE - Boa tarde. Trabalho na Cidade Tiradentes. Não devemos perder contato uns grupos com outros. Já que aqui se encontram vários grupos, coloco a minha escola, EMPG Vereadora Ana Lam borge, localizada na rua 14 G, 231, na Cidade Tiradentes, no coração da periferia, à total disposição ~~para~~ para possíveis reuniões futuras dos grupos que quiserem se encontrar. Lá, há um espaço grande, um ~~patio~~ pátio enorme à disposição dos grupos.

Além da minha escola, digo que há um espaço dos grupos, onde vou conhecer, domingo. Esse lugar fica próximo a minha casa, que fica na Avenida Águia de Haia. Assim, vou ajudá-los com uma carta de referência, para que sejam abertas outras escolas para reuniões. Aliás, os diretores são irredutíveis em abrir o espaço democraticamente.

Sou vice-diretora de uma escola e sofro discriminação por pensar assim. Então, isso é duro, pois sinto essa situação, na minha pele, há 4 anos.

Quanto a uma proposta, gostaria que o Vereador José Eduardo Martins Cardozo



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 579 do Proc.

de 1997

O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
O-21	2	Camilo	Grupos organ.	22/9/97	Edilaine	

levasse ao Sr. Secretário da Educação a idéia ^{que} de as escolas ficassem abertas, enquanto espaço cultural. Gostaria que esses diretores fossem mais flexíveis para estarem abraçando esses grupos.

Sexta-feira, entreguei um projeto, na USP, para que fossem adotados os grupos organizados, para interferir nos projetos pedagógicos das escolas. Por que isso é fundamental? Enquanto vice-diretora, enquanto professora, acredito que o grupo organizado, pelo seu próprio linguajar, pela sua própria forma de se expressar, consegue muito mais resultados do que muitos professores. As mudanças, nas escolas, são conseguidos por 90% dos grupos organizados. Como profissional, acredito nisso. Digo que a linguagem é fundamental na transformação e na mudança.

Então, minha proposta é que haja trabalhos pedagógicos junto aos grupos organizados, na interferência e na mudança, inclusive no currículo escolar, coisa que pode ser transformada. Digo que o currículo tem que ser adequado aos jovens, a uma juventude que vem politizada e com uma visão diferente. Como o Sr. Djalma falou, esses jovens têm que ter uma consciência de cidadania, coisa que não existe atualmente. Nesse ponto, concordo com o que o Sr. Djalma falou.

O SR.

- Digo que a

as pessoas do poder iniciaram esse movimento, nas escolas, mas a direção da nossa escola mudou as coisas.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

580
Folha n.º 280 do rec.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
0-21	3	Camilo	Grupos organ.	22/9/97		

A SRA. EDILAINÉ - Aí vocês foram proibidos de fazer o que faziam. Isso é o que acontece.

O SR. _____ - Na escola, os vidros estão todos quebrados. Sabemos quem são os responsáveis por isso, mas somos discriminados. Uma escola que foi construída, agora está jogada.

A SRA. EDILAINÉ - Na minha escola, amanhã tenho que ir à delegacia, com o grupo do grafite. A luta continua, porque acredito na reconstrução pedagógica da escola, por meio dos grupos. Não há somente grupos de Rap, há também grupos de samba e grupos de grafite, na escola. Antes eles eram pichadores, hoje são grafiteiros. Eles pintam, criam e transformam as escolas em lugares bonitos. Aliás, essas outras facções culturais devem ser olhadas por nós. Devemos conversar para nos encontrar.

A SRA. _____ - Como esta reunião já está encerrando, quero dar alguns recados. A Vereadora Ana Maria Quadros fez um convite a vocês para que participem de uma sessão plenária infanto juvenil da Comissão Extraordinária Permanente de Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Municipal. Esse evento se realizará, no dia 2 de outubro, das 15 às 17 horas, no auditório aqui



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 581 do Proc.
14 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
G-21	4	Camilo	Grupos organ.	22/9/97		

ao lado, no primeiro andar.

Nosso próximo debate será sobre Direitos Humanos. Será a última mesa da Comissão de Estudos. Depois, passaremos a elaboração de um relatório final. Inclusive, na semana que vem, estarei marcando uma reunião com vocês para discutir esse relatório.

O SR. _____ - Para elaborar esse projeto, estarão os representantes das entidades? Vamos também ler o documento que será encaminhado?

A SRA. _____ - As entidades estarão presentes. Leremos sim o documento. Nesta sexta-feira, dia 26, haverá a nossa última mesa. Neste dia estarei anunciando uma data para discutirmos esse relatório final; discutiremos quais serão as propostas e como as encaminharemos. Aliás, temos 15 dias para encaminhar esse relatório final. Então, estamos a todo vapor, para elaborarmos tudo isso. Convidarei o relator para que participe desta reunião conosco. Haverá muita pauleira para fazermos as coisas, nesses 15 dias, repito. Em vista do tempo, haverá uma outra reunião. Tudo que foi discutido aqui servirá para fazer o relatório final.

Estão falando que não está havendo participação. Falaram que o grupo está sendo crucificado pelo sistema. Alguns disseram que não sabiam que o trabalho havia começado desde agosto.



510
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 582 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário *PR*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
022	1	Angela	GRUPOS ORG.	22.09.97		

Temos uma dificuldade enorme, que vocês sabem o ~~que~~ que é, que é a divulgação. A gente pede para que vocês divulguem e que espalhem esse trabalho por aí. Esse trabalho é nosso, não é de Vereador, não é nada disso. O grande problema que a gente tem é esse, que o trabalho dos Vereadores é um trabalho muito solitário, porque a população não cobra e eles vão fazendo ~~por conta própria~~ Por mais contato que eles tenham com a base é difícil.

É difícil para ^a gente, que trabalha com os Vereadores, estar chegando ~~até~~ até vocês em todas as áreas. A gente tenta mas é difícil, porque a cidade é muito ~~grande~~ grande e a gente não conhece todos os grupos. Todo mundo que procurou a gente a gente convidou, o pessoal veio, mas não sei se é por timidez ou medo ou seja lá o que for acaba se afastando e não participou tanto assim.

Então, eu estou pedindo ajuda a vocês. Na próxima reunião, do dia 26, às 14 horas, no 8º andar novamente, tragam. Quanto mais gente tivermos aqui melhor. Quanto mais grupos participarem melhor será o relatório final.

A gente tem de mostrar para esse pessoal que juventude não é só uma rebeldia inconsequente, a gente tem consciência, a



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 583 do Proc
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
022 RXX	2	Angela	Grupos Org.	22.09.97		

gente pode muito bem fazer essa revolução de idéias como a gente* colocou aqui. Então, a gente está contactando mais de cem pessoas e grupos para estar participando nesta sexta-feira, entrando contato por fax, por telefone, enfim, o trabalho está sendo grande. Agora, a gente precisa do trabalho de vocês, porque vocês se conhecem, vocês sabem quem são os grupos que estão por aí.

Então, procurem a gente. A gente tem material. Os Vereadores estão colaborando e precisamos, sobretudo, da participação de todos vocês.

Obrigada e até sexta-feira. (Palmas.)

88 p.º 5



Câmara Municipal de São Paulo

ATA DA 8ª REUNIÃO DA COMISSÃO DE ESTUDOS (CRIADA CONFORME RPP 00117/1997) SOBRE "GRUPOS ORGANIZADOS" QUE VÊM ATUANDO NA CIDADE DE SÃO PAULO - PRIMEIRA SESSÃO LEGISLATIVA DA DÉCIMA SEGUNDA LEGISLATURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

26/09

Aos vinte e seis dias do mês de setembro de mil novecentos e noventa e sete, às 14:00 horas, 8º andar, no Salão Nobre, realizou-se a oitava reunião sobre a Comissão de Estudos criada para analisar e deliberar sobre o evento dos Grupos Organizados que vêm atuando na cidade de São Paulo. Sob a presidência do Vereador José Eduardo Martins Cardoso, e na presença dos Vereadores Roberto Trípoli, Ana Martins, Henrique Pacheco, Osvaldo Enéas, Mohamed Said Mourad, Devanir Ribeiro, José Silva Amorim, Aurélio Nomura, Cosme Lopes, iniciaram-se os trabalhos. Tema debatido: "OS DIREITOS HUMANOS E OS GRUPOS ORGANIZADOS". Compondo também a Mesa o Sr. Dr. Carlos Weiss (Procurador do Estado de São Paulo); Dr. Ronaldo Simões (Coordenador técnico de relações do trabalho, sindicais e saúde da população afrodescendente) representando do Sr. Dr. Eudes Felinto do Amaral da Coordenadoria Especial do Negro; Vereador Ítalo Cardoso (Presidente da Comissão dos Direitos Humanos e Cidadania). Após as várias considerações iniciais, foi aberto o debate entre a Mesa e a platéia, do qual participaram: Silvío (da Secretaria Estadual de Combate ao Racismo do PT); Francisca (NTC-FUC); Weber Lopes (Força Ativa); Gnomô Negro (JUNAC); Lucia Helena dos



Câmara Municipal de São Paulo

Santos Aguiar; Ice Boy; Testão; Joe; Anace Nunes; Rogério; Reck; Solange Gonçalves Dias. Presentes, também, assessores dos Vereadores-membros desta Comissão e de outros Vereadores. As notas taquigráficas com a íntegra de todos os pronunciamentos, que é parte integrante do processo, encontram-se arquivadas no âmbito desta Comissão. E para constar, eu, Arão Martins dos Santos, lavrei a presente ata que, lida e achada conforme vai assinada pelo senhor presidente e demais membros presentes e por mim subscrita.

José Eduardo M. Cardoso:.....
Presidente

Roberto Trípoli:.....

Ana Martins:.....

Henrique Pacheco:.....

Oswaldo Enéas:.....

Mohamad Said Mourad:.....

Devanir Ribeiro:.....

José Silva Amorim:.....

Aurélio Nomura:.....

Cosme Lopes:.....



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 205 do Proc.

11 de 1997

O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA
DT. 10

SEM REVISÃO

GRUPOS ORGANIZADOS8º TEMA: "OS DIREITOS HUMANOS E OS GRUPOS ORGANIZADOS"

26/09/97

Reunião realizada no Salão Nobre Presidente João Brasil Vita da
Câmara Municipal de São Paulo.

Em 26 de setembro de 1997.

Solicitante: Senhor Vereador José Eduardo Martins Cardozo
(Memo. n.ºs. 003 e 14/97)

Secret. Sr. Arão Martins



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 586 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário JPB

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
k1	1	L. Carlos	Grupos Organ.	26.09.97		

NOTA DA TAQUIGRAFIA - Gravação iniciada com atraso.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOSO - ...última Mesa do nosso grupo de estudos, constituído pela Câmara Municipal de São Paulo, com o objetivo de estudo da questão dos grupos organizados na Cidade de São Paulo.

Recordo aos senhores que esta é a oitava Mesa. Tivemos sete outras rodadas, que foram de grande importância para subsidiar os estudos que efetivamente a Câmara Municipal de São Paulo se encontra fazendo, relativamente à exclusão do jovem que reside na periferia da Cidade de São Paulo onde, então, passa, de uma forma muito forte a questão dos grupos organizados.

Recordo a primeira Mesa, que teve por tema "Os Desafios e as Perspectivas dos Grupos Organizados"; a segunda Mesa debateu o tema "A Lei e os Grupos Organizados"; a terceira Mesa debateu "O Lazer, a Cultura, o Esporte e os Grupos Organizados"; a quarta Mesa debateu "O Problema da Violência Escolar, a Universidade e os Grupos Organizados"; na quinta Mesa, tivemos a oportunidade de debater "A Ação do Estado frente aos Grupos Organizados; na sexta Mesa. "A Saúde e os Grupos Organizados"; na sétima e última, "A Comunicação entre os Grupos Organizados".

Na tarde de hoje, teremos, então, como tema "A questão dos Direitos Humanos e os Grupos Organizados.

Recordo que integram essa Comissão que se realiza sob a nossa Presidência, os Vereadores: Devanir Ribeiro, do PT; Ana



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K1	2	L. Carlos	Grupos Organi.	26.09.97	J. Eduardo	

Martins, do PC do B; Aurélio Nomura, do PSDB; Mohamad Said Mourad, do PL; Cosme Lopes, do PEB; Henrique Pacheco, do PT; José Amorim, do PTB; Roberto Trípoli, do PSDB; e o Vereador Osvaldo Enéas, do PRONA.

Gostaria de dizer que contamos, nesta tarde, com a presença dos Vereadores: Trípoli, do PSDB; Ana Martins, do PC do B; do Vereador Presidente da Comissão de Direitos Humanos, que tivemos oportunidade de convidarmos especialmente para esta sessão, Ítalo Cardoso, que peço que tome assento junto a nós, na Mesa Diretora deste trabalho.

Gostaria, então, de começar anunciando aos senhores os nossos convidados para este debate: temos à nossa direita o Dr. Carlos Weiss (?), Procurador do Estado de São Paulo, e que hoje, então, será um dos palestristas deste tema; também presente o Dr. Ronaldo Simões, da Coordenadoria Especial do Negro, que também estará hoje na condição de palestrista, oferecendo a sua contribuição a este grupo de estudos; E, finalmente, também como palestrista, teremos o nobre Vereador Ítalo Cardoso, que é o Presidente da Comissão Permanente de Direitos Humanos, e que, obviamente, terá também muito a contribuir com as discussões que são feitas neste grupo de estudos.

Gostaria de observar que todo este trabalho tem sido realizado com a estreita colaboração do Núcleo de Trabalhos Comunitários da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenada pela Profª Estela Graciani (?), que em muito tem orientado e contribuído para que este trabalho efetivamente chegue a bons termos.

Bem, começaria as nossas discussões na tarde de hoje primeiro lembrando que passaremos a palavra aos três palestristas e,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 588 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K1	3	L. Carlos	Grupos Organ.	26.09.97	J. Eduardo	

4

posteriormente, abriremos ao plenário, para que possa se manifestar e fazer, então, as colocações que forem pertinentes.

Também lembro que, encerrado este trabalho, não teremos mais orodadas de discussão e debate. Iniciaremos a fase de elaboração do relatório, que está ao encargo do nobre Vereador Henrique Pacheco, do Partido dos Trabalhadores, que, então, no prazo regimental, apresentará o relatório que será discutido com representantes dos grupos organizados, submetidos aos demais Vereadores da Comissão e, afinal, aprovado.

Neste relatório existirão todas as sugestões e propostas de iniciativas a serem encaminhadas junto à Câmara Municipal de São Paulo e a outros órgãos públicos, na perspectiva de, realmente, se construir uma política em relação à questão dos grupos organizados.

Feitas estas ponderações, passaria de imediato a palavra ao Dr. Carlos Weiss (?), Procurador do Estado de São Paulo.


O DR. CARLOS WEISS - Muito obrigado, Vereador José Eduardo Martins Cardozo. Agradeço profundamente o convite de estar aqui para conversar com vocês, trocarmos idéias e avançarmos, continuando a construir a democracia no Brasil.

O tema "Direitos Humanos e Grupos Organizados" tem então duas pernas: a perna dos Direitos Humanos consiste em que, afinal de contas? Que palavrinhas são essas que tantas pessoas levantam, perguntando dos seus Direitos Humanos; outras relacionam Direitos Humanos ao Direito dos Bandidos...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 587 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K1	4	L. Carlos	Grupos Organ.	26.09.97	Dr. Carlos	

5

Que história é essa? Vamos desmistificar um pouco o que sejam os Direitos Humanos, para podermos trabalhar um pouco com este conceito e, aí sim, construir uma sociedade fundada nos Direitos Humanos.

Naturalmente, Direitos Humanos não são o que algumas pessoas que são contra retulam como "Direito de Bandidos". Naturalmente que não é isso. O que são os Direitos Humanos? Eles também não se confundem necessariamente com ^{um} padrão moral, com uma construção, digamos, da Igreja Católica ou da igreja cristã ou coisa do gênero.

Hoje em dia, quando se fala em Direitos Humanos, fala-se em normas jurídicas, em leis, leis que vêm da comunidade internacional, que são feitas por órgãos internacionais, e que valem também no Brasil. Essas leis são feitas, basicamente, na Organização das Nações Unidas, todos vocês já devem ter ouvido falar da ONU, ou OEA - Organização dos Estados Americanos.

Então, nesses lugares, os representantes de cada país se encontram e vão elaborando normas. De que adianta conhecer as normas de fora? Esse é um ponto fundamental. Aqui não vamos descer a detalhes sobre quais são as normas exatamente e tal. O importante é que vocês tenham uma noção de que Direitos Humanos é um conjunto de normas jurídicas que deveria estar valendo, ou que deveria ser bastante aplicável.

Nossa luta é para que essas normas jurídicas se tornem realidade.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 590 do Proc. 11 de 49 97
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-2	1	Camilo	Grupos orga.	26/9/97	Dr. Carlos	

~~que essas normas jurídicas se~~
~~Aliás, os Direitos Humanos são um conjunto de normas jurídicas a fa-~~
vor da população, sobretudo a ~~que~~ excluída, no Brasil e no mundo. Geralmente, as normas
jurídicas, especialmente no Brasil, ~~tem~~ tem uma história de separação e uma história
baseada na escravidão e num pequeno grupo que tem o poder e onde uma grande massa da
população fica sujeita à esse grupo.

Então, as leis brasileiras eram e são usadas para quê? Para manter a opres-
são. As leis ~~que~~ são elaboradas por pessoas que não fazem parte do povo, das classes
mais oprimidas, mas fazem parte desse pequeno núcleo de pessoas que comandam o país.
Assim, há pouco tempo atrás, em 1988, quando foi feita a nova Constituição brasileira,
tínhamos a maior parte do poder nas mãos das pessoas que ~~abusavam~~ abusavam do poder.

Os Direitos Humanos são uma legislação que tem uma outra cara. Por isso é que
eles são tão combatidos e rejeitados pelas pessoas que comandam o poder. Digo isso por-
que se as leis, ^e as normas que estão nos Direitos Humanos e nos Tratados Internacionais
fossem efetivamente cumpridas, teríamos uma revolução mundial, teríamos um
resgate de todas as pessoas que vivem em condições ruins de vida. Essa é a mensa-
gem basicamente jurídica dos Direitos Humanos.

O que vem a ser, então, Direitos Humanos? É um conjunto de normas jurídicas
voltadas a ^{resgatar} a dignidade do ser humano, aquilo que ele tem de melhor, ou seja, de-
ve-se criar condições para que as pessoas vivam em boas situações e não apenas 1%, 5%,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 591 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-2	2	Camilo	Grupos orga.	26/9/97	Dr. Carlos	

num país como o nosso, onde a grande massa da população vive em condições indignas, em condições que violam a dignidade de qualquer pessoa.

A norma fundamental dos Direitos Humanos, aquilo que poderíamos conhecer mais e o que deveria ser difundido para que todos conhecessem é a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ela foi feita em 1948, logo depois da 2ª Guerra Mundial. Afinal, ela surge para se opor a todo esse fato, ao massacre da população, além de opor também a tudo que vinha antes dessa guerra. Afinal, antes também havia massacres e opressões. Ela só tem 30 artigos, 30 direitos básicos. Se esses direitos fossem respeitados, nem estaríamos aqui discutindo, porque não haveria necessidade.

Há ^{os} ~~os~~ Direitos Humanos ^e Individual^s, que cada pessoa tem, ^e ~~os~~ Coletivos ou Sociais. Os Direitos Humanos Individual^s é ~~o~~ basicamente aquele ^a conjunto de liberdade, a liberdade da pessoa ir e vir, a liberdade de se vestir como quiser e de manifestar a cultura como quiser, tendo o seu espaço, sem que ninguém possa invadi-la. Aliás, essas liberdades hoje são muito violadas. O outro conjunto de Direitos Humanos são chamados de Direitos Sociais. São as obrigações que o Estado tem para melhorar a vida das pessoas.

Em vista disso, observamos na nossa vida e na vida da nossa Cidade que nenhum desses dois Direitos, nenhum dessas dois conjuntos são preservados. As pessoas são agredidas, as casas são invadidas, os carros são parados, as pessoas são revistadas, sem nenhum motivo, e as pessoas sofrem preconceitos, sem nenhum motivo. Por outro lado,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

500 Folha n.º 592 do Proc. 11 da 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-2	3	Camilo	Grupos organ.	26/9/97	Dr. Carlos	

não são criadas condições para uma vida digna. As escolas não são mais construídas, não são preservadas. A Saúde Pública é muito ruim. Enfim, a segurança das pessoas é muito ruim, pois ^é ~~ela~~ mal executada. Então, o que vivemos aqui? Quem é esse palhaço que está falando sobre Direitos Humanos? Ele fala sobre esses Direitos, mas eles não existem, na prática.

Os Direitos Humanos existem aqui, na lei, mas sou parado no meio da rua, sofro preconceito da polícia e de outras pessoas, sofro preconceito quando procuro o Estado, um posto de saúde e uma escola pública. Assim, porque falamos em Direitos Humanos aqui se, na maior parte do tempo, eles são desrespeitados?

Aqui se reúnem Direitos Humanos e Direitos de grupos organizados, na medida em que os grupos organizados farão esses Direitos funcionar.

conhecimento,
Temos que ter, na nossa cabeça, muito claramente, ^{de} ~~que~~ vivemos numa sociedade de conflito. Quem tem o poder, não está muito a fim de abrir mão desse poder. Vejamos, por exemplo, a questão dos sem terra. Temos uma questão muito complicada, no campo. Há muitas pessoas que estão procurando trabalho e há poucas pessoas que têm terras improdutivas. Assim, alguns grupos de sem terra se organizam. Não digo que esses atos devem ser criticados. No conjunto, esse grupo organizado é muito bom, pois levanta suas bandeiras. Eventualmente, podemos discutir depois se é necessário invadir ou não. lutando pelos seus direitos.

Primeiramente, os grupos organizados se reúnem em associações, em turmas e



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 593 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-2	4	Camilo	Grupos organ.	26/9/97	Dr. Carlos	

em grupos. Depois, eles podem se organizar em ONGs, ~~uma~~ Organização Não Governamental, uma associação, basicamente. Esses grupos ~~é~~ que levantam a bandeira dos Direitos Humanos e vão atrás dos políticos e dos governantes cobrar que sejam cumpridos os Direitos. Eles dizem: "Você tem que fazer cumprir esses Direitos, porque eles estão, na lei. Você tem que me dar melhores condições de vida. Afinal, sou um cidadão e faço parte dessa sociedade. Se você foi eleito, você foi eleito para comandar a sociedade a meu favor e não a seu favor." Isso está nos Direitos Humanos."

Digo, então, que os Direitos Humanos não surgem, não criam asas, não voam e não viram realidade se os grupos organizados não pegam essa bandeira, ^e não exigem os Direitos Humanos, que não são praticados por alguns.

Estão me perguntando uma coisa. O Estado já é tão complicado! Como vou lá pedir para o governante e exigir que faça alguma coisa para mim? Não é contrasenso, dizer :
"Não é melhor eu cuidar da minha vida e do meu grupo para resolver os meus problemas por conta própria?", porque



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 594 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K3	1	Angela	GRUPOS ORG.	26.09.97		

os governantes a gente já pediu, eles sabem como a gente está vivendo e daí? Eu acho que esse é um ponto importante, é o ponto fundamental.

O ponto fundamental é o seguinte, é ~~se~~ se organizar para mudar as condições de vida, para mudar o Estado, para mudar como as coisas são geridas, ou seja, como os governantes organizam o Estado, como os governantes organizam a Cidade.

Este é o ponto. Se vocês se organizam apenas para cuidar dos seus interesses, dos interesses do próprio grupo, sem pensar na sociedade, na realidade vocês estão se isolando da sociedade. Então, se ~~existe~~ uma grande parte da população já é colocada de escanteio pelos governantes, se vocês se isolam fica muito pior.

Na realidade, vocês estão fazendo o quê? Estão confirmando a velha ladaíinha: "Esses caras, aí, não têm diálogo. Essas ~~pe~~ pessoas, esses grupos só querem praticar violência, só querem saber deles.", o que é um absurdo.

A gente acha que sem os grupos organizados não adianta. Eu posso estudar este livro de cima a baixo, posso ir lá na Procuradoria do Estado, falar, reclamar, falar para o juiz, não adianta,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 595 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K3	2	Angela	GRUPOS ORG.	26.09.97		

porque se não tiver as forças populares os direitos humanos não saem do papel, continuam sendo só papel, continuam sendo só uma boa intenção e mais nada.

Então, a partir dos direitos humanos, o que a gente acha é que as pessoas têm de conhecer os seus direitos fundamentais. Sem você ~~deixar~~ conhecer quais são os seus direitos fundamentais como é que você vai lutar por eles?

Então, a gente ~~deixa~~ procura trabalhar nesse sentido, fazendo propostas objetivas, pensando em como vamos trabalhar direitos humanos em grupos organizados, é justamente dar palestras sobre direitos humanos nos grupos, com pessoas do grupo, para que as pessoas saibam, afinal, quais são os seus direitos fundamentais, para quando você estiver na frente de um policial e ele disser ~~isto aqui~~ faça isto e faça aquilo você dizer: "Espera aí. Está na Lei." "Está na lei aonde?" "Está aqui, no artigo tal. Eu tenho meus direitos e você não pode fazer isso." Isto só não resolve o problema, mas é o primeiro passo: conhecer os seus direitos.

O segundo passo é ter contato muito forte com as entida-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 596 do Proc.
n.º 11 de 1997
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFAPTE
K3	3	Angela	GRUPOS ORG.	26.09.97		

12

ajudar numa emergência. O Brasil, até bem pouco tempo atrás, não tinha órgãos que ajudassem. Era um país autoritário, que vivia sob o regime militar, de generais que mandavam e desmandavam, mandavam prender e arrebentar quando quisessem, mas hoje já temos partidos fortes, partidos progressistas e, mais do que partidos e políticos, temos pessoas ocupando cargos importantes.

Está na hora da gente começar a fazer essa ligação entre as pessoas que sofrem a violação dos direitos humanos e as pessoas que podem ajudar do outro lado.

Então, na Procuradoria do Estado, a gente criou um grupo de trabalho de direitos humanos. E o que faz a Procuradoria do Estado? O que é a Procuradoria? Como é que a gente pode ajudar? A Procuradoria do Estado faz muitas coisas e uma dessas coisas é servir ~~de~~ advogados gratuitos a todas aquelas pessoas que não podem pagar um advogado.

Esse é um trabalho muito importante, é um trabalho que é quase tão importante quanto o trabalho de médico, ou mesmo o trabalho do professor. É quase tão importante, porque quando você tem os seus direitos violados você tem de ter alguém ~~que~~ que



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folia n.º 397 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K3	4	Angela	GRUPOS ORG.	26.09.97		

defenda esses direitos.

As pessoas costumam dizer: "Branco não vai para a cadeia. Rico não vai para a cadeia." Não vai para a cadeia por dois motivos, porque existe um preconceito a favor dos ricos e brancos, e também porque eles podem pagar bons advogados que vão saber trabalhar bem essa questão, vão levantar as testemunhas certas, vão saber argumentar na frente do juiz e às vezes conseguem mesmo ajudar muito as pessoas que estão sendo acusadas.

E por que se diz, então, em sentido contrário? Por que se diz que a cadeia é feita para negros e pobres? Porque, além do preconceito, que já é forte, também tem um problema jurídico mesmo, porque essas pessoas não têm um advogado bom para defender. Você vai ter um promotor do outro lado e os promotores são pagos até para promover as ações, para mandar as pessoas para a cadeia. Se você não tem um advogado bom do outro lado não adianta.

Então, a ~~PRM~~ Procuradoria do Estado fornece esses advogados gratuitamente. A Ordem dos Advogados do Brasil - OAB também fornece. O Jairo Fonseca esteve aqui.

Só que o que acontece? A gente não tem contato com os grupos organizados. Então, a gente também dificilmente tem aces-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 598 do Proc.

11 de 1997

O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K3	5	Angela	GRUPOS ORG.	26.09.97		

so e não consegue dialogar, a gente não consegue saber quais são problemas, aonde a gente pode ajudar. Isto é o que a Procuradoria pode fazer.

Mas o que mais a Procuradoria do Estado pode fazer para fazer os direitos humanos valerem para os grupos organizados? A gente também pode trabalhar juridicamente o que chamamos de "demandas coletivas". Que nome ~~é~~ complicado é esse? Os problemas que não ~~dizem respeito~~ dizem respeito a um só de vocês, mas diz respeito ao grupo todo.

Por exemplo, será que eu tenho como exigir que o Município ou que o Estado construa uma escola na minha área? Será que eu tenho como exigir que um Comando de Policiamento, que está cuidando da minha área, mude de atitude? Juridicamente, será que eu tenho como conseguir isso? Será que eu tenho como conseguir, por exemplo, que ~~a~~ um hospital seja construído ou seja equipado, que os meios de transporte funcionem melhor, etc.?

Eu acho que tem, não só indo com faixas, com cartazes no meio da rua, fazendo passeata e pedindo: ~~tem~~ "Olhem para a gente aqui. Olhem como a gente está abandonado. Olhem como a gente ~~tem~~ direitos.", mas eu acho que também dá para, em alguns casos



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 600 do Proc. 11 de 19 97
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K4	1	Vianna	G.Organizados	26.9.97		

16

muito progressistas, pessoas que estão loucas para ajudar grupos organizados; sempre que podem, efetivamente, eles procuram, nas suas decisões, ser o mais progressistas possíveis. Então, a gente já tem uma certa luz no fim do túnel. A gente pode entrar com processos tentando alcançar alguns resultados; é possível que a gente consiga. Então, a gente também tem que fazer uma luta dentro do direito, para mudar a cabeça das pessoas, para que as pessoas apliquem a lei dos direitos humanos de uma maneira muito mais vantajosa para toda a população.

É essa aproximação entre os grupos organizados e as pessoas que estão cuidando de direitos humanos dentro do governo que é fundamental. Um outro caminho importante é a ouvidoria da polícia. Não sei se vocês já ouviram falar do ouvidor da polícia. O Benedito Mariano é um cara espetacular, um cara extremamente ligado aos movimentos populares, um militante político que conseguiu abrir um espaço dentro do governo para começar a quebrar essa história de a polícia ser impune e acabar fazendo coisas absurdas. As coisas estão mudando no Brasil, estão mudando na cidade de São Paulo também. Não mudam do dia para a noite. A gente não pode esquecer a história deste país, uma história de escravidão tão longa; foi o



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 601 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário ARA

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K4	2	Vianna	G.Organizados	26.9.97		

último país importante a acabar com a escravidão. Isso acaba gerando uma rachadura tão brutal na ~~sociedade~~ sociedade, que a gente não pode esperar que, do dia para a noite, essa sociedade vá ser justa, que essa sociedade vá acolher toda a população negra, toda a população pobre e se tornar uma sociedade fraterna. Não é do dia para a noite, mas a gente também não pode esperar que isso aconteça; a gente tem que exigir que isso aconteça. Acho que a melhor maneira de exigir que isso aconteça é se ~~organizar~~ organizar, como vocês já estão se organizando, conhecer os seus direitos e procurar fazer esses direitos funcionarem, procurar parceiros, procurar pessoas em quem vocês possam confiar e ter um diálogo próximo.

Acho que a grande armadilha, o grande perigo disso tudo é vocês se organizarem e rejeitarem a democracia, rejeitarem o estado, falar que isso não serve para nada. E aí fica a pergunta: se vocês rejeitarem o estado, rejeitarem os ~~canais~~ canais que a gente pode abrir, como é que se resolvem os problemas? Sozinho, contra tudo? EU acho que é o contrário. O caminho é se organizar, porque sozinho realmente não dá para fazer nada, conhecer seus direitos e conhecer pessoas pelas quais você pode fazer valerem esses direitos, juízes progressistas, procuradores do estado progressistas, ouvidor



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 602 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K4	3	Vianna	G.Organizados	26.9.97		

da polícia e outros.

Rapidamente, acho que é esse o primeiro contato que a gente pode falar de direitos humanos e grupos organizados. Os direitos humanos, sem os grupos organizados, vão continuar sendo só papel escrito. E os grupos organizados, sem direitos humanos, vão ser apenas grupos organizados lutando contra uma sociedade que vai se fechando.

Acho que a gente pode caminhar junto, que esse espaço aberto aqui é um espaço para a gente conversar e continuar. Para começar uma conversa, eu pedi para passar um folheto sobre o trabalho da procuradoria do estado em direitos humanos. Não sei se ele já foi passado. Lá tem os telefones de contato, o meu telefone. Vai começar a passar agora. Quem for corintiano, são-paulino ou santista, não ligue que foi impresso em verde e branco. Não é nada palmeirense, só que tinha que escolher uma cor. Eu não tenho nada contra o Palmeiras. Quer dizer, mais ou menos.

Aí tem os telefones e nós estamos super abertos para conversar, conhecer. Eu mesmo, quando acabar aqui, estou louco para pegar também os telefones de vocês. Acho que é importante a gente começar esse trabalho. O que a gente, da Procuradoria, pode fazer



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha nº 11 de 1997
O Funcionário APAS

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K4	4	Vianna	G.Organizados	26.9.97		

19

para ajudar vocês? O que a gente pode fazer para os direitos humanos ficarem mais fortes? EU não sei as respostas. Vocês devem saber as respostas muito mais do que eu; mas acho que a gente pode trabalhar junto. É isso que eu espero que a gente faça, para melhorar a condição de todo mundo. Vamos conversar mais. Eu estou aberto a perguntas, questões e a tudo o que vocês quiserem fazer daqui para a frente. É isso aí. Valeu. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço ao Dr. Carlos. Gostaria de registrar a presença da Sra. Mônica ~~XXXXXXXX~~ Hanashiro Sagakushi, representando o Vereador Mourad; da Sra. Silma de Carvalho Correa, representando a Vereadora Ana Maria Quadros; da Sra. Nádia Domara Ruiz Silveira, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; da Sra. Monique Larole, Secretária Executiva do serviço à mulher Marginalizada; da Sra. Sonia Lage Lino de Almeida, da Coordenadoria Especial da Mulher e também de representantes do Vereador Jorge TAbá.

A seguir, passarei a palavra ao Dr. Ronaldo Simões, da Coordenadoria Especial do Negro.



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K4	5	Vianna	G.Organizados	26.9.97		

O SR. RONALDO SIMÕES - Agradeço o convite feito

pelo Vereador José Eduardo Cardozo ao Eudes ~~FELIX FELINTO~~ Felinto do Amaral; eu vim aqui representá-lo. Sou coordenador técnico de relações do trabalho, sindicais e saúde da população afrodescendente.

Fica muito difícil, como diz o próprio Dr. Carlos Weiss, colocar sobre a questão dos direitos humanos. A gente que li-da numa ação pontual com relação à população afrodescendente, sabe que essa é a população que mais sofre a nível de discriminação racial, de direitos humanos, na cidade de São Paulo como em todo o Brasil.

A gente vê palavras bonitas, vê que os princípios dos direitos humanos, feitos por organizações internacionais, são uma coisa boa, que faria com que houvesse uma sintonia direta com toda a população, mas que de repente isso aí não acontece. Quem mais sofre são os afrodescendentes, principalmente aquele que vivem na periferia;

~~_____~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 605 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário ARD

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K5	1	valéria	gr.organizados	26.09.97		

mas isso também não é pontual na periferia. A gente que mora próximo à periferia também sofre e vemos que os adolescentes buscam uma opção muito mais concreta do que simplesmente falar os direitos humanos fazem com que as pessoas tenham uma vida mais digna, que o relacionamento interpessoal seja mais favorável. Temos de estar atentos para que isso aconteça. Essa população que vive na periferia, principalmente o adolescente hoje não tem opção de trabalho, opção de educação, de lazer, porque o lazer nas grandes cidades está muito mais presente em bairros onde a população tem um poder aquisitivo maior. Então, acho que antes de discutirmos o que são direitos humanos, temos de dar condições para que as pessoas tenham uma educação melhor, que as escolas públicas sejam adequadas, temos de dar condições para que o nosso adolescente da periferia - a maioria afrodescendente - porque eles não têm a mínima abertura para a ocupação de espaço no trabalho, principalmente na situação econômica do país. Então, é difícil discutir essa questão antes, sem discutir o que leva a polícia a discriminar, a não respeitar a questão dos direitos humanos, o que leva as empresas a discriminarem as pessoas que vivem na periferia, o que leva os equipamentos públicos não serem ~~preparados~~ preparados para essa população da periferia. Então, falar hoje dessa turma, desse grupo que está aqui fica difícil. Acho que teríamos de buscar soluções junto a vocês, aquilo que vocês esperam do Poder Público, da



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 606 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K5	2	valéria	gr.organizados	26.09.97		

Coordenadoria Especial do Negro que hoje vem se reestruturando dentro de uma política de prioridade social. Teríamos de discutir a questão dos direitos humanos não aqui na Câmara Municipal, com esse público que está aqui, mas na periferia, talvez num sábado, num domingo, nós que também pertencemos a um órgão público que também lida com os direitos humanos. Fica difícil para nós ficar ditando regras do que se deve fazer para que a polícia não pare; a polícia em São Paulo sempre vai parar o preto e o pobre. Se o preto e pobre roubar uma banana ele vai ser preso; se o preto e pobre incendiar um índio pataxó ou um mendigo vai ser preso e sofrer sanções absurdas propostas a essa população marginalizada. Então, é difícil discutirmos isso aqui, temos de discutir na periferia. A pergunta a ser feita é: o que vocês esperam do Poder Público e não ficarmos ditando regras. As regras são bonitas, só que temos de fazer valer a corporificação das leis que estão aí, tanto as nacionais quanto as internacionais, a legislação sobre a questão racial no Brasil ~~está~~ "pega muito leve" - não deveria haver sanções como reclusão e sim sanções pecuniárias, tem que pagar pelo que fez, sentir no bolso.

Ontem passou um programa "Você Decide" e ficou tudo certo, porque o cara tem um emprego e tal. O que pesou no bolso daquele empresário de educação, naquele dono de escola que estava discriminando? Direitos humanos começam por aí, por pesar



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 60 / 60
N.º 11 de 19 97
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K5	3	valéria	gr. organizados	26.09.97		

no bolso e se nós não discutirmos o que pesa no bolso para que os direitos humanos sejam respeitados, teremos inúmeras discussões não só aqui na Câmara, com o José Eduardo, vamos ter discussões na Assembléia, no Congresso Nacional e as coisas não vão caminhar, porque leis para que os direitos humanos no Brasil sejam respeitados, existem. Precisamos é dar transparência para essas leis junto à população da periferia, principalmente vocês, na maior parte adolescentes, que sentem na pele, como eu, enquanto negro. Inclusive já discuti com outros grupos sobre essa discriminação. Não adianta: ou vamos ser concretos e operacionalizarmos de fato uma condição para que haja o resgate dessa população da periferia ou vamos continuar padecendo e virarmos uma grande guerrilha na periferia que vai tomar bairros de classe média. Vão continuar alguns grupos que têm como política transgredir as leis ^{que} ~~que~~ vão continuar roubando tênis, bonés, partir para a luta, porque não são respeitados, não lhes dão condições para que comprem esses tênis e bonés, roupas de marca.

Quais são essas condições objetivas? Temos de ter uma política de emprego dentro da cidade de São Paulo, dentro do Estado de São Paulo, dentro do Brasil para que se dê condições para esses jovens que estão se iniciando, que têm condições de entrar no mercado de trabalho, que a escola pública dê preparo para nossos adolescentes,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 608 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGrafo	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K5	4	valéria	gr.organizados	26.09.97		

que haja condições, no município, Estado e país, com escolas profissionalizantes. Que a criança seja bem preparada não só no Santa Cruz ou Dante Alighieri, mas também na escola da via mandioquinha. Temos de brigar para isso.

Vocês, jovens, têm um aliado aqui, o Vereador José Eduardo e também o Vereador Tripoli, que discutiu a política ecológica, que também é importante mas veio antes da de ~~política~~ direitos humanos. Antes de discutir se vamos plantar uma árvore, antes de cuidar da ecologia, da poluição - e ~~temos de discutir a política~~

~~temos de discutir a política~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 607 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K6	1	Paula	g.organizados	26.09.97		

25

temos que brigar pelas pessoas; temos que criar condições para as pessoas, para os seres humanos que estão aqui, principalmente para aqueles que estão na periferia. Temos que criar condições de lazer, de educação, de cultura, de emprego, de saúde para toda essa população.

Reafirmo^A essa população, na sua grande maioria afro-descentende, e que estamos na Coordenadoria Especial do Negro também buscando informações, buscando respostas. Não vamos levar a receita pronta, não. Esperamos vocês lá para discutirmos algumas propostas para se buscar posições que resgatem essas pessoas que se encontram na periferia.(Palmas)

O SR. JOSÉ ^{EDUARDO} ~~ROBERTO~~ MARTINS CARDOZO - Agradeço o Dr. Ro-*

naldo
~~Verde~~ Simões pela contribuição com esse grupo de trabalho.

Tem a palavra o terceiro palestrista desta tarde, o Vereador Ítalo Cardoso, Presidente da Comissão Permanente de Direitos Humanos da Câmara Municipal.

O SR. ÍTALO CARDOSO - Boa tarde, pessoal. É uma honra para mim estar hoje nesta Mesa debatendo a convite do Vereador José



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 610 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K6	2	Paula	26.09.97	Organizados	Ítalo	

Eduardo Martins Cardozo que vem realizando um brilhante trabalho. Sempre digo que foi mais uma "bola dentro" quando propôs a criação desta Comissão. Aproveito para cumprimentar os demais Vereadores e Vereadoras que compõem a Comissão, o Dr. Carlos, Procurador Geral do Estado^{e o} Dr. Ronaldo Simões.

É melhor falar depois do Dr. Carlos e do Dr. Roberto^{WALDO} Simões até porque o Dr. Carlos não falou do brilhante trabalho que eles estão desenvolvendo na Procuradoria Geral do Estado na Comissão de Direitos Humanos. Esse trabalho deveria ser o livro de cabeceira para todos os advogados, que é o Tratado Internacional de Direitos Humanos lançado, inclusive, aqui na Câmara Municipal. É um trabalho brilhante coordenado pela Dr. Flávia Trevisan que estamos tentando fazer um convênio de parceria entre a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal e a Procuradoria do Estado, mais especificamente a Comissão de Direitos Humanos para tratar dos encaminhamentos aqui.

A intervenção do Dr. Carlos trata muito do aspecto jurídico. Quero pegar um outro tema que estamos discutindo na Comissão de Direitos Humanos, que é exatamente tentar entender o que é a cidade de São Paulo.

Desde o começo do ano estamos discutindo aqui na Câmara



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 611 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K6	3	Paula	g.organ.	26.09.97	Ítalo	

tentando elaborar um perfil sobre direitos humanos e cidadania na cidade de São Paulo e estamos chamando para discutir vários grupos, vários setores para tentar entender um pouco melhor para poder falar melhor sobre direitos humanos na cidade.

Já discutimos com mulheres, com negros, com crianças, homossexuais, imigrantes, com deficientes, ontem discutimos a questão do aborto e tenho certeza que o trabalho que está sendo feito por esta Comissão vai contribuir muito para o trabalho que estamos fazendo. Na verdade, esse levantamento será concluído com a I Conferência Municipal de Direitos Humanos que realizaremos nos dias 9 e 10 de dezembro.

Desse debate faremos uma cartilha, um livro a partir do ano que vem com esses dados, com essas constatações e procurar^{EMOS} o Ministério Público, a Procuradoria Geral, a Prefeitura, o Estado e bater^{EMOS} na porta de quem puder fazer alguma coisa concreta.

Acho que essa discussão sobre os grupos organizados, que já foram chamadas de gangs de periferia, de rua, vários nomes ~~que~~ foram dados, é um tema ~~m~~ muito importante até porque ~~n~~ não queria começar essa discussão pela consequência final, pela questão final que é o jovem que foi preso com a pedra de crack, assaltando e tudo o mais.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APORTE
K6	4	Paula	g.organ.	26:09.97	Ítalo	

Na verdade, isso é consequência de uma máquina, de todo um processo. Às vezes, ouvimos falar muito em neoliberalismo, globalização e pensamos: "não temos nada a ver com isso mesmo, eu quero cuidar do meu e a globalização que se dane porque eu não tenho nada a ver com isso".

Acho que podemos começar discutindo por aí, esse processo de globalização, e vamos ver que tem, sim, alguma coisa a ver. Primeiro, o bolo é um só. Se formos falar a nível mundial, a nível de Brasil, de cidade, o bolo que tem que ser dividido é um só. E, a partir do momento que algumas pessoas começam a segurar uma fatia maior desse bolo, com certeza vai faltar na boca de alguém lá na frente. Então, não adianta pensar que um setor da sociedade pode ficar rico, pode ter ilhas particulares - como um deputado que está brigando para ter uma ilha particular no litoral de São Paulo - mas para que essas pessoas tenham isso alguém vai ter que ficar sem. O maior exemplo que temos disso é a questão dos sem-terra, como já foi citado aqui. Para ter tantas brigas pela terra no país, ocupações, mortes é porque algumas pessoas neste País têm muita terra e nem elas conseguem justificar porque ^{tem} tanta terra nas mãos dessas pessoas. A consequência disso é que muitas pessoas vão ficar sem ter um local para plantar, para morar e para viver.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 613 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K6	5	Paula	g.organizados	26.09.97	Ítalo	

Na cidade, essa discussão de direitos humanos tem nos levado a uma constatação que na verdade já tínhamos. Vivemos em dois tipos de cidade: a cidade oficial e a cidade real. Com certeza, vocês vivem na cidade real. A cidade oficial é aquela cidade que diz o seguinte: "nós temos na cidade de São Paulo 7 bilhões e meio de orçamento para a cidade". Mas, esses 7 bilhões e meio deveriam valer uma boa escola para todos, vagas em todos os hospitais ~~para todo mundo~~, ônibus em quantidade e qualidade, espaços de lazer, shows de música e teatro ao ar livre para todos. O problema é que não tem. Por quê? Porque existe um problema de distribuição. (Essa cidade oficial ~~Paula~~)



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 617 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K7	1	beth	grupos org.	26.9.97		

é a cidade que denunciemos todos os dias aqui na Câmara Municipal, que a procuradoria denuncia, que os grupos organizados denunciam e que a sociedade denuncia.

Quero ressaltar o trabalho que o MTC da Professora Stela, que é, inclusive, presidente do Conselho Municipal da Criança e que tem desenvolvido com meninos de rua. É um trabalho brilhante ~~XXX~~ denunciando todos os dias a situação em que vivem essas crianças. Temos denunciado todos os dias a quantidade de creches e centros de juventude que estão sendo fechados. Isso é o que chamamos a cidade oficial, a cidade oficial que deixa crianças fora da escola, que faz mulheres ganharem nenê nos corredores dos hospitais, que superlotam os presídios e que não tem condição de dar uma situação de igualdade na cidade. E a cidade real é exatamente essa que muitas vezes discutimos aqui, que é a cidade da reação. Toda a ação tem a sua reação. É evidente que tem uma reação. Se você não tem direito à escola, se você não tem direito a esporte e cultura, se você não tem direito a emprego, se você foi discriminado na rua, é evidente, ~~XXX~~ como é que se vai tratar



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 615 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário J

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K7	2	beth	grupos org.	26.9.97		

com decência, honradaz e cidadania essas pessoas que sempre te bate-
ram? Acho que que a discussão chama para esse debate, da cidade oficial
e a cidade real. Nessa comissão detectamos nessa cidade real, por
exemplo, uma outra cidade para homossexuais e travestis, que estão
sendo assassinados todos os dias na cidade. Chegamos a números que ~~x~~
levam que o narcotráfico emprega hoje no Estado de São Paulo, mais
que a indústria automobilística. A indúltria ~~x~~ automobilística empre-
ga hoje 40 mil pessoas enquanto o narcotráfico garante a subsistência
de mais de 50 mil pessoas. Essa discussão não pode levar a constatações
e, com certeza não leva a coisas boas. Não leva. Acho que isso faz com
que essa cidade oficial, que é a cidade da Câmara Municipal, não con-
siga, inclusive, falar a língua de vocês. É esse o problema. Estava
chegando aqui e estavam me alertando: "não chame eles de ~~xm~~ 'gang'
que eles ficam "putos da vida" p orque a realidade é outra e entendem
questão
que essa ~~XXXXXXXXXXXX~~ de gang leva a identificar com violência. O
problema é que vocês não tiveram espaço na rádio para poder dizer is-
so, não somente para os vereadores mas para as rádios. Vocês não pu-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Ordem n.º 016 do Proc.
N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K7	3	beth	grupo org.	26.9.97		

32

deran ter espaço na rádio e nos jornais parpa dizer: queremos espaço para desenvolver o rap, queremos espaço para falar da cultura, queremos espaço, inclusive, para falar da nossa tradição, da nossa história. Qualquer história do povo negro, por exemplo, na nossa formação e na o formação do Brasil. Aí acaba que vocês ~~X&X&X&X~~ têm uma h istória que não podem contar para o restante da Cidade e fica só para vocês. ENTÃO, desenvolve em códigos, línguas, jeitos, forma de compor que, às vezes, a Câmara Municipal, não entende. Mas acho que é exatamente que é essa discussão que não podeomos dar por acabada. Quero dizer que existem iniciativas brilhantes sendo desenvolvidas nasn áreas do Estado, no que diz respeito à questão dos direitos humanos. Mas existem contra-dições gritantes. Por exemplo, no dia em que estava sendo lançado aqui, na Câmara Municipal, esse livro de tratados de direitos internacionais, direitos humanos, que eram tratados, acordos que o Brasil tinha assinado e que os advogados brasileiros não tinham acesso e estava *sendo denunciada pela Rede Globo a ~~xx~~ chacina de Diadema. Então, o que é a contradição? O mesmo Estado que está apresentando aqui o tra-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 6/1 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K7	4	beth	grupos org.	26.9.97		

tado internacional de direitos humanos é o mesmo estado que lá em Diadema está espandando, matando, violentando. O mesmo Estado que faz o Ministério Público criar a Assessoria Especial dos Direitos Humanos, que a Dra. Marta Toledo também está começando a engatilhar, é o Estado que promove o delegado que prendeu os 9 garotos negros do caso Bodega, que, para achar uma saída honrosa a Polícia - para dizer que é ágil - saiu prendendo os nove primeiros que viu pela frente. Esse delegado foi promovido - derrubado para cima, como se diz. Então, são essas contradições que não podemos perder a oportunidade de denunciar, de gritar nesses espaços que são criados. Eu acho que Nessa comissão é fundamental para que a gente possa estabelecer esse diálogo. Estabelecendo o diálogo estaremos chamando a atenção, inclusive, dos governantes que estão falando sobre os direitos humanos e estamos querendo saber direito esse negócio sobre prostituição infantil em que empresários, políticos, estão pedindo meninas de 11 anos, algumas têm de ser virgens, e outras têm de estar grávidas para poder transar. Então, liga lá, encomenda e a mulher te manda. Queremos saber, que história é essa, por



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 618 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K7	5	beth	grupos org.	26.9.97		

exemplo, ainda no nosso país em que há a situação de vários pais de família morrendo pela luta pela terra. E aí a questão da cidade e o papel que vocês ocupam é fundamental. Aí o Dr. tem razão e o próprio Dr. Ronaldo tem razão. Não dá para aceitar como fato consumado. Tem de romper a ~~política~~ política do gueto. Mas acho que o poder público, a Câmara Municipal, a Assembléia, a Prefeitura, o Estado, têm de dar demonstrações claras de que não pode ficar só no discurso. Se não, da próxima vez em que vocês forem convidados para virem debater a questão de vocês vocês ~~dirão~~ dirão: "para ir lá ouvir as balelas que não vão resolver nada?" Não é isso? O fato de vocês estarem aqui é uma demonstração, é um voto de confiança que vocês estão dando para a Câmara Municipal, não somente para o Vereador José Eduardo Martins Cardozo. Aí precisa tere a contrapartida.

Estava lendo as resoluções que foram ~~retiradas~~ tiradas das primeiras reuniões que vocês fizeram, com as escolas profissionalizantes, o lazer, acompanhamento pedagógico, permissão para uso das escolas nos finais de semana, criação de centro municipal de lazer em cada bairro.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

620
Sessão de 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
k8	1	alex	Gr.Org.	26 9		

36

Estava lendo outro dia um documento, feito pelo Cedec, que é o mapa da violência na cidade de São Paulo. Aí já aparecem os números aos quais estamos acostu_mados. Jardim Ângela, 111 mortes para cada 100 mil habitantes por homicídio. Começamos a pensar o por que de Jardim Ângela. Por que não Morumbi? Por que não Perdizes? Aí veremos o papel do Estado nessa conversa; aí é que fica mais claro o papel do Estado.

Esse mesmo estudo mostra que para a Prefeitura criar impacto na periferia custa muito menos, mas infinitamente muito menos, do que para criar ~~uma~~ impactos, ~~uma~~ por exemplo, em bairros como Morumbi, Perdizes, Pacaembu.

Na periferia, um cercadinho com um balanço, uma área de lazer onde possa estar a garotada... Vocês sabem o que ~~uma~~ significa isso. A garotada ter um local para brincar, ter um balanço, ter um circo-escola ou coisa parecida. Isso, no Morumbi? Eles têm título do Clube Pinheiros, do Clube Paineiras. Pôr lá uma ~~uma~~ gangorra, um escorregador..."Vá à merda: está atrapalhando a gente, aqui".

É muito mais barato para a Prefeitura ~~uma~~ criar esse impacto na periferia do que, necessariamente, nos bairros centrais. Só para dar um exemplo, ~~uma~~ havia em Santo Amaro, no centro de convivência, um balanço, orientadores de rua, uma cozinha para fazer a sopa. Lá, essas



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 621 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGrafo	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. AFORTE
k8	2	alex	Grupos	26 9		

34
pessoas começaram a conversar, a chamar a garotada que ia para o Largo 13, que ia para os faróis. Elas sabiam que naquele local havia uma sopa quente, tinha a tia para conversar, etc. Ali acabou virando um local de referência para a garotada que ia do Campo Limpo, da Vila Joana, do Jardim Ângela, para o Largo 13 pedir uma gorjeta no farol. Tinha mais acesso à cola, à droga e coisa e tal.

Um belo dia, na gestão passada, receberam a ordem de que era para acabar com aquele centro de convivência, porque ali seria feito o camelódromo. Eu fui perguntar ao administrador regional a razão de se estar acabando com aquele centro de convivência. Inclusive, a Caritas, um setor da Igreja, é quem estava administrando, sendo que ali era para as crianças uma referência inclusive para comer. Falaram o seguinte: "Não, Vereador. Isso virou um centro de prostituição e de distribuição de drogas, então os comerciantes pediram e vamos fechar". O resultado é que aquelas crianças não tinham mais o que comer, mas não deixaram de ir para o farol. Não deixaram de ir para o centro de Santo Amaro.

Isso é o que chamo de uma ação concreta do Estado para aumentar a marginalidade, para aumentar a discriminação, para aumentar a criança de rua, para aumentar o que chamamos de criação dessa cidade real, que é a cidade que às vezes não aparece nos jornais, que não está nos números, que não está nas estatísticas, mas que existe, queira-se ou não.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 622 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
k8	3	alex	grupos	26 9		

38

Acho que a contribuição de vocês soma-se a este debate. Quero, inclusive, convidá-los para participar conosco dessa conferência que será no dia 9 e 10 de dezembro. Com o acúmulo disso aqui, com certeza, teremos um painel para discutir na ocasião.

Estou aqui não só para falar sobre direitos humanos, mas também para fazer esse convite, para a I Conferência Municipal de Direitos Humanos. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOSO - Quero registrar a presença de algumas pessoas em todos os debates, prestando efetiva contribuição aos trabalhos desenvolvidos. Primeiro, Profa. Solange Gonçalves de Lima, supervisora escolar da DREM-11, que também representa a delegada Mariângela Gianetti. Também anunciamos a Edilene Joseli Donabella Brito, assistente do diretor da EMPG "Vereador... Agora, perdi-me. Ana Lambergue ~~coordenadora~~ Zéguio (?), da DREM-11. Agradeço pela presença e contribuição em todas as sessões. Também agradeço os grupos organizados que sempre estiveram presentes: a Turma do Poder, o pessoal da Força Ativa e, em síntese, todas as pessoas que estiveram acompanhando os trabalhos.

Informo aos senhores sobre a constituição do Fórum da Cidadania por São Paulo, promovido pela OAB: tem por objetivo a discussão do Plano Diretor da cidade de São Paulo, que, como vocês sabem, está sendo elabo-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 623 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
k8	4	alex	grupos	26 9		

39

rado pelo Poder Executivo, que ainda não foi encaminhado à Câmara, sendo que o objetivo da OAB é reunir entidades da sociedade civil, e pessoas que queiram discutir o Plano Diretor para que se possa iniciar esse debate antes mesmo de o projeto ser encaminhado à Câmara Municipal.

Informo aos senhores que o lançamento do Fórum da Cidadania por São Paulo será no dia 1º de outubro de 1997, na sede da OAB, Prça da Sé, 385, 1º andar.

Informo também que a Profa. Maria Estela Gracianni, coordenadora do Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC-SP, pessoa que tem colaborado ~~imensamente~~ imensamente com esse trabalho, fará o lançamento do livro "Pedagogia Social de Rua", livro editado pela Editora Cortez, que ocorrerá no dia 14 de outubro de 1997, na PUC-SP, no Tucarena, Rua Monte Alegre, 984, Perdizes.

Começaremos a pegar as inscrições no plenário. A Eliane já começa a circular para ver quem tem interesse em se manifestar. Já está inscrito como primeiro manifestante, além dos debatedores, meu querido amigo, nobre Vereador Tripoli, do PSDB, a quem passo a palavra.

O SR. ROBERTO TRIPOLI - O que me traz para fazer uso da palavra

~~que não pode fazer uso da palavra~~

~~que não pode fazer uso da palavra~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 624 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K9	1	Anelise	GRUPOS ORG.	26.09.97		

é que eu faço parte da comissão e queria elogiar o trabalho e iniciativa do Vereador José Eudardo Martins Cardozo.

Acerca das palavras do Procurador de Estado Dr. Carlos, quando ele fala que existem alguns juizes mais liberais, eu também gostaria de conhecer esses juizes. Porque hoje, quando acontece algum crime, é só perguntar: matou? Matou. Quem é o advogado? Você me diz o nome do advogado, e eu lhe digo se ele é culpado ou inocente. Quem tem dinheiro leva. Então, eu também gostaria de conhecer esses juizes, e isso me interessa.

Com relação ao que disse o representante da Coordenadoria Especial do Negro, eu gostaria de fazer um contraponto. O Senhor falou que seria interessante que os Vereadores fossem à periferia para conhecer o trabalho deles. Eu penso que não. O interessante é que eles venham até aqui para conhecer o que é o parlamento. Faço a comparação com cinema e teatro. Todo mundo tem medo de teatro, porque acredita que tem que colocar roupa bonita para frequentá-lo. No entanto, seu preço é o mesmo do cinema. Quer dizer, a pessoa tem que vir aqui para conhecer quem são os parlamentares, em quem eles votaram, como eles atuam. Porque hoje, eles estando aqui, sabem que têm portas abertas. A partir desse momento, eles virão outros dias aqui. Estando pela Cidade, eles



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 625 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGrafo	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
k9	2	:abekuse	GRUPOS ORG.	26.09.97		

vão participar do plenário, vão ouvir as discussões, vão ver quem são os maus, quem são os bons vereadores. As leis são feitas pelos vereadores que eles, no futuro, vão eleger. A falta de integração entre o Legislativo municipal e a população é muito grande. Todo mundo acha que vereador é aquele cara de paletó e terno, que é autoridade, de quem não se chega nem perto. Usei uma expressão feia na Índia recentemente que se aplica aqui: o Papa também peida. Quer dizer, todos somos iguais. Eles têm que saber que vereador é um ser humano igual a eles. Eles têm que vir aqui colocar o dedo no vereador que eles votaram e falar para o vereador que sua posição está errada.

Eu gostaria de abordar um segundo tema, a organização, a sociedade civil organizada. Eu posso falar porque venho da sociedade civil organizada. Eu, nos anos 70, como um menino rebelde, participei de alguns movimentos. Daí, um grupo de amigos e eu fomos obrigados a ir para o exterior. Saí do país. Morei quatro anos fora do país. Morei com um grupo de pessoas, que vem a ser o mesmo que sequestrou um embaixador americano, um embaixador suíço, em troca de vários presos políticos. Essas pessoas andavam armadas, na época, faziam bombas em casa. Era um grupo de pessoas, rebeldes, como eu, que não concordavam com a ditadura militar. Então, nós, lá no exterior, também nos organizávamos. Nessas or



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 626 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K9	3	Anelise	GRUPOS ORG.	26.09.97		

ganizações lá fora, lembro-me que Fernando Gabeira, que morou na Suécia na mesma época em que morei, falava-me o seguinte: "Trípoli, nós precisamos dançar conforme a música para poder chegar perto da eletrola e trocar o disco, apesar de que é difícil participar do baile, porque essa turma é difícil." O que aconteceu então? Começamos, lá do exterior, perceber que estava chegando a liberdade de expressão, a democracia, então precisávamos mudar nossas armas. Então, nos organizamos e começamos a defender a ecologia, organizando um movimento ecológico no exterior. Voltei ao Brasil em 1978, quando fundamos nossa primeira entidade no país, se não me engano, o Movimento Pró-Juréia. Depois fundamos o Movimento Pró-Verde do Estado de São Paulo.

Quando o representante da Coordenadoria Especial do Negro fala do meio ambiente, eu gostaria de lembrar que a primeira entidade de ecologia que presidi chamava-se Movimento Social Pró-Verde, ou seja, tudo que é pró-verde vai beneficiar o cidadão. Sentimos, naquela época, que ninguém acreditava muito nesses movimentos. Começamos então a organizar outras entidades. Passei a coordenar a Assembléia Permanente das Entidades Ecológicas do Estado de São Paulo, que congregava, naquele momento, 200 entidades ecológicas.

Acredito que todos vocês saibam que o animal silvestre



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 627 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K9	4	Anelise	GRUPOS ORG.	26.09.97		

43

não pode ficar em cativeiro, é proibido por lei, conforme a lei nº 5197, é crime inafiançável, e a pena é de 2 a 5 anos de cadeia para quem tiver uma ave, um animal silvestre preso. Recordo-me que eu ia na casa de um bacana lá no Morumbi e falava: "Olha, a lei diz que você não pode ter esse animal preso." Ele dava risada e continuava com o animal. Mas a partir do momento em que eu chegava na casa de um bacana e falava: "Eu sou do Movimento Social Pró-Verde, uma entidade organizada, e se o Senhor não devolver esse animal, cumprirá pena de 2 a 5 anos, respondendo por um crime inafiançável", na hora ele soltava os animais.

Enfim, venho mais é para dar um testemunho, de que venho da militância, de um grupo organizado, pequeno, que se intitulou Pró-Verde. Depois, fundamos a APEDEMA. Na APEDEMA, percebemos que precisamos de representantes no Legislativo. Naquele momento, veio a Constituição Federal, e lançamos o Deputado Fábio Feldmann como representante do movimento ecológico do nosso grupo, para defender nossos interesses em Brasília, quando foi feita a Constituição Federal. Veio depois a Constituinte municipal. Esse grupo achou que deveria ter um representante do movimento ecológico na Câmara Municipal, e aí me lançaram, sendo eu eleito Vereador.

Considero superimportante o que vocês têm feito em relação



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 628 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K9	5	Anelise	GRUPOS ORG.	26.09.97		

44

a se organizarem, e nessa organização, saberem o que é melhor para vocês, defendendo isso em grupo. Fica mais fácil, tendo uma entidade, um grupo organizado, para chegar aos juízes, aos procuradores, à câmara de vereadores, à câmara federal, deputado ou senador, para dizer: "Somos de um grupo organizado X e reivindicamos isso." Facilita o trabalho. A cidadania é muito pouca aqui. Não existe cidadania no Brasil ainda.

Eu só queria deixar esse testemunho, não queria abrir um debate com relação ao que falei. Mas é importante o que vocês estão fazendo. Sozinhos, vocês não farão nada. É fácil transformar essa organização em sociedade civil organizada: tem que ter um presidente, um secretário, um tesoureiro, algumas assinaturas, registro em cartório, e vocês passam a representar uma parcela da sociedade. Facilita a reivindicação de vocês em todos os aspectos: cultura, saúde, esporte, lazer. E mesmo quando a polícia parar vocês, é só dizer: "Eu sou do grupo X".

Esse grupo pode conseguir também um departamento jurídico como voluntário. Há faculdades que possuem estudantes no final do curso, quase se formando...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 629 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K10	1	Monteiro	Grps Org.	26.09.97		

advogados, que teriam o maior interesse em colaborar com vocês.

Acho que voluntários existem muitos, mas é preciso se organizar. Então, concluo a minha fala aqui parabenizando vocês que se organizaram em grupos e estão reivindicando um direito à vida, um direito a viver aqui em São Paulo. Muito obrigado a vocês.

(Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOSO - Muito obrigado ao Vereador Trípoli. Gostaria de anunciar a presença da Sra. Ezielma Beatriz Domingues de Azevedo, que representa a Vereadora Maeli Vergniano e também do Sr. Sílvio Fernando Lopes, assessor da Secretaria Estadual de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores, a quem também agradeço a presença.

Pediria que os membros da mesa fossem anotando as indagações para depois fazermos uma rodada final acerca das colocações que forem feitas. Temos cinco inscritos e chamaria a primeira inscrita, e peço para que todos falem no microfone porque tudo está



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

630
Folha n.º 630 do Proc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K10	2	Monteiro	Grps Org.	26.09.97		

sendo gravado para depois integrar o relatório, a Lúcia Helena dos Santos Aguiar, do Núcleo Cultural Força ~~V~~Ativa.


A SRA. LÚCIA HELENA DOS SANTOS AGUIAR - Foi ~~xxxxx~~ dito na

mesa, não sei por qual dos integrantes, uma coisa que achei muito importante: direitos humanos sem grupos organizados não são direitos humanos e grupos organizados sem direitos humanos são apenas grupos organizados. Corrijam-me se estiver errada. (Pausa) Não? Foi você quem disse. Então, baseada nisso, só posso dizer o seguinte: que não adianta a gente falar vamos fazer, vamos fazer se a gente não toma uma atitude para isso.

A proposta que apresento, em relação ao que foi dito, é a seguinte: que os grupos organizados, um integrante ou mais de cada grupo organizado, tenham o direito de fazer a segurança da comunidade em que ele vive. Por quê? Porque a pessoa que está na periferia, a pessoa que está na comunidade, sabe o problema que ela passa e não um policial, que vai-se achar o "rei da queijadinha" na hora que começar a ganhar o saláriozinho dele de brincadeira, por isso ele acaba se achando melhor e numa posição até maior que



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 631 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K10	3	Monteiro	Grps Org.	26.09.97		

o cidadão que está na mesma situação que ele dentro da periferia.

Então, sugiro que em cima disso se façam até programas de reformulação na educação nas escolas porque não adianta falar também do preto, do preto, do preto que é oprimido, que sofre preconceito, se isso começa dentro da sociedade em que ele vive, a sociedade local, que é a vizinhança e a escola. Então, sugiro também que se faça um programa de autoestima pra negros, nordestinos, homossexuais, dentro das escolas e que os próprios cidadãos que estão dentro da periferia possam exercer a segurança dos outros.

Só isso. (Pêlmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Obrigado, xLúcia.

Chamaria agora a segunda inscrita, Professora Solange Gonçalves Dias, supervisora escolar da DREM-11.

A SRA. SOLANGE GONÇALVES DIAS - Boa tarde. É Solange Gonçalves de Lima. Juntando algumas coisas: em uma das plenárias eu coloquei uma sugestão de que a mídia, jornais, televisão, no geral, cedesse um espaço para os grupos organizados estarem mostrando o



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
KLO	4	Monteiro	Grps Org.	26.09.97		

que eles fazem de bom porque para o que eles fazem de ruim não precisa pedir espaço porque a mídia explora bastante.

Aí, ligando isso de outra sessão com a fala do Dr. Carlos com relação aos direitos humanos, algumas colocações do Dr. Ronaldo e até do Vereador Trípoli, acho que a gente tem que pensar em como está ~~xx~~ tornando as coisas práticas, para que elas saiam do papel e aconteçam na realidade. Se não, elas ficam só no discurso.

Então, por que não promover um forum ou uma conferência dos grupos organizados. Partindo de onde? Subdividindo em regiões. É óbvio, Trípoli, que a população tem que ter acesso à Câmara para estar conhecendo toda a tramitação, para estar interferindo. Só que tem que se pensar em como fazer isso. Uma das formas: por subdivisões, estar discutindo as questões que foram discutidas nesta Comissão de Estudos nas regiões, com os grupos organizados, na liderança, e a mídia dando cobertura, até para mudar a imagem de que são ~~gangues~~ gangues, que só depredam e que só usam drogas. Porque é só isso que chega à população e é por isso que é essa a imagem que fica.

É óbvio que mais pessoas vão precisar estar envolvidas nisso. Por exemplo; educadores do bairro, pessoas que estejam tra-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 633 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K10	5	Monteiro	Grps. Org.	26.09.97		

balhando com a parte social e, por que não, os políticos do bairro porque todos os bairros tem políticos que aparecem na região por ocasião das eleições e que depois somem. Então, por que não envolver esses políticos e o que for decidido nessas subdivisões vir para ser discutido aqui, num plenário maior na Câmara Municipal.

(Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Obrigado à professora Solange. Queria apenas lembrar que temos mais oito inscritos. Portanto, na fala do Weber Lopes, que é o próximo inscrito, quem quiser ainda falar, por favor, dê seu nome à Eliane, que está ali na porta. Quando o Weber Lopes terminar de falar, vamos encerrar as inscrições. Weber.

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 634 do Prec.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K11	1	Marcelo	Gru:Organiza.	26.09.97		

50

O SR. WEYER - Saúdo a todos que estão nesta plenária. Faço parte do Núcleo Cultural Força Ativa. Lembro a vocês, da Mesa, que estamos com um projeto de incentivo à leitura, para a criança, o adolescente, idosos e também adultos, sendo ser humano está valendo este projeto. ~~Estão~~ Estamos solicitando a ajuda através de doação de livros e até mesmo espaço. Inclusive, depois quero ter a oportunidade de conversar com o camarada, sobre questão de espaço. Qualquer grupo organizado que queira trabalhar junto com a gente estamos disponíveis para trabalhar.

Gostaria de fazer uma pergunta: qual sua função e objetivo do órgão que você trabalha, órgão municipal? É só essa pergunta. Antes queria fazer uma crítica. O senhor falou que isso não tem que ser discutido aqui, tem que ser levado para a periferia. Eu gostaria de fazer só uma pergunta, por essa função, qual é o seu objetivo, qual sua função, porque vocês vitou aqui na Mesa, porque você falou que essa discussão teria que ser levada para a periferia. Como o seu trabalho mexe muito com a questão -eu acho que mexe de povos ~~ex~~ excluídos na sociedade, gostaria de saber quantas vezes você foi na periferia, porque eu não te conheço, só sei que você é do gabinete ~~x~~. ~~x~~ (Palmas).



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 635 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K11	2	Marcelo	Grup.Organiza.	26.09.97		

51

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem a palavra agora, lembrando que estão encerrada as inscrições, ^O Anacé Nunes, do Núcleo Cultural Força Ativa.

O SR. ANACÉ NUNES - Boa-tarde a todos que estão na plenária. Eu queria saber o que vocês podem fazer para melhorar o nosso dia-a-dia, na periferia, na área da saúde, da educação, da moradia e do trabalho, porque falar, como estão falando, é fácil, mas fazer é difícil. Então o que vocês podem interferir no concreto, na realidade de fato. (Palmas).

O SR. JOSÉ ~~EDUARDO~~ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço o Anacé. Tem a palavra o Rogério, do Junac, Juventude Negra Afro Consciente.

O SR. ROGÉRIO - Primeiramente boa-tarde ao pessoal que está aqui, pessoal da Turma do Poder, pessoal do Força Ativa, pessoal do Junac, que é Juventude Negra Consciente.

A gente tem vindo em diversar reuniões e vim apenas para dar um lembrete. O último senhor a falar estava dizendo que a gente não gosta de ser chamado de gangue, isso é um fato. Houve uma época que a gente era gangue. ~~Agora~~ Agora as gangues estão se politizando e o que acontece é essa questão: e agora, o que o Estado vai fazer? Porque o Estado está lá, matando os jovens na periferia, em especial o jovem negro,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 636 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K11	3	Marcelo	Grup.Organiza.	26.09.97		

52

e esses jovens ao invés de estarem pichando, ao invés de estarem deprimindo estão lendo Karl Marx, estão pensando em revolução. Agora eles não vão mais roubar tênis, eles vão começar a tomar uma atitude mais radical, por isso se torna uma coisa de sobrevivência, principalmente para o Estado, estar fazendo alguma coisa em relação a isso. É só um lembrete.
(Palmas).

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem a palavra o Sr. Reck, dos Crucificados pelo Sistema.

O SR. RECK - Boa-tarde a todos. Eu gostaria de fazer, digamos, uma sugestão do pessoal que está organizando isto aqui, que seria bom fazer um debate com os representantes das rádios FM's de São Paulo, as comerciais, a respeito, especificamente aos grupos de rap e o espaço que nós temos por direito, porque muitos de nós fazemos um trabalho profissional, temos públicos, mas, infelizmente, esse espaço é negado.

Então, se pudesse ser criada uma lei que obrigasse a cederem o espaço a nós, seria mais fácil do que, como alguém disse, os Direitos Humanos devem ser exigidos pelos grupos organizados, porque o espaço em rádios comerciais seria muito mais fácil os grupos organizados passarem as suas idéias. Seria muito mais fácil mandar nossa mensagem e



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 637 do P.º Ac. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K11	4	Marcelo	Grup.Organiz.	26.09.97		

53

cobrar aquilo que é nosso por direito e cobrar os direitos humanos e tudo o mais. (Palmas).

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem a palavra o Gnome (?), da Junac.

O SR. GNOMO - Saravá que Deus é preto! Manôa-tarde, meu nome é Gnome e aí rapaziada? Poder para o povo. Eu queria falar uma coisa para todo mundo: primeiramente agradecer a Alá, pelo momento que estou aqui falando para vocês.

Quando eu falo em revolução armada, quando falo que a gente deve ser armar não é catar uma arma e sair dando tiro, porque particularmente eu sou contra a violência, meu povo é contra a violência, meu povo não é violento, quem é violento é a elite racista, é o Estado racista, o Estado demônio que é violento contra a gente. Eu acho que você não deve fazer nada a ninguém que não gostaria que fosse feito com você, mas o que a gente quer é direitos iguais, a gente quer viver numa sociedade igualitária, onde o jovem preto viva bem, coma bem, porque é legal comer bem, se vestir bem, onde o nordestino viva bem, coma bem, os brancos vivam bem, porque ninguém é ~~mx~~ melhor ou pior do que ninguém. A gente está com ~~xxxx~~ um monte de projetos. A gente queria saber de vocês como vão ~~se~~ fazer para executar esses projetos, porque a gente não tem



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 638 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário AF

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K11	5	Marcelo	Grup.Organ.	26.09.97		

54

condições financeiras para isso. Os projetos que a gente tem na periferia tem que ter uma costa quente, e costa quente se dá o nome ...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 639 do Proc. N.º 11 de 1997
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K12	1	dalva	G.Orga.	26.09		

isso significa dinheiro. Tem que ter alguém para dar uma força para nós, nem termos de cuidar de praças, prédios da Cohab que estão abandonados, fazer um espaço para o rap, ~~mas~~ conscientizando os irmãos para o perigo da droga. Porque é fácil encontrar um traficante oferecendo droga para a gente, onde moramos. Mas é difícil encontrar uma escola decente que não deixa cair na sua cabeça. É difícil encontrar uma polícia ou uma viatura que não chega dizendo "macaco, encosta aí" ... é difícil encontrar um policial que não vai tratar ~~com você~~ você dessa forma. O que queremos é que vocês tomem uma atitude, que parta para a ação. Porque não estamos mais aguentando a opressão. Somos periféricos, estamos passando o veneno, enquanto muitos ficam somente andando de viaturas, e reclamando dos baixos salários. Nós, como descendentes de africanos, merecemos um carinho muito especial, porque foram os nossos ancestrais que levantaram o país. Por nós, que foi derramado o sangue. Nossa organização é totalmente a favor do jovem se armar, mas não só se armando de armas, saindo dando tiros, porque uma revolução armada corre sangue, eu não aceitaria um mano meu sendo ~~uma~~ torturado na minha frente. A questão é até quando a opressão ~~vai~~ vai continuar em cima de nós. Até quando



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

640 Folha n.º 640 do Proc. 11 de 1937
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGrafo	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
12	2	dalva	G.Orga.	26.09		

as idéias vão estar correndo e do outro lado da periferia a polícia vai ~~esata~~ matando o preto, o branco pobre, espancando nordestino. Até quando isso vai continuar? Outra questão, são os prédios da Cohab que estão abandonados, estamos querendo cuidar desse prédios para fazer como uma ~~uma~~ casa de encaminhamento ao jovem da periferia, com isso o jovem ~~afasta~~ afasta das drogas, só que é o seguinte, se formos lá sozinhos, a polícia vai jogar bala em nós. Se você não quer tomar soco, não deve sair dando soco, ou tiro por aí. O Estado, o governo faz isso com o jovem preto. Eles fazem isso há 497 anos, porque a terra sempre foi oprimida. O ser humano é torto em si. Tanto o branco, preto, marrom, amarelo... a raça humana não é muito certa, tanto é que não vejo a hora de voltar para o meu planeta. Aquele que estiver a fim de seguir o "junate" erga o punho, aquele que estiver a fim de seguir a periferia, força ativa, erga o punho porque se o estado continuar oprimindo o nosso povo, queremos as coisas na paz. Não sou a favor de uma guerra, queremos as coisas ~~na~~ na paz, mas se o nosso povo continuar sendo usado não vai dar. O bicho vai pegar. EU não quero fazer mal para você, e nem quero que você faça mal para mim. Porque não sou melhor do que você, e nem pior do que você,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 641 do Proc. 11 de 1937
O Funcionário

RODÍZO	FOLHA	TAQUIGrafo	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K12	3	dalva	G.Orga.	26.09		

57

você é branco, vou respeitar você por causa das suas diferenças. O homem negro é diferente de uma mulher loira. Os traços de um homem branco é diferente de um homem preto. ~~É~~ Só que os brancos racistas não respeitam isso. Porque quem comanda o País são os brancos. Temos que estar conscientes disso. Só que a sociedade branca não gosta de ser questionada. Acho que se você aceita algo que não é seu, você esta sendo um ~~interceptador~~ interceptador, e depois de 400 anos de escravidão, somos oprimidos ainda, Contamos com o apoio dos brancos concientes para judar a gente, porque se continuarmos sendo ~~sempre~~ oprimidos, quer estiver a fim de seguir vai se preparando. Há qualquer momento pode ~~ahaver~~ haver uma rebelião na periferia de São Paulo, zona sul, leste, oeste, Estamos tentando evitar, mas não vamos estar como os sem-terra, fazendo passeata comenxadas, picaretas na mão, porque a tropa de choque chega e manda bala em todos. Que atitude vocês podem tomar a respeito? A força ativa, todos os grupos, nós não temos condições de fazer as coisas através do nosso bolso precisamos de algupem por trás dando uma força para nós. Onde moramos há vários lugares que estão abandonados, queremos cuidar. Estamos fazendo o projeto



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 672 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
KL2	4	dalva	G.Orga.	26.09		

58

da capoeira. Onde moramos há crianças, com 12, 13. 15 anos portando armas na cintura. São traficantes, que estão fora das escolas. O culpado de tudo isso é o sistema que é opressor. Sistema racista. Temos quem ver que no Brasil se você tem pele clara, você é menos oprimido, agora se você tem pele escura é bem mais oprimido. Esse papo de falar que dinheiro manda tudo. Não é por aí não. O sistema racista odeia o povo preto. Se fosse só a questão do dinheiro, não ~~estariam~~ estaríamos sendo oprimidos até hoje. Como o caso de Diddema, o latino americano apanhou na sola do pé. Estamos na América do Sul. É difícil ~~encontrar~~ você encontrar um branco ~~puro~~ puro, e um preto ~~por~~ por vítima dos estrupos. Queremos que vocês tomem as atitudes, porque a maioria de nós somos favelados da periferia. São poucos os brancos que tem consciência. Somos traficados da África para as Américas. Se fôssemos considerados brasileiros, ficava mais fácil galgarmos na sociedade. É mais fácil ~~um~~ um preto, um branco pobre ~~uma~~ uma ~~prostituta~~ prostituta, um nordestino favelado entrar no Carandiru, do que ~~um~~ entrar em uma faculdade. Esse é o fato. A USP tem 50 mil alunos, menos de 2% são descendentes africanos.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folia n.º 643 do Proc. 11 de 1937
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K12	5	dalva	G.Organ.	26.09		

59

Por quê? Porque os pretos estão na favela? Por que quando falo preto, falam que preto não é raça, é cor? Aí você procura no dicionário "preto" coisa ruim, fúnebre, demônio. (Palmas) Sou a favor da paz de verdade. Mas queremos uma paz de verdade. Muitas vezes estamos em nossas casas, a polícia invade, espancando. Essa é a paz de cemitério... "cala a boca", "não fala nada", "aceita tudo". Opressão, aceita tudo calado.... É isso que eles fazem com a gente. Somos a favor da paz. Mas se continuarmos morrendo vamos partir para a guerrilha, quem quiser me seguir vai se preparando...



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 644 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGrafo	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
KL3	1	morg.	grup.org.	26.9.97		

60

a nossa comunidade está treinando, pode chegar que está bem chegado, quem quiser aprender a atirar, jogar coquetel molotove na opressão não no inocente na rua porque se a tropa de choque nós estamos protestando em paz que ~~mem~~ vou citar uma denúncia agora se tiver algum advogado aí disposto a ajudar a gente os nossos colegas quase foram assassinados dentro do DAVOR, os policiais que estavam dentro do DAVOR eram racistas espancaram três colegas nossos pretos e atiraram nele. No show dos racionais aqui sábado passado a polícia estava espancando os irmãos na porta e nós não queria confusão os guardas chegavam e ficaram espetando e chamando nós de macacos, quer dizer, o bira o nosso colega é branco tomou uma par de borrachadas a gente chega pra trocar uma idéia os caras ficam tocando borrachada agora deixa enfiar uma R15 na cara deles aí vai virar guerrilha eu não quero isso mas se tiver que dar exemplo para o meu povo eu dou, vou morrer lutando pelo meu povo e eu estou fazendo supletivo na escola, vou aprender a fazer bomba se o governo não tomar providências eu vou encher o meu corpo de bombas e vou explodir, vou me suicidar explodir deixando uma carta para o povo preto aí, mas vou explodir o sistema vou entrar cheio de bomba no meu corpo assim prá pou, molotove mergulhado em jornal, revolução, irmão.

O SRX. José Eduardo Martins Cardozo - Agradeço o Gnome. Querria também anunciar aqui a presença do Vereador Mourad, do PL, que também integra esse grupo de estudos e chamo o próximo inscrito que é o Silvio, da Secretaria Estadual de Combate ao racismo do Partido dos Trabalhadores.

O Sr. Silvio - Boa tarde a todos. Eu queria



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 645 do Rloc.
11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K13	2	morg.	grupos org.	26.9.97		

começar a minha falação falando que foi dito aqui é 100% verdade, sou da periferia de São Paulo, São Miguel Paulista, e todos os dias, quero dizer aos senhores todos os dias no Metrô, ônibus, rua, ~~xxi~~ trem, repartição comercial, banco, Câmara Municipal, como eu fui quando comecei a trabalhar no mandato anterior, no gabinete do Odilon, eu fui barrado aqui porque o policial achou que eu tinha cara feia e me fez uma série de humilhações. Aqui nesta Casa de leis. Então, eu acho que está na hora da gente começar a ter uma certa preocupação com o que foi dito aqui até agora. Falo tranquilamente para todos vocês hoje não se discute o problema social brasileiro se não discutir o problema racial, que fique bem escuro, não vou dizer claro, bem escuro isto, não se discute o problema social se não discutir a questão do negro no Brasil. Outra coisa também não se discute o problema da violência se a gente não discutir a violência do que a gente chama de elementos farrados que é a Polícia Militar, não se discute o problema da violência se a gente não discutir o problema da violência. Vou colocar apenas um dado só para vocês terem idéia do que seja isto, uma vez que esse dado é de consciência de praticamente 175 países em todo o mundo a qual uma ONG denunciou. Em 1993 a American Wash é uma ONG com sede em Wasinghton, nos Estados Unidos, disse que a ROTA, Ronda Ostensiva Tobias Aguiar e que nós pretinhos temos muito bem a consciência do que significa esse segmento na periferia da cidade foi a Polícia, ou melhor, um segmento, um único segmento da Polícia Militar de São Paulo, que mais matou no mundo em 1993. Por que falo que é segmento? Porque a ROTA, a polícia não se estende só à ROTA, tem cavalaria, tem tropa de choque, tem praça, tem polícia rodoviária, etc. Foi



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 646 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K13	3	morg.	grupos org.	26.9.97		

62

o segmento que mais matou no mundo. É grave ? Não é, porque o mais grave vem agora. 80% das vítimas da Polícia Militar eram homens de idade de 15 a 25 anos, ou seja, jovens, moravam na periferia, e 80% desses homicídios eram negros numa cidade que somos 12% étnicamente. E aí pergunto:diante deste dado alguém aqui tem alguma dúvida que a Polícia, e aí eu não falo Polícia um ou outro policial, como a mídia fala e alguns cornéis falam para a gente, que a gente anda obrigado a escutar que é problema de um ou outro policial, de 80 prá cá nós tivemos vários debates na OAB e sempre a mesma colocação é um problema de um ou outro, se todos são treinados iguais, 80% eram negros numa cidade que somos 12% étnicamente. Diante desses dados alguém tem dúvida que a Polícia Militar de São Paulo é racista ? Ou será que não é impressão de um negro feio, que tem cara feia, como falaram aqui prá mim em baixo, que é coisa da cabeça dele. Então, como que a gente vai pensar em resolver algum problema social, falta de hospital, de escola, mãe que bebe, mãe prostituta, valendo se lembrar, sem vergonha nenhuma, eu sou filho de uma, como resolver todos esses problemas se a gente tem esse problema real de eliminação física pelo simples fato de você ser negro. O Código Penal é bem claro quando ele fala que ~~todo negro é considerado inimigo da sociedade~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 647 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-14	1	Vera	grupos org.	26.9.97		

63

todos são inocentes até que provemo contrário. Na periferia, costuma acontecer bem o contrário: todos são culpados até que provem inocência. Mesmo provando, acontece como aconteceu com Marjuzino, em Diadema. Só que o Marjuzino teve a sorte de um fulano ter ido lá e filmado. Quantos Marjuzinos acontecem na periferia da cidade e nada acontece?

Muita gente acredita que, uma vez sendo o prefeito negro, a polícia e o sistema teriam comportamento contrário à nossa etnia. E não tem. E não vai ter porque o governador como o prefeito não têm autoridade suficiente sobre suas polícias. É um poder paralelo, como diz historicamente, no Congresso Nacional, o Deputado Federal Hélio Bicudo, do PT. Ele vive falando isso em Brasília. É um poder paralelo.

São essas as primeiras colocações que eu queria fazer.

Dois de julho de 1997. Primeira página da "Folha de S. Paulo":
"Estudo do IDH diz que o Brasil é o 63º país em expectativa de vida."
É analisado o que cada habitante ganha, a qualidade de vida de moradia, previdência, uma série de coisas. Isso analisando os brancos, negros, índios e asiáticos.

Se esse índice fosse só comparado com os negros ou pardos - pardos é a terminologia que o IBGE coloca para diferenciar o negro do mestiço, mas são afro descendentes que englobam o universo para



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 648 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-14	2	Vera	grupos org.	26.9.97		

colocar num mesmo segmento - o Brasil cairia de 63º para 120º.

Então, tanto para o Brasil, como para São Paulo, posso falar com absoluta segurança que, há algum tempo, nós temos não o Brasil oficial ou o Brasil real, mas temos o Brasil negro e temos o Brasil branco.

Outra pesquisa editada pelo "Diário Popular", de 31.8, se não me engano: apenas 2% dos bancários que lidam com o público (os negros aqui que já procuraram emprego para lidar com o público sabem o que significa boa aparência nos anúncios de jornal) são negros. Pergunto se algum negro entre vocês pegou esse anúncio que falava sobre boa aparência, e foi lá. Boa aparência pressupõe não negro ou não negra. Nessa pesquisa do "Diário Popular", foram entrevistados 1.440 e foi encomendada pela CUT. De 1.440, apenas 2% de negros.

Uma professora falou que temos que trabalhar a escola, mostrar que a gente não é só bandido. Existe um problema anterior que são os livros didáticos. Eu saí do 1º grau sabendo que a minha grande salvadora foi a Princesa Isabel. A Princesa Isabel assinou lá e eu estou livre hoje.

Isso é uma hipocrisia sem tamanho. Eu não estou livre "porra" nenhuma! Antes, nós tínhamos a senzala. Hoje temos as favelas. Antes, tínhamos a chibata. Hoje, temos o salário mínimo ou nem isso. Antes,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 649 do Proc. 11 de 19 97
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-14	3	Vera	grupos org.	26.9.97		

65

tínhamos o capitão do mato. Hoje, temos a Rota, a polícia militar.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO M. CARDOZO - Obrigado. O Vereador Ítalo Cardoso já havia nos avisado no início dos debates que, chegando por volta das 16h15min, ele teria que se ausentar por força de um compromisso anteriormente assumido. O Vereador Ítalo que prestou uma importante contribuição para este debate, tem a palavra agora.

O SR. ÍTALO CARDOSO - Vou ter que me ausentar, mas depois vou pegar o endereço do pessoal da Zunac, para ver da participação de vocês na conferência municipal de direitos humanos. Nós vamos trabalhar em forma de painéis. Então, vai haver um painel sobre a criança, um painel sobre a situação da mulher. Seria muito importante um painel sobre a situação dos grupos organizados.

Quero pedir licença e desejar pleno êxito, com certeza desse trabalho vai sair coisa boa, e cumprir as decisões tomadas aqui.

O SR. JOSÉ EDUARDO M. CARDOZO - Obrigado, Vereador Ítalo que tem feito um magnífico trabalho na Comissão de Direitos Humanos, da



650
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 650 do Proc. 11 de 19 97
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-14	4	Vera	grupos org.	26.9.97		

66

Câmara Municipal. Gostaria de anunciar, com muita honra, a presença entre nós da Vereadora Heny Fernandes, de São José do Rio Preto, que visita a Câmara Municipal de São Paulo, a quem peço uma salva de palmas. É vereadora pelo Partido dos Trabalhadores. Companheira Heny Fernandes, bem-vinda a São Paulo, bem-vinda à Câmara Municipal de São Paulo. Receba nosso sincero abraço.

Pediria que os inscritos sejam o mais breves possível, porque temos que entregar o salão para outro evento. Destino três minutos para cada um no máximo.

[assinatura] *[assinatura]*



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 651 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
kl5	1	dagmar.	grupos org	26 9 97		

67

O SR. - Boa tarde a todos os grupos. Boa tarde Câmara. Queria fazer uma pergunta ao Dr. Ronaldo Simões. Como poderíamos ampliar o nosso espaço, sendo que vocês mesmos reprimem? Vocês eu digo a polícia, o governo e suas leis. E outra: gostaria também de afirmar o que o Sr. Vereador falou, sobre a discriminação e a semelhança, a cidade real e a oficial. Adorei essa expressão. Realmente, devemos discutir isso não em nossas casas, nas favelas, nos barracos, em pleno sábado e domingo, mas sim aqui, como o senhor mesmo falou, no plenário, na Câmara Municipal, ou em qualquer outro lugar. Enquanto houver isso, estaremos lutando juntos. Obrigado.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Obrigado. Próximo inscrito o Ice Boy, do Núcleo Cultural Força Ativa.

O SR. ICE BOY - Boa tarde a todos, senhoras e senhores, e à Mesa. Fala-se de ecologia. Acho que o próprio preto é uma pessoa que está em extinção. Temos que cuidar da ecologia da nossa família. Quando você passa fome, eu não vou pensar duas vezes em matar um periquito para comer. Vou em cana, mas com a barriga



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
kl5	2	dagmar	grupos org	26 9 97		

cheia.

Fala-se muito de direitos humanos. Acho que já vai muito tempo que exterminaram pais, filhos, avós, no Carandiru, e hoje a sociedade não sabe mais o que aconteceu lá, e querem exterminar mais gente. A pergunta que eu faço aos senhores, essas pessoas que exterminam são colegas de vocês, que trabalham aqui também, existem traficantes que trabalham aqui dentro. Não adianta querer combater o tráfico de drogas, se o grande traficante está do lado de vocês. Não é traficante, mas eu sei quem é, na periferia todo mundo sabe quem é quem. O grande dono da droga está no poder, está aqui, diz que faz alguma coisa pela população. Não é por aí, não. Está na hora de começar a arrumar as coisas aqui dentro, dentro do poder, vocês saberem quem são os verdadeiros traficantes, e está na hora da rapaziada se politizar mais e cobrar dessas pessoas políticas públicas.

É isso aí. Obrigado.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Muito bem. Chamo agora a Francisca, do Núcleo de Trabalhos Comunitários, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 653 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
kl5	3	dagmar	grupos org	26 9 97		

69

Como eu disse, hoje é a última sessão do nosso grupo de trabalho. Ao final, os grupos vão fazer uma apresentação musical para a qual todos estão convidados. E lembro que o relatório desse grupo de trabalho vai ficar pronto dentro de 15 a 20 dias, já conversei com o Vereador Henrique Pacheco, o relator. E estamos convidando todos os grupos organizados para comparecerem aqui, na Câmara, no dia 6, para debatermos o relatório, além das pessoas que participaram, à tarde. Nosso ponto de encontro será no meu gabinete, no quarto andar. Será às 14h00.

Tem a palavra a Francisca.

A SRA. FRANCISCA - Boa tarde. Me sinto muito contemplada com a fala do companheiro do Partido dos Trabalhadores. Vou somente fazer um convite para os jovens do plenário. Está na hora de os adolescentes e jovens saírem na rua e defenderem os seus direitos. Chega de adulto ficar defendendo direito de criança e adolescente. Percebi, ao longo das sessões, que houve um crescimento muito grande de nós todos, tanto do Plenário quanto do pessoal que propôs essa organização, esse debate. E o ato é em defesa do Estatuto da Criança e do Adolescente. Será no dia 12 de novembro,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 654 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
k15	4	dagmar	grupos org	26 9 97		

70

com uma caminhada da Praça da Sé até o Palácio das Indústrias. O
convite é para as turmas organizadas prepararem o encontro, e es-
sa preparação ~~xix~~ do

~~_____~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 655 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-16	1	Marcia	Grupos org.	26.9.97		

encontro vai ser no dia 08/10, às 10 horas, no Sindicato dos Bancários, ali na São Bento. Vou dar o convite a vocês. Está na hora de nós sermos sujeitos da ação, nós quem? Adolescentes principalmente. É claro, as crianças ainda não têm consciência, não dá para elas prepararem o ato, mas vocês com certeza já têm condições de estar conosco preparando esse ato em defesa do Estatuto da Criança.

Hoje nós iniciamos falando que o Prefeito de São Paulo até hoje não cumpriu o que o Conselho Municipal deliberou. Os 47 milhões do Fundo Municipal da Criança continua no fundo. Então, a política pública tão ofendida e tão questionada aqui neste plenário continua descumprida. Hoje, dia 26 de setembro, não se gastou um centavo dos 47 milhões que foram aprovados no ano passado pela Câmara Municipal. Pessoal, estão brigando pelo orçamento de 1998, e o orçamento de 1997 ainda não saiu do papel. É só isso.

(Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Com a palavra o penúltimo inscrito, o Testão, da Turma do Poder.

O SR. TESTÃO - Primeiramente, boa-tarde ao pessoal



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 656 do Proc.
n.º 11 de 1997
() Funcionário

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K16	2	Marcia	Grupos org.	26.9.97		

12

do Força Ativa, rapaziada do Poder. () Eu queria fazer uma pergunta ao Vereador, que ele respondesse agora porque a partir dessa eu teria outras: Quem comanda a Prefeitura de São Paulo?

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Você sabe que é uma pergunta difícil de responder, viu. (Palmas) Em tese, quem deveria comandar a Prefeitura de São Paulo é o Prefeito e a Câmara Municipal. Com certeza, eu sei que a Câmara Municipal não tem nenhuma participação atualmente, porque o prefeito tem uma maioria nesta Casa, que faz com que tudo o que ele quer aqui seja aprovado. Agora, tem horas em que penso que o Prefeito também não governa a Cidade de São Paulo. É tão frágil - permitam-me falar com sinceridade - o atual governo, que me dá a impressão que tem secretários que mandam mais que ele. Portanto, essa é uma pergunta quase insolúvel para eu responder. Falo com franqueza, eu não sei quem governa São Paulo hoje.

O SR. TESTÃO - Mas não tem nenhum cabeça, com quem a gente possa chegar e trocar uma idéia certa com ele?



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 657 do Proc. 11 da 19ª Sessão
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K16	3	Marcia	Grupos org.	26.9.97		

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Tem o Secretário

rio de Governo, que parece que é um homem forte, que é quem manda na Cidade de São Paulo hoje, que é o Secretário Edvaldo Alves da Silva, que é o dono das Faculdades Metropolitanas Unidas; que é um homem muito próspero, inclusive do ex-Prefeito Paulo Maluf; que é um homem forte.

Mas penso o seguinte: quando a gente não sabe quem manda direito, a gente vai e coloca a reivindicação. E se precisar atropelar, atropela. Porque é a força organizada do povo que permite a gente ter conquistas. Garanto a você que se a gente colocar em xeque essas pessoas, vai aparecer quem manda. Ou então vai aparecer um desmando tão forte que efetivamente a gente vai poder questioná-los de forma intensa.

O SR. TESTÃO - Sim, mas se a gente fez tantas reuniões aqui, da primeira até esta, por que não sentar todo o mundo aqui, um ou dois membros de cada turma, e nós sentarmos com o cabeça da coisa e falarmos quais as nossas decisões? Porque, se a gente só trazer aqui para vocês, traz, traz, vai chegar um dia em que a gente vai se cansar, vai virar (?).



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 658 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário *JK*

RODIZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K16	4	Marcia	Grupos org.	26.9.97		

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Eu acho interessante a sua idéia; vou fazer uma proposta a vocês, em cima disso, e para os vereadores que integram o trabalho. Eu acho que a gente podia fechar o relatório, que é o resultado deste grupo, com as propostas, e tentar marcar uma audiência com o Prefeito, e vai ser, se nós conseguirmos isso, vai ser um fato importante; os grupos organizados vão ao Prefeito de São Paulo cobrar que ele efetive as propostas que nós fizemos. Eu vou lançar essa proposta de vocês. Com base no relatório que vamos fazer de comum acordo, a gente marcar uma audiência com o Prefeito. Se vocês concordarem, vão aplaudir. (Palmas) Então está aprovado. Nós vamos levar o nosso relatório para o Prefeito de São Paulo. E nós vamos convidar os líderes de todos os partidos. Vamos convidar os líderes de todos os partidos que têm assento nesta Casa. Nós, os membros deste grupo, os líderes, e os representantes de cada grupo organizado da Cidade de São Paulo. De acordo? Está fechada a proposta. (palmas)

O SR. TESTÃO - Eu e a rapaziada do Poder sugerimos que vocês convidem o Pitta para dia 6, para a próxima palestra,



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 659 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K16	5	Marcia	Grupos org.	26.9.97		

45

porque ele é o prefeito e nós que (?). (Gritos)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Vamos encaminhar. Estou pensando. No dia 6, com certeza o Pitta não vem. Nós temos que levar o relatório para ele, e a partir daí começar a cobrar que a Prefeitura encaminhe as propostas. E acho que além disso, além do relatório, nós podemos levar ao Pitta... Acho que o ano que vem... Está aqui o Vereador Trípoli que tem muita sensibilidade por essas questões, e outros vereadores; nós podemos começar a fazer mensalmente reuniões, independentemente de um grupo de estudo, para verificar e discutir se as nossas propostas estão sendo implementadas ou não. Nós faríamos reuniões todo mês para ver como andam as coisas, para vocês poderem puxar as orelhas da gente se estivermos errando, do Prefeito se ele estiver errando, e a gente dialogar com vocês também essas questões. Então fica feita também essa proposta: de no ano que vem fazemos seminários todo mês, discussões todo mês, em relação a como estão sendo encaminhadas as questões do relatório. Fechado, pessoal?

O SR. TESTÃO - Fechado. Porque se você trouxer o
Prefeito aqui



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 660 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-17	1	Denise	Grupos Org.	26.9		

76

É o Prefeito que comanda as verbas e ele é a solução para os nossos problemas. Se ele estiver aqui, será cara a cara e palavra de homem para homem. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO M. CARDOZO - Muito bem. Chamo o último inscrito, que é o Joe, da Turma do Poder. Depois abriremos para a Mesa e no finalzinho o Gnomo falará.

O SR. JOE - Vou falar no canto:

" Não à violência, não ao racismo, não à exploração,

Força Ativa, verdadeiro irmão

Sempre celebrando a paz.

Não à violência, não à violência

Não ao racismo, não à exploração

Turma do Poder, verdadeiro irmão

Sempre celebrando a paz." (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO M. CARDOZO - Muito bem. Tem a palavra o Gnomo, um minuto.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 661 do Proc. 11 do 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-17	2	Denise	Grupos Org.	26.9		

O SR. GNOMO - Também vou cantar:

"Você não estava lá, quando as balas pipocaram

Saiba que ser torturado é bem pior do que morrer

Autotreinado no gueto para não enlouquecer

Saiba que ser torturado é bem pior do que morrer

Autotreinado no gueto para não enlouquecer."

Pessoal, estou com fome. Alguém tem um ticket para me dar.

Quem tiver, aceito, estou morrendo de fome. (Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO M. CARDOSO - Obrigado , Gnome. Vou passe

sar a palavra para nossos debatedores, para responderem o mais ~~pe~~ rápi-

do possível às perguntas. Pediria que fossem o mais sintéticos possível.

Primeiro, Dr. Carlos Reis tem a palavra.

O SR. CARLOS REIS - Acho que vocês () já falaram muito mais

do que posso falar. Tudo que já disseram é super importante, só vou en-

fatizar umas coisas.

A conscientização de vocês é o primeiro passo para a mudança.

Acho fabuloso vocês estarem conscientes da opressão que acontece nessa

cidade. Se vocês fossem todos passivos, iriam sair daqui super chateado.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 662 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-17	3	Denise	Grupos Org.	26.9		

Percebendo o grau de conscientização de vocês, podemos ter um pouco de esperança que isso vai mudar. Mas como? Tem dois caminhos : um é ficar esperando os outros fazerem a mudança, ficar perguntando quando vai mudar e se não mudar , se pode explodir. A outra é fazermos essa mudança juntos, é tomar a iniciativa e fazer.

A proposta é chamar o Prefeito, falar com ele. É por aí mesmo, temos de ir atrás. Não podemos ficar de braços cruzados, dizendo que isso não funciona. A mudança está dentro de nós, dentro de cada um que , de alguma maneira, pode contribuir para essa mudança acontecer.

Tem o problema da polícia, que todos falam. Disseram que ela é racista, arbitrária, a maioria das violações não aparece na imprensa, tem um tribunal militar próprio que julga e absolve a maior parte dos policiais. O que pode ser feito para mudar isso?

Quando o Brasil se redemocratizou ; que palavra essa, democracia; algumas instâncias do poder se democratizaram. Por exemplo, temos a Câmara dos Vereadores, que é um espaço aberto para a população. Vocês vêm aqui e temos um grande debate. Mas outros lugares do poder não se democratizaram e continuam fechados. E a polícia é um deles.

O que se vai fazer? É tentar enfrenta-la ou tentar mudá-la? Acho que o melhor caminho é tentar mudar a polícia. É uma tarefa muito



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 663 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
X-17	4	Denise	Grupos Org.	26.9		

79

difícil, mas acho que não é impossível. Acho que podemos começar a pensar em mudanças possíveis dentro da polícia. A polícia é racista? Por quê? Porque ela não tem um programa anti-racismo dentro dela. Então, quando o colega falou que não acredita que apenas um ou outro policial seja racista, mas que toda a polícia seja racista, concordo totalmente com você, porque existe um racismo que aflora quando os policiais não estão vigiados, quando estão na periferia e não tem uma câmara escondida.

O que precisa ser feito? Precisamos propor para a polícia e exigir que tenha um programa anti-racismo, um treinamento de policiais contra o racismo para que mudem a cabeça deles. Acho que é por aí que devemos caminhar. Se não acreditarmos nisso, só iremos partir para o confronto e gerar mais e mais violência. Vejo algumas pessoas céticas acredito e tenho esperança. Acho que é nesse sentido que vamos conseguir mudar, exigindo e apresentando essas mudanças.

Existe um relatório com propostas. Não é só o grito de revolta, mas um grito de revolta com propostas. Precisamos listar as nossas exigências e poderemos começar a exigir. Acho super difícil mudar a polícia, mas não acho impossível. É necessário mudar a polícia, não tem outro caminho na minha cabeça. Se não mudar a polícia, vai fazer o



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 664 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário [assinatura]

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K-17	5	Denise	Grupos Org.	26.9.97		

80

quê? Vai virar a guerra civil? Acho que todo mundo sai perdendo.

Temos de mudar o Estado. Temos de acabar com a separação que existe entre o Estado e a população oprimida. Tem de ser uma coisa só. O Estado tem de ser de vocês, precisa ter a cara de vocês, que precisam entrar no Estado. Existem algumas pequenas portas abertas, mas ainda são pequenas. Há 10 anos atrás não existia nenhuma e acho que daqui a 10 anos essas portas estarão muito mais abertas. A gente precisa trabalhar junto com elas e...

[Redacted line]



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 665 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K18	1	Idelci	Grupos Org.	26.9.97	Carlos	

81

Acho que a gente precisa trabalhar com elas para as coisas mudarem mais e bem depressa. Se não mudarem depressa, concordo com vocês. Acho que esse negócio vai explodir. E não é por aí. As coisas têm que mudar e mudar depressa. A gente tem que trabalhar para as coisas mudarem. Era isso que eu tinha para falar para vocês e continuar este diálogo mais para a frente. Obrigado.

O SR. JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO - Nós é que agradecemos, Dr. Carlos, pela importante contribuição a este trabalho. Tem a palavra, finalizando, o Dr. Ronaldo Simões, da Coordenadoria Especial do Negro.

O SR. RONALDO SIMÕES - Recebi uma série de questionamentos quanto à minha fala. Recebi um questionamento sobre o que eu disse, na minha fala, que os vereadores deveriam ir para a periferia. Continuo ainda dizendo que eles devem ir para a periferia. Só que essa via tem que ser de duas mãos; não de mão única. Devem ir para a periferia e discutir aqui, também. Tem que haver discussão aqui na plenária, temos que saber qual o funcionamento do Poder Legislativo na cidade de São Paulo. Essa é a ressalva que faço, esclarecendo as afirmações da minha fala.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 666 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K18	2	Idelci	Grupos Org.	26.9.97	Ronaldo	

82

- Manifestação fora do microfone.

O SR. RONALDO SIMÕES - Não. São duas coisas: os vereadores estariam discutindo na periferia e vocês estariam, aqui, discutindo com os vereadores. Não é uma discussão de ~~uma~~ via de mão única. O grupo deve ir e vir; deve estar junto, também, para propor políticas para solucionar os problemas; mas também com a proposta de vocês. Essa é uma questão que já foi perguntada aqui.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. RONALDO SIMÕES - Exatamente. Agora, uma outra coisa que foi colocada, não como pergunta, não veio para mim. Acho que a Câmara tem que começar a discutir programas de ação afirmativa, como existe em países de primeiro mundo, para poder resgatar a auto-estima da população afro-descendente. É por aí que temos que encaminhar. Existe o exemplo da cidade de Toronto, onde se discutem programas de ação afirmativa. Ou seja, igualdade de oportunidades. É importante estarmos discutindo operacionalmente esse tipo de coisa: o resgate da auto-estima.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 661 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K18	3	I Delci	Grupos Org.	26.9.97	Ronaldo	

83

- Manifestação fora do microfone.

O SR. RONALDO SIMÕES - Uma outra coisa, que o Elder perguntou: qual é o objetivo da Cone e a sua função na Coordenadoria? É isso? (Pausa) O objetivo da Cone é formular políticas públicas em conjunto com o Legislativo e Executivo, de resgate da população negra. Só que a Cone não faz só isso, porque não tem uma ação sectária. Ela visa a propor e brigar para que sejam aprovadas políticas públicas de resgate da população negra, discriminada, como de todos os outros segmentos discriminados que moram na cidade de São Paulo. O Cone - Conselho Municipal do Negro, foi criado no governo Jânio Quadros; no governo da Luiza Erundina passou a chamar-se Coordenadoria de Direitos Humanos da prefeitura e era vinculada ao Vice-Prefeito, Luiz Greenhalgh. Passou a ser lei em 1992, no final do governo da Luiza Erundina. Hoje, estou na Cone há, aproximadamente, oito meses. Vimos tentando reformular a Cone, para que tenha condições de propôr políticas públicas. O que a Coordenadoria tem feito nesses oito meses que estamos lá? Conseguimos que o prefeito sancionasse uma lei de saúde da população negra, sobre o traço falciforme, que é específica da população afro-descendente. Cheguei a passar para algumas pessoas que estão na plenária, uma cartilha falando da anemia falcifor-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 668 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K18	4	Idelci	Grupos Org.	26.9.97	Ronaldo	

me. Fora isso, Elder, o que temos feito na Coordenadoria, é buscar parcerias com a iniciativa privada, tendo em vista o resgate da população negra. Em que setor nós buscamos? Junto à Federação do Comércio, que tem o Sesc e o Senac, para cursos de formação profissional da população negra e demais segmentos marginalizados. Estivemos na Delegacia Especializada de Crimes Raciais, para que qualquer denúncia que recebêssemos com relação à discriminação racial, pudéssemos encaminhar a essa especializada. Fora isso, temos uma série de leis que promovem a população negra. Estamos à disposição de todos para que busquem esses compêndios de leis junto à Prefeitura de São Paulo.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. RONALDO SIMÕES - Não. A questão da anemia falciforme é uma lei aprovada e está sendo posta em prática. Existe um grupo, onde há um elemento da minha Coordenadoria, que promove a implantação desse recurso de saúde pública da população negra. Fora isso, temos uma série de recursos de legislação. Como o tempo é escasso, não é possível estar colocando para vocês. Mas estou à disposição de vocês, lá no Gabinete do prefeito, na sala 101, para que busquem qualquer tipo de informação com-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

- TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 667 do proc.

11 de 1997

O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K18	5	Idelci	Grupos Org.	26.9.97	Ronaldo	

85

plementar. Há pessoas daqui que já foram lá, foram atendidas por mim e às quais passei essas informações. Complementando: até a formação, a organização legal do grupo, cheguei a passar a informação daquilo que o Vereador Roberto Trípoli colocou: que vocês têm que ter grupos organizados, até legalmente, para poder exigir mais do Poder Público. Tenho documentos que orientam esse tipo de regularização dos grupos organizados. Agora, mais uma pergunta. Alguém perguntou quantas vezes fui na periferia. Fui diversas vezes. Ontem, mesmo, tive reunião com o pessoal do Jardim da Conquista. No domingo estive na Cidade Tiradentes, num trabalho sobre ecologia. Todo fim de semana estou organizando um grupo que é o Movimento de Valorização da População Negra, lá

~~_____~~



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

670 Folha n.º 670 do Pres.
UN.º 0 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
KL9	1	Paula	g.organizaçõs	26.09.97	Ronaldo	

86

no Jardim Nordeste. Eu moro na Vila Ré. Então, estamos começando a organizar um grupo de conscientização do qual o Gnomo faz parte, o Jinari(?). Eles me convidaram para estar lá. Eu piso no barro. Vou em periferia, em favelas, não tem essa de estar de paletó e gravata, eu piso no barro. Eu não discuto apenas em gabinete. Também vou para a periferia

Perguntaram o que se deve fazer sendo que nós mesmos restringimos a ação dos grupos, das turmas. Digo que na nossa coordenação não restringimos a ação de nenhum grupo. Não pertencemos à Polícia e não somos ligados a nenhum partido político. Estamos lá para a atuação de resgate da população afro-descendente.(Palmas)

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Muito obrigado, Sr. Ronaldo. Sua colaboração é muito importante para o trabalho deste grupo.

Quero dizer que esta foi a nossa última Mesa deste grupo de estudo. Primeiro, quero agradecer todos os presentes. Acredito que os painéis que realizamos foi um fato inédito na cidade de São Paulo. Não houve até hoje na história da cidade nenhum grupo constituído para o estudo sistematizado de jovens excluídos da cidade de São



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 611 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K19	2	Paula	g.organizados	26.09.97	Cardozo	

87

Paulo. Portanto, este é um marco histórico.

Quero agradecer aos grupos organizados que vieram, colaboraram e tiveram um papel importante neste estudo; ao núcleo de trabalhos comunitários da Pontifícia Universidade Católica na pessoa da Profa. Stella Grasiani que de certa forma foi a gestora e incentivadora maior desse trabalho que desenvolvemos; aos Vereadores Devanir Ribeiro, do PT; Ana Martins, do PCdoB; Aurélio Nomura, do PSDB; Mohamad Said Mourad, do PL; Cosme Lopes, do PMDB; Henrique Pacheco, do PT; Amorim, do PFB; Roberto Trípoli, do PSDB e Osvaldo Enéas, do PRONA, pela contribuição que deram para o êxito dos trabalhos. Da mesma forma gostaria de agradecer à Eliane, nossa assessora que foi muito competente no exercício dos trabalhos.

Quero fechar com vocês os seguintes encaminhamentos.

O SR. RONALDO SIMÕES - Vereador, quero dar mais uma informação quanto ao que a Solange falou com relação à mídia. Gostaria que a Solange e o pessoal que está perto dela observassem uma coisa importante, Na lei que rege os canais de tevê a cabo existe uma possibilidade de participação dos setores comunitários organizados, é a questão da Tevê Comunitária. Então, vocês deveriam procurar uma opera



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 600 222 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário *[assinatura]*

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K19	3	Paula	g.organizações	26.09.97	Ronaldo	

dora, a Net, a TVA ou a Multicanal, no sentido de estarem participando dessa Tevê Comunitária para que ~~sejam~~ coloquem as questões da turma de vocês. Estou à disposição, inclusive para passar essa legislação para vocês e explicar como isso funciona.

* * *

- Aparte fora do microfone. (Palmas).

* * *

O SR. RONALDO SIMÕES - Mas a ~~teve~~ a cabo é mais um veículo. E, dando mais uma informação, a Cidade Tiradentes onde costumo participar dos grupos é um local onde as ruas estão cabeadas, apenas para informação.

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO - Agradeço o Dr. Ronaldo.

O SR. _____ - Quero acrescentar mais um ~~comunicado~~ comunicado. Se vocês estão estudando grupos organizados, há uma pessoa que pode ser muito útil, o ^{Dr.} Carlos Alberto Camargo, ele é Comandante Geral da Polícia Militar de São Paulo. Se vocês estão estudando os grupos, a Polícia é um problema para nós.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Forma n.º 6/15 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K19	4	Paula	g.organizados	26.09.97		

89

O SR. JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO -Aliás, vou fazer uma outra sugestão em cima disso. Acho que temos que levar o nosso relatório ao Prefeito Celso Pitta, para o Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo e para o Governador. Uma parte do que foi tratado diz mais respeito ao Estado do que ao Município.

Fica aqui a proposta do nosso relatório ser encaminhado ao Prefeito Celso Pitta, ao Governador Mário Covas e ao Secretário de Segurança Pública. De acordo? (Pausa) Fechado.

Então, qual é o nosso encaminhamento? Primeiro, agora começa a fase de elaboração do relatório. O relator do grupo é o Vereador Henrique Pacheco. Vamos começar a elaborar o relatório no dia 6. Fica marcada uma reunião para os representantes dos grupos que têm interesse. No dia 6, às 14 horas, no meu gabinete, no 4º andar da Câmara. Vamos discutir com os grupos o relatório. Caso seja necessário, faremos outras reuniões. O objetivo é que dentro de 20 dias possamos ter esse relatório pronto, apresentado aos Vereadores que compõem o grupo.

A partir daí vamos levar esse relatório ^{EM} ~~Vamos~~ audiências ao Prefeito de São Paulo, ao Governador Mário Covas e ao Secretário de Segurança Pública José Afonso da Silva. E, todos os meses teremos um debate, um seminário sobre novas propostas e o encaminhamento do rela-



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º 674 do Proc. 11 de 1997
O Funcionário

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
K19	5	Paula	organi.	29.09.97	Cardozo	

tório. Todos de acordo? (Pausa) Então, agradeço a presença de todos.

Está encerrada a presente sessão. Agora teremos a apresentação dos grupos musicais dos grupos organizados que comemoram o encerramento da primeira fase desse grupo de estudos. (Palmas)

o SR. — Quero fazer um agradecimento porque faltam pessoas de atitude como vocês para dar força ao nosso povo.

* * *

- São encerrados os trabalhos.

* * *



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para Informação, rubricado como folha nº 675

do processo nº 06-0011 de 1997 01/03/99 (a)

AO DT-94

Senhora Chefe,

Envio o presente processo a esse departamento para ser arquivado.

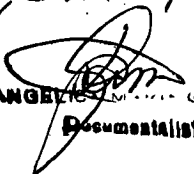
01-03-99


Araújo Martins dos Santos
Secretário

DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO SEÇÃO TÉCNICA DE ARQUIVO	
Proc. encerrado em	# 675# fls.
Arquivo em	03-03-99
O Func.º	

MARIA ANGELICA MARIA GUMAUSKAS
Documentalista

Ok na waga!
Duas fls nº 326 e
Da fl. 326 pula p/ff.
nº 328
DT. 94, em 03/3/99


MANGELICA MARIA GUMAUSKAS
Documentalista